

A CORTE DO NORTE

AGUSTINA BESSA-LUÍS

A CORTE DO NORTE

GUIMARÃES EDITORES
LISBOA

Fixação do Texto
MANUEL VIEIRA DA CRUZ
LUÍS ABEL FERREIRA

CAPÍTULO I

João Gomes, conhecido por «Trovador», que casou no Funchal com a filha dum companheiro de Gonçalves Zarco, foi homem de cuidados e suspiros. Além de vereador da Câmara em 1472, entrou na abundante polémica do *Cancioneiro Geral* acerca de quem melhor ama: se o que cuida ou o que suspira. Isto não impressionava se não fosse a elegância das trovas, dignas dum pajem do Livro do Infante D. Henrique, que, pelo que se diz, ele foi. João Gomes da Ilha teve a sorte de produzir bons versos, decerto antes que o cargo de juiz ordinário lhe embotasse a veia poética. «Da lembrança do passado / com desejo do futuro / em o tear do cuidado / se tece mui restorçado / terçopelo verde escuro.»

Esta é uma primeira definição de saudade de que a ilha gasta há séculos. Porque de penar airoso é o coração do insular e nisso doutorado; «sentido com desejar em que a esperança cabe», é como João Gomes explica o limbo das paixões e cuidado manso que outra cousa não é senão saudade. Para entender este romance é preciso entender a linguagem nobre que foi prelúdio de poesia mística castelhana. Mas que nos portugueses se chamou «aquele cuidado esquivo / que não dá mais que sofrer / ao coração cativo, / no qual eu morrendo vivo, / em grado de bem querer».

Deixando as trovas e os trovadores, que à Madeira vieram com outras vontades e ilusões, como a de casar e refinar a cana-de-açúcar em que a Flandres se afreguesou, vamos a outros campos romancescos. A Madeira tem plantações de romance, como de bananais e vinha *jacquet*. É um nunca acabar de personagens, situações, vidas e histórias, que não se entende o silêncio das letras acerca

delas. Entra-se na Rua da Carreira pelo lado de baixo e logo se debruçam no nosso ombro uma variedade de casas com seus portões, grades, persianas, jardins e, além delas, umas sombras como de habitantes cujos ossos comeu o cemitério das Angústias. Campo Santo que se fez parque de tertúlia turista, sobranceira ao mar, com um fausto de cisnes pretos a dar ênfase à sua náutica. A Madeira é um rosal sem rosas de destaque especial, que o relevo vai para as hortênsias, rainha Hortênsia chamada, em honra da filha de Josefina, Hortênsia de Beauharnais, e ali, não se sabe se por tique político, dizem *novelos*. Mas é rosal pela fragrância própria, que até a casca da caneleira perfuma o ar. Toda a espécie de ramas verdes são cheiros em que a rosa se intromete. Não podem os doze anos duma mulher deixar de notar essa primeira coroação de perfumes que lhe dá aos sentidos promessas. Quais doze anos! Aos cinco, o jasmim pende-se na trança loira e deixa um rasto que o calor demora. Aos sete, conhece-se de cor o nome e o cheiro da roca-de-vénus, espigas amarelas que adormecem o coração mais alanceado duma aluna de freiras. E a coroa-de-henrique – quem lhe pôs o título se agapantando são em qualquer continente? Por força há uma história cunhada em botânica por trás destes nomes variados. Eu sei de reservas florais, como há outras de tigres e de leões. Na Madeira existem, no Monte, em qualquer florestinha plantada há cem anos e que se tornou adulta, ganhou cabeleira e a sacode de manhã, nos nevoeiros brancos, como quem acorda entre lençóis.

Na Quinta de Palheiro-Ferreiro, por exemplo, se não havia mulheres, o parque tem um «jardim da senhora» que nos faz cismar. Pelo que há nele de recatado, se não triste; de amores bordado e de emoção descrito. As dalias morrem, gangrenadas; num tanquinho de pedra, sem acesso pelos segredos dum labirinto de buxo, suspira uma água em suspenso repuxo, que não tem dois dedos de elevação. Parece um olho de lágrimas a borbotar, sem ninguém que as seque e sequer se aproxime a fazê-lo. Coisa mais pesarosa não há. Que senhora ali ia, ver chorar na moldura de pedra aquele olhar azul e negro, não sei. Porém, que era pensativa, isso era.

Seguida por um gato corpulento e que tinha a propriedade de desaparecer nas estradas de saibro vermelho.

No dia em que a Imperatriz Elisabeth chegou à Madeira, com a sua comitiva de gente nova e boa jogadora de *chien de pique*, a sociedade do Funchal fechou-se em casa, entre desconfiada e prudente. Aquela que ainda não tinha o título da mulher mais bela da Europa, vinha precedida já duma legenda endiabrada. Tinha vinte e três anos e começava a desesperar a corte com as suas manias, os seus delitos de protocolo e as suas insolências de pequena-burguesa. A nobreza detestava nela o arrivismo sedicioso e o gosto de deslumbrar que se encontrava no frequentador da catedral da indústria. Algo em Elisabeth dispunha à indignação. Era um corpo estranho no tecido social do Império Austro-Húngaro, nascida como fora para ter mais atitudes do que maneiras, para decorar a paisagem, mais do que amar a vida.

A manhã era morna, apesar de se estar em Novembro, e os barcos mal balançavam na área de desembarque, esperando os passageiros que desciam depressa, com uma pirueta ágil denunciando o cavaleiro e o desporto do florete. Isto quanto aos homens; porque as senhoras limitavam-se a ser tomadas em braços pelos marinheiros que as depositavam nos botes, dando-lhes o tratamento de fardos, sem aspirar sequer a fragrância das roupas impregnadas de colónia. Só Elisabeth recusou essa descida algo ignominiosa para o seu talhe de amazona e para os seus hábitos ginásticos. Saltou ligeiramente, deixando ver as meias de seda clara até ao joelho e produzindo uma impressão deprimente porque se confirmava um boato que corria em Viena: ela não usava roupa de baixo. Era um escândalo mais a juntar à sua lista de abusos um pouco infantis ou ainda movidos pela indiscrição da adolescência.

O Funchal, às dez horas da manhã, parecia desabitado. Um silêncio cansado pairava como um véu de espuma, e o cimo do Monte, a Sintra madeirense, estava encoberto por uma lista de névoa, uma faixa de aparência lutuosa. Lily Hunyády disse que aquilo tudo tinha mau aspecto; alguns cães vadios que se moviam

no cais olharam para ela com ar indolente, sem ser contudo submisso. Eram descendentes dos caçadores de ursos trazidos na frota de Zarco e caídos numa degradação de comedores de restos de conventos. Elisabeth sentiu subitamente que lhe estava destinado um pequeno exílio, como punição e não como remédio para a sua doença, autêntica ou fictícia que ela fosse. Olhou para a falésia coberta de cactos gigantes, e teve um movimento enervado quando no castelo de São João Baptista foi dada outra salva de vinte e um tiros. A Quinta Vigia, lugar da sua hospedagem enquanto moradora na ilha, aparecia no alto, no fresco recato de vivenda inglesa. Sissi advertiu, chegada aos portões, que a casa tinha o ar duma mansão afro-europeia, construída na clareira duma fazenda açucareira. Como o seu jovem cunhado o arquiduque Max descrevera, vindo do Brasil e ele próprio tocando a Madeira por razões algo ambíguas, em que se incluía o prazer da terra firme que desperta repentinamente no amador de cruzeiro. Fora ele quem falara da Madeira como lugar delicioso, provido de clima favorável às doenças de peito. Elisabeth duvidou, sem saber porquê, da honestidade dessa informação. Não seria uma arte palaciana para a deixar à mercê duma ilha vulcânica, sem estradas, sem terreno plano em que ela pudesse correr à desfilada na sua égua *Red Rose*? Não se deixou, porém, abater, e entrou, muito direita, na sala da Quinta Vigia, admirando de relance as sebes de novelos que não tinham sido podados e que mantinham as flores secas, dum vermelho crestado. O jovem Hunyády abriu as janelas com um movimento brusco, de garoto, e disse: «Talassa! Talassa!», duma maneira teatral, de efeito cómico. Sabia que Sissi estimava essa maneira leviana e documentada na grande cultura. Era tímida, e por isso tinha um fraco pelas coisas perfeitas. Não olhou para Hunyády, mas ele sentiu a aprovação que ela lhe dispensava. O amor começa onde começa o aplauso. Uma coisa a intrigava no elogio da Madeira feito por Maximiliano: o encontro absolutamente desconcertante, na sociedade do Funchal, com uma mulher que era a imagem da Imperatriz. Isto quase escandalizara Elisabeth. Talvez a sua escolha

daquela estância de repouso fosse influenciada por essa história. Ela própria constatou que era verdade, quando o conde de Carvalhal, não sem um certo acanhamento, lhe apresentou Rosalina de Sousa, baronesa de Madalena do Mar. Era um pouco mais alta do que a Imperatriz; e dizia-se que no retrato de Sissi, na Madeira, em frente da Sé, estando ela com uma capeline donde se derramava um véu semelhante a uma cabeleira, se notava isso perfeitamente. Elisabeth ficou enervada e não quis mais cruzar-se com a baronesa. De resto, todos os retratos da Imperatriz dessa época, toda a série do fotógrafo vienense Angerer, acusam uma mulher de menos estatura do que as três outras colecções do mesmo artista, um pouco mais tardias. Tanto nos retratos em que Elisabeth exhibe já o «penteado de marca» da sua cabeleireira oficial Fanny Feifalik, como naqueles em que aparece com o seu *griffon* e depois com o famoso cão *Shadow*, um *terrier* de grande porte, ela é de facto de estatura muito elevada. Mas é ainda nos anos 60, quando Sissi aparece com vestido húngaro, que a parecença com Rosalina é flagrante: o mesmo olhar que se diria genial, pela concentração e a delicadeza em iludir a atitude real. Este olhar foi o que surpreendeu Gaspar de Barros e o fez transgredir todos os preceitos que a mãe lhe impunha, e efectuar o casamento com Rosalina.

A chegada de Elisabeth, de qualquer forma, trouxe à Madeira forte agitação. A Quinta Vigia, que depois foi chamada Quinta Lambert, agradou-lhe à primeira vista. Saliente do corpo principal da casa, a sala era quadrada, o que produzia uma impressão tranquilizante. Os tapa-sóis estavam abertos, e a rede, tão fina que mal se percebia, defendia dos insectos o interior. Era a sala de música onde todas as noites actuava um quinteto de cordas. Sissi dispensou-o imediatamente, como dispensara a sua guarda de honra; ele constituía injúria ao seu acordeão, onde tocava interminavelmente árias da *Traviata*. O que nela fascinava era a sua imaturidade ligada a um esplendor de mulher feita, às formas que seriam abundantes se o regime alimentar que ela seguia não as reduzisse. No entanto, o seio alto e demasiado pesado seria sem-

pre uma vergonha para a espécie de culto à proporção e à beleza que nela chegava a ser mania.

A sociedade funchalense foi avisada. Não se tratava duma visitante que se podia homenagear abrindo-lhe as quintas do Monte para seu deleite. Sissi era uma reprovada e, o que é pior, era-o pelo lado da sua timidez selvagem, que ela desejava impor como uma escola. Poucas pessoas tiveram acesso à sua pequena corte, que se mantinha nos limites da extravagância, aparecendo raramente em público e mantendo-se nas imediações da Quinta Vigia, jogando às cartas e tocando bandolim dentro dum horário rigoroso. Lily saía mais, mas protegida por um véu de lã que pendia do varal da rede em que se fazia transportar. Fizera algumas amizades, e a benevolência da Imperatriz consentia nas pequenas fugas da sua dama favorita, que lhe trazia notícias dos fidalgos madeirenses. Descrevia-os como gente feia, de cor amarelada como couro curtido, e isso distraía às vezes Sissi, cuja melancolia crescia de maneira preocupante. O mal que sofria dava ocasião a inúmeros boatos e parecia irremediável. Simples crise conjugal, ia além das conjecturas habituais; dizia-se que o imperador a contagiara com uma doença venérea, e daí a autoridade que ela tinha sobre a situação e o absoluto uso dos seus caprichos; outros apontavam para uma vulgar crise conjugal nascida da mais vulgar das razões: a primeira infidelidade do jovem marido. Nos momentos mais confidenciais, em que Sissi se comportava como uma porteira lacrimosa e descontente, chegava a admitir uma separação definitiva. Mas os filhos, que recordava com alguma forma de culpa, mantinham-na na indecisão. De resto, tratava-se mais exactamente dum caso de anemia arrastada por uma neurose da idade juvenil em que a adaptação aos hábitos sexuais não se consumara ainda. Na altura da sua chegada à Madeira a Imperatriz estava de facto muito doente. Tinha os pés inchados a ponto de não poder quase andar e tossia muito. A voz era inaudível. Ainda que conservasse para sempre o costume de falar baixo, o certo é que quase não proferia uma palavra, com receio dos equívocos que resulta-

vam desse murmúrio que ninguém compreendia. Lily Hunyády servia-lhe às vezes de intérprete, ou a Imperatriz descansava nela o seu humor silencioso.

O facto de ter projectado com extremo cuidado os seus vestidos de Verão (porque ela imaginava a Madeira como um lugar de clima sempre aprazível que a fizesse esquecer o rigor do Inverno de Viena) dizia quanto as histórias maliciosas da corte estavam fora da realidade. Sissi não sofria de qualquer agravo conjugal, ou então, com a sua natureza de fácil compensação, como a das crianças, desprendia-se dos desgostos como uma serpente se desprende da pele, para brilhar na sua nova cor e escama lustrosa. De facto, com a estatura elevada, fina e proporcionada como uma estátua, ela adquiria algo dum ofídeo gigante, que deslumbrava e repugnava também. Com o tempo, por obra duma constante operação ginástica e de hábitos alimentares que confinavam com a ascese, a Imperatriz adquiriu uma beleza extraordinária. No seu leito de morte, em Genebra, com o rosto velado por um véu branco, Elisabeth acusa os traços magníficos de elegância mística que fizeram a sua auréola da mulher mais bela da Europa. Mas quando desembarcou na Madeira, em 1860, não passava de uma rapariga encantadora mas na qual nenhum traço era especialmente perfeito, como sua própria mãe reconhecia. Além de ter dentes amarelados que escondia com o pregar da boca, num jeito que se tornou num estilo. A Imperatriz quase não sorria nunca. Mas, como o imperador dizia numa carta a sua mãe Sofia, até a sua dentadura adquiriu brilho.

Ou fosse porque a disciplina de vida quase claustral favoreceu o seu estado de saúde; ou fosse por razões psíquicas de facto ligadas a um problema conjugal que a separação aliviava, o certo é que Sissi melhorou no Funchal. Quando o fotógrafo Vicente a retratou, Elisabeth estava já convalescente e adquirira a delicada expressão infantil duma bonita camponesa bávara, que, no fundo, ela era. Imre Hunyády gozava do seu favor porque ele próprio tinha o encanto dum pequeno lenhador húngaro, tocador

de violino. Durante a estadia na Madeira apaixonou-se tão seriamente por Sissi que a corte, informada, o chamou a Viena. Lily, a irmã dele, ficou. A corte, em especial a velha arquiduquesa Sofia, estava ainda suspensa dos motivos que podiam explicar os movimentos de Sissi, tão contraditórios; dir-se-iam efeito de paixões que se enquistavam e a faziam sofrer.

No entanto, Sissi não mostrava inclinação pelos homens. Tratava-os com desprendimento, marcando a distância deveras intransponível, e só com os seus amigos húngaros mostrava mais dedicação e cumplicidade. Não amor, que esse era para ela uma forma de traição para consigo mesma. E quando demonstrou um pendor estranho para apreciar as mulheres belas, ao organizar o seu «álbum de beldades», em Veneza, depois de sair do Funchal, isso significava apenas uma fase do seu narcisismo que nenhum interesse e estado superou durante a vida oficial ou privada que ela teve.

Mas este não é um romance da formosa Imperatriz, nem a história das suas vicissitudes clínicas ou familiares. É possível que tudo se resumisse a uma neurose da infância que progrediu com a iniciação conjugal, supõe-se que consumada como uma autêntica violação. O que trata este livro é o sentimento insular que se instaura no uso da saudade, como algo que tudo invade e imobiliza. Como uma forma civilizadora e, no entanto, precária. Este livro trata do trajecto moral de Rosalina de Sousa, senhora do Funchal e que foi baronesa de Madalena do Mar.

Rosalina de Sousa, no dizer dos seus contemporâneos, nasceu no Funchal em casa de modesto estadão mas abastada, que tinha uma cerca de bananal e um feixe de buganvílias vermelhas sobre a calçada. Não se tratava dum palácio, mas uma dessas moradias com sacadas verdes e janelas debruadas de pedra vulcânica, que parece ferro oxidado. Aos dezasseis anos Rosalina era débil, triste, com olhos sérios e mãos estreitas e húmidas. Nessa data casou-se com Gaspar de Barros, do tronco dos Cabral de Melo que tiveram engenho de açúcar em Recife, e que possuía grande fortuna. Era belo homem, chegou a posar em Londres para um pin-

tor da escola de Reynolds, que o retratou ao estilo romântico, fazendo-o parecer um dândi um pouco desabusado e calculista. Nada mais contrário ao feitio de Gaspar de Barros, que era refletido e um pouco metido às letras; imitava Herculano, e a sua versão da história do cavaleiro Machim não deixava de ser original. Não o dava como súbdito inglês, ou, pelo menos, não o supunha de sangue absolutamente britânico, aparentando-o com os Machín de Andaluzia. Isso explicava o ardor mediterrânico que seduziu Ana de Arfet. Também argumentava a favor da origem francesa de Machim, hipótese mais tarde retomada por um dos seus descendentes.

Em 1849, Gaspar de Barros herdou de sua tia Ângela, ou Luísa Jacinta (tal como o registo do nome ficara exarado), que tinha enormes fazendas açucareiras na Paraíba, uma fortuna considerável. Luísa Jacinta era sua madrinha, e a sua casa de Serra Verde era considerada um modelo colonial, com grande profusão de loiças da Índia e criadas mulatas, todas destemidas, capazes de caçar onça e castrar gatos com perfeita disposição guerreira. Luísa Jacinta dizia-as descendentes das amazonas, e calculava que essa raça ativa se acolhera ao território paraibano. Pensava ela casar a filha Alexandrina com Gaspar de Barros. Mas a menina morreu cedo, e dela ficou só uma madeixa de cabelo preto e os vestidos de cambraia engomada, com rendas flamengas ou que as imitavam. E um medalhão com a miniatura de Gaspar, ainda imberbe e de sorriso enigmático de homem rico em repouso.

Goradas as núpcias, a família de Gaspar de Barros mostrou-se decepcionada. Mas por pouco tempo; Luísa Jacinta não tardou a seguir a filha no reino dos mortos, e o grande caudal dos seus bens veio parar às mãos do afilhado. Sem cláusulas nem conselhos. Somente porque Luísa Jacinta acreditava piamente na linhagem madeirense, com os seus familiares do Santo Ofício formados em Cânones, em Coimbra, e que tinham sustado a Visitação do Recife, acudindo à fortuna da família nesse transe difícil. Os Cabral de Melo sabiam ser gratos. E Gaspar de Barros ficou rico.

Ser rico, tornou-se nos nossos dias uma espécie de ilusão compensadora dum trajecto político que faz os homens desistentes da máquina administrativa, tão vasta e improdutiva, que cria um vazio no organismo social. Assim, é tentador construir fora dos instrumentos de governo algo que seja possível dirigir e controlar, com agentes próprios que se possam manobrar e constranger. Nasce portanto um capitalismo perjuro, gerado por um espírito só comparado com a explosão de orgulho do terceiro estado em França, quando a paixão dos lugares se tornou tão universal factor de paralisia do trabalho.

A riqueza, no tempo de Gaspar de Barros, tinha algo de tentativa para unir diferentes ordens numa sociedade mal ligada entre si e entregue a um único movimento: o do interesse particular de cada um. A riqueza presumia constituir um elo entre pretensões e empresas, propondo às diferentes classes uma forma de conduzir em comum os seus interesses. Só que é mais fácil negociar através dos pontos dolorosos que durante séculos foram macerando a pele dos cidadãos, do que estabelecer um laço duradouro tendente a respeitar os direitos mútuos. A inveja e o ódio de muitos séculos proibem um contacto que não seja de desgarramento e de inibição.

Dissemos que Gaspar de Barros imitava Alexandre Herculano, cedendo ao ofício de historiador; mais ainda: ele tinha-o por modelo dum espírito de resistência que vulgarmente se intitula de «liberal». Vendo os cidadãos portugueses tão divididos e portanto acometidos pela vontade da reacção, ele admitia que a independência estava prestes a desaparecer com a domesticação das liberdades públicas. Uma forma de domar o espírito de liberdade era fazer com que a avidez se levantasse contra a ambição. O desejo de lucro imediato ia suceder ao sentimento de riqueza que durante muitos anos prevalecera e se degradara naturalmente.

Em 1854 casou Gaspar de Barros com uma menina Rosalina de Sousa, nascida de boa casa de Porto Santo e de muito orgulho dinástico, e de quem ele fez a genealogia à sociedade do Funchal,

entre incrédula e fleumática; embora a família fosse pobre e, quando do alvará régio de 1770 que alterou o regime de colônia em prejuízo dos proprietários absentistas, já os Sousa estivessem praticamente na penúria. Continuavam, porém, tão arrogantes como grandes de Espanha; com um pouco de confiança, não deixariam de se confessar como tal. A mãe de Rosalina vivia em Lisboa e visitava-a uma vez por ano. Era uma senhora de poucas letras, mas nesse tempo a ignorância nas mulheres era virtude. Gaspar de Barros não a recebia de boa sombra e, estando ela em casa, aproveitava para ir regular contas com os seus colonos. Havia quem dissesse que encontrara Rosalina como figurante de teatro, meio caída na orfandade pela morte do protector que ela tinha: nada menos que o visconde de Almeida Garrett, génio sem carácter que lhe sobrasse e muito entendido em mulheres e em coletes de brocado. O visconde tinha descoberto Rosalina num bordel, a casa da Antónia, visitada por deputados e escritores; e também por fidalgos, que iam lá fartar-se de chufas e de espanholas.

Rosalina era uma beleza. Alta, fina, de olhos claros e cabelos como oiro acobreado, fazia sensação, sobretudo quando aparecia na sala da Antónia vestida de República, com um barrete frígio de banda na bonita cabeça de vestal. Garrett ensinou-lhe a declamar e lançou-a no teatro. Escreveu para ela *A Sobrinha do Marquês* e comprava-lhe os vestidos de palco. Ele tinha um gosto extravagante no que se referia à própria indumentária, andando como andava de calças roxas e gravatas como bandeiras, mas sabia vestir mulheres. Rosalina, nas mãos dele, fez-se senhora, e com tal vocação, que nunca mais largou o porte nobre, e chegou mesmo a crer que não nascera num tugúrio de Benfca, mas era uma enjeitada de fidalga pecadora, a baronesa de Madalena do Mar em pessoa.

Quando Gaspar de Barros deu por ela, ficou louco. Desfez o casamento com a sua prima Dozy, inventou para Rosalina pergaminhos, e trouxe-a com um malão de cabine cheio de anquinhas e rendas que Garrett dizia serem mais verdadeiras do que as do erário público. Rosalina deu-lhe dois filhos em dois anos de vida

conjugal, e D. Matilde, a sogra, achava-a afinal «uma coisa como outra qualquer». Há condescendências que são como epitáfios. Uma verdade subsistia: a menina da casa da Antónia era filha dum colono de Porto Santo e duma mulher da freguesia de Benfica.

Gaspar de Barros tinha um espírito curioso e, à custa de consultar arquivos e imaginar saída para as lacunas da sua cultura, deu numa síntese verdadeiramente assombrosa: que em Porto Santo tinha havido mais do que o efeito dos colonizadores mouros, capaz de produzir um trato social e uma regra de vida de facto estranhos aos portugueses. Com a entrada dos corsários franceses pode ser que ficasse um fermento de seita albigense ou alumbrada que fixou o preconceito de casta e os atributos morais. Gaspar de Barros não via outra explicação para o caso do profeta Fernão Nunes e sua sobrinha Filipa, acontecido no ano de 1533 e que trouxe tanto a ilha como o país inteiro em grande alvoroço. Bem observadas, as práticas de Fernão Nunes e dos seus fiéis eram sectárias, do tipo iluminado. A Inquisição tomou o caso à sua conta, e tio e sobrinha tiveram escarmento à porta da Sé de Évora, com um círio aceso na mão e sem mais incómodo, que não se via lesão política no assunto. Os moradores de Porto Santo saíram do aperto com multas em favor da terra, pagas ao escrivão Henrique Coelho, que as entregou a quem melhor as distribuísse. Isto vem a talho de foice para alinhar um parecer sobre Rosalina Sousa, ou Rosalina de Barros, e o seu carácter fechado e singular, com uns prenúncios místicos que promoveram a tragédia da sua vida. Porque aos leitores incautos eu tenho de prevenir que este livro melhor estaria no decénio de *Sturm und Drang*. Não quer dizer que haja na Corte do Norte qualquer vislumbre dos sofrimentos do jovem Werther. Além disso, Gaspar de Barros não usava fraque azul e calças cor-de-rosa; se repararmos bem, Werther, não só em questão de indumentária, anda nos nossos dias em perfeito ajuste de contas com o romantismo. Rosalina era uma mulher espontânea quando mal conhecida, e distante, depois de abordada. Havia nela pouca afinidade com o feitio dos portugueses, porque

gostava em tudo da disciplina, tanto no comer e beber, como no trato com as pessoas. O porto-santense é exemplar no gasto e no ganho, despreza o trabalho que vai além do sustento parco, e por isso lhe chamam indolente. Nas palavras do profeta Fernão Nunes «aquele que reza tem o demónio no corpo» está bem visível a regra contemplativa que se foi interiorizando na alma porto-santense. Há no arquivo do fotógrafo Vicente, que foi autorizado por Elisabeth da Áustria a intitular-se fotógrafo de Sua Majestade, um retrato de Rosalina de Sousa. Tem decerto os olhos claros das mulheres da terra, que elas escondiam na sombra das persianas para falar aos parentes que lhes passavam à porta, à tarde, quando saíam do banho de rosmaninho. Mas tem também não sei que treva difícil de discernir, a não ser por essa mitomania da mulher oriental que faz de tudo um ritual para se isolar duma sensualidade capaz de comprometer a sobrevivência da sua horda.

Falar de mulheres é sempre partir do nada. Nada é a sua história, pelo menos na visitação dos seus inquisidores que são os homens em geral. Alguns, excelentes de inteligência, mas que tratam a mulher como um homem como eles, mas castrado. No discurso que Goethe pronunciou sobre Shakespeare, disse esta coisa extraordinária: «Eu sou tudo para mim mesmo.» É certo. Uma mulher só pode ser um homem delinquente ou falhado, para o homem. A própria mulher não vê nela, socialmente e familiarmente, mais do que isso. Rosalina não podia, pois, ser exceção na maneira como se comportou na Corte do Norte e como foi nela tratada, e esquecida.

Era moda escrever; Gaspar de Barros escrevia também, contagiado pelo exemplo do rei, que era do género epistolar. D. Pedro V tinha uma tendência à pequena crítica que parte duma verbosidade que é indício seguro duma angústia profunda. O general Gromicho Couceiro fora governador da Madeira e notara a disposição de Gaspar de Barros para as coisas da política. Quando foi nomeado para a pasta da Guerra, tentou despertar no jovem Gaspar a ambição da carreira que o consumasse como par do reino.

Gaspar fez ouvidos moucos. Tinha a fazenda, a fortuna de Luísa Jacinta e a grande casa de onze varandas, em esquina sobre uma calçada que parecia bordada com seixos rolados, numa arte que, a não ser portuguesa, teria de ser azteca. E, sobretudo, tinha a Corte do Norte e Rosalina, não se sabe se mística morgada, se pérola do teatro arrancada ao colar do velho sátiro Garrett.

Quando D. Pedro V soube das aptidões literárias de Gaspar de Barros, que brilharam pelo seu comentário à *Epanáfora Amorosa* de D. Francisco Manuel de Melo, demorando na frase «Não escrevo amores, senão o sucesso deles», mostrou-se desconfiado, se não aborrecido. Não gostava de jovens talentosos e punha empenho em ignorá-los, como punha em mostrar-se justificado no cargo real. «Pobre rapaz!», lhe chamou Herculano, não sei se com lembrança amarga, se com sentimento reprovador. Gaspar de Barros, com os olhos abundantes dum azul que lhes tomava a pupila, como tinta derramada, fazia impressão nas mulheres. Até causou surpresa na estouvada Lily Hunyády, com quem dançou por ocasião dum baile dado à armada russa e em que Elisabeth agradou como só pode agradar uma deusa: com a gratidão de não ter de suportar. D. Pedro V ignorou completamente a informação do general Couceiro acerca de Gaspar de Barros. As tentativas literárias do rei explicavam o seu mau humor de crítico com a inteligência sem liderança que é a do criador letreiro.

Gaspar de Barros tinha talento, mas era preguiçoso como um podengo, vaidoso como um cuco e, além de tudo, tinha demasiado dinheiro. A Corte do Norte servia-lhe para refrear a impertinência e a vontade gastadora. Entre Junho e Setembro, com um safari de póneis e redes em que se acumulavam bagagens várias, samovares e cozinheiras canárias, Gaspar transpunha a montanha em caminhos de seixo e de urze brava e acampava no Norte, na clareira de Ponta Delgada, nesse tempo uma horta gloriosa onde o vinhedo pouco fora plantado ainda. E onde os engenhos de açúcar, com o seu telhado baixo espirrado de chaminés, como comboios, se viam fumar. O grito dos perus e da galinha pin-

tada ouvia-se como um anúncio de chuva, mais exacto do que uma informação de timoneiro. As raparigas, de botinhas curtas, de atanado, próprias para a área onde crescia a cana, sempre chamavam o olhar de Gaspar. Gostava de mulheres, e elas retribuíam-lhe com a malícia em que se enredam as promessas. Para elas, um homem daqueles era uma forma de subir na vida, mesmo à custa dum arremedo de harém onde predominava uma fusão de serviços e de paixões em que o escravo tivera em muitos casos a primeira palavra. Ainda havia teares mouros em Ponta Delgada, e nos pequenos tugúrios onde se amontoavam os novelos de linho ainda se respirava o cheiro da cera para o fio que usavam as africanas, tecedeiras notáveis, guardadoras dum risco para toalhas em que reproduziam os signos islâmicos.

A casa de Gaspar de Barros, como a dos outros veraneantes da Corte do Norte, ficava no Pico. A vista era abacial, de terras de cultura, de caneiras imensas e jardins claustrais. Depois o mar, sem praia, batendo forte nas pedras onde se prendia a lagosta peluda, espécie de escova marinha servida com arroz carolino e açafão. A vida na Corte do Norte era de salão, mas com mais simplicidade, vestidos de indiana e refrescos de maracujá amarelo. Nas camas altas, com dossel de chita florida, fazia-se a sesta, abeberando na poncha o pão de semilha e o bolo de mel. Gaspar de Barros visitava os inúmeros primos e primas, admirando os contadores da Índia e os quadros flamengos prometidos à Igreja mas que iam enegrecendo à luz das velas, nos serões de Verão, meio banhados de lua que batia nos rostos como uma confissão de amante. Rangiam os soalhos ao passo das velhas, que arrastavam uma história de edemas e de artroses, rindo por nada, para mostrar boa graça aos hóspedes de Verão. Tinham pressa em despachá-los, para voltar às suas salas com oratórios de Santa Ana e São Joaquim, velhos como elas, respeitáveis. Tinham gatos recém-nascidos nos grandes sofás de palhinha que os sobrinhos levavam para Recife e lá ganhavam um volume mais solene, armados em jacarandá em casas de chácara onde o cupim roía. Micaela e Veridiana eram

parentas assim; um pouco tímidas mas generosas, com um secreto desejo de viagens e de tertúlias, amando a memória de João de França, um amigo, porventura um primo, que vivera em Londres e em Paris. Era tão grande a fé que tinham nele, como homem célebre, que, uma vez que Sarah Bernhardt veio à Madeira, Veridiana acercou-se para lhe falar de João de França. Assim, naturalmente, como dum rei *fainéant* que ela tivesse obrigação de conhecer das páginas do *Grand Larousse*. Sarah olhou para ela com simpatia. Não entendera uma palavra e tomara Veridiana por uma vendedeira de amuletos, porque para a actriz, fora da Praça da Ópera e do Boulevard Haussmann, tudo eram ciganos, incluindo a América e os americanos. Deitada na rede de viagem, ela parecia divertir-se, caçar e estar bem alimentada pela primeira vez na vida.

A Corte do Norte ficava constituída nos meados de Julho, quando no Funchal a tensão do vapor de água chegava ao seu máximo e a roupa abalorecia nos armários e os livros ganhavam uma capa aveludada de fungos. A zona de condensação provocada pelas correntes ascendentes fazia da montanha uma área de nevoeiros persistentes durante o dia e que proporcionavam um aspecto irreal aos parques das quintas, uma vez atingida a dimensão florestal. Os ventos africanos não se sentiam na altitude moderada do Monte, e por isso os hotéis e as vivendas de Verão ganhavam o terreno da encosta, com os seus grandes torreões como chaminés de pacote e as varandas para repouso. Gaspar de Barros tinha residência no Monte, além do palácio do Funchal, como dissemos, com as onze varandas que, num só Inverno, apareciam oxidadas e com aspecto empobrecido. Muitas casas têm esse ar gasto devido à humidade, que rapidamente deteriora os ferros e os rebocos. No Monte, Gaspar possuía uma casa de traça pombalina, dum rosa pardacento e que, no meio da floresta de castanheiros, de carvalhos e de faias, dava a impressão dum cenário inacabado, a que faltava o que com a época liberal e a ascensão burguesa se chamou o «espaço privado». O apogeu do liberalismo deu ao Fun-

chal uma sociedade dividida entre estetas e moralistas. O Monte era esteta, com a sua arquitectura em que a arte estava em desacordo com o uso, em que as salas ovaladas sobre os jardins transmitiam um simbolismo da bela vida copiada da arquitectura do palácio Stoclet, de Viena. Foi por isso que o imperador Carlos de Habsburgo escolheu uma característica mansão do Monte para sua residência de exílio. A tentativa para anular as paredes, fazendo entrar a natureza na morada, produzia ali um efeito de integração entre exterior e interior. Morreu Carlos de Habsburgo numa dessas salas em que a sensualidade da paisagem afecta o quadro da vida privada como uma espécie de glorificação do residente, como senhor da sua própria morte. A corrupção era absorvida pela afectação da beleza.

A Corte do Norte ficava longe dessa cultura polémica que partia da construção da Ringstrasse, de Viena, até aflorar em efeitos nada casuais nas quintas do Monte; onde o esteticismo personalista se fixou desde essa passagem dos Habsburgos, não tão efêmera como se supõe. A Corte do Norte conservava o estatuto inglês que faz com que se defrontem o artesão e o cavaleiro, pondo em questão como forma de sucesso o espírito prático do burguês, junto do estilo fino do aristocrata que sabe o que convém. A Corte do Norte era um exemplo que depois decaiu e se depauperou, a partir duma data precisa: a morte do último barão de Madalena do Mar, o pai de Gaspar de Barros, senhor do morgadio de Ponta Delgada. Tinha-se arruinado graças não se sabe a que desesperação fantástica que o fazia arriscar em lances cada vez mais loucos a fortuna, que era imensa. Ela crescera com a fina arte negocial apurada quando vivera exilado em Londres durante as guerras liberais.

O morgado de Ponta Delgada, tal como o famoso conde de Carvalho de quem Sissi recebera os cumprimentos e o alojamento nos seus domínios das Angústias, morreu arruinado. O jogo evaporara-lhe a alma e a fortuna; mas deixara um nome de original e de castigo, desses que o povo recorda com alguma dose de ironia pungente que é a que acompanha as desilusões dos pobres.

O pai de Gaspar de Barros, morgado de Ponta Delgada, aplaudia a Constituição radical saída da revolução militar de 1820, que destruiu a tradicional organização militar do reino. De facto, em 1821 as famosas ordenanças, que, sob o comando de capitães-mores, eram a verdadeira reserva territorial de recrutamento e instrução de tropas, foram dissolvidas e substituídas por batalhões de guardas nacionais, de carácter político. Abolida a Constituição de 1822, a contra-revolução miguelista restabeleceu as ordenanças, mas D. Pedro, durante a Regência que instaurou em Angra, acabou por as extinguir definitivamente, assim como às milícias, em 1832, já Gaspar de Barros era nascido. O liberalismo triunfante decretou a redução dos efectivos, em parte como defesa contra os combatentes miguelistas, e criou o corpo do estado-maior. Seguiram-se, a partir da ditadura setembrista de 1836, sucessivas reorganizações do exército, acompanhadas da reforma das escolas militares e da modernização do armamento, com inovações sobretudo na artilharia. Nos anos 60, as carabinas *Enfield* substituíram as antigas armas de percussão, e a artilharia da ilha ficou munida de peças estriadas. No entanto, discutia-se o poder das estratégias em qualquer clube privado. Não era o aperfeiçoamento dos armamentos que decidia a vitória; era necessária uma boa equipa de estado-maior e, bem ajustada a ele, a preparação táctica das tropas. Deste esmalte psico-prussiano foi nascendo uma ideia, não tão burlesca como parecia, das «esquadras», reminiscência das antigas milícias. Antes de 1880, para estupefacção de alguns e recreio de muitos, constituiu-se na Madeira o que se chamou Esquadra de Navegação Terrestre. Embora fragatas e corvetas fossem terraços de quintas, elas estavam de facto munidas de óculos de longo alcance e peças de montanha. Sabia-se tudo sobre sinais e códigos; os exercícios, aparentemente recreativos, continham uma forte dose de experiência bélica, que muitos dos «marinheiros» tinham adquirido como cadetes do corpo de artilharia auxiliar, em serviço nas baterias, fortes, vigias e pontos acessíveis do litoral. Ao assaltarem uma adega no Machico, o «almirante»

Sarsfield completava-se como humorista e lutador. Gaspar de Barros desagradava-se daquela distribuição de patentes, daqueles uniformes e platinas. Mas quando se instalou na Quinta Cossart uma bateria Krupp, pensou que havia algo de sério naquela mascarada. Ele próprio, às vezes, estava presente na mais bela das «fragatas», a Quinta Cossart, com a sua grande ponte de comando donde se via toda a baía do Funchal, e com a bandeira ao vento cálido ou derrubada pelo capacete de névoa. Os jardins estavam cheios de convidados, serviam-se sorvetes e vinhos leves; a banda tocava marchas marciais. Mary Cossart, com o seu vestido de *piqué*, recebia ainda as homenagens dos excêntricos comandantes da esquadra, embora já não fosse senhora nova. Mas era atraente, com os claros olhos que a miopia fazia parecer sonhadores.

O rei D. Carlos, quando chegou ao Funchal em 1901, teve honras militares da Esquadra Submarina de Navegação Terrestre. Chamou-lhe «palhaçada», com aquela franca caçoada burguesa que era apanágio dos Braganças. E deu em recostar o seu carnudo ombro real na cadeira de palha bafejada pela sombra dos carvalhos da Quinta de Palheiro-Ferreiro, onde o conde já não estava, nem morto nem vivo. O rei não percebeu que os homens fazem às vezes da loucura um desporto, quando não há razões para fazer do juízo um cargo. Uma ilha tem em si mesma a cordura própria que pressiona a alma sem a afligir, levando-a a corrigir as tendências naturais do isolamento. Joga-se fora o que sobra às maneiras e consequências delas, que são o esquema transmissível duma sociedade, e o que fica é a nostalgia.

A Corte do Norte, pequena vila de Verão, como Santos da Serra, estava florescente em 1860 e mantinha uma quantidade suficiente de colonos para se dizer que era povoada. Ali, nada de palácios como os do Monte, que levantavam os telhados amansardados contra o arvoredo, com o seu quê de titular e irreal. Nada também de casas urbanas, com pátio para carruagem onde crescia um maracujá que alcançava a varanda interior como uma furtiva memória donjuanesca. Os lugares eram pouco mais do que bulidos de gente;

para a Guiana inglesa emigraram muitos madeirenses, e só com o desenvolvimento da terra como vinhateira se fixou depois a mão-de-obra. As casas eram colmadas, o campesinato muito pobre. Gaspar de Barros distribuía regularmente semente e deixava que se caçasse o coelho nas suas propriedades. Fechava os olhos para a produção de batata-doce e de inhame, que eles semeavam a ocultas e que lhes iludia a fome. O inhame era o legume do pobre, quase o pão do colono; banido da ilha pelos dízimos e os impostos, as taxas e os direitos, quando o não era pelos flagelos naturais, a peste da vinha e a epidemia da varíola e da cólera, o colono emigrava. Tentavam, se não fortuna, pelo menos sustento, em lugares em que o escravo alforriado deixara livre o emprego e a tarimba. Quando nem o inhame crescia na horta e o trigo se esgotava em três meses de procura, restava a emigração ou o asilo. Os aliciadores eram presos nos seus esconderijos da Rua do Sabão e da Rua da Queimada, mas embarcava-se sempre; para a Guiana inglesa, para o Hawai, em viagens penosas, dobrando o cabo Horn, suportando doença e enjoo, casando-se e dando à luz em trajecto, fazendo amigos e inimigos, e sempre o coração aliciado pelo perdão da sorte. Para os que não podiam obter nem inhame, nem certidão de baptismo ou desobriga militar ou registo criminal, as coisas eram mais difíceis. Entravam na escura leva dos clandestinos, levados para o largo nos pequenos barcos de pesca, sem dinheiro, sem protecção mais do que a aventura miserável duma vida acobardada de punições a que falta o lustre da glória que a guerra dá e a morte violenta ainda permite. Ou então iam engrossar a horda dos mendigos do Funchal. Partiam um belo dia, com o bordão e o barrete de orelhas, atravessavam a serra, às vezes de rastos, pela ponta das quebra-das, e iam assentar arraiais nas imediações dos hospícios, atidos à piedade das freiras quando falhasse o ofício da mendicidade. A cidade era pequena, adornada de frondosos tis e florida de muitas espécies raras. Viam-se chegar os brigues da carreira de Londres, que ancoravam ao largo no seu gracioso movimento de velas que se recolhiam ou desfraldavam. Rosalina sentia sempre um aperto

no coração ao apetecer essa viagem no *Brillant* ou no *Dart*, que se balançavam suavemente, trazendo ao convés as mulheres protegidas com véus brancos. Mas as viagens para ela eram raras. Estudara piano e, com a sua prima Dozy, regular na harpa, fazia concertos em família, que as aplaudia jovialmente como se vencessem uma corrida de sacos nos *greens* do Monte, antes de se servirem os refrescos. Quando chegava um barco inglês provido de fanfarra, esta actuava nos bailes com um estrondo que era tido por salutar, se não como divertido. Dozy apreciava os concertos no Passeio Público. Tinha ocasião de mostrar-se livremente com todos os seus folhos e a crinolina que despertava risos furtivos. Donzília tinha gostos vulgares e um enorme apetite de sucesso. Chorava de raiva se advertia que o seu vestido estava deploravelmente fora de moda, que as mangas estreitas não se usavam mais, nem sequer os alamares.

– Oh, esta ilha mata-me! – dizia. Ia de compras, na rede ou mesmo a pé, porque não tinha paciência para o percurso lento nas ruas empedradas. Um dia, alguém da comitiva da Imperatriz esqueceu na sala do fotógrafo um número da revista de modas *L'Iris*. Dozy roubou-o, ainda que aquilo acrescentasse pouco aos seus conhecimentos, que eram profundos em matéria de vestuário. Com os seus olhos castanhos, a boca sorridente para mostrar os belos dentes, Dozy tinha muitos admiradores. Ousava mesmo desprezar a formosura de Elisabeth que, essa, não sorria nunca, porque a sua dentadura era pouco clara. José Celso, um seu primo direito, que escrevia romances como *A Ordem da Galinhola* e outros igualmente humorísticos, dizia-lhe que os dentes correctos são plebeus, excepto quando se trata de vilões, comedores de cana-de-açúcar. Celso emigrou para Demerara, onde decerto os seus dentes se deterioraram com a poeira das refinarias.

No escasso tempo que Elisabeth esteve na Madeira, operou-se uma alteração nos costumes das jovens funchalenses. Comiam depressa, como ela, e jogavam o *chien de pique*. Deixaram de usar os simples vestidos de cambraia para montar, em voga há cinquenta

anos, mas que se adaptavam ao clima tropical; agora vestiam, como a Imperatriz, fatos ajustados que realçavam a sua cintura incrivelmente fina e que, dizia-se, ela levava duas horas a apertar com um sistema de cordões muitíssimo complicado.

Elisabeth vivia para se mostrar em ofício de rainha. Tanto rigor em ser modelo nessa arte perturbadora da hierarquia causava certas dúvidas quanto ao desdém que ela mostrava pela corte e as suas obrigações. O mais que podia acontecer com ela é que se cansassem de a tomar a sério e lhe dessem inteira liberdade para correr mundo e gastar a fortuna pessoal, que veio a ser grande. Nesse tempo, quando chegou à Madeira com uma comitiva e precedida duma lenda ainda modesta quanto à sua beleza e as suas manias, causou impressão nas senhoras novas e menos nos homens, por muito que presumissem de admiradores desse tipo de vénus de alta hotelaria. Sobretudo para Rosalina, a visita da Imperatriz foi decisiva na sua vida. O seu encontro com ela resumiu-se a muito pouco. Estava no fotógrafo, a preparar-se para uma pose de interior com um cenário de mar, quando entrou o grupo austro-húngaro, com o conde Imre Hunyády à frente e a irmã Lily, loira e abonecada. Elisabeth vinha bem disposta, o que era raro, qualquer que fosse o dia da sua agenda. Ao ver-lhe o rosto radio-so coroado pela cabeleira loira e abundante, podia pensar-se que se tratava da filha dum grande negociante de Southampton divertindo-se em excursão, enquanto o pai tratava o carregamento de carvão. Estava tão bonita e bem vestida que Rosalina, casada e com dois filhos, se sentiu irremediavelmente velha e posta de parte no mundo da sedução e do prazer. Retirou-se para uma sala interior e deixou que o grupo, um pouco louco e exagerando decerto a sua animação (porque há uma honra de palácio para a alegria, como há uma honra de convento para a tristeza), se julgasse longe de qualquer olhar observador. As jovens trocaram ali mesmo de roupas, vestindo blusas de pescador e pondo na cabeça boinas do mesmo estilo. Ao tirar o corpete de gola militar da sua amazona, Elisabeth ficou quase nua, com uma camisa de seda cor de

limão a cobri-la. Era uma rapariga bem feita e sólida, ainda que anémica, sem dúvida, pela prática das dietas e das corridas a cavalo. Mas como a ilha, com os seus caminhos entre barrancos, onde as clareiras feitas pelos carvoeiros apresentavam um deplorável piso, não convidava a nenhuma espécie de cavalgada, ela engordara um pouco e retomara o roliço aspecto da adolescente. Cheirava a flores, e toda ela era uma força sentimental e elevada que pedia apreço e um amor sem ilusões. Isto reflectiu Rosalina quando a viu. Amor sem ilusões, ocorreu-lhe que seria uma espécie de selvagem entrega à vocação do amor, sem arte, medida, importância procriadora ou divindade a relacioná-lo com outra coisa que não fosse amor somente. Enfim, um estado de bacante que era preciso exorcismar.

Lily Hunyády ficou no retrato com ar descontente; o disparo do magnésio do senhor Vicente colheu a sua expressão, que queria parecer encantada, mas que deixava perceber uma preocupação séria. Alguns dias depois, Imre, o belo suspirante da Imperatriz, a quem estava iniciando nos rudimentos da língua húngara, foi chamado a Viena. Decerto levou com ele a fotografia, que escandalizou uma vez mais a corte, e alguém disse que, ao menos, a Imperatriz parecia ter melhorado das suas doenças, espécie de mistérios gloriosos que ninguém se atrevia a pôr em dúvida para não desacreditar a esposa do Imperador, bom marido e bom pai e que o povo adorava. As doenças de Elisabeth eram tão bem exploradas por ela, que fazia das suas menstruações um motivo de fuga e de férias prolongadas. Quanto mais uma tosse seca e um suor febril como o que padecia. Chorava muito, mas porque estava faminta e à beira da inanição. Agora melhorava e apetecia-lhe partir para Veneza com o seu esquadrão de mulheres, de cães e de negrinhos que lhe apetecia vestir de marquesinhos, como os tocheiros dos hotéis do Grande Canal. Assim aconteceu um dia: Elisabeth foi-se embora, não sem antes receber a visita do príncipe D. Luís, em missão de cumprimentos do rei D. Pedro V, que era tímido com as mulheres, o que às vezes o tornava desagradável e má-língua a respeito dos seus atractivos. Não se sabe o que Luís

pensou da graciosa Elisabeth, nessa altura ainda chegada aos seus hábitos natais e que gostava do montanhismo e da natação, mais do que da sociedade vienense, cheia de invejas e intrigas mesquinhas. A Imperatriz ainda não atingira a filúcia poética que nela se podia tomar por aspiração doutra grandeza que não a da linhagem, em que sobrenadava dificilmente, irritada mas não vencida, porque a liberdade lhe era conferida como um perdão mas não usada como um prazer tão grato às mulheres: o prazer de imitar a inteligência. «Ponde armadilhas às gaivotas, tantas quantas quisesdes!» – diria Elisabeth, em verso tão precário quanto presumido. Ela partiu, definitivamente aborrecida com essa liberdade vigiada e sem sentido para uma mulher nova a quem todo o sucesso da corte era prometido. Estava também preocupada com os rumores duma guerra e, no caso de isso acontecer, seria muito embaraçosa a sua presença na ilha. Imre fora chamado a Viena, e as lições de húngaro com ele interromperam-se. O chão de saibro vermelho da Quinta Vigia estava cheio de camélias podres. Cada barco que saía para Londres, cada brigue que desaparecia no horizonte davam-lhe uma vontade de se misturar aos passageiros agrupados na Pontinha, esperando o embarque. Desejava ser um cadete dos navios-escola ingleses e trepar aos cordames com vento e mar alterado. Subitamente quis fazer compras em Veneza. Gaëta tinha sido tomada, e a rainha de Nápoles, sua irmã, fugira com o marido para Roma. A queda do reino das Duas-Sicílias anunciava um temporal bem mais terrível do que aquele que Elisabeth sonhava enfrentar com a sua blusa de marinheiro e o bandolim na mão.

Rosalina, depois de apresentada formalmente à Imperatriz, não a viu mais. Dizia-se, no entanto, que se tinham tornado amigas e, mais do que amigas, duma total cumplicidade nas suas relações. Às vezes não se sabia se era a Imperatriz quem passeava no centro da cidade, com um largo mantelete de rendas, ou se era Rosalina, que a imitava a ponto de levar o conde de Carvalhal à mais completa confusão. Quando Elisabeth saltou para o convés do iate *Victoria and Albert II* que a levava para a costa andaluza,

D. António Leandro, conde de Carvalhal, deu um suspiro de alívio. Estava farto de fazer vénias à baronesa e de se imaginar primo de sua majestade imperial austro-húngara. A partida de Sissi deixou o Funchal outra vez descansado nos seus costumes, e em breve se deixou de falar nos ruidosos visitantes e nos vestidos da Imperatriz. Havia quem tivesse no toucador encaixilhada uma folha do *Journal de Modes et d'Arts L'Iris*, que representava S.M. Elisabeth Duquesa de Baviera Imperatriz d'Áustria vestida de noiva, rodeada de três das suas damas; e, durante um tempo, as noivas madeirenses copiaram a *toilette* com o peito bordado de rosas, símbolo da Boémia e dos jardins de Possenhofen. Mas para Rosalina, baronesa de Madalena do Mar, a vida modificou-se extraordinariamente. Saiu quase de repente para a Corte do Norte, embora a estação ainda não começasse, e não foi acompanhada nem pelos filhos, nem pelo marido. Uma crise abriu-se no matrimónio e não se apurou nada do que a originara. Dizia-se que o súbito interesse de Gaspar de Barros pela sua prima Dozy fora a causa da separação. Rosalina morreu passado pouco tempo, de desastre, despenhando-se das falésias no mar, e Gaspar casou com a turbulenta e alegre Dozy. A história parece terminar aqui, uma vez que nos propusemos ser a história de Rosalina. Mas aqui começa apenas o enigma e os seus ornamentos.

CAPÍTULO II

A ilha veio das entranhas do mar, como a Vénus Calipígia; despontou uma frondosa nuvem que a cobriu toda, abrigando-a do sol, chamando os nevoeiros como coroa de cabelos brancos. Era tão bela como uma mulher que estende os cabelos e os penteia, os cabelos de til, de jacarandá, de cânfora e de canela. Quando Rosalina empreendia a viagem para Ponta Delgada, a Corte do Norte demorava-se a notar o fio dos caminhos, como riscos numa cabeleira abundante.

Outras vezes ia embarcada, com mais ligeiro andamento, acompanhada por criadas e os filhos delas seus afilhados. As crianças ficavam no Funchal, com parentes e uma ama que as seguia por toda a parte e lhes contava histórias de corsários franceses. Como morreram homens defendendo a muralha, e como as freiras fugiram, levando algumas pratas, e se recolheram num lugar chamado «o Curral», que fora dote dum lavrador ditoso em empregar as filhas no serviço de Deus. Se não falarmos nos casos menos históricos em que se afirma a lenda dum território, acabam-se os sentimentos e, com eles, as vontades.

Rosalina ia dessa vez para a Corte do Norte, meio fugida ao espírito de família. Algo se deteriorara na sua relação com o marido e os filhos, sem que, aparentemente, sofressem os hábitos. A partida da comitiva da Imperatriz, que trouxera à cidade um surto epidémico de fusão com os maiores acontecimentos da época, deixara-a suspensa de conflitos que se revelaram subitamente. Estavam ancorados no temperamento insular, misto de fluidez pátria e garantia de fidelidade que os negócios asseguravam. Mas entre

uma e outra intriga nascida no continente, a ilha recebia dos seus profundos campos de acção, que eram a nostalgia de aparentar-se com o mundo, um impulso novo. Na realidade, não se transpunha nenhuma barreira, a não ser a linha do horizonte através dos cargueiros na rota da América, ou dos navios que ligavam as culturas confiadas a um pequeno escol de visitantes e de políticos. A doença pulmonar foi durante algum tempo na Madeira uma forma de diminuir o carácter depressivo do insulado. Fazendo-o participar numa cura algo mágica, dando ao clima da ilha e à sua configuração oceânica uma espécie de autoridade nómica, a doença pulmonar, em geral crise de abandono, efectuou um verdadeiro registo da identidade madeirense. Já por si, *Madeira* tem um significado materno, portanto curativo. Não foi a sua especial condição atmosférica, com os ventos temperados africanos, o que abriu perspectivas à cura da tuberculose. Foi, na verdade, uma alusão ao factor da árvore, que implica protecção e prestígio tutelar. Só depois de a cultura psíquica, que Viena arrebatou como troféu, na sua posição de muralha do Oriente, se ter pronunciado, é que essa influência do símbolo se foi apagando.

Tratando-a como pessoa que descreve o comportamento das sociedades, Rosalina de Sousa serve de modelo e vem provar, ao adquirir uma complexidade doentia, o seguinte: que ela estava a reagir a uma chamada imperiosa e tentacular e que esgotaria toda a sua liberdade no caso de não poder responder com as condições da *alma-mater*, com a sua personalidade imortal. O marido abandonava-a muitas vezes para ir para Londres ou Lisboa cear com actrizes, o que não alterava quase nada os seus costumes convencionais. Era um *snoob* de carreira, o que quer dizer que era um convencido sem ser um cínico. Nessa Primavera de 1861, Gaspar de Barros retomou a paixão pela sua prima Dozy, e fugiu com ela para o continente. O caso caiu numa espécie de fosso das mentiras em que a cidade do Funchal sepultava os seus pequenos desastres sociais. Mas para Rosalina, casada aos quinze anos com o homem que ela amava como uma noviça ama Jesus, o facto foi

terrível. Ela tinha pelo marido um desses amores em que todo o olhar de desejo pode parecer ainda vício e cair como uma desilusão no coração sublime. Isto, se não quer dizer pureza celestial, quer dizer terror das paixões que ela protege. Mas seria isso verdade? A sua partida para Ponta Delgada antecederia, conforme a sogra contava, a cabeçada do marido. Ele só quisera formalizar um pretexto de desavença que na realidade não existia.

A partida da Imperatriz deixara um vazio inexplicável na sua vida. Rosalina sentira, diante do grupo que animara a história social do Funchal durante o Inverno de 1860-61, que estava perante uma trupe de teatro. Algo nela despertara com espantoso apetite, algo que transformava a pequena baronesa numa mulher decidida e até cruel na sua vontade. Deveu à presença dessa comitiva um pouco louca, que tinha a disposição duma companhia de cómicos, a razão suficiente para não cair na depressão profunda que já antes se anunciava. Deixando os filhos de tenra idade à avó, fugiu para a Corte do Norte, como foi dito.

Em primeiro lugar, Rosalina sentiu-se *separada* do que até aí eram os seus hábitos e os seus afectos. Passava muito tempo sozinha, sentada numa cadeira de vime, como um convalescente do Hotel Reid, e entregue a pensamentos invariavelmente sombrios. Dizia habitualmente: «A tristeza é para mim mais cara do que a vida.» Estas palavras foram proferidas textualmente, muito mais tarde, pela Imperatriz Elisabeth, no decurso dos seus profundos desgostos. Sentia prazer em cair da sua honorabilidade intocável, e começou a ter um trato fácil com pessoas que até aí julgaria indignas de confiança. Partilhava os seus segredos com todo o mundo, e era tão faladora algumas vezes que a tomavam por indiscreta. Esse acto de comunicação exasperada criava laços profundos, porque o oferecimento das nossas perversidades, mormente a da simpatia gratuita, causa uma espécie de fascinação. Tinha sempre uma roda de amigos à sua volta e, excepto nos momentos em que os deixava abruptamente, para chorar, de maneira absurda e apaixonada, era a mulher mais atraente que se podia imaginar. Gaspar

de Barros, com quem ela tinha uma relação fiel mas quase caricata, porque lhe faltava o entendimento da esperança que comanda corpo e alma, não reconheceria em Rosalina a sua mulher, agradável e sem abismos. Capaz de comer seis queijadas duma vez com perfeita franqueza do seu saudável apetite; amiga de servir jantares de peru e empadas e de cuidar de plantas, gastando um tempo enorme com os laços do seu vestido, Rosalina seria agora para ele uma estranha, se porventura chegassem a reconciliar-se.

O facto é que a pequena porto-santense (se é que porto-santense ela era), um pouco fechada, respondendo às perguntas das amigas que o pacto matrimonial lhe deparara, não estava mais em funções. Agora tratava-se doutra pessoa. Sua sogra dizia também que a tinham trocado.

– Está muito magra e come limões verdes. Tomara que não esteja sobre-si – comentou. *Sobre-si* era a maneira cautelosa de a intitular meio louca.

O médico recomendou-lhe a mudança de ares e carne em sangue com suco de papaia. Gaspar de Barros, tendo como correio um primo seu, que era encarregado de negócios na embaixada de Berlim e que estava doente no Funchal, mandou dizer que pensava ocupar um lugar na diplomacia no Rio. Rosalina mostrou-se fria e indiferente.

– Ele que faça o que entender. Não é mais meu marido nem eu a mulher dele.

Gaspar ficou meio estupefacto. Os ciúmes de Rosalina, duma violência devastadora, deixavam-no primeiro lisonjeado, depois inquieto. Ela sempre fora ciumenta além do que era justo e permitido. Embora ele se retraísse com as mulheres e quase não as cumprimentasse na rua, Rosalina acusava-o sempre de levandade, de olhares, de sorrisos, de sinais. Ela própria organizava encontros com as mais sedutoras senhoras da ilha, para espiar depois o resultado; acabava por fazer-lhe cenas em público, incapaz de conter os terríveis zelos em que se afundava, cega, ansiosa, desgraçada. O marido tinha medo. Começava a acreditar na loucura de Rosa-

lina e que ela estava perdida, e ele com ela. Porque a amava ou, pelo menos, a tinha por sua propriedade.

Quando as ribeiras começavam a enxugar as águas, e voltava à serra uma segurança para travessias e passagens, Gaspar decidia sempre levar a mulher para Ponta Delgada. Esperava que, longe da troca de opiniões que há sempre entre quem pratica a sociedade e as suas novidades, ela acalmasse. Assim foi, nos primeiros tempos. Levava com ela matronas de reputação tremenda, tão feias eram, uma cozinheira e um par de vilões de jaleca vermelha que tinham medo do mar e pareciam mortos no fundo do barco, se o percurso era feito por água. A primeira coisa que faziam era embebedar-se pondo o pé em terra, mesmo antes de arrumarem as bagagens.

Dessa vez, Rosalina prescindira da sua gente. Em vão lhe pediram que os não deixasse, ela mostrou-se indiferente. Estranharam que lhe repugnassem criados tão antigos e afeiçoados e que não os tratasse pelos nomes. Cumprimentavam de joelhos, abraçando-a pela cinta, e não se levantavam sem que ela lhes tocasse a cabeça em sinal de bênção. Era um costume do tempo dos escravos, e ela tinha-o abolido dos seus hábitos. Mas, agora, reparou pela primeira vez nas figuras sujas que tinha aos pés, e horrorizou-se de ser servida por tais criaturas, que mais pareciam deportados do que gente livre e de ofício honesto. Pensou que, tendo ao alcance da mão porcelanas francesas tão delicadas e móveis de alto preço, se tinha esquecido de avaliar o aspecto das pessoas que enchiam a casa e recebiam as suas visitas. Os homens andavam meio despídos e tinham tatuagens nos braços.

Rosalina passou a ter hábitos exóticos, a fazer excursões na montanha, comendo por lá um pouco de pão de semilha com alho e bebendo água das levadas. Regressava cansada, não falava. Notícias da cidade tinha poucas; os ciúmes delirantes abandonavam-na não estando ao pé do marido nem assistindo às suas evoluções junto das mulheres; a sua paixão tinha uma restrita imaginação, era feita de indirectas sensações que precisavam do estímulo da presença física. O ódio e a repugnância, actuando quanto mais

perto estava o motivo deles, iam-se apagando se não havia nada que os fixasse. Porque Rosalina odiava o marido, e o ciúme dela era uma forma de se atribuir culpa por isso.

A paixão era portanto inegável, mas o amor perdido. Como andam os pastores na serra, pastoreando rebanhos, e se dá o caso que uma ovelhinha se aparta, assim Rosalina andava, constrangida de pena pela falta do amor que de tudo a isolava. Dos bens que possuía e das coisas que devia velar. O amor era um querer alterar o caminho andado e não ter recursos para isso. Não materiais, que os tinha; mas razões morais, essas faltavam. Porque Gaspar de Barros era bom no fundo, e paciente, ainda que pouco sisudo em amores. A generosidade se lhe mudava em avareza e excessiva preocupação pelos haveres; isto porque onde o amor falta aparece a tristeza. E com ela vícios de ganho, desejo de multiplicar o pecúlio ou de o ter em segurança; inclinação ao jogo, à especulação, e até turbulência no carácter, que se perverte e sofre mudança no seu uso, ainda que continue cingido às suas fronteiras.

Uma coisa que se tornou obsessiva para Gaspar de Barros foi produzir um livro. Compilava notas, divagava sobre os temas a tratar, e alguns eram fascinantes como o que tocava ao diário náutico de Afonso Sanches que não ficara em poder de Colombo, como se supunha. Colombo, de resto, tornou-se o seu santo-e-senha. Um resumo do livro que Gaspar de Barros tentou escrever encontrou-se mais tarde entre os seus papéis e deixou surpresendidos os seus herdeiros. Tratava da morte de Afonso Sanches em casa de Colombo, na Madeira, e dos colóquios que tinham, num tom de profissionais e não de românticos aventureiros. Gaspar queria provar que a obra das Descobertas fora um trabalho lento e perseverante, e não acaso junto aos favores do temperamento. O diário de Afonso Sanches era peremptório nesse aspecto. Como piloto, não se entregava a rotas imaginárias; punha em prática os conhecimentos profundos que adquirira, umas vezes por experiência própria, outras por conselho, suborno e até activando a fuga de documentos. A espionagem nessa área seria portanto tão árdua

como hoje é sobre os segredos atômicos. A lenda do diário náutico de Afonso Sanches, que teria descoberto a América por despiste dos ventos, segredo que deixou a Colombo ao sentir-se morrer, consumido pelas misérias sofridas, era muito apagada pela lógica de Gaspar de Barros. O seu Colombo, homem cauteloso e profissional da arte náutica, sabia, como todos os madeirenses do seu tempo, que o Ocidente era povoado e possuía grandes riquezas. De qualquer modo, a história do diário de Afonso Sanches ocupou Gaspar o bastante para não enlouquecer quando, por sua vez, Dozy o deixou e Rosalina não o recebeu mais. Rosalina quis destruí-lo minada por um mal que exigia sacrificar alguém à sua vontade do mal; por meio desse sacrifício cruel, ela esperava talvez corrigir o desvio da sua mente. Era assim que procediam os homens com as guerras e agressões várias; ou os sacerdotes de Diana, ou as vestais de Roma. Restituíam, ao espírito que se toldava de malícia e desordem, a lisura, por meio duma morte, executada em alguém ou num animal somente, o que produzia a consumação do pecado, ou o seu simbolismo.

Para Rosalina, presa duma enfermidade que a insularidade amadurecera, havia uma única saída: chegar a um acto violento que repusesse, pela sua terribilidade, as coisas como eram dantes; ou, pelo menos, que tornasse inofensivo o discurso do subconsciente. Sobre ela pesavam interdições milenárias que se revelavam de repente absurdas. Os profetas do conhecimento sabem que as interdições têm que ser acompanhadas de consentimentos paralelos, para que elas não levem as pessoas à demência. Maimónides asseverava que, se é interdito a alguém sentar-se à sombra duma árvore sagrada, isso só implica a área dos ramos, e não da sombra que eles projectam. Mas o Ocidente europeu usou da interdição como dum corpo único de doutrina, sem autorizar interpretações. Isto produziu uma cultura acelerada e brilhante, mas produziu também a neurose em larga escala.

Na Corte do Norte, com a chegada de Rosalina, efectuou-se uma notável transformação. Primeiro não se notou nada de especial; ela mandou que abrissem a casa, mofenta e húmida, e que

tinha os tapetes enrolados contra as paredes como corpos carbonizados. Essa ideia surgiu e logo a esqueceu. Era frequentemente assaltada por imagens cruéis a que se prendia com uma espécie de devoção. Entrou no quarto e pareceu-lhe muito belo, com os móveis com embutidos de sanguinho e o jogo de escovas de prata enegrecida. Os tectos eram de alfarge, sem encerar, e derramavam uma sombra fria. Rosalina ficou pensativa. Eram ainda frios os dias, e a folha das videiras ganhava corpo, as gavinhas enrolavam, secas da penugem clara. O vale, que dera origem ao nome do lugar, porque delgado era em comparação com a espessura da montanha, aparecia em toda a radiosa procissão das suas ramadas, vertidas como uma onda de folhagem, em que se distinguia a sombra dos hortos, medievais, poéticos, chegados a um correr de levadas espumando nas pedras.

– O senhor João Sanha quer-lhe falar. – Eugénia, uma criada grave, com o avental de banda e em cabelo, estava à porta do quarto. Rosalina disse:

– Os pintarroxos ainda andam em bandos. – A criada pareceu assustar-se. Estranhava a ama, acometida de ilusões e manias, mas sedutora nas suas fantasias, que todos davam em querer-lhe bem e a visitá-la sem motivo.

– O senhor João Sanha... – recomeçou Eugénia, pequena mulher de pés tortos e olhos azuis. Dizia-se que os trabalhadores canários, e não a gente celta, de que o Minho se orgulhava descender, tinham trazido à ilha o tipo claro e aquele olhar branco, um pouco baço. Às vezes aparecia um azul muito puro, e os olhos eram verdadeiramente belos.

– O primo Sanha que me espere na sala. Desço já. – Ela estava no torreão donde se via o largo, um mar ausente, que produzia essa alma madeirense, íntima, pronta a manifestar-se em repentes de crítica e até de mau humor. Mas algo havia na paisagem húmida e sentimental que recolhia do coração das pessoas os maus presságios e tornava brando o seu trato. Como porto-santense que era, duma região de estiagens prolongadas, onde o zimbreiro parecia

recolher do chão toda a frescura, como um último soluço da terra, Rosalina tinha um carácter mais fechado, mais defendido de qualquer intimidade com os outros. Mas o habitante de Ponta Delgada era amigo de chistes e de pôr nomes; Sanha era uma alcunha, e tão remota que fora adoptada no registo do baptismo.

Sanha era um dos muitos primos de Gaspar de Barros. Gente muito antiga, fundadora da capela do Bom Jesus, vinda com os donatários que povoaram as terras em regime de sesmarias, os Sanha eram ainda temidos, mais do que respeitados. Matavam muitas cabeças de gado pela festa do Santo e distribuíam aos romeiros parte substancial dessa hecatombe. Rosalina encarou com o primo, que estava sentado num sofá D. José, forrado de algodão adamacado. A sala continha uma variedade de presépios e de recordações de viagens, incluindo objectos de osso de baleia e conchas gigantes como lavatórios. Tudo se distribuía sem o menor gosto, excepto as plantas, que eram dignas dum jardim-de-inverno em Paris, no estilo dos que serviam para diálogos de amor nas novelas mais ou menos decentes. O morgado de Sanha, com os seus pequenos pés calçados de vitela amarela, levantou-se solenemente e fez uma reverência um pouco prejudicada pela barreira do sofá. Era um homem muito belo, na força da idade. Não particularmente inteligente e, por isso mesmo, destinado a altos cargos, pela confiança que a mediocridade inspira.

– Posso cumprimentar a minha senhora? – disse. Era terno e fácil de convencer, mas gozava de fama algo pitoresca. Gostava de ser falado e não media as ocasiões para dar na vista.

– Primo João Afonso, souberam-me bem os pombos que me mandou. Muito agradecida.

– Apanhei-os nas rochas onde o diabo, com unha de cabra, não subiu.

– Apanhou-os no ninho, primo, já entendi.

– Não era o ninho de família. Era a Corte do Norte deles.

Riram-se; ele meio embaraçado, medindo Rosalina com os olhos semicerrados e insistindo numa malícia manhosa, numa

táctica que não queria dizer senão ingenuidade e banal direito de se atrever. Ela pensou: «Se este homem me amar, eu meto-me pelo chão abaixo. A gravata dele parece um emplastro, ele todo parece um emplastro.» E disse, alto:

– O seu emplastro é muito bonito – o que fez com que Sanha a achasse louca. Rosalina riu-se, desta vez com satisfação, sem procurar qualquer disfarce. Mas não era fácil aborrecer João Afonso.

– A minha senhora acha graça. – Aquilo tudo enervava-o e dava-lhe ideias pícaras e um tanto vulgares. Porém, não seria capaz de tocar na prima com um só dedo, porque ela lhe parecia insolente, e isso tinha algo de ameaçador. Quem era ela, para o tratar assim? Vinha de gente arruinada, quase pobre, sem maneiras, só com um arquivo de família, em que figuravam parentes, todos directamente ligados às filhas de Gonçalves Zarco. Orgulhavam-se disso e mostravam-se capazes de aspirar ao trono de Portugal por essa via. «Não sei porque Gaspar casou com ela...» – pensou. Mas viu que pensara uma tolice. Rosalina, na luz da tarde, que a amoreira do pátio fazia escurecer, parecia uma figura de porcelana, alta e como que pronta a voar, com as finas pernas como a fuselagem duma máquina especialmente criada para se lançar no espaço. Era lindíssima. O lábio como recortado, de tom nacarado; como se houvesse no seu sangue um passado de colónias em que se cruzavam raças negras e mouras, o que se percebia na orelha pequena e modelada, na pele fosca e leitosa. Sanha descobriu nela um segredo fulgor, feito de crueldade em que a natureza reconhece os seus filhos. Irritou-se subitamente. Se isso era amor, então o amor começava por uma hostilidade; ou melhor, por uma declaração de guerra.

A chegada de Rosalina sem o marido e os filhos, um pouco adiantada à estação de veraneio, colheu de surpresa a povoação inteira. Com o costume de porem a todos um nome de guerra, chamavam-lhe a «Boal-de-Cheiro», porque é uma casta de uva também conhecida por «marota». Não querendo afrontar a família ou Rosalina em pessoa, tomavam esse atalho da inconveniê-

cia. Boal era a alcunha por que era conhecida; Rosalina chegou a assinar cartas assim, e não estava longe de o nome ser absorvido no registo das baronesas de Madalena do Mar. Havia alcunhas para todos em Ponta Delgada. O Brinco, o Sopro, o Cansado, o Faz-me-rir, o Surdo, a Varona. Tudo gente sã e que só tinha como fraqueza o vinho *jacquet* e as espetadas em pau de louro em dia do Senhor Jesus. Embriagavam-se por razões grandes e pequenas, bebiam como esponjas, as mulheres mais do que os homens, e, como a noite era mansa e sem perigos, dormiam no chão do caminho, sob o farejar dos cães desmedrados que passavam, cães da beira-mar, afeitos a peixe e à uva moscatel. Quando nasciam os filhos de Rosalina, as criadas embebedavam-se para honrar a casa.

– Não havemos de apanhar uma bebedeira, pela felicidade do menino? – diziam, os olhos entornados, rindo. Beber não era vício; era uso de alegria, o trivial da festa popular. E um certo abrandar do coração do insulado, que no excesso desmente a solidão. Boal, ou Rosalina, tinha às vezes pena de lhe repugnar cair nesse sono acobardado e triste que a embriaguez causava. Mas uma vez bebeu; e, ao contrário de entrar num estado de inconsciência, ficou até mais lúcida, só que também arrojada e capaz de se matar, subindo às rochas para procurar ovos de pombo. O primo João Sanha seguia-a apavorado. E só dizia, medindo o abismo negro que a água luminosa deixava transparecer: «Que mulher! Que mulher! Mesmo em bocados era de aproveitar!» Não havia para ela risco suficiente para se lançar numa competição cega com alguém que porventura lhe segredava coisas deliciosas de desafio. Era como se continuamente dialogasse com uma pessoa mais forte, mais prática na aventura e que ela queria vencer. Ou então não perder a sua lição e a licença de a ter como discípula.

João Sanha seguia-a por toda a parte, e a Corte do Norte, que se completava com os primeiros sóis de estio, perguntava-se que género de ligação eles tinham. Aparentemente eram amigos, mas tão assíduos na confidência e nos encontros, que se punha em dúvida a inocência das suas relações. Para cúmulo, Gaspar de Barros

voltara ao Funchal mas não se intrometia. Se interrogado pela família sobre o teor daquele escândalo, limitava-se a iludir a conversa e a dizer:

– Ela está doente. É preciso desculpá-la.

– Desculpá-la, quando abandona os filhos e só falta cuspir-te em público? – os amigos de Gaspar eram implacáveis. A mãe dele, que fora a mais bela mulher do Funchal depois da freira Clementina, descendia do antigo governador a quem chamavam «o Mole». Ela tinha um desgosto na vida: que o filho não tivesse feito o curso de Medicina na escola de Montpellier. No mais, era uma digna senhora de boas obras que detestava a nora. Achava-a simplesmente uma anarquista e não acreditava nas suas doenças. Mas dissimulava, porque ter maneiras era nela uma forma de pietismo.

É verdade que Rosalina fazia tudo para a incomodar, e um dos motivos por que ela demorava em Ponta Delgada supunha-se que fosse para não ver a sogra. Mais tarde, quando José Vieira de Castro passou no Funchal, a caminho do degredo a que fora condenado pelo assassinio da mulher, D. Matilde empenhou-se em ir a bordo cumprimentá-lo, levando-lhe bolo de mel e flores. Mas nessa data já Rosalina tinha desaparecido da face da terra, como se diz nas elegias informais. Quando muito, D. Matilde procedia estouvadamente.

Como se pode entender, a vida de Rosalina foi breve e teve um curto período fulgurante. Que espírito a habitou, que enfermidade a desgastou a ponto de a deixar à mercê duma paixão sem objecto e sem rosto, não o podemos saber. Quando muito, desenhemos alguns quadros da sua vida que podem ilustrar pelo menos a sua natureza algo teatral. Talvez nisso estivesse o segredo que a isolava das coisas concretas deste mundo, como receber bem, seguir o marido na sua carreira como parlamentar e promotor das estradas da ilha. Numa coisa ela influiu: na construção dum teatro, ou pelo menos na fundação duma Sociedade da Esperança, que se propunha levar a cabo representações de valor histórico e intelectual. Boal e os seus amigos, entre primos e outros parentes, todos

dotados de aptidões teatrais, formaram uma companhia de amadores patrocinada pelos ricos e excêntricos do tempo. Entre eles estava José Almada, verdadeiro figurino da novela balzaquiana, a quem se atribuíam lances espantosos em que a sua valentia e coragem eram postas à prova. E também a fortuna, mãe da lenda e das fáceis aprovações, porque ele casara rico em Lisboa.

José Almada teve aos seus pés, não as musas, porque era mau poeta, mas as mulheres de todas as idades e feitios da sua época. Curiosamente, Boal, que o conhecia bem e o recebia frequentemente na casa da Carreira (na mesma rua onde os cavaleiros corriam, porque era a mais plana da cidade), não se impressionou com tanta fama e galhardia. Os Esmeraldos, porém, davam-lhe muita confiança. Nas ilhas, a extravagância é um brasão, porque tira as almas do tédio, como as jaculatórias as tiram do purgatório.

Foi para o Teatro da Esperança que o conde de Carvalhal deu de presente o pano de cena. Era, enfim, uma sociedade entre fatídica e bucólica, com um tanto de faustiano, que se lhe agregava pelo crispado da paisagem no contorno do mar. Paisagem severíssima, a pique sobre os abismos, com uma golfada de águas caídas a prumo, na escarpa, e que pareciam vômito de ciclopes. Essa grandeza não se notava nas maneiras doces dos madeirenses; mas cavava no coração uma depressão em que o sangue enegrecia de triste e cativo. Assim, havia muitos homens nobres que empobreciam, arrastados por fantasias e desejos exorbitantes; outros emigravam cedo e, no estrangeiro, ganhavam um aditamento místico que os fazia voltar no dia do Senhor Bom Jesus; eram como crianças que entravam na igreja e iam beijar os pés de Cristo, olhando com lágrimas os festões de alegre-campos suspensos nas paredes. E ali o mar; e ali as rochas anavahadas e a crista da montanha que os vinhedos iam conquistando. E ali os romeiros, executando o bailinho, como dança de gnomo a que a floresta desse folga por um dia. E as tendas improvisadas com folhas de loureiro, vendo-se dentro uma carcaça de rês despedaçada, aberto o ventre onde brilhavam estrias de gordura. Era a carne para as espetadas, carne tão

abundante, exposta já onde não havia gula, mas só orgulho dessa fartura em que se saudavam as colheitas e se esqueciam as misérias e os trabalhos. E bebiam. Beber era um acto auspicioso, figurando o drama da inibição e do castigo terrenal, onde tudo era bastante mas confinado a limites. Beber era o símbolo de partir, de produzir a sua própria heroicidade e, com ela, o seu próprio infortúnio.

As casas de Ponta Delgada, na maioria palheiros encostados na parede da serra, ou simples covas no engaste do basalto, mereciam dificilmente o nome de fogos. Mas as almas abrigavam-se nos tugúrios como na concha os caracóis. Era gente graciosa e com tendência a manhas e desfrutes. A sua longa experiência do contrato de colónia, que os tinha em relação constante com o senhorio, prevenindo atritos que resultariam em desgraça para a sua pequena economia, dava aquele feitio espirituoso, porque na graça se alcança o favor. Os sesmeiros ricos levavam às vezes com eles os criadinhos mais graciosos para os solares do Funchal e do Machico, como pajens duma fidalguia que tinham por única, não vendo a que compará-la. Alguns eram tão orgulhosos que ouviam missa a cavalo, se bem que treinavam o cavalo a ajoelhar no momento da Elevação. Enfim, a ilha, como todas as ilhas, desenvolvia, com um género de sedentariedade que lhe é própria, a imaginação cáustica e desenganada que pode traduzir-se em grandes feitos. Napoleão, um corso, Colombo, um madeirense em letargia matrimonial, não podiam fazer outra coisa senão partir, abrir o mundo a meio para tirar dele a prova de que lhes pertencia o direito à terra inteira, e não só o contrato com o mundo do nascimento que nada prometia e nada exigia também. A glória faz-se com decepções imensas. A vontade faz-se com o perscrutar do impossível. Os Esmeraldos eram dessa gente espirituosa em que a galante e teatral raça picarda se fez extravagância de manicómio breve, que é o lugar onde o poder se exerce. Quando eles chegavam à Corte do Norte, parecia chegar um safari a que faltavam camelos alados para ser completamente um prodígio. O povo ia vê-los, num silêncio comovido, as mulheres vestidas de festa, os lenços da cabeça

limpos, mas não penteadas. Viam-se as farripas gordurosas, picadas da fuligem dos fornos. Os Esmeraldos passavam, com um cortejo de redes onde se baloiçavam as senhoras, que traziam sombrinhas de franjas. Os vestidos delas faziam sensação; e as mãos, com anéis de minas novas, tão grandes que pareciam tesouros sacros como cruzeiros pascais e coisas assim. Sobretudo admiravam-se as botinas de laços e as crianças cobertas de redes como os Meninos Jesus de oratório. O ouro brilhava, esmaltado de branco e azul, nos *pendentifs* de pedras. Os xailes pendiam fora da rede, como xairéis de palanquins. A crinolina de quadrados fazia um efeito campestre, e os cintos de cordões eram o atractivo de pequenos gatos ingleses, cabeçudos e fleumáticos.

Os Esmeraldos, dos quais entre os mais célebres se contava o conde de Carvalhal, estavam no seu elemento. Eram tão ricos que podiam comprar inteira a plateia da ópera para se sentarem à-vontade com o secretário e um primo carnal, gozando o efeito, o assombro dos parisienses, que se comportavam como macacos nas suas jaulas, ébrios de curiosidade.

— Amanhã chovem os convites, primo. É mais que certo. — E assim era. Não faltavam salões onde contar em detalhe as proezas de *sir* Emeraut, amigo de Colombo e financiador dos seus estudos e pesquisas. Paris era louco por coisas excitantes, sobretudo em que a mentira fosse bem inventada, ajustada à seriedade mas sem lhe servir completamente. A seriedade não é cortês, não se pode abandonar como uma flor murcha, ocupava demasiado o coração para ser espirituosa. Os Esmeraldos sabiam isso. Um mês em Paris, e tornavam-se anacrónicos. Sem talento, só com alguns milhões no Banco de Inglaterra, não podiam esperar a celebridade em Paris, que dura uma estação. Mudavam de rota ou voltavam simplesmente para casa.

A casa preferida era a que tinham na Corte do Norte. Nada de apalaçado, com uma torre-vigia e uma capela de Santo António, ela tinha a traça duma vivenda no campo, corredores largos e alcovas mesquinhas, à inglesa. A importância era dada às salas, em geral

três seguidas, numa proporção regular, que davam uma sensação de segurança. A pintura era má, mas as porcelanas do melhor fabrico, tanto Limoges como Meissen. E abundavam até peças especiais, reproduzindo motivos de acontecimentos históricos, como o nascimento do filho de Maria Luísa, peças em que o loureiro verde-e-ouro era uma decoração obrigatória. A própria Rosalina de Sousa tinha trazido da casa de família porto-santense um serviço de jantar com a perfil de Bonaparte em moldura oval, feito por artista rudimentar mas de excelente fábrica. Em Ponta Delgada ela não tinha ornamentos, e até as cortinas dos leitos eram de cassa vulgar, e os baldaquinos de algodão indiano muito desbotado. Nesse ano, Rosalina fez sensação. A sua deliciosa urbanidade fora substituída por uma elegância fria, e só para alguns amigos ela era mais próxima e mais amável. No geral, a insolência dela não tinha limites e, se o marido estava presente, inventava maneiras de criar mal-estar e de o pôr em más situações. Agora, Gaspar de Barros fugia-lhe e preferia ficar no Funchal ou viajar, deixando Rosalina entregue a João Sanha, em quem depositava inteira confiança. Essa confiança era muito comentada, tanto mais que era notório que Rosalina e o primo eram amantes. Mas havia nessa ligação, perfeitamente desenganada, algo que chegava a tranquilizar o marido.

– Não é uma traição, é um resguardo – dizia Gaspar. Preferia manter na obscuridade aquele assunto deveras doloroso e cuja saída não podia prever. Em vão tentava explicar o comportamento de Rosalina. Não fora afectada por nenhum desgosto, a saúde dela era invejável, não havia no casal desavenças nem crises pecuniárias. Pelo contrário: por efeito desse mesmo desconcerto matrimonial, que afectava amigos e estranhos, a prosperidade parecia ser favorecida. Os negócios abriam-se em perspectivas felizes, toda a gente se mostrava favorável e interessada em proporcionar-lhe ganhos. Uma atmosfera de vivacidade, como que o resgate das suas penas íntimas, actuava à sua volta. Gaspar percebia que desfrutavam do escândalo, não para o condenar, mas para nutrirem nele um espírito ganancioso, de vitória sobre a indigência dos seus pró-

prios meios para amar e sofrer. Estava rodeado de parasitas duma paixão que se desenvolvia a partir não sabia de que suspeita, posto que menos sabia ainda da sua causa.

A mãe de Gaspar mostrava-se uma defensora intransigente da honra de família. Porém, se ele lhe confessava que queria sair com Rosalina para o continente, a fim de aliviar a pressão daquela turbulência, ela dissuadia-o. Mudava de opinião e usava duma tática estranha com a nora, dando-lhe presentes e evitando falar-lhe nos seus humores. Chegava a diminuir Gaspar para ganhar as boas graças de Rosalina. Esta respondia-lhe duramente.

– Eu amo-o, que é que pensa? Eu amo-o.

– Mas, minha filha, há borrascas no coração como há no mar. Ninguém está livre delas. Enjoaste o teu marido, agora é ter paciência, que tudo se compõe. Atrás de tempo, tempo vem.

«Enjoar o marido» era a maneira de explicar esse súbito sequestro dos sentidos nas mulheres, que equivale a uma selecção da alma para coisas extraordinárias. Elas entram num território habitado por feras, recebem a iniciação da sua majestade, que várias servidões submergiram. Explicar tal desassossego, é impossível. Não é amor sisudo que se evade de experiências vãs. Não é sigilo da sua forma feminina, vingativa e sangrenta. No entanto, havia um facto que operava a divisão entre a mulher submissa e a mulher soberana. Rosalina podia partir dum momento de risco exclusivo, na sua infância, e daí tirar o rumor que nela se transformaria em cólera e grito admiráveis. Tentava recuperar a cena na memória: era em casa dos Cossart num dia de recepção. O primeiro salão estava cheio de gente, e os tectos de gesso pintado de verde e ouro pareciam derramar uma sombra tétrica. Havia grandes quadros com motivos bíblicos: Judite e Holofernes, sumptuosos, ele dormindo, apresentando a garganta nua, ela com um asfixiante sorriso em que a criança se alcançava ainda. Rosalina ficou a olhar, pasmada, um pouco envergonhada de surpreender tamanho segredo. Porque Judite não ia matar um tirano, tendo para isso a aprovação da tribo inteira. Ia destruir a primeira obra da criação; ia

excluir o homem da terra, cortando-lhe a cabeça com um prazer superficial e brilhante. Atrás dela, a criada abria já o pano de rás onde cairia aquela testa tão bela, tão ocupada pela estratégia da guerra, e tão infeliz na sua solidão. Rosalina percebeu a solidão do homem a quem a ternura não chegava perto, a quem a sorte não providenciara com o favor da sua mais dócil amiga. Apeteceu-lhe prevenir Holofernes, acordá-lo do seu sono, arrastá-lo para fora do seu sonho de conquista e de glória. Mas seria o bastante? Judite intervinha com a sua expansiva graça, era impossível intimidá-la. Dessa festa em casa dos Cossart, espécie de *manoir* delicioso produzido através dum revivalismo do espírito francês, Rosalina reteve unicamente a imagem de Judite, megera sedutora em vias de executar o crime. E que crime! Via-se-lhe nos olhos um triunfo que não era apenas cívico. Ela gostava de degolar o seu hospedeiro, que ainda há pouco a cobria de beijos e com o qual ela talvez não usasse de engano, retribuindo o prazer, tendo até certa ilusão de que repetia as núpcias da mocidade.

A Judite. Era neste ponto que Emília e Rosalina se encontravam como num passeio de barco. A actriz e a jovem que vira na casa Cossart o quadro italiano, que podia representar a Ristori produzindo geometricamente a sua grande cena, encontravam-se num momento único. Ambas se aliavam naquele desejo sem esperança que o crime desplumava como uma ave morta. Todas as ilusões do mundo caíam no momento em que a criada recolhia a cabeça decepada do herói filisteu. Era a degolação presumida no acto castrador. E havia um dó sinistro no olhar de Judite, para sempre destinada à ascese, liberta por fim da carícia que fertiliza e alimenta a terra de homens.

Quem fora Emília-Rosalina? Que sevícias conhecera e que humilhações ganhara como salário? Os homens não a tornavam tão imunda senão para a desejar; e não a honravam senão para poder ignorá-la e serem menos inimigos. É possível que...

Se Rosalina teve de facto duas identidades, de maneira que não foi possível distingui-las, então Rosalina foi a actriz Emília

de Sousa. Bastava vê-la actuar naqueles teatros de província, onde caíam os morgados bacharéis e os jornalistas despenteados pela musa, que era em geral quem lhes pagava à linha o panegírico, para compreender que aquela mulher só existia no palco.

Na *Maria Telles*, por exemplo: que figura das trevas, mais comovente quando silenciosa e resignada a ser abatida como uma rês! Emília de Sousa era essa mulher, irmã pobre duma rainha e destinada a ajoelhar para morrer mais depressa, sem revolta, só com um pouco de surpresa no olhar paciente. Quando caía, varada de punhaladas, só Emília de Sousa sabia dar aquele grito quase de prazer, porque a sua inocência condenava um homem para sempre. Quem era Emília de Sousa? A criança que brincara com o seu namorado de infância, e depois o recebe como amante, selando a confiança dos primeiros suspiros com uma espécie de melancolia matrimonial? Amava João Sanha, ou só lhe permitia a desilusão comum do jogador e da meretriz, ambos ausentes do desejo, ambos fiéis na experiência do vício que eles não podem vencer, mas que também não os vence a eles.

– Menina, que fazes aí parada como uma estátua? – disse-lhe a mãe, senhora afogada em folhos de tafetá. Rosalina nunca havia de esquecer o espanto da boa alma ao ver que ela chorava. – Estás a chorar? Mas que tens? Como estás fria! Esta menina é doida ou tem bichas.

Levaram-na para um quartinho recatado, um quarto de criança, de mansarda, um pouco sinistro. Não era difícil supor ali uma infância de que Britten faria uma ópera não de todo afastada das obsessões imorais, ainda elas próprias reunidas às obsessões bíblicas. Rosalina sentiu-se ainda mais deprimida. Essa casa ficou para ela uma espécie de apoio cénico, posto que todas as vidas humanas precisam desse imaginário que é o palco. Ali havia quadros como cenários e a própria casa pintada como pano de fundo, num parque de acácias o mais fantástico e líquido que é possível. Se o elemento líquido atrai os fantasmas, a Quinta Cossart devia estar cheia deles. Uns, aborígenes, outros estrangeiros, com as suas

manias, os seus chapéus de Verão, os seus cães enormes, dos Pirenéus, e que só nos nevoeiros do Monte podiam viver. Rosalina falava deles aos filhos, e levava-os, anos depois, a ver as ninhadas que brincavam nos *greens*, pisando os morangos bravos e dando ao local um sabor de férias de luxo, entre palmeiras anãs e serviços de chá de casquinha, brancos ao sol de Julho.

Os filhos de Rosalina eram Lopo e Francisco. Crianças precoces, que tiveram da mãe uma ideia perversa – de que ela era, nas suas vidas, uma actriz. Possivelmente, essa noção irreal e à margem do amor com papas e orações. Até que ponto os filhos amam melhor a lenda maternal do que a realidade, não está estudado nem aprendido. Enquanto durou o estado de meia loucura de Rosalina, Lopo e Francisco pensavam nela como numa mulher má mas infinitamente necessária, comovedora nas suas aparições, vestida como para viajar e sempre seguida por um mordomo de cara que parecia enegrecida propositadamente. Ninguém sabia se Carlo, de origem genovesa e que tinha vindo para a ilha com negociantes de vinhos instalados no vale do Machico, se pintava para parecer mais conforme aos seus ideais de pirataria. Era um grande contador de aventuras, Lopo e Francisco admiravam-no até à fascinação. Carlo acompanhava Rosalina ao quarto de dormir, e só ele conhecia os seus segredos e, provavelmente, os seus amantes. Era um trepador da montanha a pé e a cavalo, e sempre era chamado como guia nos piqueniques de Verão, para evitar quedas e desastres graves. Que os mais inofensivos nem cuidava de os prevenir. «A montanha precisa de honras. Ajoelhar-se diante dela não é favor» – dizia. Culparam Carlo de não ter acompanhado Rosalina no dia em que ela desapareceu nos recifes, quando andava à caça de pombos bravos. Ele mostrou-se inconsolável, em parte porque a sua fidelidade foi posta em dúvida. No fundo, não gostava de Rosalina, que era, como ele dizia, um espírito fraco, pronto a cair no mais simples dos infortúnios; como se as pessoas, feitas para o infortúnio, não tivessem meios para se servir deles sem ser suas vítimas. A filosofia de Carlo não obistou a que ele perdesse

uma perna numa queda e acabasse como mendigo ou pouco mais. Lopo era já homem e viu-o um dia no cais da Pontinha, caçando ratos, fingindo que era para se banquetear com eles e assim atrair a piedade dos cidadãos. Lopo teve nojo dele. Já não era a criança abismada em fantasias, que ouvia pasmado as histórias dos corsários de Porto Santo. Tinha-se tornado num provador emérito, e a sua lista de *vintages* era a mais completa e selecta da ilha. Possuía uma nota da colheita de 1864, «Boal especial», a que acrescentara uma cruzinha preta. Fora o ano em que a mãe morrera ou que se fizeram conjecturas a esse respeito. Porque o corpo nunca aparecera. Gaspar de Barros mandou mergulhar até às cavidades mais profundas, junto das falésias. A Boal tinha-se evaporado, como se ela fosse a emanção das levadas que vinham cair em repique sobre as rochas, até ao mar. A cabeleira de prata das levadas via-se de longe, como uma nuvem mergulhada no oceano.

Não faltou quem dissesse que Boal tinha fugido. João Sanha, mais afectado do que ninguém pelo que era claramente um suicídio, recebeu os pêsames de toda a freguesia, mesmo antes de o marido ser informado. Houve um tal choque, depois de terem todos participado numa espécie de lacuna da razão prática, que se deram cenas extraordinárias. A Corte do Norte ficou em tamanho desgosto e alucinação, que se organizavam excursões para visitar o lugar onde Rosalina desaparecera. Procuravam um vestígio, um lenço, uma botina, um pedaço de vestido rasgado. Houve quem fingisse ver um pouco do seu *fanchon* preto pendurado nas rochas, e organizou-se uma descida dum homem, suspenso por cordas, como se fizesse montanhismo. Chegou lá – era uma gai-vota morta. A decepção foi enorme. Chorava-se alto, não se comia a horas, andavam as vacas nas hortas devorando a pepinela e a batata-doce. As crianças não iam à escola, foi um mau ano de cana e de vinho estufado. Subitamente os caseiros abandonaram as quintas, e não foi possível localizá-los para lhes pedir contas. Sumiam-se no pequeno território como lagartas numa tarde de chuva. A Corte do Norte só muito tarde se resignou a perder a

sua titular do condessado da Madalena, que os trouxera em constante alteração e que, no fim de contas, amavam pela curiosidade que lhes causava. A curiosidade é um pacto com o diabo e os gatos, que têm parte de diabo sobretudo se são pretos. Desaparecendo Boal, desaparecia o encanto sinistro da Corte do Norte que ela verdadeiramente pusera na moda. Até aí, Ponta Delgada era uma terra bisonha, muito longe em beleza paisagística do Cabo Girão e que só tinha a honrá-la algumas casas de tecto de alfarge. Das velhas famílias oitocentistas não restava senão João Sanha e o seu paço no Pico, onde a capela caíra quase em ruínas. Nos quatro anos em que Rosalina, aliás Boal, ali esteve, com breves viagens ao Funchal, tudo mudou. Um vento de arrogância varreu a pequena povoação até às falésias, e todas as pessoas conheceram uma espécie de felicidade que não resultava de esperanças nem de meios para elas. Os pobres ficaram a ganhar sobre a soberania dos seus senhores; porque, sem lhes ser adversos, ignoravam as suas riquezas pela força do seu próprio prazer de viver. Riam do luxo e das fazendas em que se produzia o açúcar de que eram fiadores pelo contrato duro do trabalho. De nada se vingavam, mas sabiam que um simples silêncio sobre o laço que os unia – preguiça e fatalidade – tornava inviável até a inteligência dos seus erros. Que planta fecunda Boal semeara, que um amor, com algo de letal, caíra nos corações e os devorava? Devorando também as contradições deles, fazendo da Corte do Norte um lugar enervante, voluptuoso e sem finalidade.

Quando Boal desapareceu, acima das conjecturas que despertavam todos os dias, com o sol que já não era orgulho dos homens, mas uma estrela sufocante e dolorosa na pele, ficou a sensação duma perda imensa. Com essa perda voltou a habitualidade dos seus enganos, das suas misérias. Voltaram a pisar a terra com mais convicção, para o ódio, para o lucro. Mas a estranha partilha dessa paixão que viviam apenas por contágio, não mais se deu. Esqueceram Boal completamente quando começou o projecto da estrada de circuito da ilha, e os homens se empregaram no perigoso traba-

lho com explosivos; morrendo muitos deles no estranho balanço que davam ao corpo, suspenso por cordas, para se afastarem da falésia enquanto a carga detonava. Viam-se os membros voar despedaçados sobre a zoeira do mar, tão fundo, tão triste, tão soberbo.

CAPÍTULO III

Quando Boal desapareceu, Lopo tinha apenas cinco anos. Quer dizer que ela o deixara na casa do Funchal, entregue à avó Matilde, de muito tenra idade. Ele não podia lembrar-se da mãe, excepto das suas entradas luminosas, como uma actriz no palco, declamando alguma coisa como, por exemplo: «Fechem a porta da escada» ou «Esta casa parece um albergue». A razão por que a casa da Carreira lhe parecia um albergue ficava por esclarecer. Boal passeava no jardim durante um bocado, sentava Lopo nos joelhos e acariciava-o, como se faz a um gato assustado. O seu espírito não estava ali, e tudo aquilo lhe desagradava; até a sua estufa de verdura, cavada na rocha e gotejando água, com nichos onde havia estátuas mais ou menos clássicas, a aborrecia. Ia ao Funchal para receber as suas encomendas do continente ou mesmo de Londres, quase sempre chapéus com flores ou plumas que ela usava até dentro de casa. Tinha formosos cabelos claros, mas raramente deixava que os vissem. A sua mania mais evidente era o luxo verdadeiramente despropositado, sobretudo na Corte do Norte, no Inverno. Ela vestia-se de sedas sumptuosas como se fosse dançar a valsa, uma valsa frenética, ao modo de Ravel, que demonstrasse a incompatibilidade do espírito com a sociedade ainda sua monitora. Na realidade, a atitude de Boal, com algo de incoerente e que parecia aludir a uma cultura liberal, senhora da natureza e de si própria, tocava de perto um mundo em desintegração.

Quando Lopo cresceu, as coisas tinham evoluído no sentido do caos político, e a sociedade procurava compensações na arte, escapatórias a um mundo que se fizera árido. O burguês buscava aristocra-

tizar-se e acarretava para as suas casas objectos de arte em profusão. Lopo, entrando um dia na casa Cossart, quando tinha vinte anos, ficou surpreendido com tanta pintura de tipo italiano e com o busto da Vénus de Milo que lhe custou a reconhecer. Porque a Vénus de Milo sem corpo, na sua flectida postura, entre tímida e provocadora, é só uma matrona em quem a nudez incomoda e até repugna.

A desfeita que a política fazia à sociedade burguesa criava uma angústia que fazia os homens coleccionadores e poetas. Francisco não resistiu a publicar livros de poesia, enquanto se tornava num perito em provas de vinhos. As lojas de antiguidades proliferavam na cidade, e essa busca incessante do objecto raro tornou-se obsessiva nalguns casos; uma espécie de culto que redundasse em satisfação espiritual.

A cidade, com os encontros repetidos dos seus habitantes, nas ruas e nas salas, modelou-os para privilegiarem o sentimento, afinou-lhes a sensibilidade para os casos em que os sentidos dominavam. O narcisismo tornou-se uma forma de reivindicação que noutros campos da actividade humana não encontrava saída. Lopo dizia que a vocação literária do irmão, Francisco, de resto contrariada por Gaspar de Barros, era uma forma de resistir à posição moralista do pai. Como não podia abertamente contrariá-lo, fazia-o por escrito, pondo nas personagens inventadas o melhor da sua revolta e do seu despeito.

Com Lopo as coisas eram diferentes. Sabia que, nele, o escritor era o seu duplo. Mas preferiu separar o ponto de vista racional do seu próprio nascimento puritano. Tornou-se um médico famoso e nas pesquisas do corpo humano fundou a sua vocação, isto é, conjugou os valores tradicionais da moral e do progresso, sem abdicar da sua preferência como artista. A carreira científica foi para ele a expressão dum narcisismo não corrompido pela excitação do sentimento. Depois, uns anos mais tarde, o seu próprio filho pagou muito caro esse discurso de lucidez permanente.

Lopo e Francisco tinham ambos o conhecimento de que a moral tradicional estava condenada. O grito que anuncia o fim

dos deuses podia ter dado origem a Castor e Pólux, imagem da estabilidade fraterna dos homens, mas cuja psicologia é posta em causa quando se trata de obter a eternidade. Como os Dióscuros, Lopo e Francisco eram deuses da navegação. Os seus interesses na exportação ascendiam a mais de um milhão de libras, o que compensa em parte a agonia do ideal.

Lopo casou-se muito novo com uma menina de Câmara de Lobos que se chamava Amélia, como a imperatriz do Brasil cuja filha morrera no Funchal, com agonia pia e virtuosa. Lopo era um rapaz que, aos doze anos, se diria já casado e pai de filhos, tão sério parecia. Coursou Medicina e exerceu com algum sucesso, sobretudo na investigação. Isto sem deixar de ser negociante de vinhos e administrar a herança de Gaspar de Barros.

Onde estava Gaspar de Barros enquanto as Esquadras de Navegação Terrestre faziam incursões por debaixo dos bananais? Gaspar de Barros estava no cemitério das Angústias, caído em combate com o seu incurável sentimento da diferença, que lhe trouxera muitos dissabores. Não conseguira relacionar-se com o exterior depois de Boal desaparecer, e fizera-se cada vez mais taciturno. Casara-se, depois de peripécias sem grande importância, com a prima Dozy, que se separou dele passado pouco tempo. Ela alegava que Gaspar era como um conhecedor de jóias, que sempre fica relacionado com a primeira pérola da sua vida, ainda que ela seja um monstro. Essa pérola barroca era Boal. Não podia ouvir falar dela que Gaspar não corasse como se ficasse febril de repente. Uma dessas vezes, em que o julgavam apenas indignado ou comovido, aconteceu estar mesmo apoplético. A sua missa fúnebre foi muito concorrida e carregada das mais raras flores. Entre elas estava a roca-de-vénus, no seu caule em tirso, que lhe lembrava sempre a figura de Rosalina. João Sanha mandou um ramo de camélias de cera, o género de flores que ele oferecia, tanto à sua própria mulher, a actriz Emília, como a um defunto.

Dizia-se que João Sanha, quando viu pela primeira vez Emília de Sousa na *Dama das Camélias*, se levantou na sua frisa e disse:

«Não foi assim; meu pai nunca se meteu na minha vida...» Isto era, evidentemente, uma *blague*, mas era também um facto que o casamento com Emília lhe valera um corte com a família, uma das mais aristocráticas do reino, com todos os Lomelinos e Câmaras em cortejo histórico de grandes donatários madeirenses. Se João Sanha viveu só maritalmente com a actriz Emília, isso foi desmentido à morte dela, quando ele apareceu como seu herdeiro universal. Era par do reino, e D. Pedro V pedia notícias dele com frequência, embora não aprovasse a sua vida boémia. «É um homem correcto, o que é a maneira de dizer que está longe de ser perfeito» – dizia o rei. João Sanha não era nada de extraordinário senão no gosto pelas mulheres. Tratava-as bem, o que para um latino é um princípio de má fama. Não havia noite de estreia ou de beneficência em que Emília de Sousa não encontrasse no camarim um ramo de camélias de cera e um bilhete de João Sanha, desculpando-se de não aparecer senão no terceiro acto. Ele era um jogador profundo, como outros são compositores. Não arredava da mesa de jogo antes das três da manhã, excepto nas famosas noites de estreia, em que saía às onze horas, mudava de colarinho, bebia um cálice de vinho morno, e ia buscar Emília ao teatro. Se ela estava no Porto, recebia igualmente as flores e uma jóia, ou um livro. Tinham um pelo outro um amor conjugal abonado pela solidão de cada um e os vícios que a comprometiam – o teatro e o jogo. Eram felizes porque nada calculavam, tanto no amor como na morte. Não achavam que o tempo passava, e isso era o segredo da sua fidelidade.

Quanto a Gaspar de Barros, o seu segundo casamento, consequência da aventura com a prima, não lhe deu felicidade. Os segundos casamentos são sempre uma alusão aos primeiros, ou por convicção ou por despeito. Dele nascera Doroteia, uma menina de grande beleza mas que viveu poucos anos. Francisco tinha profundo amor por esta irmã, que lhe morreu nos braços e cuja memória o seguiu por toda a parte. Era terna e angélica, parecia desinteressada em viver mas, no entanto, agradecida e até feliz. Chamavam-lhe

a *coniteira*, porque era esse o nome também da roca-de-vénus, com a sua floração amarela como uma cabeça loira e resplandecente. Ao completar quinze anos, Doroteia morreu na Quinta da Levada; vestida de gaze branca, parecia uma noiva que esperasse a chegada dum viajante a quem ela iria saudar e dar o braço, saindo com ele para o jardim como para um passeio habitual. Francisco, já casado, nunca mais foi o mesmo. Deu em chorar de maneira que o achavam senil e esclerosado. Um dia foi à Corte do Norte e fechou-se em casa durante dez dias, sem falar e sem receber ninguém a não ser os caseiros, que pasmavam daquela doidice. «Tal mãe, tal filho» – diziam. Tinham medo que ele se alcandorasse pelas falésias e acabasse como Rosalina, despenhando-se no mar. Mas Francisco, além de ser caçador, sempre com a escopeta à bandoleira, não tinha mais manias. Simplesmente fazia o inventário das coisas deixadas pela mãe, que subitamente dera em amar com uma espécie de religiosidade, agitado pelo desgosto recente que sofrera. Nesse golpe reviveu as coisas que não chegara a entender e que nem sequer recordar podia. Entrou no quarto de Rosalina e pareceu-lhe um quarto de pessoa velha, com a cama muito alta e o dossel de algodão florido já muito desbotado. Havia em cima da cómoda de madeira de til um jogo de pentes de tartaruga, uns para desenriçar os cabelos, outro para os alisar. Lembrou-se de repente de como Rosalina falara dos cabelos da Imperatriz, entrançados como braços fortes que pousassem na sua nuca, e de como ela inclinava a cabeça para trás, cedendo ao peso da imensa massa da cabeleira. Isso dava-lhe um porte real e algo irritado. Encontrou um retrato de Sissi com as suas damas, o famoso retrato que provocara escândalo em Viena porque estavam vestidas como marinheiros. Mas nada mais inocente do que essa chapa, obra do fotógrafo Vicente, e que mostrava apenas quatro jovens, diante das janelas da Quinta Vigia. Elisabeth, mais loira do que se pedia supor (porque os pintores a escureciam para acentuar o seu ar boémio, de que ela se orgulharia), não tinha chapéu de marujo, mas só uma blusa com laço, como as outras. E Lily Hunyády

também estava de cabeça descoberta. Quanto ao cãozinho, no regaço de Helena Taxis, não era um *griffon*, mas um *terrier* escocês, de focinho pardo e aparentado com uma espécie de javali. Lily olhava em frente, sem qualquer expressão sonhadora no semblante; parecia uma menina sem muitos encantos que, com a idade, ficaria corpulenta demais. Quanto a Sissi, não era de maneira nenhuma uma beleza, com aquele rosto em amêndoa e os pequenos olhos de pálpebra inchada. Porém, era, sem dúvida, material para uma metamorfose. Havia nela algo de determinado que se parecia a uma indignação. Algo de atlético, de duro, de implacável, dormitava na sua doce majestade ainda incipiente. Rosalina conseguira aquela fotografia no *atelier* do senhor Vicente e não assistira à pose, como contava. Na realidade, não vira Elisabeth senão uma vez, e isso, não sabia bem porquê, humilhava-a. Francisco ficou impressionado com a parecença que ela tinha com Boal.

Que se passara com Rosalina? Ocorreu a Francisco a ideia de que ela saíra da ilha, simplesmente, e que estava em qualquer lugar do mundo, usando outra identidade, juntamente com um penteador de renda valenciana e pulseiras de turquesas. Quanto à Imperatriz, tudo quanto Francisco conhecia era que vivia de maneira vagabunda e perigosa, saltando valas com os seus cavalos dignos dum *sheik*, com uma ferocidade que era uma forma de *travesti*. Os homens amavam nela o centauro, que era o tipo de moda; e admiravam nela também a própria propensão narcísica. Mas Rosalina, de facto, porque ficara tão fascinada?

Primeiro, é de crer, porque Elisabeth era uma mulher avançada ao seu tempo e muito perto de ser julgada uma *bas-bleu*, que o era, em parte; ela tinha uma qualidade: sabia esconder os seus defeitos com toda a sorte de operações, como a dieta, a ginástica e os amigos com talento. A mediocridade não se via no meio do edifício das suas proezas e das suas extravagâncias. A sua glória, a de ser uma esteta em coisas de provocação, de ser uma anarquista que intervém ao nível da aristocracia (o que decerto a perdeu; porque Elisabeth foi executada por um perito em atentados, e não assassi-

nada por um fanático), não chegou a fazer-lhe uma auréola melhor que a dos seus famosos cabelos.

Entre as coisas que Rosalina guardara, estava um lenço de cambraia de linho, bordado com uma coroa e duas águias bifrontes. E um par de luvas rasgadas, que decerto a Imperatriz deitara fora ao apeiar-se do cavalo, depois dum dos seus passeios na montanha, provavelmente passeios clandestinos de que ninguém falava. Ela usava dois e três pares de luvas para não ferir as mãos com as rédeas, e às vezes deitava-as fora antes de saltar da montada. Ela não era tão prudente como imaginavam os que tinham a Madeira por lugar seguro e pouco favorável aos seus lances perigosos. Elisabeth podia entregar-se a escaladas a cavalo pelos despenhadeiros, e decerto que o fazia sem que a corte fosse minimamente informada. Era o suficiente atrevida e desobediente para isso.

Francisco teve um verdadeiro empenho em conhecer os segredos da mãe, que sempre lhe tinham descrito como mulher má e efabuladora. João Sanha acudia por ela, mas estava muito retirado da Corte do Norte e não lhe interessava falar do passado. Casara com uma actriz que raramente o acompanhava.

– Tu que queres? Esqueci-me de muitas coisas, e outras já não me afectam. O amor usa-se, e um dia vemos que não ficou nada. Só a fidelidade às ilusões, que é o nome que nós damos ao que deixou de nos dizer respeito.

– Acha que ela saiu de cá?

– Não. Uma mulher não vai para longe assim sozinha. Caiu daquela altura e morreu. – João Sanha desdobrou o lenço, dobrou-o e voltou a metê-lo no bolso. – Não penses mais nisso.

Francisco ficou com a impressão de que ele sabia alguma coisa e que era coisa grave. Não insistiu, porém. Toda a gente supunha que João Sanha fora amante de Boal, e até o próprio Gaspar de Barros fizera esforços para espalhar essa ideia. Porquê, não era muito claro. As pessoas tinham profundos caminhos que era preferível não percorrer; e Francisco desistiu de discernir quais os passos dados pela mãe e as razões deles. Mas a verdade é que não

estava tranquilo e quis conhecer toda a gente que vivia ainda na Corte do Norte e que tinha, de qualquer modo, estado perto de Boal. Não lhes falou de Rosalina, mas na sua visita estava implícita a alusão a ela. As duas irmãs, suas parentes ainda, que tinham casa no Pico, receberam-no com os risos nervosos que queriam dizer impaciência; mas não eram capazes de lhe fechar a porta. Assim, ofereceram-lhe vinho, muito velho, e a garrafa estava coberta de pó e teias de aranha – a aranha das adegas que devora o bicho da cortiça e que é preciso poupar. As duas irmãs viviam com algumas gatas magras, de três cores todas elas e impossíveis de diferenciar. Em tempos tinham sido lindas crianças, possivelmente no tempo de Boal e da sua vinda para a Corte do Norte, com jaulas enormes de periquitos e araras. Tinha também um pônei que treinara para saber entrar em casa e procurar açúcar onde o houvesse. As duas irmãs falavam ao mesmo tempo.

– Era um cavalinho mau que mordida toda a gente. As crinas dele brilhavam como nem sei quê.

Isto parecia ser tudo o que elas recordavam. Também disseram que Boal lhes dera uma vez uma boneca, embora tivessem mais de quinze anos nesse tempo. Não eram portanto senhoras velhas quando Francisco as foi ver.

– Sabem se a minha mãe saía de barco?

Não só saía de barco, como ia com os pescadores machiqueiros pescar o cherne com um arpão pequeno, nos baixios onde haviam restos de traves e madeiras apodrecidas. Ela, como porto-santense, conhecia a fundo a arte da pesca. Conhecia quando era o tempo do atum, precedido pelo chicharro vindo em cardumes na corrente migratória, e sabia pescá-lo de corrico como o melhor dos mestres. Quando havia nevoeiro, a espada preta subia da profundidade. Rosalina ia com os homens de noite para o mar, porque de noite o peixe aproximava-se mais da superfície; não havia o perigo de se perderem as linhas nas rochas do fundo, como se tivessem que lançar o «aparelho das espadas» a demasiadas braças. Tudo isto Francisco foi sabendo aos poucos, arrancando as peque-

nas revelações dos amigos de Boal, gente que o mais das vezes era desconhecida e ficara entregue ao seu trabalho sem se mostrar, sem vir falar dela. Achavam-na um pouco doida, é certo; mas prezavam a sua companhia como se a sua maneira de ser mulheres lhes facilitasse o entendimento com todas as outras, as mulheres deles, cada uma mais gritadora, furiosa e achacada de ambições absurdas. A ambição era nelas uma doença dos ossos, da pele, do útero; punha-as desconjuntadas, amarelas, com febre de trinta e sete e três todas as manhãs; mal punham o braço fora dos lençóis, diziam: «Quero...» E o café esbordava como um vômito por fora do púcaro em que fervia.

Quando Rosalina, aliás Boal, desapareceu, os homens dispersaram ordeiramente e parecia que tinham combinado não falar mais dela. Isto facilitava-lhes a vida com as mulheres, que não gostavam de Rosalina. Não sabiam como a destruir e como a perder, enquanto que com os homens era diferente: havia sempre maneira de os tornar inofensivos, pelo menos de os calar. Mas Rosalina, aliás Boal, sempre estava preparada para tudo e, de facto, era impossível pôr-lhe uma mordação. Francisco chegou a supor que as mulheres da Corte do Norte tinham eliminado Rosalina. Isso, elas não queriam. O que era eliminar Rosalina senão dar-lhe vida a dobrar, nome, fama a dobrar? Elas queriam que ela fosse um homem. Se Rosalina, ao menos numa espécie de sagração melodiosa e culta, fosse conhecida como um homem, já estava capaz de ser derrotada. Elas pensavam assim. Recordavam como a voz dela era viril e declamatória. Nisso, bem diferente de Elisabeth, que mal se ouvia quando falava. A ser certo que sofria duma tuberculose da laringe, pelo menos quando chegara à Madeira, conservou talvez como defesa a voz baixa que o médico recomendara.

O certo é que Francisco, entretanto chamado ao Funchal por urgência dos negócios, não ficou com ideia assente sobre a pessoa da mãe. Ela continuava tão encoberta e desaparecida como antes. Mas uma coisa, ao menos, ele averiguou: que Rosalina invadira o território dos homens até aí vedado às mulheres e que durante

muitos anos lhes havia de continuar fechado – o território da noite. Ela saía de noite e ia para o mar num barquinho dum só remo. Se pescava ou se andava apenas a explorar as dificuldades dos baixios (donde às vezes extraía corais, ou alguém lhos trazia, sabendo que ela os apreciava, vendendo-lhos por baixo preço), isso não ficara esclarecido. Só a meia-voz lhe chamavam *Cabrita*, porque o barco que ela usava tinha esse nome. Foi uma alcunha que não pegou, e era mais conhecida por Boal. As suas extravagâncias, de resto, não espantavam ninguém, habituado como estava o ilhéu a esperar dos outros o suporte para uma imaginação truncada pelos precários movimentos da História. Depois que os Zarcos, com a sua estirpe de mareantes e nautas, tinham sido substituídos por morgados (verdadeiros potentados que não estavam sequer interessados na utilização máxima do terreno, porque a aspiração do estatuto aristocrático os distraía, e isso foi sempre, em Portugal, o que atrasou o desenvolvimento do capitalismo e que produziu o sistema social arcaico), a ilha caiu numa rotina de rendas em dívida e de pactos de famílias. É de tradição das políticas moribundas que a moral se sobreponha ao plano económico. Tudo o que sucedia como escolha duma vida mais rápida era amornado numa espécie de miopia que ia ao encontro da piedosa memória familiar. Boal, ou Rosalina, não deixara fortes recordações da sua excentricidade, porque, qualquer que fosse o sentido das suas manias, ele tinha de ser apresentado duma forma doce. O exemplo, que não foi inventado mas existiu com uma turbulência assustadora, foi Elisabeth, ela mesma. A ideia de que as nações só vivem como resultado das suas virtudes, capazes de produzir a energia de grupo suficiente para vencer a inércia social, instalara-se na Europa; era como uma forma de esperança escapando como tal ao que afinal não passava de medo das multidões. Elisabeth, no fundo uma mulher vagabunda e que estava completamente alheia à força do direito, apareceu bem no centro duma nova tonalidade política, mistura estranha de chantagem e de adulação. Tudo podia ser motivo desta persuasão, cheia de violência implícita. Os con-

selhos de família e os conselhos de Estado apresentavam a divisa de «todas as boas-vontades são bem-vindas; o contrário será esmagado». Ora, Elisabeth, tanto como Boal, sua cópia em papel costaneira, estava muito longe de ter boa vontade para o que quer que fosse. Vivia como queria e não punha nisso qualquer malícia. O que incomodava é que ela não procedia como se houvesse um ditame duma estratégia. Era como uma criança que ocupa o seu tempo com longas aventuras decorridas num espaço ilimitado.

Quando saía de noite, Rosalina não estava particularmente abatida pela melancolia. A sua legenda simplificava-se à medida que Francisco ia interrogando as pessoas da Corte do Norte. Ela escapava à «nova tonalidade», na verdade uma tonalidade militar que ia organizar as massas por intermédio das pensões e dos subsídios e, enfim, a disciplina de caserna ou de parada. Ao mesmo tempo que a lenda de Boal se atrofiava, Francisco perdia pela mãe essa espécie de pavor, que existe em todos os homens, de ceder a um caso de amor por uma mulher, e para o qual a mãe é um derivativo. Ela não fora especialmente importante para ninguém, e a Corte do Norte não retivera a sua imagem por muito tempo. Porém, a insignificância vingava-se, e ele não o previa.

Quanto ao pai, Lopo liquidara a inveja que ele lhe provocava, ao formar-se com notas altas, ao fazer-se um homem de ciência, controlando desse modo o perigo de subversão que o sexo ameaça sonhar. Com a mãe era mais difícil. Por isso, antes de se instalar atrás das linhas de compensação que eram a ciência e a propriedade, Lopo foi também a Ponta Delgada liquidar o passado. No tom de João Sanha não captou nenhum indício de que Rosalina fosse excepcional ou sequer uma doente mental. Era decepcionante admitir isso, e teve a impressão de que a sua alma ficava algo empobrecida.

– Mas saía mesmo de noite e metia-se num barco que podia encalhar e virar-se?

– Ela conhecia bem aquilo tudo. Não chegou a sair três vezes, e, se o fez, foi porque tinha razões para isso.

– Que razões?

– Ela é que sabia.

João Sanha não adiantava mais nada. Não pertencia à época dos sonhadores dionisíacos habitados pela «raiva contínua» que ia emergir na obra de Nietzsche e no sofá do psiquiatra. João Sanha era um platónico, quase um impotente. O homem bom sonha fazer o mal, mas não concebe praticá-lo. Para ele, Rosalina era sua prima, sua amiga, e mais nada. Não havia nada de sedicioso no seu discurso, não queria reformar o mundo, nem se preocupava com uma política emocional. Isto desanimava Lopo, que vivia já numa época que era o prenúncio duma ambição cultural, no sentido da unidade em que as barreiras de classe deixariam de ter significado. Nietzsche ia desencadear uma soma de ideias destinadas a harmonizar os efeitos dum individualismo que a ciência protegia. Entre dois mundos, Lopo levaria sempre o estigma duma cultura liberal, ainda que fascinado pela imaginação que, em política, se fez o novo tom do poder emocional, utilizado mais tarde com a eficácia fatal do nacional-socialismo.

Para Lopo, a história da mãe era simplesmente um resultado dum temperamento excitável, duma falta de meios para obter sensações que a desculpabilisassem da sua mediocridade. Isto identificava-a com Elisabeth no preciso momento em que a vira, sentada diante da casa Vigia, com um bandolim nos joelhos, a posar para a escandalosa fotografia do senhor Vicente, esta uma pose ao ar livre, o que não era habitual para ele. Com a blusa de marinheiro, Sissi era um exemplo de vida instintiva, só que no estilo puramente iconográfico, e não como capacidade de expandir sentimentos profundos. Enquanto que, para Francisco, a mãe correspondia a uma tradição mítica que ele tinha que afirmar pela legenda recuperada do seu abismo ou até do nada, para Lopo, Boal não existia mais. Caíra do alto do penhasco, e tinha que admitir que o mundo não sofrera a sua falta.

Embora às vezes pensasse nela, sem curiosidade, dando à inteligência o direito de trabalhar a imagem materna, Lopo estava lon-

ge de fundar em Rosalina toda a carga afectiva de que dispunha. O complexo de Édipo não traduzia os seus enigmas, e a realidade a que aspirava era a duma libertação cada vez mais estratégica, capaz de resolver o seu potencial de destruição. Para Lopo, os homens eram *self-sick*, doentes por opção. Desde muito novo que se inclinara para a medicina e especializou-se em bacteriologia, o que o pôs em contacto estreito com o caso do Lazareto.

No Inverno de 1905, uma parenta sua apareceu com sintomas de cólera. Antes de a epidemia ser detectada, o pânico apoderou-se dos familiares, que ficaram paralisados de medo. Lopo constatou que a doença era um estado mental organizado num núcleo parental que tivesse graves problemas de relacionamento. O facto de favorecerem a explosão de dúvidas nos médicos, com sintomas que não controlavam e que a imaginação se encarregava de inspirar por todos os meios, dizia da profunda perturbação existente na família. Lopo tentou opor-se a que a doente e os que com ela conviviam fossem levados para o Lazareto. O hospital de isolamento não lhe merecia confiança. Era uma antiga «casa de gafaria», e bastava o nome de leprosaria para afectar a sua reputação para sempre. Os leprosos deixaram na cidade uma fama dolorosa. Tinham que usar uma tabuleta de madeira que os identificasse, conforme a Câmara do Funchal determinara em 1515. Só podiam viver recolhidos no lazareto ou fora de portas; a desobediência era punida com açoites, publicamente.

Bastava esta legenda para fazer do hospital de São Lázaro um lugar nefando e olhado com repugnância. Além disso, o edifício estava degradado, a limpeza das cortinas e das camas não era das melhores; morriam nele inúmeros tuberculosos, o que produzia ainda mais uma impressão assustadora. Que uma família de bem, com fortuna e que pertencia a um dos ramos mais notáveis dos povoadores da Madeira, fosse internada no lazareto com um rigor que parecia caso de vingança ou de opinião abusiva, era caso para impressionar. A maneira folhetinesca como os jornais noticiaram os factos alertou a população. Dum facto suspeito, passaram aos

seus próprios medos; e alterações do comportamento resultaram no assalto ao Lazareto efectuado com a maior violência, no espírito duma tomada da Bastilha. Lopo, que trabalhava com o director numa das enfermarias, só teve tempo de tirar a bata e misturar-se à população. Assim escapou de ser desfeito e agredido. Os doentes foram levados em triunfo a suas casas, depois de o hospital ser praticamente arrasado. Este motim fora já precedido por assalto semelhante ao Posto de Desinfecção, e Lopo previra o pior. Disse:

– É bom que deixem os doentes mandar notícias. Uma medida de isolamento, para gente como nós, levanta a fantasia até à crueldade.

Não lhe deram ouvidos, completamente estranhos à ideia de que uma regra só tem sentido se a sua aplicação salvar as aparências. O isolamento era inconcebível como facto representado, porque era insuportável como realidade na vida de todos.

Como Lopo supunha, não se tratava duma epidemia, mas dum caso de *self-sick* ou de miséria mental vivido por um membro duma família. Mas quatro anos depois a epidemia declarou-se. O motim tinha providenciado a crise que, no fundo, resolvia alguns graves problemas da comunidade, como o da sua organização nos socorros e no cumprimento dos cargos que a saúde e a ordem resumiam como sendo serviços de múltiplas funções. Sem eles os povos sucumbem. O *self-sick man* aparece numa época de inflação insular, quando o egoísmo atingiu proporções alarmantes para o governo dos homens.

Um dos triunfos de Emília de Sousa era a *Maria Stuart*. Havia quem dissesse que se percebia que ela nunca vira uma rainha condenada à morte. Com o que Emília respondera: «Eu fui condenada à morte.» Era por isso que falava com tal liberdade – não se reconhecia culpada. Era só um estorvo, não uma coisa reprovável. Emília deslizava por entre os cortesãos como se voasse, e dizia: «Deixem passar a rainha.» Era como se levasse pela mão a soberana de França, da Escócia e de Inglaterra. No seu luto branco dos Valois, Emília era extraordinária. Garrett ensinara-lhe a arte

do vestuário, que, na mulher, deve renunciar à exibição para poder surpreender. Ele achava que a exibição é um sentimento viril e eclesiástico. «Quando os padres se vestiram de preto a Igreja ficou condenada» – dizia, passando a mão pela sua cabeleira de meio-corte. Tinha três cabeleiras para simular que o cabelo lhe crescia.

Foi com essa lenda da Stuart vestida de branco que Gramina aprendeu o seu próprio gosto em usar roupas alvíssimas, tanto no Inverno como no Verão. Gramina foi, de todos os descendentes de Rosalina de Sousa, quem mais se pareceu com ela. Foi proprietária, ou quase, da Quinta Cossart, e viveu lá como uma actriz no seu palco, mesmo depois de o pai morrer e de a mãe ter abandonado a casa. Gramina era uma mulher alta, de tipo pré-rafaelista, casada com o homem mais inteligente e perverso que se pode imaginar; uma espécie de demónio tímido para quem o pensamento era, na realidade, um laboratório infernal. Pensar era a sua guerra bacteriológica, e viveu praticamente a destruir toda a gente que podia, com os seus pensamentos sábios e insidiosos. Mas Gramina era neutra e elegante como um vaso de porcelana.

Os dois filhos de Rosalina, que de tenra idade foram afastados da mãe, guardaram dela ideias diferentes. Para Lopo, Boal era uma doente mental, com os encantos implícitos em certas histerias, que os homens costumam achar da directa responsabilidade. Mas, para Francisco, o enigma manteve-se toda a vida. Era um homem sem sucesso na profissão, que teve muitos lugares (era engenheiro de pontes e portos marítimos), sem contudo se conservar muito tempo em qualquer deles. Uma vez que estava em serviço no continente, em Leça, Emília de Sousa deu uma récita no Baquet, e Francisco foi vê-la. Nunca mais foi o mesmo homem. Ela desempenhava o papel de Judite, mais uma vez, e parecia tão alta e vingativa, que ele tremeu de assombro. Foi na noite em que Emília sofreu uma pateada e lhe atiraram patacos para o palco. Ela ficou pálida e disse, simplesmente: «Se é para os pobres, podem deitar mais.» Alguns aplaudiram. Francisco espantou-se de sentir as lágrimas cair-lhe nas mãos, apertadas com tanta força que as unhas

o feriram. Voltou para casa e em dois dias não saiu. «Vou para África» – disse. Rescindiou o contrato e partiu num cargueiro, em más condições, sujeito a febres e sem quase se despedir da mulher. Morreu na viagem de regresso, e o corpo dele foi lançado ao mar; o relógio, um *Patek* de oiro, roubou-lho o criado que lhe assistiu na agonia.

Enquanto estive na Corte do Norte, Francisco verificou que grande parte das famílias, outrora capazes de prestigiar Ponta Delgada como estância de Verão, já não iam para lá. O Funchal tornava-se um lugar de turismo, os hotéis ofereciam grandes parecenças com a Riviera e levantavam-se nas abas do Monte como castelos afogados em verdura. Os seus campos de *croquet* e as varandas de repouso não eram mais ocupados por doentes. Havia uma gente mais disponível para as diversões, se bem que Lopo dissesse que os tuberculosos eram mais alegres. No fundo, quem fez a fama da Madeira foram os enfermos, até os mais perdidos de esperança e os incuráveis. Pessoas deliciosas, em geral cultas e que tinham particular inclinação para novidades e coisas pagãs: para a ciência, o amor e a boa mesa. Também gostavam de música. Durante o período alto do nome sanatorial da Madeira, houve uma série de iniciativas melómanas com relativa profissionalidade, em que não esteve ausente um cívico pendor musical austríaco. Não eram os tempos de Simão, o *Magnífico*, Donatário da Madeira no século xv, amador de música, decerto por sumptuosidade e pretensão de rivalizar com a corte. Mas as ilhas parecem ser obrigadas a salientar dons e preferências soberbas, para suprir as desvantagens do isolamento. Só que em Portugal, ilha pegada a um continente por acaso puro, essa altivez se foi esquecendo de lições antigas; um pouco por necessidade de adormecer paixões, para servir o entendimento dos negócios. Mas a música, que é gosto de aventos, porque não consome senão propostas de ouvido, encontrou sempre favor nos meios do capital, e dá regalo a quem despreza a palavra, por ser de mais difícil acordo.

No Hotel Reid, ou no Monte Palace, hospedavam-se músicos que divulgaram os concertos e até fizeram escola. Já Lopo avistava

o fim dessa sociedade de convalescentes que bebiam leite de burra e tomavam ópio. Alguns morriam na ilha, serenamente, decerto caídos na habituação da droga, o que lhes dava uma alegria nefanda e parecida ao prazer da vida. Na Quinta Vigia, os grandes senhores russos, com os guardas cossacos e os seus cães terra-nova, sucediam à corte de Elisabeth jogadora de *chien de pique*. Eles não permitiam ser fotografados pelo indefectível senhor Vicente; a sua honra de magiares, com colossais fortunas, impedia deixarem ao acaso, numa chapa de vidro, a sua pessoa integral e única. Por isso Elisabeth causara em Viena tanto escândalo com a sua vulgar fotografia de exterior, aparentemente tocando machete no meio das suas amigas. Mas os cossacos, os cães e as mulheres da comitiva dos grão-duques, esses ficavam retratados para os arquivos Vicente. A fotografia ganhou terreno, e raro era o grande hotel que não anunciasse o «*dark room for photographers*», pois os viajantes traziam com eles as *Canon* de alto preço e gostavam de se mostrar nos relevados ou nas excursões de primeira classe com as suas objectivas e o ar inteligente do senhor da máquina.

Quanto à cena de família «fazendo música em casa», ela tinha diversos graus de verosimilhança. Havia o canto da sala, com a avó ao piano e o menino dotado, vestido à maruja, brandindo o arco do violino como um pequeno Menuhin incansável. A senhora da casa não raro tocava harpa, e o olhar severo do falecido, com os bigodes à Napoleão III, estava em lugar de culto, na sua moldura dourada. Nos salões, como os da Quinta Cossart, que continuava a deslumbrar Lopo como outrora deslumbrara Boal, as coisas eram no estilo de Anton Romako. Romako, que pintara de memória, ou por uma fotografia expressamente feita para ser passada a óleo, a tenebrosa Elisabeth e o seu cão, terra-nova, evidentemente. Pinta-a como uma real bacante, dando à *écharpe* um mosqueado de corça, e os famosos cabelos soltos. Os olhos são imensos, como agrandados pelo brilho duma objectiva, e ela parece mais mulher de serralho, do que a fanática da caça a cavalo.

A música na sala Cossart seria à moda de Romako, com *miss* Jane ou Mary vestidas de cetim rubi, e o marido erguendo o copo de vinho palhete para apreciar-lhe a cor. Um piano de cauda e um cravo dispunham o coração para a sonata. As Vénus eram indispensáveis como *bibelots*; só que os Cossart gastavam tamanho natural, e a Milo, em busto maciço e nobre, num mármore baço, fazia *pendant* com o *Atleta que tira do pé um espinho*. Tapetes Aubusson, relógios em redomas, o chá servido; e, para além dum reposteiro aberto, outro salão, de fumo ou de bilhar, com o ténue rosa do jardim e a massa verde das magnólias, entrando como um prato de iguarias em que abundasse a salada e o caviar do Báltico. Lopo não chegava nunca à casa Cossart sem se sentir apertado pela redundância burguesa, à qual faltava a ironia e em que cada objecto era uma negação do simbolismo e do desejo que há no simbólico.

A Quinta Cossart era habitada por uma família que se tornara tradicional no negócio de vinhos, ligada a uma firma inglesa desde os princípios do século XIX. Ao que se dizia, os Cossart descendiam de huguenotes fugidos de França, e por isso mostravam uma fisionomia interessante, com pontos de ligação com a pequena nobreza que se manteve fiel ao Henrique IV de antes da missa de Paris. Peter Cossart, nascido em 1831, tinha já a propensão para a diplomacia dos negócios que se parece com uma religião sem catecismo, excepto o da paridade da libra. Podia servir de modelo a um tipo balzaquiano, dos que ele gostava de incarnar como homem de negócios bem sucedido.

É possível que essa família Cossart desse um excelente romance, com as suas mulheres levemente histéricas, o que lhes fazia tremer a mão no jogo do *croquet*. Mas Lopo conheceu-os mal, como sempre se conhecem mal as colónias estrangeiras num país de que somos parte e, portanto, um povo em atitude de rejeição. Lopo foi duas ou três vezes à casa do Monte e sempre por motivos estranhos aos seus moradores. O primeiro relacionava-se com a mãe, Boal, que falava muito da *Judite*, cópia dum maneirista italiano

que a impressionara quando ela era criança. Os gostos do genovês Carlo, casado com a filha de Torquato Lomelino, da mais antiga linhagem da ilha, também de origem genovesa, apareceram na casa Cossart dum momento para o outro. Uma profusão de telas enormes, com motivos bíblicos e clássicos, encheram as paredes. Tinham de facto um ar assustador, pelas dimensões e pelos temas. Lá estava Judite espiando o sono de Holofernes; e aquilo, na entrada da copa que tinha armários como grandes féretros encostados e fechados, parecia lúgubre, mas não desproporcionado no lugar. Não que os Cossart, com as elegantes senhoras que passeavam pela casa com o *canotier* com fita de veludo preta, falando aos cachorros que gemiam fora, retidos pelas cancelas de ferro, fossem inadequados à contemplação das artes. Mas tanto os Lomelino como os Bianchi tinham desaparecido, e com eles uma estrutura lânguida, preguiçosa e única que fazia bom relacionamento com o coleccionador de arte.

Nesse tempo, tanto Lopo como Francisco se casaram e passaram a viver separados. Não demasiado, porque conviviam muito e viajavam sempre juntos. Falavam da mãe algumas vezes, e isso tornou-se um hábito a que não conseguiam escapar. Conheciam muita gente, tanto no Funchal como no Machico, que fora muito próxima de Boal, até na sua meninice em Porto Santo. Achavam-na um pouco tocada, mas os porto-santenses sempre são assim qualificados.

– Ela não se tornou parecida com a Imperatriz; ela era muito naquele género – disse D. Matilde, que ainda era viva, e sabia a melhor receita do bolo de mel da ilha. Não escondia a sua antipatia por Rosalina. Contava intempestivamente as coisas do passado, sem esperar que as achessem oportunas ou não. Esse fio torrencial da memória corria, mal um interlocutor se apresentasse, e não se preocupava em saber se ele a ouvia. Falaria igualmente para um manequim de cera. Mas, às vezes, até as netas, e as bisnetas, ficavam presas daquele caudal de recordações, arquivo dum tempo que, sem a missiva oral dos velhos, seria impossível de fixar.

Embora as chapas fotográficas do senhor Vicente ajudassem muito. Lopo e Francisco recorriam a ele para descobrirem a mãe, amortalhada nas gavetas profundas como em jazigos cemiteriais. Lá estava Boal com um xaile de Caxemira e a cabeça descoberta, e os belos cabelos entrançados com fitas, como no dia em que viu Elisabeth desembarcar. Ao largo estava o iate real inglês, com a equipagem calçada com sapatos silenciosos. Havia uma pequena multidão no molhe, olhando com cortesia aquela mulher magra e desconfiada. O conde de Carvalhal deu-lhe as boas-vindas e indicou o lugar da Quinta Vigia que ele próprio mandara preparar. As suas luvas claras tranquilizaram Elisabeth; eram do melhor corte parisiense e não apresentavam uma única mancha. Devia mudá-las de seis em seis horas, como os lenços de bolso. À noite, constava na casa de Santa-Cruz, onde a baronesa de Madalena do Mar recebia, que Sissi comprara oito póneis e mandara vir de Inglaterra um grande cão *airedale*. Não se falava noutra coisa, e as cozinheiras vinham ouvir para a porta da sala, as mãos cruzadas em cima da barriga, deixando no forno o peru e as empadas à sua sorte. Bebeu-se um *vintage*, Waterloo de 1815, que Rosalina fez servir em copos um pouco grandes. Ao ser advertida, delicadamente, pelo marido, pela primeira vez em seis anos de matrimónio teve um modo desabrido e frio. Gaspar de Barros conheceu o que são maus pressentimentos; eles paralisam o coração, para o fazer obediente ao sofrimento.

É extraordinário como um acontecimento que produziu mudanças nas pessoas e afectou tanta gente nas suas ambições e na sua história local ficasse reduzido a uma efeméride quase nula. A Imperatriz da Áustria, Isabel da Baviera, chegou à Madeira em Novembro de 1860, precedida duma reserva de diagnóstico que a podia simplesmente inscrever na lista dos condenados. Uma laringite tuberculosa fora suspeitada. No entanto, o conde de Carvalhal ficou surpreso com o rosto fresco e alegre da Imperatriz. Homem de corte, evitou falar disso. O rei D. Pedro soube apenas que a Imperatriz estava anémica e tinha provavelmente uma repugnância quan-

to ao casamento e sofria da sua inadaptação conjugal. Melhor o olho intriguista, do que a lente do doutor.

Fosse como fosse, durante o curto período em que Elisabeth esteve no Funchal, houve um contínuo movimento de correios imperiais e de correios domésticos. Sabia-se tudo sobre Sissi: o que comia, o que vestia, a maneira como recebia as visitas, às vezes demasiado à-vontade e deixando que estranhassem a sua apresentação pouco soberana. Mais tarde fez toda uma carreira de *star*, num tempo em que as vedetas eram ainda desconhecidas e se confundiam com artistas de circo. De resto, chamavam-lhe rainha do *manège*, ou seja, treino a cavalo. Mereceu o nome, mas a alcunha ficava-lhe mal.

Rosalina passou a frequentar os lugares donde podia vê-la passar, com o xaile de seda e o seu cão *Shadow*. Achava-a quase insignificante, mas capaz de crescer até se fazer uma estrela verdadeira. Essa capacidade de ferir a imaginação como Cupido fere o coração com uma seta, ela tinha-a. Rosalina nunca mais foi a mesma. Suportou o seu deslumbramento até ao dia em que, derrotada por uma realidade que não se compadecia da ilusão em que ela se abismava, desapareceu. Ainda hoje, na Corte do Norte, se recorda a casa do Pico como um sítio que resiste à demolição. O torreão está intacto. De lá dizem que se vê Porto Santo em dias sem neblina. É possível que, por qualquer capricho ou sentido indecifrável, Boal quisesse atingir a terra da sua origem num pequeno barco, e que fosse enrolada no trajecto mais perigoso, onde o mar faz escada e um quebrar como de pedra ondulada. João Sanha, quando casou com a actriz Emília, fez construir uma «casa de prazer», que confinava com os muros da propriedade do Pico. Era lá que eles recebiam, Emília vestida como uma rainha, e com pó de oiro nos cabelos.

Enquanto Sissi esteve no Funchal, Boal não despegou ou da janela, ou de lugar onde podia ouvir falar da Imperatriz. E falava-se muito. Um frenesi ditoso e apaixonado, próprio do pequeno círculo em que os desejos sempre voltam ao mesmo lugar, depois de

tocar todas as suas oportunidades, sem sucesso, apoderou-se da cidade. Por ocasião do seu aniversário, que era na noite de Natal, a Imperatriz deu para os pobres do asilo quinhentos mil réis. Contribuiu com trinta libras para um concerto de cantoria, piano, harpa e machetinho, dado pelas senhoras da sociedade no Palácio de São Lourenço, em benefício dos asilos de mendicidade e órfãos desvalidos. Concedeu grã-cruzes ao governador civil e ao bispo. Fez comendadores e cavaleiros. Em troca, foi chamada «anjo de bondade» e remetida à protecção do Céu. Com esta aura, estava feliz, longe da horrível corte de Viena, tão fria, tão pesada de etiqueta, e em que a arquiduquesa Sofia parecia uma governanta, demasiado informada dos segredos da casa.

Os segredos da casa eram incomparavelmente insignificantes ao lado dos que giravam dos meios da política e até da arte. Viena estava prestes a sair duma crise latente, para dar à Europa um motivo para a crise do seu século. Na realidade, Sissi seria a musa da política de imaginação, e levou a sério esse cartaz que a situava para além do liberalismo austríaco. Só que restava à geração seguinte uma tarefa sobre-humana: a de encontrar uma linguagem capaz de transformar as forças destrutivas, que a imaginação despertava, numa expressão criadora. Nem os filósofos, nem os mecenas tiveram acesso a esse segredo. A própria Sissi, símbolo do rompimento com a cultura liberal da época, que outra coisa não era senão uma incapacidade de fazer História, foi vítima dos movimentos surdos que o instinto desencadeia e que precisam dum alvo para eles próprios serem parte na sintonia dos acontecimentos. Criador e ser criado travavam a sua batalha, que não era nova. E desta vez o anjo muito poderoso, Lúcifer, tinha por ele a autoridade da arte, em vez da prática do direito e a tentação da ciência.

A ideia de que João Sanha sabia muito acerca de Rosalina não saía do pensamento de Francisco. João casara-se com uma actriz, Emília de Sousa, e progressivamente deixou a Corte do Norte. Ainda que aparecesse às vezes no Verão, com uma comitiva verdadeiramente real, em que dominava a bela Emília, sempre ves-

tida como para se deixar fotografar, munida de jóias e paramentos impressionantes, a verdade é que João Sanha se tornara num continental. Jogava de maneira profissional, fazendo uma vida de boémia em que o sentido aristocrático da sua raça em extinção encontrava uma espécie de aliança mórbida; como se, na dissolução do nome e da casta, houvesse um despeito que só o abismo da sua imagem pudesse receber dignamente; era como se o vício fosse o túmulo onde encerrava os últimos emblemas, como é a morte e o sarcófago em que se fecham as insígnias dos faraós. Lopo raramente pudera ver a bela Emília, preparada como um andor, quando não usava batas descosidas e com nódoas de ovo, o que a fazia parecer uma patroa de pensão suspeita, tanto mais que tinha nos olhos um brilho calculador. Dizia-se que a actriz Emília era avarenta, e até se contavam dela histórias saborosas a esse respeito. O próprio Gaspar de Barros assistiu a uma representação no Teatro Baquet em que lhe foi feita uma assuada com uma chuva de patacos. Gaspar achou na bela Emília algo de familiar; quando disse isso a João Sanha, ele admitiu que ela se parecia com Elisabeth de Áustria. O mesmo olhar míope e que a fazia parecer absor-ta em pensamentos distintos; e a mesma boca pregada, como a duma criança que tem razões para um indomável ressentimento. Mas não era isso que despertava uma recordação amarga em Gaspar; era que ela, Emília de Sousa, se parecia realmente com Boal, quando ela se deixava fotografar em traje de Inverno, no seu imenso vestido de veludo com pele de arminho castanho, o que, atendendo ao clima benigno, era uma extravagância. E por isso mesmo Lopo a fixara, apesar da pouca idade, interessado no grande fecho de prata do cinto, esperançado, com essa esperança muda e total das crianças, em obtê-lo para o seu reino.

João Sanha raramente recebia gente da sociedade do Funchal, contentando-se com os seus hóspedes e que eram gente de teatro, ou literatos que a bela Emília de algum modo sustentava através da sua bilheteira ou da sua fortuna. Fortuna que parecia cair-lhe do céu com prontidão extraordinária e que ninguém podia atri-

buir à sua carreira no palco. Quanto a ter semelhanças com Boal, elas eram poucas, excepto na estatura e na abundância de cabelos dourados com pó. Ambas tinham uma beleza que não era perfeição de traços, mas algo de deslumbrante e faccioso vindo do interior da alma; algo como um deslize na obra de criação e que significava o elo com a origem divina, impossível de exprimir e de reter sequer. Quando a bela Emília entrava no palco para desempenhar o papel de Judite, a sua radiosa pele tomava uma cor estranha, como aparentada com as escuras feiticeiras da Tessália, em cujos olhos ardia um vaticínio que não era mais do que a ebulição do desejo. Desejo de homem e de poderoso duelo com ele, em que a carne tomava a expressão duma augusta matéria combustível como a madeira resinosa e onde arderiam todas as paixões. E, ao mesmo tempo, um aspecto novo e inelutável da ascese que comanda e inverte a embriaguez em êxtase. A bacante e a sacerdotisa combinavam-se naquele corpo fino e sempre velado castamente por metros de sedas e de panos em pregas bem redigidas como um texto da melhor prosa, como um hieróglifo num papiro. Ver a bela Emília na Judite era inesquecível. Era mesmo quase desgostante, pelo que havia ali de irreparável – no amor e no seu desfecho trágico. Apetecia subir ao palco e repor nos ombros a cabeça de Holofernes e deixar acabar em bem tão espantoso abraço; do qual ela se recolhia como uma lesma no seu sulco de terra, devagar, levando com ela não se sabe que experiência de plenitude horrível.

Quando voltava de representar Judite, a bela Emília estava esgotada e deitava-se para dormir doze horas. João Sanha mandava que os criados se descalçassem para não perturbarem o sono dela. Ocorria a Gaspar que Elisabeth, quando chegara à Madeira, trazia essa lenda de ter no seu iate uma tripulação descalça para não a incomodarem no seu sono inquieto. E até Helena Taxis usava calçado de fustão, no mesmo sentido de se mover silenciosamente na Quinta Vigia.

De qualquer modo, Francisco mantinha a ideia de que João Sanha sabia muita coisa que não contava a ninguém. Sobreviveu à

bela Emília e, sendo muito velho, um dia, na Corte do Norte, falou de Boal e disse:

– Era uma rainha e eu servia-a, não por amor, mas porque ela assim o desejava. Deus te livre do desejo duma mulher. Coisa que não tem sentido – rematava, sombrio –, com o que não nos conformamos.

CAPÍTULO IV

Depois do motim de 1906, em que esteve em causa o Lazareto e as condições em que se encontravam os doentes, Lopo saiu do Funchal, fazendo-se mais tarde acompanhar pelos filhos e a mulher. Foi-se desinteressando da investigação e entregou-se a uma vida mundana na metrópole. Assistia aos espectáculos e dizia-se que travara relações com a actriz Emília e que lhe dava conselhos quanto a assuntos financeiros. João Sanha ainda tinha por hábito ler-lhe as peças em voz alta e ela decorava-as. Constava que a linda Emília nunca aprendera a ler e que dizia enormidades gramaticais no palco. Parecia mesmo tão peca como alguém que não tivesse familiaridade com a língua.

Quanto a Francisco, afastou-se do irmão por razões obscuras e foi decaindo socialmente, em parte devido à sua inclinação pelas mulheres de baixa extracção. As mulheres eram-lhe necessárias, sobretudo aquelas em que ele pudesse exercer uma influência tirânica, ainda que afectuosa. «A mulher não é nada e torna-se em tudo se o desejo do homem a guiar» – dizia. Ele era voltado para uma estilização da existência e gostava de vida fácil e sem prisões. Não se propunha ter uma situação estável, mas só empregos bem remunerados, ao capricho da sua mania viajadora. Por outro lado, mal instalado num cargo, tornava-se no líder dos seus subordinados e inculcava-lhes ideias subversivas. Em geral era rapidamente despedido, depois de provado o seu carácter insidioso. Mas não era propriamente um revolucionário; era um descontente dos seus impulsos e que se sentia fortemente arrastado pelo instinto de morte.

Ligou-se com uma mulher de modesto nascimento, chamada Olímpia, e que se parecia a um modelo de Klimt. Em Klimt há a

excitação da liberdade, esta activada pelo corpo da mulher; a capacidade de prazer é medida pela linha libertina das suas figuras. Olímpia era, para a imaginação de Francisco, esse nada durável e sempre passivo em que ele construía a própria mulher sua companheira. Ela tornou-se o seu vício e a sua glória. Mantinha-a numa pobreza de condição que mais favorecia o desejo, pois na desigualdade a alma se abusa. E gastava com ela somas enormes, vestindo-a como uma rainha, ensinando-lhe a arte de comer bem, de escolher, de preferir, mas não o sentido da economia. A economia matava o prazer, era uma forma de castração.

Olímpia, com a sua bonita figura, pés de criança e olhos admiráveis, dum castanho quase preto, fazia impressão a muitos homens e era constante motivo de cobiça. Francisco apreciava esse enlace entre muitos desejos que se cruzavam com a sua noção de ser um espectador esteta. Havia entre ele e Olímpia a distância que permitia registar o que havia nela de velado; enquanto que a intenção de agir tão a descoberto, nos outros, provocava em Olímpia uma rejeição jactanciosa. Sabia que ela não cedia a ser cortejada porque estava prisioneira da promessa de ser entendida.

Porém, tudo isto se modificou quase repentinamente. Olímpia, sem que houvesse explicação para isso, tornou-se como que embalada por um sonho; a felicidade e o infortúnio pareciam ser-lhe indiferentes. Tinha um filho pequeno, duma primeira ligação, e trouxe-o para casa, sem mesmo consultar Francisco. Ele pediu o divórcio à mulher legítima, e perfilhou a criança. Olímpia não se comoveu, disse apenas:

– Não sei se me vou habituar. Uma criança faz muito barulho e enreda muito.

Foi Francisco que projectou sobre ele próprio uma maternidade que Olímpia achava de mau gosto. Andava muito na rua, voltava tarde, batia no filho pelas mais insignificantes travessuras. Achava-o estúpido e mal educado; só lhe comprava roupas mais elegantes, na ideia de que algumas vezes era preciso sair com ele.

– Parece mal ao pé de mim, se vai mal arranjado.

O rapaz desenvolveu um carácter malicioso, era precoce em curiosidades do sexo, mas púdico ao mesmo tempo. Não amava a mãe, mas não suportava voltar para a companhia dos avós, velhos acanhados e que viviam tristemente, injuriando-se e queixando-se constantemente. Francisco julgou que dava um gosto a Olímpia e ofereceu casar-se com ela.

– Casamento é para os novos – disse ela. Empoava o nariz, e um sinal negro, no rosto, ficou aveludado como um insecto coberto de pólen.

Mas estava muito bonita com o vestido azul, um pouco de colegial, o que ia bem com a sua candura quase libidinosa. Um pequeno véu rematava a sedução dos olhos escuros. Francisco deu em amá-la, ele que julgara sempre tê-la nas mãos, submissa, contente com algumas jóias falsas e uma vida preguiçosa e com luxos de bares e de casinos. Olímpia tinha um fraco pelas salas de dança; a dança era para ela uma forma de embriaguez, de estupefacção pelo que no seu próprio coração dormitava. «Não gosto dos dançarinos, gosto de dançar» – dizia. A dança punha-a num estado parecido ao das pitonisas, fazendo-a balbuciar palavras incoerentes. Os rapazes, que a arrastavam na fantasia dos passos coreográficos, percebiam nela uma nudez que ia além do corpo leve e cego. Não era inteligente, a sua ignorância não tinha limites; escrevia mal o nome dela e não abria um livro senão para verificar se ele tinha estampas. Além disso, pertencia à categoria das más amantes e das más criadas: falsa, infiel, duma luxúria vulgar e repetitiva. Todavia, Olímpia conseguiu, não se sabe por que sopro do espírito que onde quer agita as mais banais paisagens, enlouquecer Francisco. Nem sequer se apercebeu desse amor soberbo e condenado. Disse-lhe, um dia:

– Não gosto da cama. Acho que devias arranjar uma amante.

– Mas tu és uma amante. Tu, e ninguém mais.

Olímpia olhou para ele, meio desconcertada, quase ofendida. Todo o passado de favores da carne ela varria-o com uma singular frieza, com uma simplicidade a roçar pelo boçal. E isto era para

Francisco uma sedução mais. Não tinha meios para obter dela um suspiro de surpresa, um sorriso de cumplicidade, uma vez quebrada a aliança da submissão e do poder. Não tinham feito as pazes dessas duas artes que eram a exploração das misérias dela e a tentativa de subornar a força do afecto e a disponibilidade sexual dele. Francisco de Barros era o homem mais desgraçado do seu tempo. Havia outros: que eram enganados, que sofriam reveses políticos e eram perseguidos, que contraíam dívidas e doenças. A quem os filhos pequenos morriam num desastre degradante, porque tinha sido possível evitá-lo. O olhar da criada que se desviara, a travessura que não se previra, um momento de confiança para com o Anjo que guarda decerto muitas crianças ao mesmo tempo e algumas se perdem da sua mão. Mas a desgraça de Francisco era abissal, era única. Ele amava – o quê? Uma árvore, um belo til como os que havia nas ravinas de Ponta Delgada, um til de madeira branca? Se ele amasse uma árvore como essa espécie frondosa e persistente que, ao longo dos incêndios, dos derrubes, das atrocidades florestais da ilha, lograra escapar da extinção, seria correspondido. Quando passasse pelos caminhos da montanha, o til havia de inclinar-se e, com os ramos celestes, beijar-lhe o rosto; e, no cerne da tronco, ouviria um coração bater, o coração do til, feito de segredos botânicos aquáticos, rumorosos.

Porém, Francisco amava uma mulher – Olímpia. O que era uma mulher? Um útero, um ventre, as diversas funções digestivas que concorrem para que os humores se resolvam em sangue e lágrimas? Olímpia chorava, e ele tinha a impressão de que a água saía do saco lacrimal como um líquido retido muito tempo e que devia ser vertido, como a urina, para deixar na sua ordem os saís e as gorduras, para que o ritmo da fecundação não sofresse no seu constante convite. Querer chamar sentimentos a essas lágrimas, era perder a sua jogada mais forte, a do cepticismo. Só a isso a mulher se inclinava; ela temia a desunião entre a sua espécie insubordinada e a ira dele, que era mestre do desejo. A verdade é que, de desprezo em desprezo, Francisco acabaria por morrer, praticamente, às suas mãos.

Começou a suportar que Olímpia fosse vadia, vê-la com outros homens, é certo que em conversa que parecia inofensiva. Mas encontros de homens e mulheres nunca são inofensivos. Havia dolo e astúcia; havia deliberação e plano até num amigável gesto de despedida. Francisco fez-lhe perguntas.

– Eu? Estás doido. Não posso falar com os meus amigos? São homens casados e decentes. As mulheres deles, eu conheço-as, são umas jóias de raparigas. – E perdia-se em explicações a que não retirava o fervor da mentira. Por fim, Francisco não queria saber. Seria seu proxeneta se ela o levasse a isso; só que a duração duma vida aburguesada, com conflitos de honra e de maneiras, com um público que lhe prestava atenção e lhe moderava os desejos, a impedia de ser rameira de profissão. Era-o de génio; conhecia mil maneiras de chamar um homem, de lhe cultivar a esperança, de lhe perverter o espaço de comédia em que ele desempenhava infinitos papéis, todos algo inumanos mas seguros. Olímpia disse:

– Se eu quisesse casava-me com um desses ricos que andam pr’aí. Podíamos viver bem os três e o pequeno. No fim de contas, não tens estofo de marido nem de pai.

Francisco recebeu de Lopo uma carta, uma das poucas cartas que ele lhe escrevia. Julgava-o bem orientado, fazendo planos para o prolongamento do porto de Leixões e vivendo numa casinha suburbana, em Leça. Isto da morada era verdade. Francisco arranjara uma pequena vivenda, com mansarda e escada de seis degraus até ao átrio mesquinho com paravento. Tinha escritório nas traseiras, recebia gente do seu ofício e pouco mais; às vezes, também, um operário que sofrera um acidente e lhe pedia para intervir junto dos patrões. Olímpia achava tudo aquilo duma pobreza que não era pecuniária, porque Francisco sempre lhe dava a impressão de estar em boas condições de dinheiro. Mas a casa cheirava a peixe, a pó-de-arroz encardido nos vestidos. Deu em fazer-se muito familiar com as criadas, inventou que a casa tinha almas penadas, e ia de noite desarrumar a loiça para provar as suas histórias. Era fama de que havia espíritos em casa do engenheiro, boa pessoa, mas esco-

lhido para experiências de encostados. Olímpia chegou a falar como «corpo aberto», mas aquilo não durou muito. Humilhava-a ter a admiração das fabricantas e das viúvas de naufragados.

– Quero mas é ir-me embora. Esta terra é uma poça.

Tinha a linguagem reles, sem ser baixa e injuriosa. Guardava um apetite voraz pelas frases que lhe permitissem parecer doutro meio. E Francisco, esse sim, um fidalgo, aparentado com Lome-linos e Carvalhais, era-lhe totalmente desconhecido. Olímpia, pouco inteligente, tinha porém uma arte especial para perceber coisas de paixões. Verificou que Francisco chegara a casa uma noite muito alterado e que ficara na sala sem se despir, meio embrutecido. Fora ao teatro, a peça era má, a actriz medíocre. Olímpia desconfiou que ele estava meio caído por alguma cómica, e foi, por sua vez, ver o drama. Não apurou grande coisa, excepto que havia uma rameira em cena e tinha hemoptises. «Uma porcaria» – disse Olímpia. *A Dama das Camélias* era um diagnóstico, não era uma história de amor.

Encontrou Lopo, que a convidou para terminar a noite num clube da Rua Formosa (depois disse um salão particular da Rua de Cedofeita). Ela achou aquilo dum luxo asiático, esteve até tarde a ver jogar e a dançar de maneira sonâmbula e graciosa. Os homens notaram-na, e às cinco da manhã Lopo foi levá-la a casa.

– As meninas bem comportadas têm que deitar-se cedo.

– As meninas mal comportadas têm que deitar-se a qualquer hora. Que carago! – disse Olímpia. Lopo achava-a divertida, e levou-a ainda a ver o animatógrafo, um enredo histórico insuportável.

Olímpia achou tudo aquilo chato e comprido «como a légua da Póvoa».

– Vou-me embora, se não disparato – disse. Chamava ela *disparatar* descalçar os sapatos e adormecer. Quando chegou a casa, Francisco esperava-a e bateu-lhe. Isto teve nela um efeito inesperado; chorou muito e tornou-se apreensiva quanto à sua reputação. Abraçava-se ao filho e lembrava peripécias antigas, do seu tempo de rapariga. «Que tola eu era!» – dizia. «Que ilusões!» Preocupava-se com a casa e a economia, contava todos os tostões, e evitava

fazer despesas sumptuárias. Francisco achava-a fria e quase virtuosa; teria preferido não acabar naquela corrupção de bons costumes, e pensava com certa saudade na sua amiga vulgar e dissipadora, que perdera.

Em Novembro de 1893, Francisco teve uma gripe, a vista dele baixou muito e entrou num período febril. Teve a ideia repentina de voltar à Madeira para se curar, para rever o velho perímetro do til e perceber o cheiro da árvore cortada, o cheiro amargo e fétido do til abatido. Olímpia não se impressionou.

– Eu fico – disse. – Não me apego à tua gente que não me quer. Para eles, a tua mulher está lá, com os teus filhos.

– Não venhas. Não te metas em casa, sim, e veste-te bem. – Ele estava perdido, sabia-o.

Não viajou afinal para mares próximos; foi primeiro ao Recife, onde o receberam primos e primas de boa índole e fortuna, depois ao Amazonas, onde julgava encontrar melhoras. Esse foi o seu roteiro, ambicioso demais para quem tinha a saúde gasta e a morte na alma. Não chegou a desembarcar e morreu a bordo, a suficiente distância da costa para que o corpo fosse lançado ao mar. Um criado roubou-lhe o relógio de ouro, estando ele em agonia. Francisco, nos últimos clarões de vida, pensou no salto das toninhas ao largo de Ponta Delgada, nas tardes de Setembro. Brincavam no fio das ondas com uma alegria que ele achava feminina.

Olímpia vestiu-se de luto pesado, as janelas para a rua não se abriram durante meio ano. No fim desse tempo, apareceu trajada para visitas, com algum luxo, mas já caída numa vulgaridade de má nota, sem o vínculo matrimonial que lhe dera nome e lhe consentia reputação. Lopo veio tratar com ela o inventário de menores, posto que Francisco tinha perfilhado, em segredo, «o pequeno», como dizia Olímpia. Lopo levou a impressão de que ela não era má pessoa. Insinuara-se como seu protector, ainda que de maneira desistente e fluida; pois no amor, como nos negócios, ele entendia que conceder metade duma proposta aligeira a responsabilidade e deixa à reflexão o que o impulso não descreve: o sentimento da

reincidência. Nesse «não é má pessoa» escondia-se um projecto que, ele sabia, nunca mais devia amadurecer.

Achou Lisboa um pouco voltada para a monumentalidade vienesa, que era afinal a estrutura pombalina. E as artes tornavam-se criadoras, a concepção ornamental dava os primeiros passos, e a Arte Nova ia ser anunciada com os métodos de iluminação e a preferência dada ao vidro. A ideia de que o contacto com os objectos belos nos embeleza trazia um verdadeiro turbilhão de auxiliares da arte; ao qual, tardiamente, as mulheres iriam pertencer com o seu entusiasmo artesanal aproveitado no sentido duma arte autêntica. A mão-de-obra dispendiosa aplicada a materiais onerosos ia impedir que a massa das pessoas ficasse fora da influência civilizadora do belo. As ideias sobre o artesanato conheceram um novo impulso, movidas pelas reservas da concorrência barata, que se dizia inimiga do próprio trabalhador. A facilidade de fabrico diminui a responsabilidade, enquanto que a abundância de objectos conduz a sociedade à superficialidade. Tal era o princípio da nova cultura, depressa desenvolvido no fabrico das rendas da Madeira. Elisabeth Phelps tinha introduzido a indústria dos bordados ou, pelo menos, tinha-os divulgado na Inglaterra e facilitado o seu mercado. Originalmente eram obra de sírios. Miss Phelps criou uma escola com desenhos originais seus, especialmente destinados a enxovais. O trabalho à peça popularizou-se, e rara era a mulher madeirense que não tivesse num canto da cozinha um pedaço de linho encardido onde ia bordando os motivos ingênuos de Miss Bella, que, com a touca atada com um grande laço debaixo do queixo e a mantilha de tafetá, foi retratada pelo fotógrafo Vicente, e diga-se que ela e o irmão têm ares de pioneiros endomingados, gozando a aura da sua prosperidade honrosa. Porque Miss Bella, com a sua indústria, desenhando ingênuas folhas de carvalho e de alegre-campos nos riscos para bordados, acudiu em parte à crise de trabalho causada pela praga do oídio. Os alegre-campos de Miss Bella, que se divulgaram em todo o bordado a branco, correram mundo, com essa persistência singular que têm as simples inspirações.

Arrumadas as contas com Olímpia, que recebeu a herança do filho e a dissipou em pouco tempo, Lopo voltou à ilha. A saúde dele sofreu uma grande quebra e, nos últimos tempos da sua vida, apenado de reumatismos, passou na Corte do Norte. Deixou aos filhos a gerência da sociedade exportadora de açúcar, nessa altura já em declínio. As queixas constantes que lhe eram dirigidas, tanto por trabalhadores como pela administração das fábricas de álcool e as refinarias, levaram Lopo de Barros a uma medida que foi chamada louca: mandou arrancar as suas plantações de cana-bourbon e substituiu-as por vinha. Começou então a comovedora mudança de Ponta Delgada, com o fim dos engenhos e a lenta ascensão dos vinhedos pela montanha. Subia-se quase de joelhos para implorar à terra a produção, a casta, a riqueza ou, pelo menos, a sobrevivência. O conde de Carvalhal da Lombada da Ponta do Sol, empobrecido no jogo, velho aos cinquenta anos, já não punha os olhos nos lugares tranquilos que lhe garantiam a segunda fortuna do reino. Saúde, que era de ferro, argumentos, que eram de oiro, faltavam-lhe. Vínculos e morgadios da mais nobre epopeia portuguesa, que reuniam os nomes e fortunas dos Zarco, dos Sanha e dos Esmeraldos, limitavam-se a uma morada no cemitério das Angústias, sobre o fulgor azul da baía do Funchal. Estava já muito doente e Gaspar de Barros visitara-o.

– Primo, arribe, que o Café Inglês tem a sua mesa reservada. Enquanto não o disser, ninguém se senta lá – disse-lhe. Ele próprio estava adoentado, bebia cozimentos de casca de buxo. O conde, com uma luz de despedida no rosto redondo e bom, fez depressa o inventário dos seus prazeres, dessa vida de que Gautier podia ter tirado exemplo para *Fortunio*.

– De tudo o que me lembra, só tenho saudades duma coisa: do fumo por cima da mesa verde e do silêncio das grandes paradas.

Lopo lembrava-se daquele homem a quem Gaspar de Barros chamava «um corsário de salão»; mexia-lhe o coração vê-lo tão decadente. Um resto de café numa chávena, seco de longa espera, acrescentava a impressão de desleixo da sala inteira onde o conde ia

morrendo. Começado o Inverno, foi para o Funchal, onde a mulher, com o seu português estropiado, lhe pedia explicações das ilusões, da fortuna e da solidão. Era uma Montufar Infante, o que decerto significava alguma coisa para os Carvalhal de Palheiro-Ferreiro, combatentes do pirata Pé-de-Pau ou do seu lugar-tenente Jacques Soria.

Não sei como andam os escritores da minha terra que, tratando-se da Madeira, emperram e não escrevem. Mas não há motivos mais alicientes que os duma ilha; que já no recorte dela nos pede aventuras e imaginações, e, no que contém como realidade, é já romance acabado. Gente nobre a vil, raças variadas, lugares tremendos, costumes felizes, lances tristes, flora abundante. Em aproximar-se a gente, vinda por mar, dizem que o perfume das flores inunda os ares. Respira-se uma candura que às vezes é fera nostalgia; resume-se a memória a uma saudade materna, pois as ilhas são ventre das vidas errantes. Que palavras tão ternas, próprias para reparar pecados de ausência doutras que não se escreveram até agora!

Ponta Delgada, por ser terra chã, como um salão entre paredes altas e brilhantes de valor fecundo, foi morgadio importante, com engenhos de açúcar e casas altas. Lopo de Barros não se lhe afeiçoou nem lá ia. O filho dele, chamado Tristão das Damas, por alcunha (que lhe assentava bem, pois era o mais galante rapaz do mundo, não porque cortejasse as mulheres, mas porque elas o amavam de maneira imprevisível, armando-lhe ciladas e oferecendo-lhe prazeres em troca de doces insinuações), não deixou de seguir o que parecia ser a sina da família: o cair em agrado por coisas antigas e memórias assombradas. Com Águeda, irmã predilecta, ia a Ponta Delgada pelos primeiros dias de Verão. Abria-se a casa, que nunca tivera arranjo, a não ser depois de servir de abrigo às tropas reunidas à voz de comando do fidalgo do Carvalhal. Ele era um cabralista esturrado, e levou tempo a afazer-se ao regime de D. Miguel. Tristão tinha na Corte do Norte uma guarda de mancebos que o admiravam; pela força hercúlea, pelo génio

brando e a elegância um pouco sombria, que era o que seduzia as mulheres. Teve alguns amores com brancas, e pardas, sempre vigiado e repreendido por Águeda, que não o largava.

Tristão das Damas, ou Tristão das Forças, tinha com ele um grave desastre: amava o jogo. Como o falecido conde, só podia encontrar gosto e paciência diante dos parceiros das cartas, os seus «cinquenta e dois ladrões», como ele dizia. Os dias passados na Corte do Norte eram, no princípio, de festa e de inocente folga. Quando chegava a romaria do Bom Jesus, bebiam como se executassem um ritual e iam despedaçar as reses abatidas à choupa. O sangue corria nas calçadas de pedrisco rolado do mar, e fumejavam as entranhas rasgadas. O olhar vítreo e ainda cálido dos bois expedia, no ar quente, a última reverência da hecatombe. Cheirava a pão com manteiga de alho; chegavam os romeiros, excitados pela aparição das primeiras lojas colmadas de louro. Reconheciam-se os primos, retomavam-se as conversas de um ano atrás; as crianças, oferecidas à procissão como a um sacrifício, marchavam com um passinho bambo, às vezes deformadas dos pés, às vezes sorrindo com os dentes roídos de comer cana. Tinham olhos com enorme mancha azul, quase sem branco na pupila, o que as fazia parecer bonecas pintadas.

Águeda aparecia de tarde na igreja, a antiga igreja feita pelos primeiros Sanhas e que o mar atingia no Inverno com os seus golpes, como os duma imensa barbatana. Mas o Bom Jesus não mudava para lugar mais seguro. Ali fora posto, como um guarda à terra delgada, oiro da ilha que tão poucas salas tinha e o mais eram serras e penhascos. Águeda era, como a avó, fina de talhe, branca como a flor da magnólia e, como ela, com expressão recatada e sombria. Havia ainda quem a comparasse a Rosalina; por exemplo, Veridiana e Micaela, que viviam no meio dos seus trastes, os gatos, o Santo António salvado dum incêndio da capela dos Sanha. Foi Águeda quem descobriu que a imagem tinha segredo; era um pequeno nicho na base que continha um papel moído, com algumas letras indecifráveis. Talvez um bilhete de amor, a revelação

dum mistério que o tempo tinha tornado inócuo. Isto fez com que uma vez mais se discutisse a morte de Rosalina. Veridiana, entre risos duma afabilidade sumptuosa mas não de todo sincera, exprimiu a opinião de que Boal estava enterrada na capela dos Sanha.

– Como enterrada? – disse Águeda, estupefacta. Foi dizer ao irmão que as velhas Veridiana e Micaela inventavam enormes coisas que difamavam a família.

– Que coisas são? – fez o irmão.

– Que Boal não desapareceu no mar e que alguém a matou com um pau de barbazano e a meteu numa cova, no chão da capela.

– Que capela?

– A do Sanha. Teve ele ligação com Boal, ou tudo são paródias sem cabimento? Esta gente mente duma maneira libertina. Por fantasia e método; por prazer destravado, que não tem jeito nem cabimento.

– Mentir, humano é.

Águeda não ficou satisfeita com o irmão, que não lhe dava ouvidos, longe como estava da lenda dessa avó maníaca e, provavelmente, adúltera. O seu feitio perdulário, o dele, não se combinava com os pequenos idílios da intriga, que tecem entre as pessoas laços que são mais fortes do que os do amor. As paixões, numa ilha, são de recluir, porque destroem o equilíbrio e a proporção duma sociedade em que cada membro depende de outro e é parte do vínculo que os une. Então a mentira instala-se, como uma maneira de oferecer à paixão oportunidade, sem lhe permitir acesso ao benefício que não seja divulgar a pessoa e não o sentimento. Havia grandes composições duma notícia que chegava às alturas dum mandato ao crédito, quando nem sequer havia factos menores a comprová-la. A mentira tornava-se efeito de miragem, como o jardim das delícias que aparecia na bruma. Ainda que conhecendo a fundação dessas expedições à fantasia, havia um respeito público que as resguardava do ridículo. Não se dizia: «Fulano mente», mas tomavam aquilo com fleuma e até cumplicidade.

Excepto algumas cartas, Águeda não descobriu nada de novo quanto a Rosalina. Mas as cartas eram bastante interessantes, por-

que faziam parte duma correspondência com uma senhora Cossart, datadas quase todas de 1860, quando da chegada da Imperatriz. Ela contava as subidas de Elisabeth à serra e os perigos a que ela se expunha. O cônsul inglês chegara a mandar informações nesse sentido, e a Imperatriz ficara descontente.

– Que quer? Na Suíça não me lembraria de escalar montanhas. Lá é tão vulgar que chega a ser de mau gosto – disse ela. E queixou-se mais uma vez dos maus cavalos e de como se aborrecia. «No entanto, parece radiante, e os homens não sabem mais que fazer para lhe agradar. Ela não pretende ser conquistada, tem horror disso. Não há nada que se pareça mais ao amor, do que a gratidão dos homens.»

A senhora Cossart referia também o caso dos luíses de ouro que o cônsul inglês metera debaixo da primeira pedra da igreja anglicana. Recebera-os das mãos do próprio imperador quando tocou no Funchal a caminho do exílio em Santa Helena. Napoleão estava irascível e abatido, o vento leste soprava sobre a cidade como uma labareda. Henry Veitch tratou Bonaparte por *sire*, o que pareceu serená-lo. É possível que, nesse momento, o vento amainhasse também, porque a natureza sente e adivinha as mais profundas paixões dos homens e com elas pactua. Boal contava como as begónias floriam nos vasos de maneira esplêndida, quando ela estava na Corte do Norte. Mas não dizia que efeito provocava nelas nem a sua experiência nesse sentido.

Águeda ficou com a ideia de que Boal era uma mulher perigosa. Também ela chamava o siroco africano e, no dia em que desapareceu, o vento destruiu parte das colheitas. Fora decerto o vento que a derrubara dos penhascos, desencadeando-se quando ela já estava a grande altura. Incapaz de segurar-se e de atingir uma cavidade que a protegesse, fora varrida como uma folha. Justamente ela desaparecera em 25 de Agosto, o que coincidia com o dia em que Napoleão se fizera de vela na nau *Northumberland*, deixando o povo confiado na melhoria do tempo.

O que era estranho é que, uma vez na Corte do Norte, se era obrigado a pensar em Boal, que morrera há tantos anos e que

deixara escassas recordações. A sua geração partira, levando com ela os poucos dados que podiam constituir um tratamento para um retrato de Boal. Não escrevera nada, excepto cartas que se perderam, como, por exemplo, as que trocara com Miss Cossart, nesse tempo casada como ela e já afastada das condições que a mocidade em comum cria às confissões mais singulares. Elas tinham vivido perto uma da outra e contemplado juntas a cena de Judite e Holofernes. Miss Cossart, à noite, no dormitório amansardado, tinha medo de Judite e dos seus olhos cheios de fogo. Águeda, muito longe desse delicioso trato de duas meninas, na casa Cossart, toda aberta à música e à paisagem, com a negra magnólia quase convidada ao chá com biscoitos de aveia, era arrastada para a sua beira. «Sobretudo não me trate como uma estranha» – disse, um dia, em voz alta. Teve a impressão de que Boal se ria dela. Uma malícia, como de memória de experiência que não foi pacto com a natureza mas só instrução dela, suspendia de repente aquele franco leque da convivência.

Tinham conservado a amizade muito tempo, sem que houvesse assiduidade nas suas relações. Escreviam-se por meio de bilhetinhos lacónicos, reservando-se encontros, ora no fotógrafo Vicente, cujo salão tinha um quê de bastidores de teatro, com as cadeiras vienenses e as telas de jardim. Outras vezes Boal subia em rede até ao território dos Cossart, e era uma tarde perfeita; trocavam entre ambas lembranças, lencinhos bordados, flores para prensar dentro dum livro, algo mais ainda do que essas memórias cândidas e desenganadas da sua duração; como, por exemplo, retratos, luvas, um saquinho de teatro de veludo lilás, ou então – o quê? – a placa de marfim para anotar as danças prometidas num baile.

Miss Cossart, *miss* Mary Cossart, era mais instruída, falava línguas perfeitamente, tinha *fräulein* e professora de piano, e lia livros românticos. Ambas gostavam de conversar em alemão e dizer versos de Heine, um pouco alterados, de resto. Discutiam as duas os enredos, punham-se na pele das personagens com uma veemên-

cia que, por fim, as fazia rir. «Se eu fosse homem...» – dizia Boal. E punha-se séria, pensativa. Os longos passeios pela mata, sinistra e cheia de silêncios ameaçantes, eram o remate dessas tardes únicas. Boal era mais forte do que Mary, ainda que quase glosasse só esse poder de cultivar a submissão dos outros inventando neles propriedades que não tinham. Da simples Mary Cossart, destinada a um exportador de vinhos que lhe daria filhos e belas loiças de Spode, Rosalina fazia uma castelã prendada de raros encantos, como a arte de vencer os amantes e de os fazer sofrer. A pobre Miss Cossart, para interessar Boal e despir a sua insignificância como uma pele escorregadia, convertia-se numa rapariguinha antipática e altiva que recusava todos os partidos. E mais: tratava os rapazes como inimigos. Tinham pouca paciência, esses mancebos vestidos de branco e que apareciam, aparentemente para saudar os amigos dos seus pais e trocar com eles umas palavras guturais. Mary nunca convidava Boal nessas ocasiões. Era então outra mulher, bela como um sol, rodeada de ninhadas de terra-nova e, de facto, usando as máscaras que Rosalina lhe punha no rosto. Em geral a da fria e independente herdeira para viúvo desconhecido. Um dia, alguma coisa estalou nessas relações, e Mary cortou com as visitas de Boal. Chegou mesmo a suspender a sua passagem pelos sítios que Rosalina frequentava. De resto, Miss Mary estava noiva há muito tempo e nunca falara nisso. O que, naturalmente, ofendera muito Rosalina.

No entender de Boal, não havia entre elas esse género de intimidade que se tem com as criadas de quarto, com as quais se podia ter uma conversa libidinosa e aprender alguma coisa sobre sexo, sem que disso ficassem vestígios, como o remorso e o mal-estar duma intimidade viciosa. Boal desprezou a amiga porque ela não sabia, afinal, as regras da civilidade amorosa, tão necessária entre homens como entre mulheres; consistiam em não ir além da homenagem à totalidade do conhecimento sem cair no patético da experiência. O conhecimento da existência da criatura e da sua realidade superior baseada no ser interior de cada um. Boal, como o Werther

de Goethe, personificava a arte ética; ela própria era como uma obra de arte que contivesse o princípio da formação do ser humano, sem ceder aos desvios que alteram esse conhecimento.

Embora longe de compreender a sua amiga, Mary achava que ela fazia muita falta na casa Cossart. Falava-se dela e, subterraneamente, inventava-se a maneira de a chamar a frequentar outra vez aqueles lugares em que Judite tinha ainda o seu reino, na parede em frente da copa. Mas Boal não voltou, ocupada como estava com a sua felicidade conjugal e o nascimento do segundo filho. Miss Cossart casou e esteve algum tempo fora, na Inglaterra, fugida à epidemia de cólera que atingiu a ilha com grande intensidade. Entre a fome e a peste, houve acima de dez mil mortos, e as famílias abastadas procuraram refúgio no Santo da Serra e nos lugares mais altos e mais salubres. A Corte do Norte foi das mais atingidas e, devido aos recursos precários para desinfecção, os médicos nunca deram por debelada completamente a doença. Quando a Imperatriz chegou à Madeira, quatro anos depois, ainda estava viva a memória da epidemia, e por isso foi-lhe absolutamente interdita qualquer excursão no interior da ilha.

Isto foi o que Águeda apurou quando esteve na Corte do Norte e pôde ainda falar com algumas pessoas contemporâneas de sua avó Rosalina. Entre elas, uma tecedeira chamada Luísa que tinha feito para Boal bastante obra de linho. Cantava ainda velhas canções do tear, com voz trémula e que parecia chorosa. Luísa lembrava-se da epidemia da cólera em que alguns dos seus familiares tinham morrido. «Enterraram-nos vivos» – disse ela, com um riso que fazia do horror um pasto trivial do destino. Águeda tremeu na pequena loja onde o tear estava, entre sacas de novelos de linho. Absteve-se de tocar em nada e, chegada a casa, lavou-se activamente e esfregou-se com álcool.

– Que cheiro é este? – perguntou Tristão das Damas. Tinha os olhos vermelhos que pareciam de chorar. Estivera até de manhã a jogar, e a irmã velava para que não fosse incomodado. Levantava-se a meio da noite para fazer café, e não incluía o vício de Tristão

no número dos danos ao património nem dos prejuízos à moral. Aquela mulher, que se fazia azeda e desconfiada, para quem toda a gente era falha de virtudes, que fugia do mundo para não ter que competir ou escolher, tinha pelo irmão uma adoração cega. Quando ficaram sós, ao casar-se Eugénia, a irmã segunda, produziu-se neles uma estranha simbiose. Águeda era o lado que a ele não cedia, mas que respeitava enormemente pela força da tradição e pela cautela de que se rodeiam os malditos da sociedade; e, para ela, Tristão das Damas era o ídolo que as mulheres têm no coração e a quem sacrificam moral, casta e esperanças várias. Ele representava para Águeda a fimbria do caos que resolve, no regime privativo do feminino, as suas loucas formas de anarquia e de destruição.

Passada a juventude, passaram também os gostos que os traziam à Corte do Norte. E Águeda esqueceu Boal para sempre. A casa dos irmãos era conforme o espírito burguês mais conservador; recebiam com abundância duas vezes no ano, mas no decorrer dos dias tudo era pautado por hábitos de economia. Águeda ia ela própria ao mercado, um vestido durava-lhe dez anos, trazia com ela as chaves da adega e da despensa. No que se tratava da administração da companhia açucareira, a quota dos Barros era já pequena em comparação com os sócios. Recebiam parques dividendos, e era patente que o esforço para dar à cana sacarina a antiga importância na produção se devia apenas à desilusão das grandes pragas da vinha. Tinham ainda uma forte plantação de bananeira-anã, a mesma que simulava as vagas verdes das incursões das esquadras de navegação terrestre. Águeda trabalhava desde madrugada, como um homem. Fizera-se feia, mal-humorada, guardando porém para o irmão um intocável sentimento que chegava à idolatria. No fundo do jardim mandara reconstruir um pavilhão que guarnecera com os melhores móveis e os objectos mais delicados. Era lá que ele se fechava para jogar partidas que às vezes duravam três dias e três noites seguidas. Águeda tinha uma absoluta condescendência para com o obscuro lado da vida do irmão. Elogiava nele

a bondade e os costumes castos; o jogo era uma espécie de purga dos excessos que ele podia cometer e de que era desviado pela forte corrente dum único vício. Tão ilimitado como se fosse aposta com o conhecimento das áreas profundas do ser. O jogo, combinação de desejos verdadeiros ligados por um vocabulário convencional, contraponto dum espelho em que o homem se olha, o jogo era o seu estilo de velhice, a sua arte e a sua consumação. Com uma profissão, com um negócio ou uma família constituída, Tristão teria que conhecer o universo por meio da armadilha posta a um dos seus átomos; mas com o jogo tratava-se da estrutura matemática do próprio universo. Não se tratava da beleza, nem do sucesso, nem do efeito produzido sobre alguém, como o amor. Era uma morada paredes-meias com a do sábio com quem partilha o desejo de exprimir o universo. Mas, mais do que num sábio, mais além da ciência, os lances produzidos, as paradas aceites ou recusadas, tudo isso que coloria uma conduta humana, que influenciava uma vida num só instante de sorte ou de azar, tinha a natureza do mito. O mito incarnado torna-se religião; o jogo, esse não define os valores que simbolizam o mundo, conserva a sua liberdade face ao trabalho por uma estrutura de servidão e de pactos sucessivos. Como a arte, o jogo prolonga-se até às origens do mito, fora dos imperativos educativos e sociais, fora da legenda que humaniza o mito. A sua criação não é uma humanização; tudo se desenvolve no centro do mito, com o destino que se identifica com a força. O jogo é um abreviado da tragédia como projecção da natureza humana frente ao destino. Cada uma das cartas, cada um dos nomes que descrevem o jogo no seu laconismo, designam as forças que mantêm em movimento o mundo e a luta do homem. Por isso a sua paixão, condensada como um explosivo numa cápsula, é incomparável. Qual o desejo que tenha a chamada dum efeito duma vaza? Qual a ambição, repartida em política, mando, pretexto útil, que se compare a um pequeno movimento que abandona ou inventa a tentação da jogada?

Tristão das Damas – e as damas eram um harém de cinquenta e duas cartas – era assim que vivia. Tinha como escolta, como seu

lanceiro, a irmã. Nem ela sabia porque o protegia, porque o suportava. Ela sabia que sobre Tristão pairava esse definitivo elemento erótico que são as últimas realidades – o desejo de viver e a certeza de morrer. O jogo retirava a fase da dor dessas profundas realidades, conduzindo a esperança num sentido em que a frustração não era aceite. Perder renovava o desejo e esporeava a aliança com o parceiro, espécie de Eros combatente, cujas asas estavam desdobradas em forma de leque, e que continham todas as ofertas do mundo.

A protecção que Águeda dispensava ao irmão tinha um cunho enigmático. Quando um grande vício avassala um homem, é certo que as mulheres o protegem; porque a castração consuma-se nessa entrega total, e a mulher não tem mais do que admirar a obra que tem por sua. Quando Rosalina ficava de pé durante largo tempo diante do quadro de Judite, era porque a cena lhe impunha admiração e sigilo. Admiração pela acto castrador da mulher casta e abnegada, mas por isso mesmo ainda mais imperativa e mais irrevogável; e sigilo porque nesse momento que envolve uma agonia (a aliança dos sexos nunca absolutamente partilhada), estava o segredo da vida. Boal pressentia que a mulher, Judite, se aproximava, tocada por uma ternura maternal que ia rematar com a morte. «Amei-te, não podes portanto sobreviver» – pareciam dizer os seus olhos em que as lágrimas subiam. E o homem, tão leviano nos planos de guerra, tão ingénuo na ferocidade, estava à sua mercê no sono da embriaguez e da saciedade. Ela não lhe perdoava a saciedade; não lhe perdoava estar desprevenido na sua pobre luxúria cuja ponte Judite ia cortar para sempre, deixando-o no lugar que pertencia de facto às pessoas saciadas – a morte. Da sala vinha o tinir dos talheres de grossa liga de prata, mais belos do que a prata, com o seu brilho leitoso; e Boal percebia o cheiro da flor roca-de-vénus, um cheiro libertado no calor como se fosse um queimador de perfumes que ainda ardesse.

Às vezes Águeda, na casa do Pico que tinha a marca de sucessivas tragédias, de fogos, lutos e ocupações militares, punha-se a imaginar a sua vida na ilha, com o irmão. Não podia durar muito,

porque nesse laço familiar, sem coito e sem perversão que o substituísse, não havia sentido. Não significava prazer nem obra de procriação, nem cumplicidade na fortuna, sociedade de bens ou de qualquer ideal. Ela sabia que um dia ambos esgotavam aquela espécie de ambígua bênção que os unia, e revelavam algo que os havia de separar. Tristão podia viver até ser muito velho, conquanto tivesse o gosto do jogo e pudesse aguentar esse idílio severo, como se estivesse na sala com uma noiva intocável e virginal. Como Rolando ao lado de Anda, na véspera da batalha, tudo se passava numa paixão paralisante, jogo de morte com uma mulher cuja posse era ao mesmo tempo desejada e detestada porque, ao unirem-se tão perfeitos amantes, tudo acabava, pois não se repetiria desejo e amor tão ardente. Era assim o jogo em cada vaza; um processo de morte, um delito da vontade, um ceder no triunfo para recuperar no azar. Águeda sentava-se um pouco afastada, num dos cadeirões episcopais, forrado de brocado de algodão. Tentava perceber, na lentidão quase propositada da jogada, a luta pela suprema e gozosa fase do jogo, entre o perder e o ganhar. Via o rosto do irmão, a sua cor lânguida e voluptuosa, dum branco que a luz do dia quase nunca alimentava. Era um branco de arroz, com o brilho do creme arrefecido em que passou o gume duma faca. Um gesto estranho dele, o de afastar da testa uma madeixa que não existia, fazia com que Águeda pensasse depressa, muito depressa, que estava alguém na sala, alguém que ela não via. A mão de Tristão das Damas tinha o jeito de retirar da testa outra mão que porventura o acariciasse. E chegava mesmo a dar à cabeça um movimento que era como se estivesse automaticamente a fugir a um beijo duma mulher. Águeda sentia um ciúme moderado pela curiosidade, e levantava-se para se interpor entre Tristão e esse alguém que lá estivesse.

– Vai para o teu lugar – dizia o irmão, sem deixar de ponderar o jogo. Pousava as cartas, que faziam um estalido leve conforme as deixava estender na mesa. Ganhava. A cigarrilha ardia no cinzeiro de cobre, e o fumo pairava no ar pesado. Eram sete horas

quando se abriam as janelas. Águeda mandara forrar de oleado as cortinas, para que o cheiro do tabaco não as impregnasse. Servia chá, às vezes não voltava a deitar-se. As pequenas ocupações do dia que começava entretinham-na, e fora das horas do jogo ela era a mais cumpridora das donas de casa. Recebia gente, distribuía ordens, e até à sua morte a casa do Pico conheceu uma certa prosperidade. Morreu quase repentinamente; sem nunca ter estado doente, passou duas semanas acamada e entrou em coma para não mais despertar. Tristão amigou-se com uma criada, com quem foi feliz e que lhe deu um filho. O jogo foi sempre a sua única aventura. Quando perdeu as faculdades da memória e da invenção da jogada, perdeu tudo quanto possuía. Estava pobre em 1929, quando morreu. Orgulhava-se de nunca ter tido medo de chegar a tal fim. «A miséria fez-se para os mortos» – dizia. Foi preciso fazer uma subscrição para pagar o enterro, e a mulher emigrou com a criança para o continente, onde tinha parentes. Era uma criatura vaidosa e, como se dizia, «cheia de não-presta». Falava sempre da Corte do Norte como se fosse uma princesa exilada, e mentia muito quanto ao luxo e à abundância que tinha conhecido. Chamava-se Alice.

CAPÍTULO V

Não levava a mal o conde de Carvalhal que lhe chamassem corsário, porque dos corsários, em tempo deles, havia uma ideia ampla e conforme aos negócios de presa e corridas que os produzem. Em Ponta Delgada vivera António Carvalhal, pelo lado materno do tronco dos Esmeraldos, e homem tão valente como de índole boa e generosa. Pessoa tão prestigiosa teve memória nos seus descendentes que, com forte ou pequena gana, não o deixaram mal, imitando-lhe as virtudes. Se estas nascem das paixões, não sabemos se os modernos Carvalhal as podiam pretender; se são uma forma de nervo e musculatura, que o primeiro Carvalhal tinha, como um Golias tranquilo, então a virtude dos netos era calo esquecido de forças que não herdaram.

Sabia bem o conde de Carvalhal, o segundo, embora não o trouxesse a pé de conversa, que havia na cidade gente de honra e fortuna aparentada com os corsários franceses. Gaspar Frutuoso, nas *Saudades da Terra*, chama «franceses cossairos luteranos» os soldados dos galeões que saquearam o Funchal em 1566. Capitaneados pelo senhor gascão Bertrand de Montluc, percebe-se que a pirataria era às vezes desporto guerreiro, e o saque prémio de falcões do mar, sem leis a cobri-los senão as da predação pura. Alguns desses homens ficaram na ilha, afeiçoados a mulheres nativas e aos lugares escondidos. Entre eles estariam os antepassados da família Cossart, que entre o nome que usavam e o de *cossairo* pouco vai na grafia. Se eram luteranos e assaltantes de capelas para derubar imagens, isso foi esquecido com uns pingos de cera da vela do baptismo. A quinta dos Cossart conserva a elegância que os

Montluc gastavam nas suas capitánias; eram pessoas dadas a perseguições e ajustes de contas, que são as que mais gastam com rosas e jardins, ou música leda, ou gostos delicados.

Já tinham passado muitos anos sobre os acontecimentos que enlutaram a família de Gaspar de Barros. De Lopo, casado com uma senhora muito bela e presumida das suas garrafeiras de malvasia do Machico, sabemos alguma coisa. Esta senhora teve fim prematuro, dum parto mal parado, e dela ficaram um rapaz e duas meninas, uma Eugénia, que casou bem e não se sabe que descendência teve porque saiu da terra e não voltou. A outra, Águeda, era tão arrojada e amiga de tropelias, que andava em companhia dos melhores cavaleiros, sempre com o fato rasgado de tombos que dava em passeios e corridas. Em nova, era campeã da carreira e muito célebre nas poucas aventuras que a ilha produzia; ganhava ao tiro como amazona consumada. Todas estas prendas, indício de feitiço imitativo mais do que originalidade própria, esfumaram-se quando se viu meio deportada na Corte do Norte, quando as finanças começaram a sofrer grandes reveses. Águeda era perdida de amor pelo irmão, o Tristão das Damas chamado, embora o nome dele fosse João. É dele que queremos falar mais demoradamente.

Tristão das Damas era jogador e de boa índole, o que quase sempre combina bem. Nos azares e nos lucros advertia a sinuosidade da fortuna e aprendia como é vão esperar da sorte quando ela se mostra travessa. A sorte, dama honrada e com mau viver, porque todos lhe fazem cumprimentos, pedidos e chamadas, era a sua maior paixão. Por ela andava branco e encovado; destinava-lhe o melhor do seu prazer que era alimentá-la de ouro, e carregá-la de ciúmes e de efabulações. Quem trata a sorte como uma mulher não tem mais amores que o desviem nem zelos que o destrocem, nem queixas que o ocupem. Em vão o pai lhe oferecia ofício, e qual deles o mais honrado e prometedor. Andava sempre embevecido da sua dama, e não quis outra em toda a vida. Sempre se deitou em lençol verde e serviu com valetes de libré de linho. Como dissemos, a casa do Pico, na Corte do Norte, foi varrida por um

vendaval de ruínas várias, e dela ficou muito pouco. Quando a viúva de Tristão a deixou, reduzira-se às paredes e os móveis foram vendidos em hasta pública. O paralelo que havia entre o último Barros e o conde de Carvalhal dava aos míseros descendentes, uma mulher com um filho pequeno, um certo aconchego de epopeia comum. Mas ninguém se comoveu com a cena da criada de meia-idade com uma criança cujo asseio não era muito primoroso. Os Barros já não tinham grande implantação no Funchal, e a Sociedade Açucareira, assim como as destilarias de álcool, tinham-se fundido com firmas estrangeiras. Tinham passado os tempos das casas do Monte, com as suas surpresas e o seu fasto. Já não vinham à Madeira os príncipes georgianos ou os da casa de Hanôver curar o *spleen* agravado pelo culto paterno. A vivenda Cossart resistia ainda, com o lago que abria fendas e o eterno marulhar da levada atravessando a mata deliciosa, cujo aroma de morangos bravos se sentia de longe. Definitivamente o século XIX era enterrado, num dia de nevoeiro. Aos preconceitos vitorianos absorvidos pelas cortes europeias juntamente com a hemofilia e a doença venérea, sucedia a nova cultura estética; mas esta, tão carregada de simbolismo e sem rigor intelectual, não possuía nem a riqueza de sensações que faz a moda, nem a autoridade da experiência que faz a filosofia. Um vento de cultura atravessava uma Europa em busca dum contexto político supranacional. A arte começou a ter parte importante na vida pública e a conhecer o favor dos estadistas. Mas esse encontro com a arte parecia ser apenas uma maneira de impor um cânon oficial para deter as afrontosas dominantes da arte moderna. Era preciso desarticular o progresso dos artistas que se aliavam à fealdade e à obscenidade como maneira de recusar alianças fáceis com os mandatários burgueses, os mecenas, em suma. O conflito das nacionalidades ia ser descongestionado pela acção da arte, e cada ministério da Cultura estava interessado nas artes como numa nova forma de diplomacia organizada, com os seus burocratas, os seus satélites e os seus pequenos papas, premiados e arregimentados no culto popular. A velha monarquia dos Habsbur-

gos patrocinou as Artes, ela própria patrocinada por uma guarda-avançada de políticos ultra-nacionalistas, afectos ao novo poder empresarial dos aços, dos carvões, do açúcar e do petróleo. Mas para um país como Portugal (insulado nas suas convicções universitárias prontas a considerar uma cultura subversiva tudo o que se qualificaria como indecência das formas e da linguagem) as coisas ficariam dependentes duma aprovação oficial que arrefeceria as tendências modernizadoras. A carreira universitária, o cargo que a exigia, bloquearam o reajustamento do homem moderno, e a estética da cólera ficou reduzida a uma actividade política subterrânea e perseguida pela lei nacional-socializante de pequeno tráfego; era um regime paternal que se opunha aos humores vieneses baseados na agressão ao pai, a que Freud dera uma nova linguagem. Linguagem que era, em definitivo, a ruptura com os poderes públicos e cuja chave, gasta e desactualizada, só cinquenta anos depois foi encontrada nas margens do Tejo.

O «reajustamento do eu», preconizado por Klimt e a sua geração da Secessão, só tardiamente foi absorvido pelo que foi a juventude do Maio de 68. Os ressentimentos vários que compõem o indivíduo, tanto ou mais do que as suas ilusões, deram origem a uma realidade imprevisível. As pessoas não pretendiam fazer uma revolução no sentido social, mas sim no sentido psicológico. A revelação pessoal tornou-se mais importante do que a aquisição de benefícios materiais. Mas isto tardaria muito em declarar-se no corpo das nações cujo melhoramento em direcção ao vazio se fazia sentir. Foram os anos loucos, de 20 e depois de 40. Foi um apocalipse da sociedade oficial, cujos símbolos medianeiros se abateram como colunas minadas pela erosão. A Verdade, a Lei, a Justiça eram figuras mumificadas, mas que mantinham a sua lustrosa cútis alabastrina; e tanto se pareciam a espectros, que houve que dar-lhes proporções colossais para submeterem ao seu espaço fictício o seu espectador, se não a sua vítima. O *Domus Justitiæ* e o templo universitário decoraram-se com essas alegorias cuja tragédia estava em serem completamente exangues, regulares e pertencentes a

um mundo desrazoável e minado pelo sentimento da culpabilidade. A nudez assexuada era como a nudez castrada: uma forma de independência excluída do impudor, mas também excluída do prazer.

Dos descendentes dos Barros de Madalena do Mar restaria pouco a dizer se não fosse a apreciável afirmação do último dos seus pertencentes, o filho de Tristão das Damas. Costumava dizer, num momento de bom humor, que era filho do capital e do trabalho, sendo o seu pai um proprietário falido, e a mãe uma criada para todo o serviço. Ela era uma mulher moldada à adversidade, mas não corajosa, como acontece com as mulheres sós depois de uma experiência que lhes levou a juventude e lhes deixou uma respeitabilidade de terceira ordem – a respeitabilidade da amásia que se fez esposa.

No fim de contas, Alice sentia-se lograda, ainda que pomposamente, com aquele parentesco dos morgados de Madalena do Mar. Vendeu uns últimos bens que eram terras em Câmara de Lobos, dantes visitadas de ano a ano por Gaspar de Barros, que viajava na rede, conduzido por dois vilões bêbados e que punham em risco a vida dele pelos precipícios da serra. Alice, como viúva pobre, encontrou mais ilusões do que como esposa servente ou como herdeira calculadora. O filho foi o seu investimento, depois de ser a sua única moeda de troca. Nem sabia se o amava, tanto se ocupava em torná-lo apto para a libertar da miséria. Viviam numa terra da beira-mar, na metrópole, um desses lugares onde se podia ainda criar os filhos em relativa decência sem ter que ter um nome de família e um rendimento regular. Depois da República, essas vilas periféricas encheram-se de gente remanescente do regime monárquico e que conservava, a par das maneiras dignas, um certo sonho discreto em recuperar o passado. Em geral, ocupavam-se a leccionar e viviam numa pobreza honrada, gerando crianças que tinham ambições de mando produzidas pela humilhação dos favores. Eram educadas de graça nos colégios religiosos, e guardavam para sempre algo de cruel no olhar acobardado

e nas mãos que escondiam, não se sabe porquê, numa prega do fato, na dobra do casaco.

O filho de Tristão era um rapaz vulgar, dotado para as matemáticas e com um sentido especial para os negócios falhados. Onde houvesse uma promessa de lucro, ele aparecia com a sua infantil mascarilha de rei Midas, pronto a ver ouro em tudo quanto tocas-se. Contava tantos fracassos e tão habituais, que considerava um ano feliz aquele em que perdia menos do que previra.

– Foi bom negócio. Qualquer outro teria perdido muito mais – dizia, sem abatimento. Tinha herdado do pai o optimismo místico do jogador e chamava-se como ele João de Barros, barão de Madalena do Mar. O título, ainda que lhe desse orgulho e fosse uma espécie de bastão clerical na sua magra mão de professor, nem sempre o usava como argumento. Achava-se demasiado pobre para honrar a nobreza do nome, e preferia viver incógnito na sua mediocridade pouco elevada às recordações de raça. Era um homem feio mas com os olhos azuis do funchalense, baços e duma cor unida, quase sem íris. As mulheres acabavam sempre por interessar-se por ele, por hábito e por alguma espécie de perversidade irónica que desperta os sentidos, parecendo que os adormece.

– Não sei que lhe encontram, que não o largam – dizia Alice, a mãe. Ela fazia frente a toda a investida das candidatas a noivas do filho, preocupada como estava em salvá-lo dum casamento que lhe tolhesse os passos para atingir a glória. A glória, para Alice, antiga moça viloa, analfabeta, era uma carreira na magistratura ou na Igreja. Mas como para tanto não davam as condições dum pequeno professor de internato com algumas noções do princípio de Arquimedes e das partidas dobradas, contentava-se com que chegasse a sócio no corpo docente do colégio, a que os alunos chamavam «o corpo indecente». No entanto, nunca João chegaria a esse estado de beatitude que era integrar a gerência moral e económica dum estabelecimento escolar de província, se não fosse um acontecimento que se deu na sua vida. Conheceu no colégio um rapaz brilhante e que parecia triste, de tão avaro que era de pala-

vas. João afeiçoou-se a ele e descobriu-lhe afinidade com o seu próprio pai – o jogo. Mas, enquanto Tristão jogava duma maneira profunda, tendo em conta a perda e o ganho como alternativas duma eternidade, o jovem burocrata do triunfo, que era Sebastião Flores, jogava para manter o tónus da sua superioridade social. Com a idade fez-se rico, unicamente para poder jogar a fortuna; e, sobretudo, nunca deixou que o jogo esvaziasse os seus cofres, impedindo-o assim de jogar. Foi banqueiro e foi diplomata. No fim dos seus dias retirou-se para a Madeira, onde levou uma existência requintada, mandando trazer por avião iguarias do Fauchon, de Paris, e recebendo como um príncipe. João de Barros seguia-o como uma sombra e aproveitou dessa amizade que o situava ao nível dum móvel ou dum escravo mudo. Vestia os fatos de Sebastião Flores, usava as suas gravatas e era o homem-de-mão desse aventureiro de gabinete que, formado em Direito, tinha o génio da pilhagem letrada e da pirataria verbal. As suas peças jurídicas eram tão perfeitas que os juízes chegavam a pedir-lhe a sentença, indecisos quanto à própria interpretação da lei. Sebastião Flores foi o último homem do foro, o andante majestoso que significa a utopia do sonhador que dispõe dum material narcísico, o baralho de cartas.

O gosto pela periferia, no princípio do século, significou o prazer de desfrutar dos jardins. Para João de Barros, a Madeira, tal como a viu em 1930, era o jardim; o lugar privilegiado dos seus avós onde o sentido geométrico se estendia como um gesto ao mesmo tempo de despedida e de recuperação.

A Madeira tinha encontrado uma vocação periférica, que incluía o mar e o jardim. Aquilo que no Porto foi sempre um despiste da vida emocional demasiado valorizada, encontrou a sua expressão no jardim privado, na estufa e no culto das plantas. No fim do século, em resposta ao tema considerado libertino da Secessão, a arte sem fronteiras, apareceram as revistas de jardinagem e de decoração do espaço habitável. A Madeira, mercê das suas condições climáticas, da ponta tropical que incidia favoravelmente na sua

flora, desenvolveu o jardim como uma forma de cura. De resto, não eram as suposições dos médicos que mediam as possibilidades da ilha para os enfermos de tuberculose o que os chamava e o que muitas vezes os restabelecia. Era a área de jardim que descongestionava a sua sensibilidade erótica e actuava como um fármaco canforado que separava o corpo da vida exterior e o convertia à solidão sem angústia, a uma espécie de feliz ajuste com a renúncia sexual.

Quando Sebastião Flores foi à Madeira pela primeira vez, fê-lo a convite dos Cossart, que o conheciam do grande mundo empresarial e lhe confiaram uma questão de marcas que ele ganhou. Ganhando também a confiança dos Cossart e uma fortuna em libras e mais valores, incluindo uma propriedade com jardim ao gosto clássico. Desde aí, Sebastião, Dr. Bas para quem o conhecia mais intimamente, viveu com regularidade na Madeira e teve como seu secretário confidencial o modesto professor João de Barros, que elevou à categoria de administrador. João, a mãe, e depois, inesperadamente, a velha Olímpia, que era viúva de Francisco e que aparecia como um detrito na costa madeirense, reuniram-se, completando um quadro de família bastante deteriorado. Olímpia mostrava-se em mau estado, com a beleza que fora famosa reduzida a algo de repelente. Só a boca, em forma de coração, resistia à decomposição total; mas isso mesmo era uma forma de imunidade, aquele objecto de carne rósea, com o sinalzinho preto ao canto do lábio, como um apetite voraz sobrenadando na miséria dos órgãos todos. Ela estava doente, com as pernas inchadas, o que a fazia cambaleante e arrastada. O filho bastardo que ela tivera e que Francisco legitimara pelo casamento, abandonara-a completamente, uma vez inteirado da espoliação a que fora sujeito, pois Olímpia gastara tudo o que recebera de Francisco. Como todas as mulheres inseguras e de índole carnal, não era o que se chama má pessoa. Gostava de viver bem e de andar numa roda boémia de amantes caras e protectores pródigos. Distraía Alice com as suas histórias antigas, de seduções e coisas íntimas em que as mulheres

fundam a amizade depois de gastarem a rivalidade. Unia-as o desprezo pelos homens, que não tinham a faculdade de apreciar senão pelo lado dos desejos que elas podiam manobrar. Fizeram-se tão amigas quanto sabiam serem incompatíveis. Alice teria sido incapaz de trair Tristão das Damas porque o reconhecia como seu amo, a quem devia respeito, se não amor. Enquanto que Olímpia era naturalmente uma mulher poliândrica, sem escrúpulo quanto a relações fáceis e sem sombra de culpabilidade nas suas atitudes. Nisto residira o encanto que ela tivera, porque era, na verdade, incontestável pela culpa, e os homens não têm outra forma de captar a alma feminina. Já velha, Olímpia encontrou no Dr. Bas um forte aliado. Ele percebeu num relance a sua natureza, que não era venal exactamente; era de certo modo insondável e dispersa. Tinha, como ele dizia, vocação de *Celestina*, de tia de bordel, o que significava que lhe faltava a aptidão amorosa e que era predisposta para o celibato. A sua curiosidade sexual era afinal a funcionamento duma culpa, a da frigidez propriamente dita.

O Dr. Bas, novo ainda, mas muito distante com as mulheres, tinha na ilha tudo quanto podia sonhar: uma casa bem governada por duas criaturas (criaturas era o termo que ele usava) experientes e que punham na economia o que lhes restava de sedução; e um jardim geométrico que lhe dava a impressão duma jogada perfeita, onde cada flor era um ponto na sua vaza e cada canteiro um naipe. O Dr. Bas era feliz comendo o seu caviar russo e coleccionando garrafas leiloadas como jóias ou como quadros na Sotheby's.

Mas que fazia João de Barros, professor retirado, na terra dos seus antepassados? À parte administrar os bens do Dr. Bas, que eram cada vez mais avultados, ele dedicava-se a monografias e a escrever um ficheiro histórico da ilha. Tornou-se num entendido sobre assuntos variadíssimos e ganhou nome de pessoa honrada; pois nada impressiona mais a sociedade da que a porfia em qualquer espécie de actividade. Pode ser-se nulo, mas a persistência numa carreira traz a confiança do vulgo. E também o génio, se é persistente, pode obter algo como o aplauso da sua época.

Ora bem: João de Barros, por aproximações e corridas nas suas pistas versáteis, chegou à Corte do Norte, aonde o levava a história dos morgados Esmeraldos, a plantação da vinha, os engenhos do açúcar e a festa do Senhor Jesus. Deu de cara com o enigma de Boal, baronesa de Madalena do Mar; e, como tinha acontecido uma vez pelo menos em cada geração, experimentou uma estranha vontade de decifrar o mistério do seu desaparecimento. Enquanto se entregava às suas obrigações de contabilista, enumerando a vasta espécie de lucros e despesas do Dr. Bas, fazia certas pausas em que deixava voar a imaginação até à Corte do Norte, agora caída em pleno desuso e votada ao esquecimento. Através das achegas do seu ficheiro chegou à conclusão de que Rosalina não podia ter desaparecido nas covas da costa, muito batidas pela água que, em pouco tempo, faria boiar qualquer cadáver. Também não havia jeitos de ela ter embarcado num pequeno bote, a menos que depois tomasse passagem clandestina para qualquer porto, Southampton, por exemplo. Mas precisava, para isso, de ter sido guiada e introduzida num plano de que variada gente estivesse ao par. A última versão constava na história de Águeda de Barros, como se Boal fosse atingida por doença epidémica e morresse disso ou de qualquer outra coisa que iludisse os médicos nesse sentido. A memória da cólera, que deixara sequelas profundas na população, bastava para criar o pânico. O próprio marido de Rosalina a teria enterrado em segredo, com o conhecimento de João Sanha, nos terrenos contíguos à capela do Pico. O fogo ateado, de que se salvou apenas uma imagem de Santo António, teria servido de purificação do lugar.

Um facto inesperado pôs João de Barros na pista de Boal, e trouxe uma nova luz ao seu desaparecimento. Foi o caso que, no decurso das suas pesquisas para o ficheiro histórico que ele compunha, e durante uma estadia em Londres sempre aproveitada para visitas aos antiquários, deu de cara com um achado interessante. Era o diário duma senhora escocesa, de nome Maggie O'Sea, e que era o fiel relato dumas longas férias na Madeira. Mas o pormenor que mais o surpreendeu foi o de o texto ser acompanhado

por algumas aguarelas algo ingénuas, mas deliciosas de espontaneidade. Eram exactamente iguais às que vira no álbum pertencente a Mary Cossart e às que ela própria dera a Boal enquanto a sua amizade durou. Lá estava a amazona de longa saia de cassa azul, seguida pelo criado de barrete típico e calças brancas. A égua, nervosa e de finas patas, parecia-se muito com o baio que o conde de Carvalhal mandara a Elisabeth de Áustria e que depois Gaspar de Barros comprara para Rosalina. Ela levava-a para a Corte do Norte e o nome dela era *Falsca*; exactamente o nome que constava do manuscrito.

O Dr. Bas ficou, ele próprio, entusiasmado com a descoberta, tanto mais que não lhe eram indiferentes certos achados que coincidiam com os enigmas da sua genealogia. Ele considerava-se descendente dum certo capitão-mor, baptizado na freguesia da Sé em 1732, de nome Sebastião da Câmara e que Miss O'Sea dizia seu parente por casamento. Mas o que intrigava João de Barros eram as aguarelas, tão semelhantes às produzidas por Mary Cossart. Quem seria Maggie O'Sea, residente em Greenwich e grande conhecedora da flora madeirense? Ela usava termos tanto franceses como alemães, o que era, ao que se dizia, hábito de Rosalina na sua conversação com Miss Cossart, que tivera *fräulein* desde os três anos em casa. Embora Rosalina não fosse muito instruída. Sua sogra Matilde contava, em momentos de franqueza irada, que Boal era neta dum pescador de Porto Santo e que a mãe, de nome Benta, era uma mulher bonita e pouco recomendável, natural de Lisboa. E que, aos doze anos, Boal estava numa casa mal afamada onde Garrett a conhecera, assim como João Sanha, que se recusara a partilhá-la uma noite com dez homens ilustres e seus cocheiros, aos quais era cedida como gorjeta. Se isto era verdade, foi completamente varrido da memória da ilha. João Sanha, depois da morte de Garrett, que protegera Rosalina e lhe dera lições de teatro, levou-a à Corte do Norte e apresentou-a como sua parenta. Nunca lhe tocou e, quando Gaspar de Barros se enamorou dela, favoreceu o casamento. O que parecia mais conforme à realidade

era que João Sanha de facto acabara por se ligar à actriz Emília, a mesma que Garrett fizera mulher de teatro e para quem escrevera *A Sobrinha do Marquês*. Era uma amizade de muitos anos – dizia-se. Mas raramente era vista, esse portento da cena portuguesa e que tinha muitos detractores. João Sanha mandava encher de flores a sua «casa de prazer» quando ela vinha à Corte do Norte, e uma das aguarelas de Miss O'Sea descrevia inexplicavelmente o interior dessa casa que as irmãs Micaela e Veridiana diziam ser como um altar-mor. A actriz Emília, com os seus cachos aloirados e as mangas de musselina branca como uma nuvem pousada nas mãos abertas em gesto de declamação, recebia os feitores. Como Rosalina, ela recuava um pouco quando eles tentavam abraçar-lhe os joelhos. Haveria qualquer alusão à baronesa de Madalena do Mar no nome de Maggie O'Sea, nome de pequena pega de taberna, mais do que de *lady*, mulher dum proprietário de Greenwich? De qualquer modo, ela era uma mulher madura e reformada da vida de sociedade quando escreveu as memórias da Madeira; mas tudo o que contava seria mais próprio duma jovem fogosa e com boas articulações, como era Rosalina em 1860. João de Barros ficou perplexo, e, mais uma vez, Boal ressuscitava pela força da obsessão que a materializava.

Se Garrett a tirou do bordel da Antónia, para lhe dar lições de declamação, varado de espanto pela beleza teatral de Rosalina, não se podia assegurar. João Sanha encontrou-a crivada de dívidas, tendo vendido o guarda-roupa que Garrett lhe comprara como dote. Tinha dezasseis anos e era deslumbrante. Uma rainha, no gesto, no porte, no levantar do queixo viril e poderoso. O olhar era mais carregado do que terno; as mãos pequenas e finas. Em tudo um tipo acabado de Galateia com uns toques de profunda violência que a miséria ambiciosa lhe tinha dado. Aquela mulher, se fosse medíocre, seria um monstro; como era inteligente, Gaspar de Barros conseguiu torná-la medíocre, pelo amor provavelmente.

João Sanha amava-a com essa grandeza que faz do amor uma vénia de Deus feita ao homem. Nunca lhe disse senão coisas banais,

e esquecia-se mesmo da paixão em que vivia, para que a vida fosse, não cativo, mas coisa doce e descansada. O sofrimento pode tornar-se um hábito simples e um meio de apagar o orgulho. João Sanha foi um homem nem feliz, nem infeliz; ocupou-o o amor como se fosse um bom senhor a quem devesse obrigação. E a fidelidade cobriu todos os seus actos na terra.

Uma vez mais o destino de Boal, ligado à Corte do Norte, parecia impossível de decifrar. Quanto mais os anos passavam, mais as suas pegadas se diluíam; e, ao mesmo tempo, apareciam dados novos capazes de manter a sua lenda à superfície. Quando entrava em casa, João de Barros era assaltado por uma impressão delirante, como se um pormenor muito pequeno faltasse na cadeia das suas deduções. Tinha medo de morrer sem poder chegar ao limite desse segredo da Corte do Norte, que, na verdade, não constava da agenda de ninguém e não ocupava nenhum espaço na actualidade. Mas João de Barros queria saber; era, afinal, toda a trajectória duma alma que precisava de seguir para, com ela, completar uma ordem de coisas que alguém tinha que referenciar. A indiferença por um facto, desde que ele seja apontado na legenda das pessoas, punha em risco toda uma civilização. Isto era o que pensava João de Barros enquanto servia o rico Dr. Bas, com a sua dedicação já proverbial. O que ninguém sabia era que ele seria capaz de errar as contas da formidável lista de lucros do seu amo, se estivesse em causa descobrir um pormenor novo na história de Boal.

Tudo o que se referia a Rosalina tinha-se dispersado. Havia ainda uma sombrinha de seda e um par de meias brancas que diziam ter-lhe pertencido. Confrontando o famoso retrato da Imperatriz e as suas damas, com a descrição dele na biografia de Elisabeth, João chegou quase a concluir que havia alguém que não correspondia a ninguém da corte da Quinta Vigia. Quem era então? João de Barros teve um sobressalto. Seria que Boal convivera de perto com a Imperatriz a ponto de a sua imagem ser fixada pela objectiva do fotógrafo Vicente? Comparando o retrato da baronesa de Madalena do Mar com o das damas austríacas, percebeu

algumas semelhanças, mas muita poucas. A própria Sissi estava longe de parecer-se com os retratos que dela fizeram Romako e Wintherhalter. Era uma rapariga de rosto em amêndoa e tipo alourado, algo insignificante. A lenda fizera o resto, além da consagração da moda que lhe dera atractivos especiais. João de Barros pôs a hipótese de Rosalina ter seguido a Imperatriz para Veneza, com um nome suposto ou tomando a identidade duma das suas damas. Mas qual? Consultando a necrologia da época, ficou informado da morte duma jovem «de cor baça», que se precipitara da falésia das Angústias e que fora enterrada clandestinamente, fora de terreno sagrado. Era uma criada da Quinta Vigia, a mesma que constava como fazendo parte da séquito da Imperatriz quando ela deixou o Funchal. João de Barros pensou que esse era o caminho que levava a Boal e ao seu misterioso paradeiro. A ideia duma Rosalina pintada com iodo diluído em álcool entusiasmou-o tanto que errou as contas do Dr. Bas em mais do que uma parcela. «É ela» – disse, para si, como se estivesse a reconhecer Rosalina debaixo das toucas da *femme de chambre*. Alice cansava-se de o ver tão absorto, mas não lhe arrancava uma palavra sobre o que o preocupava. Não gostava do filho e, como ela dizia, achava que lho tinham trocado. «É um maníaco, não sabe senão mexer em livros e escrever parvoíces.» Para ela, tudo o que não garantisse a subsistência era puro disparate. Quanto não daria para ser a mãe do Dr. Bas, mesmo tendo de suportar as suas praxes alimentares e os hábitos do boémio solitário, sem amigos, só com relações! Na realidade, ninguém sabia quais os itinerários do Dr. Bas. Acabava sempre de partir quando se davam as crises, fossem políticas ou económicas. Quando se declarou a revolta da Madeira de 1936, ele deixara o Funchal quase precipitadamente, e Olímpia garantia que o Dr. Bas recebera instruções para partir. Estava muito bem informado a respeito das cotações das acções nos principais mercados financeiros, e a fortuna dele era feita mais com o silêncio do que com as revelações que podia usar. Chamavam-lhe o «coador», pelo muito que deixaria passar nas suas malhas ou que

retinha nelas. Era o homem mais inteligente do seu tempo, e a prova disso era que ninguém o conhecia bem senão nos gabinetes particulares dos bancos de Genève. Usava nomes supostos e não tinha guardas de segurança, o que achava extremamente grosseiro como estilo. «Quem muito se defende atrai o ataque» – dizia. Mas isto não convencia João de Barros se não soubesse que o Dr. Bas era o mais cauteloso dos homens. A política não o seduzia porque era, no seu entender, uma forma de incultura, com muito de tribal, de restrito a elementares formalidades destinadas a descongestionar a mediocridade moral das pessoas. O Dr. Bas detestava o espírito sedicioso e sem grandeza do que ele chamava «os profetas galileus». As mulheres nunca se sentiam à-vontade com o Dr. Bas, nem se despiam completamente diante dele. Tinham, repentinamente, vergonha das suas funções naturais, como se fizessem parte duma espécie em extinção. Ele era pródigo, dava-lhes presentes caros, mas não punha nisso qualquer sentimento de gratidão. Era o vazio absoluto uma ligação com esse homem pequeno, discreto, que nunca fazia um gesto inútil e que parecia não precisar de criados. Alice e Olímpia estavam de acordo quanto à simplicidade do Dr. Bas e aos seus hábitos higiénicos.

– Não suja os colarinhos, o que é sinal de ser boa pessoa – dizia Olímpia, que guardava da sua escola de família no nordeste transmontano algumas respostas prontas para os enigmas humanos. Não deixar nos colarinhos um vinco escuro, era uma delas; talvez porque o suor, na prática duma vida sedentária, significa estado de culpa.

Para João de Barros, o Dr. Bas, passados os tempos em que lhe ensinara geometria no espaço, era alguém que não se atrevia a analisar. Aquele culto que lhe dedicava estava baseado na convicção de que algo no Dr. Bas era muitíssimo perigoso. No geral, nada acontecia que deixasse supor isso. Nada mesmo. O Dr. Bas no Funchal comportava-se como o mais inofensivo dos turistas. Embora tivesse uma bela casa no Monte, passava largas temporadas no hotel e frequentava a sala de jogo do casino muito raramente. Na ver-

dade, tinha parceiros certos e jogava fortunas numa noite, sem um sobressalto, sem estremecer com o montante das paradas. Admiravam-no com uma espécie de veneração; porque nada resiste entre os jogadores senão essa avaliação da coragem frente à ruína. Um tiro é mais fácil de enfrentar, não traz consequências senão a da morte. Mas a falência, com todo um cortejo de humilhações, com a queda na existência vulgar em que uma conta é uma dor de cabeça e uma dívida um desprezo que não se apaga mesmo quando é saldada – isso apavorava os mais valentes. O Dr. Bas punha nas suas jogadas a crueldade sem estratégia de que um general é capaz quando se apodera dele o capricho da golpada e a heroicidade pura.

Viviam as duas mulheres, Alice e Olímpia, como princesas marroquinas, contentes com as suas poucas obrigações que lhes davam direitos de malícia e folga para acusar, repreender e escutar contos alheios. Temiam o Dr. Bas, ainda que mal o vissem duas horas numa semana; mas temiam-no porque lhes parecia mais ameaçador na liberdade que lhes infligia, do que nas protecções que lhes assegurava. De repente, sabiam que ele podia acarretar-lhes estranhos dissabores por efeito de culpas que só a ele cabia manobrar. Roubavam-no, vendiam mesmo as suas camisas de seda e gastavam à larga em víveres que logo expediam por outra porta, revendendo-os ao desbarato. O Dr. Bas, sem ser homem crédulo, tinha a paciência dos ricos que se aproveitam dos descuidos que ela provoca, para atacar de improviso em situações que, doutro modo, seriam crónicas. O que ele achava mais perigoso nos governos, domésticos ou outros, era a corrupção crónica, em que todos pactuam sem saída para as emoções que podem destruir ou sanar.

Um dia o Dr. Bas chamou Alice e Olímpia e disse-lhes que liquidara os seus negócios na Madeira e que dispensava os serviços delas. Punha um certo gosto, monótono e intrigante, em olhar para aquelas duas mulheres velhas e inúteis, tão manhosas para sobreviver e que de facto não o mereciam. Na realidade, comiam vorazmente e serviam precariamente os interesses da sociedade.

O Dr. Bas decidira matá-las de maneira simples e quase afável. Deixava-as entregues a uma pensão tão pequena, que em breve morreriam, se não de fome, de surpresa. Porque era uma surpresa para elas ficarem subitamente sós e sem meios de sugar tudo que estivesse ao alcance desse apetite de velhas, uma espécie de vingança sobre a medida de tempo que lhes restava. Porque gastavam tanto essas velhas podres e insatisfeitas? O Dr. Bas nunca conseguiu obter resposta para isso. Com algum respeito por João de Barros, que era tão leal como incapaz de fazer carreira, depois de consultar os seus gostos, ou antes, as suas manias, pôs à disposição dele o suficiente para comprar uma propriedade pequena, de rendimento, e que lhe permitisse viver disso. João escolheu a Corte do Norte, porque tinha clima saudável e era mais económica.

Foi assim que João de Barros voltou à «profundidade» desse lugar, lendário na sua família. Mais uma vez houve alguém que se entregava ao estranho ofício de consultar o passado onde Rosalina se abismara. Para seu espanto, Alice e Olímpia recusaram-se a acompanhá-lo. Não podiam suportar a ideia de passarem os últimos dias da vida num remoto sítio caído da sua grandeza e onde não havia já nada que fizesse lembrar a epopeia da Corte do Norte. Tinham passado os tempos famosos dos morgados e das suas casas vinculares. Os Sanha e os Carvalhal já não estavam por lá com os seus fatos de cheviote inglês, sempre seguidos por um bando de pedintes, de rogadores de favores, de criados, de póneis e cães pachorrentos e enormes. Sobretudo Alice, que nascera num moinho de água onde só cabia uma cama e uma lareira, tinha recordações amargas de Ponta Delgada. Os pais eram vilões que viviam em abrigos colmados e que, chegados a colonos, desenvolviam toda uma sensibilidade histórica para vencer as artes do feitor que os explorava e o contrato do senhorio que os trazia sempre atados à ruína. Alice foi aos onze anos servir para casa de Tristão das Damas, que praticamente a recolheu e quase adoptou. Era obediente, caso raro em mulheres. Se não tivesse amo, ela seria escrava da ausência do amo. O amo era em grande parte o proveito irresponsável e o gozo

sem pecado. Alice cresceu a contestar os poderes do patrão, e isso num crescendo que ia a par com a diminuição desses poderes. Ela amava o processo posto ao poder e, na realidade, o processo da sua libertação não entrava nisso para nada. A vida de província, entre pequenos ofícios caseiros e a diligência religiosa (porque Alice era catequista e doceira, servindo para fora bolos de noiva com enormes placas de açúcar, como se fossem obras de construção civil; e dizia-se que, com um pouco mais de orçamento, ela acrescentaria o saneamento básico), não oferecia os atractivos da cidade. Mas o que era uma forma de vida urbana para Alice? Havia o enfrentamento de dois imaginários que ela não podia dispensar; e nisso a cidade era mais abundante. Havia o lado da lei, que ela tinha como protector, se bem que lhe arrancasse censuras e violentas acusações até. Em volta dessa lei, sempre punitiva, que proibia o prazer e os seus múltiplos acessos, gerava-se uma segunda corrente de gozo, que era a contestação e a dinâmica duma luta de ruminações sociais. E também do outro imaginário, pulcro e santo, em que Alice enredava a sua forma de submissão, a sua forma culta de submissão (porque anteriormente a mulher fora abusiva e opiniosa, em relançamento constante da sua prole e dos direitos por ela expressos), em que se apoiava o erotismo «de manutenção», sem fins procriadores. O erotismo de imaginária, que criara afinal as combinações exaustivas das civilizações, com as suas recorrências sociais, familiares e religiosas, pedia os jogos pontuais da virtude que Alice preferia a tudo o mais. Tudo o mais eram as suas rapinices, e as difamações, uma espécie de culto pela negativa dirigido ao Dr. Bas.

Quando ele a dispensou, bem como fez o mesmo com Olímpia, não esperava que Alice reagisse, não como uma velha sedentária e incapaz de dar um salto fora do seu quatinho climatizado, mas como uma ave de presa exactamente. Alice, dum momento para o outro, arranhou trabalho no casino e passou a vender chocolates e cigarros num pequeno quiosque. Negócio que prosperou quando ela lhe acrescentou um clandestino material como as roupas de bai-

xo, procuradas por *papillons* e simples mulheres de bar, que tinham uma vida sensata e com quem era possível fazer uma conversa moral.

Aí Alice ganhou asas, nesse imaginário de duas faces, nesse mundo de espelhos deformantes que funcionavam como convinha; e lhe devolviam outra bem-vinda realidade, a funcionária no seu *guichet* e para quem o sexo era um saguão de que não se fala e tem velhos cantos e caixas de sapatos vazias. Alice fez-se a protetora, entre o irónico e o desinteressado, dessa fauna vil e lamuriosa para quem os homens eram a caça ou, menos do que isso, eram um lugar frequentável, arável, capaz de produzir, como a terra das lombadas, alimentos indispensáveis. Não era como homens que viviam os parceiros nocturnos; era como terra própria para arrancar dela lucro. E distinguiam tão bem o finório elegante, sem um tostão no bolso e um livro de cheques para impressionar, como um engenheiro de minas distingue um veio morto duma jazida de volfrâmio ou até de ouro. Os homens tinham o valor mineral que elas lhes atribuíam. Alguns mereciam um pequeno cumprimento que os humanizava, porque os viam durante uma época e conheciam de cor as suas manias. «Respeito, meninas; é preciso respeito» – dizia Alice. Ela gostava de ouvir as histórias das mulheres com quem tinha contas e que sempre pagavam; porque há uma honestidade da prostituta como há da grande dama, uma forma de retribuir que se parece a uma paga. Alice contentava-se com algumas prestações, depois esquecia a dívida mas ganhava a estima das caloteiras; e as suas confidências, vulgares, coisas de cama e de enganos, pareciam-lhe uma remuneração que lhe sustentava a alma constrangida num espaço de comunicação muito estreita onde só coubera a lei da petição. Ela vivera sempre a pedir alguma coisa, não só pão e agasalho, mas sempre um sinal que a reconhecesse no meio da turba dos pobres. O pobre é feito da lei da petição, que é ao mesmo tempo lei do desejo sempre movido pela recusa narcísica.

Alice e Olímpia recusaram redondamente seguir João para a Corte do Norte, onde ele agora tinha terra sua e uma casa. A manei-

ra como ele chegou a Ponta Delgada, ao cair da noite dum Outono fresco e ventoso, deixou-lhe recordações agradáveis. Alugara um carro, ou antes, pedira-o emprestado numa garagem, e a viagem fora acidentada pelos caminhos malparados e sem horizonte. Pensou muitas vezes que, se tivesse uma avaria, podia ficar três dias sem socorro algum. No entanto, a serra não era assustadora naquele silêncio que tinha uma espécie de realeza. As hidranjas azuis tinham secado e murchavam também as «coroas-de-henrique», caindo as flores num anel na terra vermelha. João avançava, como que convidado por uma aventura, esperando a todo o momento a sua ocasião de prever e decantar um sinal. Tinha quarenta e seis anos e era um homem apagado, com um humor fino que raramente se manifestava em qualquer graça. A consciência que tinha de ser mesquinho e sem figura impedia que chegasse a tempo com um dito de espírito, que nele era do mais engenhoso e inteligente. Quando conseguia vencer a timidez, em geral não compreendiam logo ou, se compreendiam, achavam deslocado nele o trocadilho e invenção tão saborosa. Em primeiro lugar estava a impressão deplorável que ele causava, com o seu fato com lustro nos cotovelos, as calças sempre um pouco empoeiradas nas dobras porque arrastavam, quer ele usasse cintos ou suspensórios. Tinha olhos muito juntos e um nariz que parecia independente das outras feições; sem ser grotesco, era como um estorvo à expressão, era um sinal de proibição do sorriso. E os dentes, os dentes largos e quadrados, eram dificilmente imagináveis numa caveira decente, porque tinham uma forma de pedras de dominó, causando estranheza não serem marcados com pontos, ou produzindo a impressão de que, de repente, iriam ser encastelados e tomar outra geometria. Uma pessoa feia não resolve o direito do espírito sem ter de cometer crimes, pelo menos quanto à boa educação. Há maneiras de usar um florete, que pode ser a palavra brilhante ou grosseira; mas enquanto uma arma branca exige só perícia e um espaço para ser movida, a palavra pode morrer, ela própria, numa fracção de segundo, se não foi lançada a tempo ou mexeu

com a dúvida de quem a recebeu, ou simplesmente não atingiu o alvo por excesso de qualidade. João tinha esse excesso de qualidade que faz dum génio um palhaço e dum santo um associal. As mulheres, a começar por Alice e Olímpia, não o levavam a sério. Uma vez riam-se dele, outras vezes cobriam-no de recriminações e miúdos rancores que as mulheres acumulam durante a jornada doméstica e acabam por lançar sobre uma vítima indefesa – a criada, a filha em idade ingrata, o marido retraído e de poucas falas. Mas não o isolavam e, de certo modo, favoreciam-no.

João de Barros, ao encarregar-se da quinta de Ponta Delgada, refugiava-se nela como um escravo liberto; mas, como um escravo, trazia com ele a tristeza ignominiosa das suas cadeias e sentia a solidão da sua própria independência.

A noite era escura e ventosa, e ele estacionou na estrada, tendo à mão esquerda a casa e os quintais com portões ferrugentos. Havia luzes e, no primeiro momento, cogitou que se teria enganado e que aquela não era a sua propriedade. Bateu e veio abrir uma mulher nova, mal arrumada num vestido escuro, com manchas de farinha na cintura, como se estivesse debruçada sobre uma gamela de amassar o pão. Quando a viu dentro de casa, reparou nos olhos dela, daquele azul opaco que ocupava todo o globo ocular e que ele só encontrara nalguns tipos beirões, de judeus claros, possivelmente de origem oriental. Ela era alta e curvava-se um pouco para diante, como se fosse correr. Era a mulher do feitor, um homem desconfiado e que bebia muito.

– Não quero estorvar – disse João, conforme o seu hábito de se fazer pequeno e diminuir o seu espaço. A mulher sorriu com boa vontade.

– Está em sua casa, o meu senhor.

Esta maneira de ser tratado arrancou no coração de João de Barros uma espécie de gratidão funesta. Nesse momento seria capaz de doar a quinta, a casa e as arcas que lá estavam, àquela criatura a quem inspirara simpatia. E partiria contente por se ter despojado de tudo em troca dum pequeno cumprimento. Ela esperava, de

pé diante da porta que fechara. Que esperava ela? Era bonita e estava na idade descontente das mulheres; em que têm já bastante experiência do sexo para fazerem conjecturas erradas sobre isso. Quebrou-se o primeiro encanto da chegada aos domínios que João nunca tinha esperado possuir. Leopoldina arrastou a mala pelo corredor, impedindo que João a ajudasse.

– Estou acostumada – disse, rapidamente. João notou que ela respirava com força; possivelmente sofria de asma ou de enfisema. Era ela quem subia à serra para cortar lenha, de que trazia provisões regulares para queimar. Também vendiam lenha a clientes como as fábricas e até os vapores costeiros. Serviu a João um jantar de inhame e carne cozida, não de todo intragável; e um jarro de vinho *jacquet*, de que ela parecia orgulhar-se especialmente.

João não conseguia deixar de se assombrar com aquela mulher estranha, obediente e melancólica. O marido estava na taberna ou fora a São Vicente levar uma talha de achas de pinheiro. Ela não disse. Tinha um jeito imperial; honrava de facto o nome daquela Leopoldina, arquiduquesa de Áustria, que fora a primeira mulher de D. Pedro IV. Leopoldina da Áustria fora uma das visitantes da Madeira, e João Carvalhal conhecera-a e mandara mesmo pintar um quadro em que se via a arquiduquesa a passear na Quinta de Palheiro-Ferreiro, no dia seguinte à sua chegada ao Funchal. Nove anos depois morria Leopoldina, e fora a primeira senhora a ser embalsamada, operação até aí interdita às mulheres. João de Barros, erudito e viciado no seu ficheiro histórico, pensava nestas coisas enquanto via a caseira, pela nesga da porta da cozinha. Ouvia o crepitar das achas na lareira alta e, às vezes, a respiração ofegante da mulher. Como ficaria ela com uma comitiva de condes e embaixadores que rondassem a sua imensa crinolina parisiense? Que olhos assombrosos ela tinha, como pintados a aguarela e desbotando em lágrimas azuis, se lhe acontecesse chorar! João de Barros deitou-se cedo. O quarto tinha um tecto rústico, de alfarge; sentiu toda a noite um ruído de papéis removidos dentro do armário encravado na parede.

A frialdade da manhã acordou-o. Tinha os joelhos gelados, e do sobrado vinha como que um respirar de levada. Podia ouvir até o gorgolejar da água saltando nas pedras. Mas era mesmo a levada que corria rente ao caminho e que trazia da serra a lentilha de água que as nascentes aumentavam. João verificou depois uma verdadeira rede de aquedutos ao longo das veredas e dos caminhos empedrados com uma arte consumada do declive e da maneira de poupar o esforço da subida e da descida. Ali estava a Corte do Norte, povoada de gente em constante desvantagem com a natureza, mas herdeira duma espécie de aptidão para obter dela favores. A Levada Grande, correndo ao salto da enxurrada de Outono, servia os maiores morgados, entre os quais estiveram os Sanha e os Carvalhal, senhores de vastas terras regadias. Ainda se podiam ver os restos dos seus engenhos de açúcar, com as caldeiras feitas na Inglaterra cobertas de ferrugem, debaixo das latadas.

Os primeiros dias foram ocupados a tomar contacto com as realidades do seu novo estado de proprietário. O Inverno prometia chegar cedo, e o marido de Leopoldina servia activamente os seus fregueses de lenha para fogões. Era um homem calado e quase continuamente toldado pela bebida; mas conservava uma dignidade sombria, falando por monossílabos. Não era violento, e deixava a Leopoldina todas as decisões domésticas.

Leopoldina parecia um mistério para o novo amo. Na verdade, ela aceitava com dificuldade servir esse doutor enfezado que não percebia nada do campo e que não distinguia uma cepa dum azeitão. Como não era maldizente, limitava-se a encolher os ombros quando lhe perguntavam novidades sobre João de Barros. O facto de ele aparecer só e sem família não ajudava à sua integração na terra, onde havia um extremo respeito pelos laços de parentesco. Na Corte do Norte todos eram primos, e a chegada dum intruso àquela comunidade fortemente referenciada pelos mesmos apelidos e tradições de casta, criava uma dúvida quanto à maneira de tratar João de Barros. Afinal foi recebido, ainda como parte da família, quando a sua genealogia se esclareceu. Alguns conheciam

a história de Boal, dama excêntrica que os borracheiros que iam pela serra com os mostos destinados às casas de vinhos diziam encontrar, vestida de claro e precedida por um cão de raça terra-nova. Explicavam como ela era, duma brancura lunar e caracóis na testa. O canto com que eles marcavam a cadência da marcha interrompia-se. Em profundo silêncio caminhavam, assombrados, e alguns desistiam mesmo do ofício e emigravam até.

João de Barros, com estas narrativas que nunca tinham fim e pareciam confidências proibidas, interessou-se profundamente pela sua bisavó Rosalina. Conheceu parentes ainda das pessoas com quem privava Boal e o seu clã, aliado aos bravos do Mindelo e que tinha estado nas linhas do Porto em 1833. Falavam dum Luís Albino, amigo íntimo de Gaspar de Barros e que exercia a medicina sem ter licenciatura. Era um conhecedor da cólera-morbo, por muito que a tratara na altura da epidemia. Fora a ele que Gaspar recorrera quando se levantou a suspeita de Boal ter contraído a peste. A verdade é que Luís Albino estivera na Corte do Norte quando Rosalina desapareceu. Era coronel-médico do exército, e recebera o posto pelos serviços prestados no cerco do Porto. Gaspar de Barros dispensava-lhe toda a confiança. Ouvira-se dizer que, ao fim de três dias, quando as buscas no mar junto aos penhascos ainda não tinham terminado, Luís Albino mandara suspender tudo. Chegou a esbofetear um criado pequeno de Boal, que insistia desesperadamente em correr riscos, subindo à falésia e assegurando que ela estava viva. Os curandeiros e bruxos, que curavam os males do bucho encostado e do nó de tripa com emplastros de couves quentes, também tiveram voz no desaparecimento de Boal. Disseram que ela se perdera no Monte Medonho. Isto trouxe à lenda de Boal o seu toque macabro. Mas a maioria das opiniões ficavam em que Rosalina morrera mesmo despenhada no mar. Então porque suspendera Luís Albino bruscamente as buscas e levava com ele Gaspar de Barros sem o deixar transportar para o Funchal as coisas de Boal, vestidos e objectos pessoais? Se houve ordem para serem queimados, essa ordem não foi obedecida. Durante

muito tempo, os belos chambres de algodão indiano de Rosalina eram vistos no corpo das caseiras novas, quando elas estavam em namoro, ao pé das sebes de bambus, ao domingo.

À medida que o tempo esfumava todos os vestígios de Boal, criava mais fortes impressões que enraizavam a sua história. João de Barros compreendeu que um facto é tanto mais facto quanto mais se pode variar a sua composição; assim como uma lei é tanto mais lei, quanto mais se pode transgredir.

Estava sentado nas traseiras da casa, e a caneleira centenária estendia os ramos como um frisado verde, tremendo ligeiramente. «Aqui está quem sabe como as coisas se passaram» – pensou João. Infelizmente não conhecia a linguagem das árvores, e talvez a caneleira estivesse senil, com a idade que tinha, e não adiantava perguntar-lhe nada.

Veio a saber que a propriedade que constituía a renda oferecida pelo Dr. Bas como pagamento dos seus serviços ou despedimento definitivo era uma parcela dos domínios de João Sanha. Ainda havia, sem cobertura e reduzida a um simples pátio de entrada, a casa de prazer que ele mandara fazer para a linda Emília; e onde ela se mostrava no seu esplêndido vestido de cena, a esvoaçante indumentária de Lady Hamilton, por exemplo. Lopo dizia que Lord Nelson tinha pela amante um amor em que não havia nem honra nem orgulho. Gostava dela como duma condecoração e, se pudesse, trazia-a ao peito, como ele fazia com as suas medalhas. Foi isso que o matou. Quando um marinheiro francês viu aquele mascate dos mares reluzindo à luz dos canhões, acertou-lhe em cheio sem saber que fuzilava Nelson. Lopo dizia que a linda Emília tinha particular sentimento a interpretar Ema Hamilton, porque tinha com ela algo de comum: o passado de bordel. Lady Hamilton era como uma fragata ligeira e fácil de manobrar; e se o almirante via as mulheres como barcos (ou os barcos como as mulheres, o que era inevitável), devia adorá-la. Dito isto, debaixo dos conselhos de Lopo, Emília de Sousa fazia Lady Hamilton como se corresse o palco a todo o pano. Era um sucesso.

CAPÍTULO VI

Uma vida pobre de pão e privilégios não é difícil de descrever; tem consigo um factor romântico, pois tudo o que se padece atrai a compaixão; e esta recebe resposta de vontades, e tudo soma um discurso que investe na imaginação. Nada melhor para começar uma novela, ou começar a História, do que um herói problemático, com as suas operações de vencer o azar.

Também, quando se trata do modelo dum vencedor, duma pessoa bela e afortunada, mesmo sem completarmos a receita do romance cor-de-rosa, sobra muito para chamar o leitor e fazer auditório. Mas um tipo como João de Barros, na Corte do Norte, cujo fasto se apagara há muito, que se distribuía entre algumas tabernas e quatro casas grandes, sem estilo e sem nome, não tem probabilidades de ser recebido de bom talante. A maioria das pessoas é, contudo, assim; e a agressividade que se estende como uma cadeia significativa no seio da sociedade, estabelece uma trama invisível entre o que pede e o que recusa, entre o que vive a desgraça e aquele que a negocia através de conceitos e de reparações. Mas há um limbo em que a sedução não tem entrada. Onde tudo é baço, confuso, sepultado na insignificância. Um mundo que não é o do embrutecimento nem o da inércia; onde tudo é possível na sua hipnose poética, mas que se desarticula mercê da falta de linguagem e de meios de relação. Digamos que esse era o mundo de João de Barros. Restava-lhe a qualidade da análise, mas essa a poucos interessa ou aproveita. Desde a origem, ele adoptara as palavras como uma conformação com a sua própria imagem. As palavras eram uma guerra de amor sem tréguas que ele usava conforme os símbo-

los adaptados a ele próprio. Assim, Leopoldina, desde o primeiro minuto em que a vira, tornara-se um objecto do seu nome. E este significara para João de Barros infinitas jornadas, suspiros de invocação e de chamada, no seu espírito dobrado em inúmeras pregas e que seria impossível abrir para o sentimento.

A sedução tem uma linguagem que não opera directamente sobre as emoções; antes as deixa incólumes e parte dum sistema frio e sem aliança com alguém, com o outro, sempre estranho e catastrófico. Há inúmeras pessoas que vivem perfeitamente solitárias, sem necessidade de afectos e de negociações sentimentais, porque estabeleceram essa linguagem irresistível do símbolo que as interpreta e ao qual se entregam para nele se perderem. Leopoldina foi uma dessas palavras, o vocábulo que dá lugar ao ritmo do apelo humano e que atravessa a maior solidão como um lugar de sedução extraordinária. Não vamos acreditar que a solidão é um castigo; é quase sempre vocação e desfecho dum egoísmo e o que mais se parece com uma arte.

Leopoldina animava uma linguagem interior, tomava forma na própria palavra, era irresistível e idêntica ao objecto cuja intensificação era igual à sua perda. Ninguém podia supor que aquela mulher ligeiramente curvada, como se fosse inclinar-se para correr, tivesse tomado o significado do possível. Do possível, não do praticável: e a sedução era exactamente isso.

Ao tempo que vivia junto de Leopoldina, que dispunha das ocasiões de sedução como se pode dispor dum fruto duma árvore, João de Barros conjurava a própria sedução, porque a vida, no coração da sedução, como da morte, tinha que dispor doutras fontes que não eram o cumprimento do desejo. A destruição que se obtinha pela própria criação de limites à sedução, era um recrutamento doutras formas de vida e precipitados da vontade humana.

Ninguém, na Corte do Norte, podia medir a distância que unia ou separava João de Leopoldina. Enquanto uns os diziam amantes, rindo dos gostos simples, quando não perversos, da mulher, outros achavam absurdo tal suposição. O amor não gosta que o sigam e

perde aqueles que o tentam alcançar. Esta era a regra da sedução que João de Barros conhecia bem. Nada ceder ao desejo compunha, afinal, um comportamento narcísico que não era de supor em João de Barros, tão feio como era e com má vista e má figura. Ele estava preparado para seduzir, pela própria força do seu mortífero retraimento. Leopoldina, duas semanas depois da chegada de João de Barros, estava louca por ele. Tudo nela o indicava: os desprezos, os gestos incoerentes, as crises de fúria e de lágrimas. O marido levou-a a um feiticeiro e voltou mais aliviada. Pelos interstícios do discurso que ouvira, havia um fundamento que ia ao encontro das suas esperanças. Uma noite, era o Inverno no auge, chovia e ventava e as janelas batiam ameaçando partirem-se os vidros, Leopoldina deitou veneno na comida de João. Quando ele ia servir-se, numa ignorância que, ela própria, era pura interrogação, Leopoldina atirou-se contra a mesa e fez cair a loiça e entornar no chão os alimentos. Ficou um fio de vinho a escorrer no soalho, como um fio de sangue. Ela acalmou-se, foi buscar um balde com água e começou a lavar o chão, recolhendo os cacos. Não disse uma palavra. João não lhe fez qualquer censura e limitou-se a esperar que ela remediasse os estragos. Contentou-se com uma ceia improvisada, e, desde esse instante, Leopoldina percebeu que ele dispunha dela, delimitando perfeitamente as concessões e os despedimentos de que o desejo de ambos se sustentava.

Começou então um período de sofrimento tão violento que ninguém podia aproximar-se sem ser altamente contaminado; porque o sofrimento como carência atinge um grau que tem, por força, de procurar em seu redor terreno onde vaz o seu excedente, como o prazer também. É esta a moral do trágico, a cumplicidade do desejo e o seu discurso; os baluartes da sedução, não cedendo, inventam a histeria que toda a sociedade compartilha. Aqui é preciso esclarecer que a sociedade que produziu uma lei e uma forma de relação cooperante com os outros, relação de trabalho e de protecção mútua, observa o sexo como um malefício. Sabe que não é possível desmitificar o sexo e que só o pode nomear

pela tangente do burlesco e da formalidade mais severa. Doutro modo, seria arrastada pelas guelras, até às profundezas da área aquática e abissal em que o sexo se liquida. Um mundo que é sexualmente claro e demonstrado é um mundo em extinção. A natureza vinga-se quando é invocada sem competente temor. O medo é um protector, nunca um laçao.

As mulheres têm como herói aquele que apara a sedução e a desenvolve em forma de lei. João de Barros tornou-se o homem de lei cuja castração Leopoldina tentava executar justamente pelo que parece ser o contrário da castração: o desatar de todos os laços da culpa. Estavam os dois ali, na Corte do Norte, como Adão e Eva no Paraíso. Ele interiorizando a lei, deixando sustentar-se do próprio facto de ser infundada, o que a serpente não deixava de referir. Ela, Leopoldina, fantasma da arquiduquesa virginal, movendo o céu e a terra para fazer pronunciar ao homem o consentimento que tudo ia modificar, estava a postos com a palavra, o corpo, as superstições, capazes de desencadear a vaga sedutora e manter disponível a ilusão como chave do enamoramento.

Porque João de Barros, como Adão, duvidava da mulher como acto criador de Deus. Era uma ocorrência, não uma criação verdadeira. E, portanto, trazia com ela esse *nada* tão puro como a simples destruição, a ruína, que ia muito além dos malefícios da guerra. Protegia-se dela para a poder amar; protegendo-se, recusava-a, o que desencadeava em Leopoldina uma subversão, um estado fora da lei, que era a sua fascinação mais temível. Não podendo sujeitá-lo pelo desejo, não podia castrá-lo pelo baptismo do desejo a que chamaria amor, montagem da lei natural que produziria filhos e alianças com a sociedade. João de Barros, se pudesse ver, como Boal e Águeda tinham visto, a grande pintura na casa Cossart – Judite aproximando-se de Holofernes como degoladora, depois de ser amante dele –, daria razão ao seu comportamento.

Mas agora acontecia que, revestido da lei, que era uma forma de evitar a sedução (a lei tomava a máscara do bem público, da moral, da religião e da política), ele próprio se tornava em objec-

to sedutor. Leopoldina adivinhava que o seu amo apresentava sintomas de amor, mas que os mascarava de autoridade e de custos intelectuais. Ele lia e escrevia muito, e isto era um anteparo da sedução. E, ao mesmo tempo, a sedução escapava por todos os poros da repressão e estabelecia um jogo de provas que ambos tinham que executar, que cumprir.

Leopoldina estava praticamente dementada e tornou-se objecto de certo culto na Corte do Norte. Toda a gente era sua aliada, sem querer, no entanto, resolver o impasse que João de Barros criara ao seu narcisismo; que, este, era o promotor da lei. Mas a lei, como sedução que deve ser, precisava dessa forma dialogante que são duas pessoas em projecto de se incluírem uma na outra e em constante resistência perversa. A perversão produz a lei que, por sua vez, exerce a sedução fictícia que é a vontade social.

Não havia nada que Leopoldina não tentasse para ser correspondida por João de Barros. Chegou a declarar-se, chegou mesmo a pedir socorro ao próprio marido. Este era iletrado, mas entendeu o acidente em que a mulher se debatia, e deixou-lhe livre o caminho. Era a maneira de escapar à corrente sem limites da feminilidade, que eterniza o desejo nas mínimas conjunturas da maternidade; que em toda a ausência humana vê uma forma de parto e de desprendimento dela própria. O amor pelo homem é ainda o reaver do filho, o recuperar do objecto uterino. João queria escapar à conversão desse amor, ser uma ausência que fundava o seu universo de homem, o seu espaço masculino. Sabia que, se levasse a bom termo a sua resistência, o mundo estaria a seus pés. O útero materno, uma vez vencido, deixava de ser limite à exigência narcísica. A gente da Corte do Norte estava perplexa. Assistia a uma luta de morte, sabia isso. Sabia que não se tratava dum caso de adultério, uma cena de costumes. Era o verdadeiro plano da feminilidade em acção, a grandiosa experiência da sedução que estava em causa. Havia momentos em que Leopoldina sentia desânimo profundo. Deitava-se debaixo dos bananais, plantados de espécies já raras a que chamavam «*Musa sapientium*» e «*Musa paradisiaca*».

A árvore do bem e do mal parecia ser uma bananeira, a bananeira-maçã, por exemplo. A vaga verde da bananeira-anã perdia-se até ao mar e ia aliar-se ao movido das ondas; isto em tempos passados, porque a vinha substituíra outras plantações, as da cana açucareira. Gaspar de Barros fora ainda senhor de engenho, e a casa da alçaprema existia ainda em ruínas, no vale. As caldeiras estavam tombadas, com o ar de velhas locomotivas no desvio.

Leopoldina, não podendo suportar a separação de João de Barros, pediu ao marido que a deixasse viver com ele maritalmente. O carvoeiro disse que, no ponto em que as coisas estavam, não lhe importava ser corno portas adentro ou desonrado fora de casa. Era estranho o comportamento desse homem rude e avinhado, que podia espancar Leopoldina por menor motivo do que a traição. Parecia que se envolvia em cumplicidade com ela; ou então que sabia das relações falhadas de tão raros amantes, e quase se divertia com isso. Por outro lado, corrigia-se de defeitos que tinha, bebia e emendava o trato com a mulher, servindo-a em tudo e encarregando-se das crianças, que a mãe abandonava. Não dava motivos para que Leopoldina o repelisse; não se sabe se era pela esperança de a recuperar, se pela gratidão de usufruir dessa paixão cujo ardor, para não embaraçar o seu público, era preferível encerrar com futilidade. Embora Leopoldina dissesse que os laços com o marido se tinham quebrado, ela mentia. Nunca tinham sido tão ardentes os seus prazeres; ela vingava no leito conjugal as frustrações dum amor que João desaproveitava.

João de Barros, um filósofo nato, não desprezava Leopoldina. Era um Voltaire em Sans-Souci, agradado de ter mulheres que o solicitavam, mas desinteressado delas como objecto e medida de prazer. No seu entender, Leopoldina, como Boal, e as numerosas cabeças coroadas que vieram à Madeira curar os males dos pulmões e dos nervos, eram histéricas sem salvação. A Quinta Vigia tinha nas suas paredes muitos desses segredos capitais de mulheres presas numa crise de sedução. Um deles, Elisabeth, humilhada por uma primeira traição do marido e em busca duma identidade

que lhe fora retirada pela corte, a língua, a etiqueta, a que não se adaptara; e pelo casamento, agente da masculinidade que lhe desagradava profundamente. Nas notas de viagem de D. Pedro V, há uma informação sobre o imperador da Áustria que explica muito desse casamento desacertado e sempre em estado de guerra fria. Diz o rei que Francisco José era grosseiro em extremo, e promete revelar pormenores que o provam. Não o fez, porém. Mas fica a nitidez duma aversão despertada ao contacto com uma natureza boçal a que só a etiqueta dava uma aura de sensibilidade. Adelaide de Inglaterra, velha dama friorenta, com as suas peles de marta, olhando desde o cais da Pontinha a parede do Monte, fechado de verdes parques onde o espírito despertava para o significado do acontecer; Leopoldina de Áustria, retratada no acto de passear na Quinta de Palheiro-Ferreiro, com uma mantilha de caxemira e um sorriso crispado, pelo que temia doutra língua, estranha, incapturável, inseduzível – para todas elas havia uma resistência que as conduzia ao desespero. Algo como uma perda de conhecimento de si mesmas levava as mulheres a instalarem-se na sedução como num princípio de linguagem que nenhum simbolismo habitava. A sedução punha em causa a possibilidade dum destino. João de Barros tinha uma linguagem, que girava à volta dessa natureza invasora da sedução; e, por isso, porque interrogava os mecanismos do desejo e das palavras que o exprimiam, Leopoldina sentia-se um efeito e não uma causa, ao ser mencionada mas não amada.

Isto era o quadro que se ia desenvolver como relação dos sexos, uns anos mais tarde. A linguagem mataria a sedução; e implicaria na obsessão chamada destino, porque o ponto de sofrimento que nos obriga a girar em volta dele, esse nada, que nos despreza e que nos consome duma maneira imperativa, seria mobilizado pela palavra. A sedução deixava de solicitar o significado duma coisa à deriva, deixava de produzir pontos fixos e consistência para esse eterno rolamento do insignificado. A histeria, potencial da sedução, tanto mais forte quanto ela própria se desconhece, teria os seus dias contados. É a relação homem-mulher, ao mesmo

tempo linguagem e pessoa que se identifica, teria um novo rumo a tomar.

Entretanto, vigiado e servido por Leopoldina, João de Barros ia compondo o seu ficheiro madeirense. Às vezes deslocava-se ao Funchal, mas evitava encontrar-se com a mãe e com Olímpia. Não sentia nada por elas e admirava-se como deixara esfriar os seus sentimentos de família ao ponto de eles o envergonharem. Não podia ouvir mais os dois ou três factos que Alice contava como os eixos principais da sua vida cívica; como o perigo de morte em que estivera um avô dela, destacado para a Ribeira Brava quando das eleições para deputados, em 1884. Era um sargento que se gabava de ter apertado a mão a Arriaga, porque tinha ideais republicanos. João de Barros ficava desesperado.

– Meu Deus, um sargento no meu passado! Um cabo ainda vá! Napoleão era «o pequeno cabo» e deu o que deu. Mas sargento! O que vale é que, depois da segunda geração, para a gente comum os antepassados não contam.

– Não é bonito o que diz, João de Barros – atalhou Leopoldina. Estava vestida como uma senhora e usava a nova moda de saia curta e cabelo cortado. Parecia muito pior do que com os trajos de chita e as botas de viloa. Tentava assemelhar-se às figuras femininas mais reputadas na família de João de Barros, especialmente Boal, de rosto sério e beleza casta. Ultimamente Boal era um dos temas preferidos no ficheiro secreto de João de Barros. Porque ele tinha um dicionário de casos sem solução, e expunha nele a sua experiência das palavras, que sucedia à experiência dos factos. O tempo das palavras estendia-se pelo espaço europeu e desviava o homem do seu próprio destino, que era um renascimento além de si próprio, em terra prometida. As palavras estavam lá, como uma abordagem feita à partilha do sentido que elas inventam para uso em comum do amor, que é afinal a partilha do sentido conferido pelas palavras.

O que era enigmático em Boal, para seu filho Francisco, que não deixou nunca de conjecturar as causas do seu desaparecimento, não era a mesma coisa para Águeda, uma geração depois. Havia

novos rumos e aberturas de pensamento que tornavam o comportamento de Rosalina mais consequente e mais normal. Lopo dizia, como se dizia na corte austríaca a respeito de Elisabeth, que Boal tinha «qualquer coisa», uma pancada. Mas trinta anos depois, no entender de Tristão das Damas, seu neto, Rosalina era uma mulher doente, com algumas probabilidades de escapar a um diagnóstico, simplesmente porque não havia meios para o fazer. Mas passados mais trinta anos, quando João, filho de Alice e de Tristão, chegou à Corte do Norte, deparou com a lenda de Boal muito alterada. Ninguém se lembrava como ela morrera, e admitia-se mesmo que casasse com João Sanha e fosse actriz muito célebre. Havia uma prospecção genealógica nesse sentido, embora se tratasse doutra senhora, chamada Emília de Sousa. Como aconteceu com a História, e um país que lhe dá origem, era muito problemático abordar a imagem pelo pensamento, sem a ajuda tenaz do símbolo. Uma imagem pode ser afogada por outra imagem, e o retrato mais fielmente traçado sofre da falta do essencial que capta o objecto no mais fundo da sua relação com os outros. Boal não se podia capturar na confrontação de inúmeras imagens a que dera lugar. João de Barros escrevia que a pátria, de que a ilha era parte e possivelmente o espelho essencial, estava à mercê da reflexão imaginária. Existia e era recusada em cada momento da sua definição; e uma série de retratos, a perder de vista, nada completavam do seu organismo essencial.

Que era afinal a evidência de Boal? E a evidência de Portugal? Destacava-se um facto, como a queda de Rosalina no abismo numa tarde de vento; destacava-se também um facto histórico, como a saída das naus para a Índia ou a partida da Invencível Armada do Tejo. Mas havia um sem fim de filamentos que demonstravam esse facto, que o faziam desmanchar-se e deixavam só o volume do veredicto, a unanimidade do veredicto. Então o facto apagava-se como com um sopro se apaga uma vela. O símbolo reagrupava-o, sucedia no desencadear da acção, ele próprio exumava dos escombros o veredicto; e o país renascia, e a História fundava-se.

Doutro modo, por exemplo, Colombo nunca teria sido descobridor da América, mas um donatário rico de Porto Santo, que lia por desenfado o diário de bordo de todos os marinheiros um pouco molestados de febres, um pouco bêbados de rum. Um dia fez uma viagem de rotina, na rota de Demerara, e chegou a terra que nunca admitiria ser desconhecida. A sua boa fama proibia que ele se enganasse, ou então os seus amigos, inclusive *sir* Emeraut da Picardia, viravam-lhe a cara. O insucesso está na imaginação de que se desconfia. É possível duvidar dos actos dum homem, mas não da sua imaginação.

Boal foi para o seu bisneto João de Barros um idílio, uma aliança, uma saída. Escreveu que ela vivera na Corte do Norte como uma profetisa, porque a cada geração ela punha um enigma e a cada recém-chegado pedia uma resposta. Como uma esfinge, com o seu leque preto diante do rosto (e nisso imitava Elisabeth, que com o leque escondia os dentes amarelos e mais tarde as rugas), Boal estava na Corte do Norte; ao seu dispor, com infinitas peculiaridades do génio mau que ela tinha e a que João de Barros podia dar uma explicação. Podia derrubar a perspectiva de Boal que as outras gerações tinham produzido, só com animá-la com a sua linguagem. Porque fazia ele isso? Para se demarcar de Leopoldina, que o chamava tão alto que toda a povoação a ouvia e até aplaudia. À medida que a batalha se travava, entre os poderes dela e o desejo desacordado dele, as pessoas todas tomavam parte e incluíam-se nessa comédia do feminino em histeria combinada com a morte.

– Amo-o, amo-o – dizia Leopoldina na missa, em voz audível, quando a hóstia e o cálice eram elevados no altar. As lágrimas inundavam o seu rosto belo. Tanta beleza comunicava sofrimento, porque ela não tinha praticamente razão de existir. Um homem feio e sem graça resistia-lhe. João de Barros era detestado por toda a gente, e começavam a pensar seriamente em perdê-lo. Não pensavam nisso de maneira descritiva, jogando com as ocasiões propícias para ele morrer. Não diziam: pode ser atropelado, pode ter uma doença que não perdoa, pode afinal estar contaminado

pelo bacilo que fez morrer o seu próprio avô, e o pai dele, Tristão das Damas. Contentavam-se em, num relance apenas vislumbado pela razão, desejar-lhe a morte. Quando um sino tocava a finados, dizia-se: «Quem terá morrido?» E o primeiro nome lembrado era o de João de Barros. Outros, ao vê-lo tão estranho, magro como um lobo famélico, pensavam rapidamente que o seu desaparecimento não afectaria ninguém, nem a própria mãe dele, que não lhe queria muito.

Mas, de súbito, imaginando a sua perda como algo de fatal e deslumbrante, uma dor rasgada abria-se, e a solidão aparecia como a própria presença da morte. Quem era aquele homem que a todos tocava, como parte dum ser absoluto e poderoso? A estranheza que ele comunicava agia como uma forma de amor. Em vão queriam situá-lo na área vulnerável do que é conhecido e tem um preço; João de Barros não se adaptava a nenhum sinal. Em vão descreviam os seus laços com Leopoldina como os mais banais, simples amores efémeros que era fácil ignorar. Mas seria isso? Dormiam juntos ou apenas se desafiavam nesse contacto inábil e injusto de duas pessoas que se imaginam e não têm amor para trocar? Era humano o que eles viviam? Então porque arrastavam com eles uma espécie de loucura de generosidade que os protegia, que os queria interessar para colherem uma parcela dessa realidade completamente desconhecida, como uma doença desconhecida? Ele provocava a interpretação de todos os seus actos, e isso tornava as pessoas presas numa obsessão. Era isso o que acontecia ao centro europeu, à sua cultura vítima de obsessão. A acção era um mero motivo de interpretação, e as pessoas iam desempenhando esse cargo de investigar a realidade das coisas cada vez com mais afínco e mais capacidade decifradora. Mas isso não conduzia a nada. As palavras giravam como soldados em manobras, cercando um objecto, dando-lhe caça para proveito da interpretação.

João de Barros percebeu que a história de Boal se resumia a isso: ela fora apoderada pela insensatez de interpretar os seus sentimentos, o seu estado no casamento, o encontro com uma realidade

estranha ao seu quotidiano – a Imperatriz com as suas damas e o conde Hunyády. Exactamente, dessa fronteira da Europa, Viena de Áustria, fonte de explosiva carga de palavras, palavras em desusada abundância que substituíam os mitos e despertavam o inconsciente com a sua fustiga de seda, vinha a gélida era da interpretação. As palavras eram os deuses modernos. Freud dera-lhes uma força incomensurável; munira-as de esporas como galos de combate, e elas eram capazes de destruir uma civilização. Era bom ou mau? No fim de contas, as palavras venciam, e no que vence há pelo menos uma inteligência dotada da sua «douta carência». Os recursos infinitos da ruína em que o mundo se formara continuavam a sua obra. A invasão das palavras fazia parte desses recursos.

Mas Rosalina, praticamente sujeita à interpretação de três gerações, qual fora o seu trajecto? Morta por acidente, enquanto colhia ovos de pombos do mar, ou vítima de cólera e enterrada em segredo na capela dos Sanha? Ou então fugida na comitiva da Imperatriz e seguindo-a fielmente nas suas excursões, envelhecendo juntas ao longo duma história de vedetismo errante? É possível que a aia que servira a Elisabeth o última gole de leite, numa taça de prata, fosse Boal; ela precipitara-se para lavar a xícara e metê-la na mala, porque estavam atrasadas e o barco ia zarpar dentro de minutos do porto de Genève. Era absurdo, mas o absurdo é uma perspectiva ao serviço da sedução; ele realiza a plenitude da sedução. Entre ela e a actriz Emília de Sousa, que pacto havia? Eram a mesma pessoa, e muita gente sabia isso e fingira liquidar o assunto com uma espécie de cumplicidade tutelar, mentindo, deixando a mentira enraizar-se como um roble, um dragoeiro imenso. Rosalina teria sido a actriz Emília de Sousa, a mulher mais querida e mais detestada do seu tempo e que opunham à Ristori como uma glória nacional, e cujos contratos leoninos eram motivo de enorme inveja, de pateada e calúnia.

Para João de Barros, aquela avó que a memória dele não alcançava conseguira o que nenhuma outra mulher conseguia: a decepção não se produzia, a máquina sedutora que ela era seguia o seu

caminho através dos tempos, encontrando sempre o seu par, a quem chegava pelo efeito narcísico da interpretação. Quem interpreta espera encontrar-se e, sobretudo, encontrar-se como imagem consumada, salva da imperfeição. João de Barros ligava todos os factos da vida de Boal, o seu casamento com Gaspar de Barros, o título que ela tinha de baronesa de Madalena do Mar, a sua própria naturalidade de porto-santense, e ficava com um retrato valioso no ponto de vista psicológico. Rosalina era provavelmente uma mulher soberba mas discreta, cheia de inúmeros projectos larvados que nunca se concretizam e que, por isso mesmo, desenvolvem na personalidade uma terrível força de persuasão. Colombo em Porto Santo, casado com a rica Filipa Perestrelo, estivera fechado nesse encantamento moral que é o de transfigurar as aparências. E era tão violento o seu desejo que captava a vontade dos outros, esses sim, factores da empresa que ele nunca chegou a executar. Porque João de Barros admitia que Colombo nunca chegou à América e morreu no Funchal numa corte de correios e de secretários que o punham ao corrente do que se passava no império de duas cabeças. O filho era o seu capitão dos mares, e o desmentido da sua impotência de grande imaginativo.

Boal nunca saía da Corte do Norte, portanto. Sofrera qualquer acidente, talvez morresse em consequência disso, duma gangrena que se declarou depois de ter partido uma perna numa queda que dera. Ou o mais natural, e de acordo com o seu tipo, é que tivesse ficado desfigurada, ou inválida, e se fechasse em casa e deixasse de ser vista. Um criado do conde de Carvalhal, Vicente de Sousa, que vivera em Inglaterra como refugiado político, dizia que a baronesa de Madalena do Mar era coxa e usava peruca. Ele tinha-a visto quando era já velho, por volta de 1885, o que significa que nessa data Boal vivia ainda, com cinquenta e cinco anos, aproximadamente. João Sanha acompanhava-a sempre como uma sombra e, quando ela morreu, herdou dela oitenta contos de réis, que não quis receber.

Subitamente João de Barros achou-se no centro dum turbilhão que a depressão dos anos 30 desencadeara. Até aí ele era um

cidadão de pouco recorte cívico, cujas terras produziam pequenas colheitas quase só para consumo próprio. A crise não o atingiu duramente, tanto mais que era homem sem família a sustentar e sem transacções bancárias a efectuar. Estava na Corte do Norte, ocupado com o seu ficheiro e sempre acompanhado por Leopoldina, cuja mancebia com ele se oficializava; embora não fossem amantes, uma definição como essa parecia tranquilizar as pessoas e pô-las em condições de perdoar ou de condenar. O absurdo é que lhes transmitiria uma espécie de entendimento com o desregramento que há em escapar aos quadros estabelecidos. Leopoldina fazia tudo para sossegar os ânimos e distribuía informações falsas sobre o seu estado. Era como nos relatos das batalhas, que sempre urge desviar do sentimento da catástrofe, para o que fazer durar a mentira é uma ordem que se prende com a moral.

Um dia Alice escreveu-lhe. O seu quiosque no casino abria falência. Não vendia nada, as mulheres andavam «a monte», como ela dizia, perseguidas pelos credores e endividadas até à alma. Apesar de tudo, um luxo insólito rompia a crise, e um furor de viver cobria toda a área de diversão e de prazer. Olímpia lamentava não ser nova, agora que as oportunidades para as mundanas e as mulheres de pequena virtude se ampliavam, com a rede de negócios escuros e as profissões novas, de revendedores, informadores, promotores de transacções, prospectores de mercados. Alice mentia. Como estava velha e sobretudo conservava o seu ar honesto e desleixado, não convinha à empresa conservá-la à vista, em lugar que exigia bom parecer e juventude. Não reconhecia que melhor funcionária não havia, com o gosto da confidência que andava pelos limites da decência e não sofria com as surpresas da licenciosidade, nem com a crueza da pornografia, nem com a sugestão do proibido. Em tudo tocava Alice com mãos lavadas, ganhando pouco, emprestando a juro baixo, tendo como compensação maior aquela pingue jornada de contactos com o mundo do prazer e a estrela do vício. Alice era uma decana, uma mordoma, uma ministra da libertinagem pura.

– Não sei como aguentas – dizia Olímpia que, ela sim, era mulher ávida, gostava de roupas caras e de frequentar lugares de luxo. Mas isso não impedia que ela respeitasse hierarquias, que não soubesse distinguir uma cortesã duma tipa de má vida. Venerava as grandes aventureiras, que faziam fortuna e acabavam bem, cheias de pérolas e até dando esmolas para a Igreja; e desprezava as pequenas pegas vindas do campo, faladoras e sem embaraço com a ignorância, de que faziam um atractivo. Olímpia, com o seu passado hipócrita e quase sonso, tinha uma pena enorme de não estar ainda «no activo», capaz de aproveitar os tempos de glória para gente como ela, agora que os bares se abriam para a mulheres sérias e era possível beber champanhe às seis da tarde sem escandalizar a jovem esposa dum professor de matemática que vinha visitar o casino, como quem visita o museu de arte sacra. Tudo mudava e, mesmo quando os bancos suspenderam pagamentos e houve um princípio de revolta na cidade, Olímpia continuava a pensar que o tempo das mulheres era aquele, um tempo de cavalheiros de indústria e de gente que sobe na vida entre dois tragos de *whisky*. Alice estava desempregada e pedia dinheiro a João de Barros. Quando ele lhe propôs viver na Corte do Norte, sabendo de antemão que ela não aceitava, ficou escandalizada. Soube, como sabia tudo o que fosse motivo de intriga e troca de informações mais ou menos dignas de crédito, que o filho estivera envolvido na proclamação da Junta Revolucionária, e calara-se. Calara-se também quando o caso de Leopoldina lhe chegara aos ouvidos, um caso típico de homem maduro e desacreditado para o casamento, pois não tinha fortuna, nem sequer olhos bonitos. Esperou quatro anos para lhe dizer que o achava um anarquista e que ele era bem reconhecível na fotografia do saque da moagem e dos tumultos do Funchal. Não era verdade. Mas João de Barros andava com gente suspeita, dava guarida a pessoas com cadastro político e tinha por elas uma simpatia obscura, de homem rico arrependido. João de Barros enriquecera, quase sem dar por isso. Comprando trigo e vendendo-o com lucros exorbitantes, o que

não era seu ofício nem seu empenho, achou-se milionário. Passaram a admirá-lo, quando, até aí, homem culto e original, desempenhara na sociedade melhor papel e era digno de mais respeito. Mas ninguém se importa com as virtudes se não forem rendosas. O rendimento traduz uma fraqueza da sorte para com o indivíduo que nem a cortejou nem a teve como mestra. E a sorte – que melhores louros para a cabeça dum mortal? A sorte, verdadeiramente, não se compra. É uma dádiva, é uma carícia, é um laço com a experiência sem ter convívio com ela. João de Barros enriqueceu para provar que isso é uma pequena arte e não uma ciência. Comprou a Quinta Cossart e tornou-se o que se chama um homem público. Intervinha em tudo, pediam-lhe conselho a respeito de tudo. Não há melhor garantia de se ser um sábio, do que o êxito na vida material. João de Barros, aos cinquenta anos, atingiu o auge do seu entendimento com a sociedade; pediam-lhe opiniões como se lhe pedissem dinheiro, e as suas palavras concisas e herméticas eram como peças de ouro arrancadas a um cofre-forte. A própria Alice se deixou impressionar por aquela ascensão, caracterizada em sentido físico por João viver na Quinta Cossart como no Monte Tabor, esperando a elevação aos céus. Alice visitava-o humildemente; estabelecera relações de amizade com o guarda-portão, cuja família e cujos cães se tornaram seus íntimos. Na verdade, ela passava mais tempo em casa do guarda do que na própria casa Cossart, e era com dificuldade que se arrancava ao convívio fácil e coscuvilheiro dessa gente meia cigana e de feitio agressivo, para ir enfrentar João no seu esplendor. Ele não mudara nada na casa, e lá continuavam as cópias da *Vénus* e do *Atleta que tira do pé um espinho*; assim como Judite espiando o sono de Holofernes, enchendo a parede como uma cena de ópera. Podia esperar-se que a mulher fosse lançar um trinado agudo, tanto o seu seio estava cheio de ar como o papo do urogalho. João de Barros não se deu ao trabalho de alterar a fisionomia da casa, que sempre amara tal como era e cuja vista primitiva tinha sido pintada por um habilidoso, com as árvores recém-plantadas deixando a descoberto a

mansão, como um pudim em gomos de gelatina. A impressão de que a casa tinha algo de comestível, como as peças armadas dos doceiros, ficara-lhe desde criança. Leopoldina não se afazia a essa grandeza dispersa e tocante, dum cenário para comemorações, aniversários, por exemplo, e meninas vestidas de branco levando na mão um pedaço de bolo guarnecido e cujas pérolas de açúcar caíam no chão saibrado. Ela, Leopoldina, tinha muito medo de estar sozinha nos fundos, espécie de cripta de mármore onde a cozinha abria para a lavandaria, tudo branco e carregado duma crosta gordurosa, de sebo negro e ferrugem que voava ao menor sopro. Sentia passos, ouvia ranger a escada; tinha a impressão de que alguém se movia com uma destreza habitual, parando à porta para dar uma ordem, e depois desaparecia. O facto de ter morrido na casa o último imperador da Áustria, Karl de Habsburgo, com os filhos debruçados na cama, filhos de insigne sangue que ele expectorava no lençol como se selasse com ele o seu último decreto, fazia-lhe mal. João de Barros teve a esperança leve, apenas afforada, de que Leopoldina o ia deixar. Mas que mulher mais adequada ele receberia dentro das portas, uma amante nominal e uma governanta cheia de talentos, sendo o maior o da fidelidade? Leopoldina era-lhe fiel, ou antes, não pensava em amores, agora que a sedução não se consumara com João de Barros. A sua força feminina, o corpo não castrável de que se orgulhava, estava abalada, porque ele a dispensava de qualquer prova; e, sobretudo, ele não receava a impotência que Leopoldina se julgava capaz de produzir nele pelo facto de seduzir a sua frigidez. Ele tirava prazer do inecessário que ela representava.

Não era, pois, provável que jamais se separassem. À parte esse girar em volta da insolúvel relação que os unia e afastava ao mesmo tempo, havia o mundo exterior e as obrigações para com ele muito multiplicadas. João de Barros era presidente de associações diversas, culturais e beneméritas; pertencia a vários conselhos de administração, era convidado para fazer conferências sobre arte, botânica, pesca e floricultura. O único assunto que ele gostaria de

tratar era o da interpretação; mas não tinha público para ele, nem vontade de o divulgar por escrito. Fora-lhe concedida a categoria de seu bisavô, membro do Clube Funchalense, a mais *snob* e fechada das assembleias, e que pertencera à seita dos *Jardineiros*; verdadeiro centro de conspiração liberal e cujas reuniões se realizavam na casa do inglês Grant, na Camacha. Desse antepassado lhe ficara um gosto descontente pelos juízos do poder e a necessidade de fundar uniões de timbre dissidente. Os tempos altos da Madeira foram, nesse espírito de maçonaria, os de Gaspar de Barros que, juntamente com o conde de Carvalhal, chefiara os acontecimentos políticos mais relevantes. Ele integrara o Clube do Carmo, onde pairava um certo espírito faccioso bem diferente dos antigos ideais iluministas. A Camacha, lugar umbroso e composto ao estilo botânico, com abundância de robles e de tílias gigantescas, plantadas por residentes ricos que enriqueceram a flora com espécies exóticas de origem indiana, merecia a fama que tinha, de ser o parque da ilha e seu recreio deslumbrante. Mas a Quinta Cossart tinha algo de perturbador, talvez porque se abria naturalmente sobre a baía e dela recebia a festa da sua luz azul. E também a casa, de leve arquitectura, dum rosa murcho, dava uma impressão de flor desfolhada cuja forma se vai desmanchando. Era realmente como uma grande rosa no chão, com as pétalas dos seus ovalados espaços projectados para fora como para recolher o jardim no ventre das salas, de moribundo e casto silêncio.

Da fidalguia dos Barros constava que nunca houvera lojistas na família; e que até um estabelecimento de varejo que alguém da casa chegara a possuir fora vendido, para ele poder ser recebido no Clube Funchalense, que não admitia senão negociantes e proprietários; descendentes dos morgados antigos, gente proba e um pouco endomingada e que guardava, mais do que a gente do continente, uma veneração exigente pelas coisas da liberdade e do património.

Foi para corresponder a essa espécie de casta sacerdotal do burguês madeirense, que João de Barros se casou com uma jovem senhora sua prima, e que se separou de Leopoldina. Esta, dotada

e já esvaída dos seus pecados, voltou à Corte do Norte, onde o marido a recebeu bem. Os filhos estavam criados e tomaram o regresso da mãe como uma surpresa quase divertida. Um espírito jocoso acompanhara toda essa aventura. Possivelmente a vida insular previne o drama, na sua tática de decepar na raiz a loucura de se interrogar.

O madeirense, mesmo aquele que se julga apenas dependente de novos preconceitos, como as ideias sociais, os *jeans* e a música *rock*, tem um orgulho bisonho e sério no seu passado. Passado em que figura, de maneira lendária (que é sempre a maneira que se desenvolve com felicidade na escola da razão prática), D. Gonçalo Afonso d'Avis Trastâmara Fernandes. Este personagem, que só ele pedia um romance de capa e espada, se isso não fosse anacrónico e, pior ainda, se não corresse o risco de se tornar um *best-seller*, era, ao que se diz, filho de D. Afonso V e da *Excelente Senhora*, professora no convento de Santa Clara depois desse idílio que terminou em Toro, de má memória. D. Gonçalo Afonso teria o direito ao trono português se não fossem as malhas da política que o retiraram da linha de sucessão, mandando-o para a Madeira, onde casou e teve descendência. Consta que D. Afonso V escreveu uma carta, dando-o por nascido dos seus amores com Joana de Castela, e que os descendentes de Gonçalo Afonso possuíam essa carta.

De qualquer modo, na lápide tumular da capela onde ele foi inumado, figurava um menino que apontava para uma sentença bíblica: «E também nós, logo que nascemos, deixamos de existir.» Se houve ambiguidade na escolha do epitáfio, a verdade é que não podia ser mais alusivo à história que, na Madeira, se tem por certa. Gonçalo Afonso, com mais sorte do que o pretenso irmão do Rei-Sol, celebrizado com o nome de *Máscara de Ferro* por Alexandre Dumas, teria vivido em exílio faustoso na Madeira, recebendo todos os anos artigos de luxo e provisões, carregados numa nau, espécie de foro da desgraça à portuguesa, com brinde de justiça a acompanhar. Dos netos espúrios de Afonso V, que tomaram o nome da casa de sua mãe, Andrade, partiu a linha

genealógica que cobriu a Madeira de lés a lés e que no século xvii estava já radicada em Pernambuco, onde iniciaram a nobreza de engenho, deixando nesse Estado do Brasil um rasto de neurastenia e opulência que era de origem insular. Gaspar de Barros ainda conhecera no Recife a tia Luísa Jacinta, directa descendente desses Cunha Andrade que combateram os holandeses, ainda que, decerto, sem muita vontade, pois tinham laços de parentesco com Arnau de Holanda, cidadão que não se reconhece como brasileiro. Os Carneiro da Cunha, gente nordestina de grande casa e fortuna, e os Cabral de Melo, nos seus engenhos de Tabocas e Muribara, às vezes vinham casar ao Funchal, numa espécie de regresso à fonte que se intitulava Ornelas e Bettencourt. Dessa rede em que se multiplicavam os afluentes e as malhas intrincadas da dinastia de Afonso V, saía o próprio Gaspar de Barros, excelente figura de homem, de olho azul e ar lamartiniano. Na gravata de seda preta pousava a barba cortada rente ao queixo e realçando o oval do rosto. Era elegante e belo, e fizera-se retratar em Londres por um desses pintores de família que não sabem desenhar as mãos e as escondem sempre de maneira não de todo hábil. Ao pé dele, a prima, Rosalina de Madalena do Mar, era uma provinciana com colete de pano cru e varas de metal que se conheciam debaixo do vestido de *moiré*. Mas era ela quem fizera história com a sua carreira enigmática na Corte do Norte. João de Barros, seu bisneto, agora proprietário da casa Cossart, que ela amara tanto quando a vira em criança, então uma casa nova e que se abria para a sociedade funchalense, pensava que Rosalina não existira. Pelo menos que ela não existira como constava dos poucos papéis de família que a citavam. Mary Cossart, que a conhecera, escrevendo a sua filha, contava que Boal tinha uma ferida numa perna que nunca cicatrizava; e que o marido se separara dela por esse motivo. João de Barros teve a ideia que exprimiu assim: uma vez conhecidos os fármacos que uma pessoa usou em vida, estava praticamente detectada a causa da sua morte. Se Rosalina sofrera algum mal crónico, podia haver ainda algum vestígio dos remédios

que usara nos velhos frascos e boiões amontoados na casa da Corte do Norte. Tendo revisto as provas do seu ficheiro, que afinal não chegou a publicar por ele se ter tornado um pretexto para filosofar, João de Barros foi para Ponta Delgada na Primavera de 1924, disposto a fazer um inquérito sobre as possíveis doenças de Boal. Apenas apurou que havia em casa uma provisão de sangue-drago, ou seja, o suco do dragoeiro, a entender por um livro de receitas. As páginas estavam queimadas e quebradiças, mas compreendia-se a letra bem lançada que registara diversas espécies de bálsamos e um cozimento de arruda; a arruda que era usada contra os ataques de possessão e tristeza luxuriosa, não passando dum simples calmante uterino. Estas averiguações não o levaram a grandes descobertas, mas a certa altura deparou com uma carta muito estranha. Estava datada de 1879, data avançada àquela em que Rosalina desaparecera, e subscrevia-a uma superiora do Hospício da Princesa D. Maria Amélia, a irmã Rolland. O teor da carta era extraordinário. A irmã Rolland informava acerca duma criança do orfanato, que fora recebida um ano antes no Hospício, e dizia, em termos concisos, que ela tomava regularmente um xarope de *maple*. «*Maple syrup*», era o termo. Tratava-se duma espécie de mel aromático, que decerto se incorporava a qualquer anti-tússico. João de Barros ficou fascinado com a referência a uma criança, de idade difícil de precisar, mas que tanto podia ser de berço como já mais velha. O primeiro pensamento que lhe ocorreu foi que Rosalina, morrendo, deixara uma criança que se destinou ao orfanato do Funchal, por influência decerto de Gaspar de Barros ou de sua mãe, a temível D. Matilde. Mas a carta era dirigida a Rosalina, pois começava com um cerimonioso título de *Senhora*. A única senhora na casa da Corte do Norte era ela. Estava, portanto, viva ainda quando a superiora do Hospício lhe escrevera; parecia, além disso, uma mensagem de rotina, destinada a informar uma benemérita, das muitas que protegiam o orfanato. Podia tratar-se simplesmente dum caso banal, de protecção a um órfão, que os havia em quantidade depois da epidemia da cólera ou do

surto da varíola. Todavia, o que João de Barros reputava estranho era que na data em que a carta fora escrita já Boal não constava do número dos vivos. Quem era pois a «senhora» da casa da Corte do Norte, em 1879? Nesse tempo começara uma grande emigração para as ilhas Sandwich, e era de admitir que a criança fosse confiada ao orfanato enquanto os pais tentavam melhor fortuna fora da ilha. Mas ficava sempre de pé o caso da «senhora» a quem a irmã Rolland se dirigia. Era um quebra-cabeças difícil de resolver e que levantava outra vez muitas dúvidas quanto ao desaparecimento de Rosalina. João de Barros estava certo de que ela não morrera despenhada no mar e que em 1879, dezanove anos depois da estadia de Elisabeth da Áustria na ilha, ela estaria de perfeita saúde. Tinha, nesse tempo, aproximadamente quarenta e quatro anos, e era a ela que se referiam as duas melhores cronistas da Corte do Norte, Veridiana e Micaela, que diziam que «ela era da idade das Angústias», quando a viram na romaria do Senhor, com João Sanha, indo os dois vestidos como para visitas, Boal de caxemira e brilhantes nas orelhas, ele de sobrecasaca de pano claro. Com «angústias», queriam dizer o cemitério das Angústias, que fora inaugurado em 1838. Dera-se a trasladação do conde de Carvalhal da sua capela de Palheiro-Ferreiro para o cemitério das Angústias sobranceiro ao mar e contíguo à Quinta Vigia. Na casa Cossart falou-se disso com um pouco de repugnância, e os filhos de Mary Cossart tinham medo de subir para os seus quartos nas mansardas, porque pensavam no conde roído pelos vermes e em muito mau estado de conservação. O primeiro conde morrera um ano antes de o cemitério estar terminado, mas decerto deixou expressa a vontade de lá repousar, porque o segundo conde, seu sobrinho, o sepultou lá, quarenta anos depois. E, aí, João de Barros tinha outro dado: Rosalina estava ainda viva quando se deu a trasladação do conde, porque mandou uma coroa de camélias duma formosura sem igual. As camélias eram as flores preferidas da actriz Emília, e António Leandro Esmeraldo do Carvalhal, o segundo conde, comoveu-se com esse gesto. Deixou um bilhete na Corte do

Norte com umas palavras de agradecimento, dirigidas à «baronesa». Rosalina, e só ela, era a baronesa de Madalena do Mar. Portanto, em 1879 estava viva; como também se depreendia pela carta da irmã Rolland a ela endereçada.

Esta investigação punha João de Barros tão absorto que, um dia em que Leopoldina o foi ver (ela não era já sua caseira, mas vivia do dinheiro que os filhos lhe mandavam da América), não a reconheceu. Ouviu-a falar nervosamente do seu bem-estar e das duas viagens que fizera à «Brezuela» e das pepitas de ouro que de lá trouxera, e não entendeu mesmo nada. Estava rica, mas as coisas aconteciam-lhe com uma precipitação desconcertante; uma fortuna rápida elimina a vontade de a apreciar. Leopoldina mostrava-se alheada da sua felicidade, que, afinal, é menos aproveitável do que a desgraça.

Quanto à nova personalidade de João de Barros na pele dum opulento comerciante, isso não a convenceu. Nem mesmo Alice achou natural o papel do filho; um professor de matemática não se transforma assim num homem rico e, mais ainda, um homem perfeitamente adaptado à riqueza. Era como se há muito a desfrutasse no projecto que tinha dela. Constatou que o que o unira ao seu aluno Sebastião, o Dr. Bas, não era uma decente tarefa de contabilista, mas um plano de jogo que João de Barros estudara; uma martingala que pusera em execução com resultados prodigiosos. O seu fantástico ano desaparecera, e a sociedade dos dois homens desfez-se quase subitamente; correu então a versão de ele reformar João de Barros com uma garantia sobre a propriedade da Corte do Norte. Só alguns anos depois se consolidou a fortuna desse homenzinho retraído e calado, que se fazia seguir por Leopoldina como por uma escrava marroquina e que ela amava extremamente. Quando a Quinta Cossart se vendeu, João de Barros correu a comprá-la, e esse foi o primeiro passo que denunciou a abundância; um primeiro passo que, vencido, fez nascer no seu espírito um desejo de ostentação e extravagância que até ali ele parecia desconhecer. Fez-se receber pela sociedade do Funchal como um Conde de Monte Cristo a quem faltasse a vingança como espe-

cialidade marselhesa, como uma *bouillabaisse* de depressões. Admiravam-se de o ter ignorado, homem culto e raro que ele era. Todos os seus dotes de inteligência pareceram saltar como uma enfiada de bandeiras do bolso do prestidigitador. Um dia alguém perguntou porque não dera acordo mais cedo. João de Barros estava no limiar da casa Cossart, vestido de tenista e pronto a jogar uma partida com os novos amigos que tinha.

– O cargo estorva o talento – disse. Na opinião dele, um homem público, destinado a uma carreira na política ou na área capitalista, não deve dar prioridade ao talento. João de Barros achava que era um homem médio com a destreza periódica duma ideia genial. Há milionários por dinastia, e há outros por revelação. Era mais que certo que ele descobrira a maneira de ganhar ao jogo, como outros descobriam o tubo sem soldadura. Apurava todos os sentidos para chegar a essa informação, e sempre que chegava ao casino, com a sua pasta preta de contabilista, seguindo de perto Sebastião Flores, o Dr. Bas, era para prestar uma atenção desmesurada ao ruído dos mecanismos da roleta. Sabia imediatamente se estava viciada e como era possível desfrutar disso; por outro lado, ele próprio conhecia os riscos duma fortuna feita dessa maneira; a sua vida estaria em perigo e não haveria lugar onde pudesse estar seguro. Lembrou-se de negociar os seus conhecimentos e, então, porque os registara num livro, pagaram-lhe fabulosamente para não o publicar. João de Barros obtinha uma renda dos casinos mais famosos, incluindo Monte Carlo e Deauville, e até os casinos termais, como os do Vale de Aosta, só para não escrever sobre os mistérios do jogo. Era uma quantia tão imensa a que juntava, que, se pudesse ser registada, o punha à frente da grande casta de super-ricos, os *jet-set* de todo o mundo, que viajavam continuamente nos aviões com ligação telefónica para o seu conselheiro de finanças e a sua amante. História absurda e que, porque era absurda, tinha grandes probabilidades de se fixar.

No entanto, João de Barros vivia sem exorbitância, isto é: tirava um prazer sempre iminente em ser um desconhecido. Nem

mesmo tocara na casa Cossart para lhe dar outro esplendor. Podia coleccionar coisas preciosas e encher as salas de obras de arte seleccionadas. Mas não dava à arte grande importância. «Ela é a parte mais vazia do jogo: precisa dum ponto de ruptura com a realidade, para ser reconhecida como arte.» Ele gostava da casa Cossart tal como estava, com as suas duvidosas telas tão grandes como se fossem destinadas à Capela Sixtina e, por isso mesmo, dum impossível alinhamento naquele espaço. O que as tornava um pouco deslocadas, como Judite, à porta da copa e como tendo saído de lá para matar Holofernes, pronta a regressar com o troféu do seu crime, como com um saco cheio de provisões. Esse absurdo delicioso, que a vida toda tinha em abundância, agradava a João de Barros como a melhor colheita dos seus dias de criatura mortal. O absurdo era a sua festa, a sua paga régia; era o motivo solene da sua desculpabilização. Era afinal o baptismo mais eficaz que se podia instituir, esse banho do absurdo que em toda a parte podia ser tomado, um absurdo que era, ele mesmo, um jogo magistral com Deus. João de Barros, o menos pensador dos homens, criara um parque de jogos onde praticava as suas partidas de absurdo. Como não era o autor nem das regras, nem das condições, nem sequer dos efeitos ilusórios, ganhava sempre.

CAPÍTULO VII

Por mero acaso, assistiu João de Barros a uma conferência na Associação Católica, feita por um jovem catedrático. Ele não disse nada de especial, porque um jovem catedrático está sempre demasiado ocupado em ter razão para poder dizer algo de especial. João de Barros não prestou atenção a esse homem magro e com ar de prefeito de colégio, como ele próprio, João de Barros, tinha ainda, apesar dos seus casacos de malha, de *yacht man*. Mas algo o impressionou: foi a maneira como ele o fitou, tendo no rosto irresoluto e tímido um olhar que denuncia o homem de grandes decisões. Porque os que muito decidem, em causas graves, parecendo tirar a sua opinião da frieza táctica, são afinal pessoas profundamente inquietas quanto aos seus objectivos. Em geral não é o poder o que os seduz; eles consomem um objecto que os habita, através dos significados que o transferem. Esse conferencista (provavelmente um provinciano iluminado, como todos os grandes ambiciosos), com um traço de humor quase indemarcável do próprio fio de sedução (a dum combate extremamente obscuro, para além dos combinados que asseguram a cadeia dos significados), chegou a ser um governante célebre cuja má-fé foi justamente a da lei. Alguém que diz compreender a lei, que a pretende manejar com as pontas dos dedos mentais e materiais com uma perícia quase mística, deixa-se ultrapassar pela parte incompreensível da lei, a sua injustiça fundamental que submete os homens como maneira de submeter o caos. Mas João de Barros não teve tais pensamentos ao ouvir com pouca vontade as deduções do jovem conferencista. Só uma ideia rápida lhe cruzou a mente: «Este

homem é o eleito da Lei.» Assim, a lei acabaria por arrancá-lo de si mesmo, de tal modo ela é feita de doses escrupulosas que nos escapam, doses sempre movidas e alteradas, e cujas proporções se descrevem entre a fé e a sedução que esta exerce, entre a miragem e o seu poder arrastador. Enquanto Lei, capaz de absorver o caos sem o partilhar, tudo se passa num idílio com as forças vitais e, sobretudo, é um caso pessoal em que a Lei é silenciosa e não dispõe de palavras. Mas quando ela passa ao outro extremo, em que se torna uma forma de sedução, em que há um discurso demoníaco a clamar o seu direito, então o homem está já no caminho da sua perda. A Lei, feita para negar e opor-se à sedução, torna-se objecto de sedução.

A Lei pune a quem a serve e a quem a despreza. De tal modo a sua noção é absurda, que não pode sequer ser admitida como coisa óptima, que logo precisa de ser pesada como coisa leviana e falsa. O tratamento da Lei oferece uma dificuldade: ela não é indispensável senão na medida em que inibe e, assim, confia à angústia o melhor da sua letra. Portanto, acaba sempre por se recusar a funcionar como lei; o que nos decifra como paciente da lei, seu sofrendor, ao mesmo tempo que seu seduzido.

João de Barros compreendeu a «revolta da Madeira» como uma forma de oposição ao «prometimento» duma lei. Foi uma sublevação militar, e todo o militar dispõe duma linguagem associativa que dispensa qualquer linguagem mística. O continente enviou forças terrestres e marítimas que sufocaram a revolta, e João de Barros entendeu que uma era se abria em que a cólera justa ia desenvolver-se até saturar todos os meios de sedução recíproca entre o mundo e as palavras que servem para o partilhar. Não aceitou nenhum cargo que lhe foi oferecido, com o pretexto, julgado desde logo suspeito, de que «o cargo estorva as artes». João de Barros não era um artista, mas estava disposto a descobrir tendências poéticas para escapar à sedução dum destino em que a lei se imprimia na personalidade como um desvio do desgosto de viver. No fundo, a pretensa vocação lírica dos portugueses significa uma

erosão das ilusões face ao prometimento da Lei e dos seus mecanismos. Enquanto poetas, são referidos como minorias e elaborados nos arquivos da Lei como inofensivos. A Lei não pode seduzi-los nem afectá-los; como a não pretendem capturar, não são assediados por ela. A arte é uma cópia da Lei, mas sem os atributos da sedução; porque uma cópia não seduz, de certo modo é elogio da mentira, e esta repele a sedução. Isto explica porque os portugueses são copiadores por natureza; porque na cópia há um desvio, um afastamento da imagem ofuscante.

João de Barros, já com mais de quarenta anos, dedicou o seu tempo à vida de família, a ver crescer as filhas como se fossem plantas do Himalaia. Desistira do seu ficheiro histórico, embora mantivesse hábitos de compilador e de bibliotecário. Fazia fichas para tudo e era um entendido sobre os ramos genealógicos da ilha. Casou com uma senhora de origem alemã, que encontrara durante uma viagem de barco, e que lhe deu cinco meninas. Assim, de enfiada, como a umbela da roca-de-vénus de que ele era particular admirador. A Grande Margô, como chamavam à mulher de João de Barros, porque era de facto alta e imponente, fazendo lembrar uma rainha dos Nibelungos, tivera em tempos um destino à sua frente no campo da arte dramática. Estudara mímica em Paris e chegara a actuar num teatrinho de bairro em que a clientela era feita de sociais-democratas arrependidos e que guardavam pela época das Luzes um sentimento culto e frustrado. Margô mal se lembrava dessa época em que passara fome porque gastava a sua mesada a socorrer os amigos, pobres e endividados aos talentos, como outros se endividam ao senhorio. Comiam rabanetes e representavam Brecht, que era, na época, uma novidade tendenciosa, muito antes de se tornar uma mitomania oficial. João de Barros admirara nessa mulher bem-educada e fria uma certa consciência de raça que o diminuía, a ele, tão enfezado e de poucas repa de cabelo já grisalho, que lhe davam a aparência de trazer na cabeça um pedaço de cobertor da serra. Em cinco anos ela transformou o marido num cavalheiro, o que significa que atin-

giu o êxito como mulher. A mulher gosta tanto de educar um homem, que às vezes se esquece de ver o préstimo dessa educação. João de Barros fez-se uma pessoa receosa, na medida em que apurou as maneiras. Mas, ao mesmo tempo, achava que não passava duma paródia tudo o que aprendera com a sua *fräulein*, na verdade bela mulher com o chamado «corpo de pobre», em que tudo assentava bem. Tinha uma linha de figurino, tanto no vestir como no falar, e durante trinta e tal anos o Funchal conheceu de perto um manequim para as modas Paquin, que noutra podiam parecer cortinas mal corridas.

As filhas de Margô eram duma variedade impressionante. Havia-as gordas e hilariantes, e outras eram fúnebres e sublimes como miraculadas. O sangue germânico não parece aliar-se bem com outro sangue; dá uns exemplares subespontâneos em que se divisam picos onde devia haver pele lisa. Margô, alta e fecunda pessoa, deu à luz cinco meninas como cinco dedos; nenhuma era igual à outra e, no entanto, unia-as uma sensibilidade para as coisas de arte, para as coisas laboratoriais e para a vida como facto consumado. A mais enérgica foi Rosamund, delgada e elegante e que tinha o baile de São Vito, pelo muito que viajava e andava fora de casa. Os franceses dizem «*avoir la bougeotte*». Rosamund era a mulher mais deslocada, mais meteórica, que a cidade jamais vira. Alguém disse que ela se parecia com a trisavó Rosalina, porque, no Funchal, a fama de Boal fora sobretudo de ela ser incapaz de ficar quieta num lugar. Mesmo na Corte do Norte ela era vista sempre fora de casa, ou em visita aos amigos, na sua rede suspensa do pau de bambu, ou com uma ideia peregrina na cabeça de ir colher ovos de pombos bravos nas falésias, ou derivar numa canoa, ao longo da costa. Por isso nunca se dera como certo ela ter vivido muito tempo, ou doente ou inválida. Ela dizia que «os homens são loucos em liberdade, e as mulheres débeis mentais sob vigi-lância».

Rosamund, que se intitulava arbitrariamente a base da palavra *Rosebud* que o *Citizen Kane*, de Orson Welles, tinha criado como

chave dos sonhos, revelou-se desde tenra idade uma solitária em transe narcísico, o que fazia dela uma buscadora da sua própria imagem no mundo inteiro. Isto fazia de Rosamund a mais sedutora das criaturas; e também a mais desconfortável. Para não se encontrar consigo mesma, nunca esgotava uma relação com ninguém, o que era meio caminho andado para a virtude. Rosamund era a quarta filha de João de Barros e nascera já quando a vida dele estava em declínio. Amou aquele pai cujo carácter lhe pareceu sempre suspeito e cuja fortuna não era muito clara. Às vezes ele desaparecia; andava em viagem como um patrão de bordéis que fosse receber as rendas, e ninguém sabia o que o levava para fora da ilha que ele achava ser o modelo do Génesis, o Paraíso puro e simples. O facto de Jerónimo Bosch ter pintado o dragoeiro, ou a árvore-drago de Isidoro de Sevilha, no seu *Jardim das Delícias*, fazia-o pensar que havia uma tradição quanto à Madeira, que seria habitada antes da chegada de Gonçalves Zarco por uma gente clara, de olhos azuis, anjos ou semideuses, de boa pinta e maneiras reservadas. A fauna era inofensiva, nem cobras nem lobos houvera nunca; o que era de estranhar em região semi-tropical, e com condições para desenvolver bichos de peçonha e maus instintos. Mas não. A Madeira fora sempre lugar sem perigos, só batido de alguma peste vinda de fora, como a cólera e a varíola. Em tudo era deliciosa; e, sobre a cidade pousado o capacete de bruma, tinha-se a impressão de que uma voz formidável ia reboar, pedindo aos homens contas dos seus caprichos, que ali pecados não havia.

Rosamund percebeu que para herdar a fortuna do pai tinha de conhecer a sua origem. Não se tratava de bens ao luar, que tudo o que tinha era a Quinta Cossart com o seu parque de castanheiros e abetos, e loureiros, fechado como selva, tendo flores-de-lis a cruzar-se sobre a água da levada. Também a casa exportadora de vinhos não proporcionava rendimento tão grande como o que João de Barros usufruía. Alice disse a Rosamund que ele tinha uma espécie de pacto com os banqueiros de jogo, mas não sabia o que

era. Nesse tempo, a famosa Quinta Vigia, ou Villa Davies, como se designava quando o conde de Carvalhal a tratou para a Imperatriz, fora arrasada. Construía-se o casino, com uma balaustrada sobre a qual se abriam os ramos dos pinheiros mediterrânicos, e a formosa moradia, com o seu pórtico de seis colunas na fachada norte, não existia mais. O belo mirante com gradeamento de ferro forjado onde possivelmente Elisabeth ia olhar o mar estanhado onde a fortaleza do Ilhéu se levantava como um batente às portas do Funchal, também não passava só duma recordação. Fora desse mirante que parecia ter caído uma criada, nas vésperas da partida da Imperatriz. Era uma espécie de «casa de prazer», com toldo de lona em quatro águas e paredes ripadas que deixavam entrar uma luz azulada e os cheiros do jardim vestido de árvores altas em cujas copas se perdia o olhar. Só o que estava intacto era a moradia do conde, no Largo do Colégio, que o enviado de D. Pedro V escolhera de início para alojamento de Elisabeth. Mas a casa Davies, com a sua proporção campestre e a estranha entrada colonial, fora preferida. Tinha grandes áreas de pedra rolada e um relógio de sol situado num dos passeios da ala sul. Nada disso existia mais. O casino era agora miradouro da baía onde ancoravam os navios, e já não se ouviam as salvas do castelo de São João Baptista que saudavam as «distintas personagens». Nem *A Voz do Povo* recomendava mais à Câmara Municipal que «o asseio condiga às especialidades que este país encerra».

De ano para ano, a riqueza de João de Barros aumentava e ele ia assegurando o futuro das filhas com investimentos que tocavam os grandes negócios: a indústria de calçado, as comidas enlatadas para crianças, os cosméticos e os transportes aéreos. Mas Rosamund queria a parte de leão que era essa fonte misteriosa donde vinha tudo.

– Um pai tão rico é um elefante branco: motivo de veneração, mas um meio de transporte, apesar de tudo – dizia Rosamund.

João de Barros preferia-a a todas as outras filhas. Ela tinha uma inesgotável fantasia para entreter a neura inesgotável dos homens.

Quando ela atingiu uma idade em que parecia suficientemente madura para se não chocar com a linguagem secreta do que se ignora e que transparece na contingência duma confissão, pô-la ao corrente duma parte dos segredos importantes da sua vida. Rosamund ficou a saber que o pai era um pirata muito semelhante aos predadores de Porto Santo, de tempos idos, que faziam da livre incursão nas ilhas a sua forma de trabalho. Os negócios dele eram tão escuros que não havia sol nem lua que os iluminasse. E, a par disso, João de Barros era o melhor pai e o melhor marido do mundo, sendo ultimamente também um filho cuidadoso para a repelente Alice, que dera em saborear a grandeza como um bálsamo nas suas feridas de criada de dentro, uma forma educada de vileza e de angústia de reclusa. Alice vivia ainda com Olímpia, ambas velhas, ambas reumáticas e tratando-se com unturas de petróleo, o que dava à casa todo um odor nauseabundo. Rosamund achava que elas assim afugentavam a família, que não queriam espectadora das suas maneiras de viver, gastadoras e abundantes em comidas caras. Tudo o que já não usavam nem apeteciam em coisas de sensualidade, resumiam na licença de boca; enchiam-se de doçarias, de carnes fumadas, de mariscos e pão com manteiga de alho, o que as tornava rescendentes como a rainha Ester ao ser apresentada a Assuero. As filhas de Margô diziam que elas, com um fogo aceso por debaixo, podiam servir de queimador para afugentar os mosquitos. Odiavam-se, essas mulheres intermináveis nas suas manias de descontentamento que atingia a raia da desesperação e da injustiça. Na verdade, amavam a injustiça pela força dos seus conhecimentos interiores, que sempre ultrapassam o saber adquirido. Rosamund perguntava:

– Porque se detestam as mulheres entre elas? – E não tinha remédio senão constatar que elas detestavam nas outras mulheres a impossibilidade de operar a castração; detestavam essa invulnerabilidade, porque a mulher sabe que tudo se lhes submete enquanto tiverem o poder de desagradar; e elas desagradam pela reserva mental da castração.

Margô viajava com as filhas, quatro delas, porque Rosamund nunca a acompanhava. Rosamund achava muito monótona a vida dos grandes ricos, em geral retirados por detrás de muros e dedicados a operações financeiras sem muita imaginação. Multiplicavam o dinheiro sem aquela magia da multiplicação dos pães, em que o próprio homem se torna em partilha, se faz uma fronteira da divisão do seu corpo e da sua palavra.

Um dia Rosamund estava com as amigas, e o jardim alegrava-se de junquinhos e saudades-de-inverno. Aos lados da pequena escada da casa Cossart havia duas palmeiras odoríferas. A grande magnólia, dum verde quase negro, parecia feita de espelhos. As raparigas todas estavam vestidas de branco, e as saias de fustão, os laços de marinheiro, as fitas azuis nas golas, comemorando tão romanticamente as três batalhas de Nelson, davam a impressão duma corte em férias, como a da Imperatriz da Áustria, há muitos anos, na Quinta Vigia. Rosamund, no centro, distribuía biscoitos de mel; e, de repente, como não bastavam para servir as suas amigas, teve a ideia de os multiplicar. Em vez de chamar uma criada para que servisse mais bolinhos, inclinou-se um pouco e proferiu uma oração com tão profundo espanto do que fazia, que teve a impressão de que os cabelos dela embranqueciam.

— Rosamund — disse uma das meninas —, Rosamund, acorda. — Todas a olhavam, entre receosas e compassivas, pois a viam muito pálida, o regaço cheio de migalhas e ela esfregando os dedos como se tratasse de os limpar. Margô teria dito que ela era mistificadora e que só pensava em impressionar. Mas o que é um mistificador? Ninguém, ao certo, o podia explicar. Que forças agiam nessa massa de generosidade que era um acto tão arrebatado como o exigido pela mistificação pura? Rosamund tinha a certeza de que, a não ser interrompida pela emoção das suas amigas, teria chegado a qualquer coisa de especial, como a multiplicação dos pães. Contou isso a João de Barros, porque lhe contava tudo, porque confessar a fazia independente e segura de si, e ele esteve um bocado calado.

– A sedução da Lei é a coisa mais bela que há. Mas aí não se trata de apuramento dos sentidos. Trata-se de encontrar no vazio da Lei o traço iminente da responsabilidade.

Rosamund achou que o pai era um homem que lhe agradava profundamente; nunca poderia encontrar ninguém igual. Era um pecador e, ao mesmo tempo, um homem livre e sem as tristonhas magnificências dos portadores do arrependimento. Ela quisera seduzir a Lei, efectuar um milagre. Podia haver maior experiência, maior operação? E, de repente, ocorreu-lhe que Rosalina se precipitara da falésia convencida de que ia voar; porque chegara a esse estranho lugar onde se cruzam a Lei (a da gravidade, por exemplo) e o total desprendimento do ser, do peso e da resistência que há em ser-se uma coisa e saber-se uma coisa por outrem criada.

Desde aí passou-se com Rosamund um fenómeno curioso. Tornou-se igual a Rosalina e, sem a ter conhecido, tinha a noção de que ela reagia tal como Rosamund em todas as situações da vida. Já naquele dia em que estava no jardim da casa Cossart com as amigas, percebeu que agia como ela, sendo ela uma réplica da Imperatriz com as suas damas, vestidas de marinho e retratadas pelo fotógrafo Vicente na Quinta Vigia. Retrato que tanto dera que falar na corte de Viena, por ser um testemunho de indiferença pelo protocolo, estando Elisabeth em cabelo e nada melancólica nem anémica, como diziam os correios diplomáticos e como dizia a voz do povo em Novembro de 1860. Todos mentiam para a justificar, para a deixar gozar ainda o ar balsâmico da pimenteira e da árvore do incenso. Rosamund sentiu saudade súbita dessa tertúlia de alegres raparigas com os seus amigos, de repente apaixonados na infalível e aberta sedução da ilha; e viu, como num longo filme, as saídas da Imperatriz, com o seu xaile, os cães enormes, pela rua, rente ao cemitério das Angústias, e o modo como ela se encostava na porta que tinha sido do convento, e tirava do pé um sapato de fustão para sacudir a areia. Ali ela usava sapatos velhos ou, pelo menos, não era obrigada a pô-los de lado depois de terem servido uma vez. Rosamund suspirou como se ela própria sofresse essa pro-

vação da etiqueta. Ela percebia como Rosalina ficara ofuscada pela chegada da Imperatriz, e como esta lançara na sua alma uma devoradora estranheza. Entre ela e a estranheza teceu-se um fio que modulou a sua voz até aos limites do sofrimento. Ela e o sofrimento fizeram-se união tão forte que nada pôde desatar; a relação com o marido quebrou-se, embora continuassem a usar as fórmulas do amor e da inteligência amorosa. Rosalina sabia que, daí em diante, tudo se ia degradar e que o próprio sentimento maternal sofreria uma espécie de destituição. A felicidade não convém às mulheres. Mil vezes mais amantes são no sofrimento; mais ardentes se tornam quando correm para a desgraça. E por isso eram tão desgraçadas; não por fraqueza, mas por regime da sua força, por economia dos prazeres que nunca têm por donos, que embebem de misérias e de privações, que são afinal os riscos em que habitam.

Uma coisa pôde Rosamund apurar: no tempo de Boal havia um professor na cidade chamado Luís da Costa, que teve grande importância na vida do casal. Era um homem de idade madura, inteligente e dominado por um demónio que Poe chamou demónio da perversidade. Não que fosse pessoa maliciosa, mas o seu espírito era tão inquieto que não conseguia parar em nenhum lugar, por mais vantajoso que fosse. Mal se instalava numa rotina, logo descobria maneira de a quebrar, mesmo à custa da intriga mais absurda que afinal o deixava ver como um homem falso e um tanto louco. Era muito semelhante aos personagens dostoievskianos, sempre movidos por uma intenção ruínosa, de alterar os factos e perderem-se nessa manobra delinquente.

Luís da Costa dava lições a Francisco, que tinha seis anos e aprendia a ler com ele. Mas Luís da Costa era um matemático. As matemáticas foram desde aí uma aspiração confessada da família de Gaspar de Barros, e nisso andava um pouco de gentil memória pelo genial mestre Luís da Costa. Ele não se limitava a ter vocação teatral; ele próprio era a tragédia, com os seus movimentos acelerados pelo cálculo de os ter de restringir a um palco. Às vezes Rosalina entrava na sala onde ele leccionava e via-o a recitar o

Don Carlos, de Schiller, com um tom tão comovido que ela tinha a impressão de ter violado uma intimidade. Dava um passo atrás e desaparecia. Dizia-se que Luís da Costa estivera na Quinta Vigia, a pedido da Imperatriz, para dizer versos; e que o fizera de tal maneira que Elisabeth lhe mandara um anel de grande preço, que ele devolveu com as palavras: «Não costumo tirar benefícios dos meus defeitos, e muito menos dos meus talentos.» Não se sabe se havia nisto qualquer verdade, mas Luís da Costa, que Camilo admirou, era o género de homem para causar em Elisabeth alguma impressão. Ela, que era capaz de pedir um tigre real ou um asilo de alienados como presente de aniversário, podia compreender o génio desse professor de matemática que dizia: «Para fazer alguma coisa de bom é preciso estar doente.» No fundo, de quem a Imperatriz gostava era dos loucos, porque eles deixam em paz as pessoas e não as caluniam.

Luís da Costa teve nessa data no Funchal uma história que não chegou a divulgar-se, mas supõe-se que Rosalina, baronesa de Madalena do Mar, teve nisso algum papel. O certo é que se encontravam variadas vezes e que havia entre eles um idílio tranquilo que não dava a aparência de conduzir a maus caminhos. Mas é desses encontros, em que a alma se invade de gratidão, mais do que de amor, que os maridos são ciumentos. Luís da Costa foi mandado para Braga como comissário de estudos, e esteve por lá pouco tempo, mal-avindo com ele próprio e com os outros. Rosalina saiu da cidade, não tanto em pena de exílio, mas presa de neurastenia, para a Corte do Norte, onde desapareceu. Houve quem dissesse que ela tinha seguido Luís da Costa, mas as cartas de Mary Cossart e aquela outra de madame Rolland, a superiora do orfanato, provavam que em 1878 Boal ainda vivia em Ponta Delgada. Nessa altura Luís da Costa tinha em Lisboa um nome triunfal, como professor de declamação e investigador de astronomia. Havia nele uma ponta de loucura, e às vezes, quando muito aplaudido, se lhe perguntavam porque se dedicava à ciência, ele dizia: «É preciso que eu faça alguma coisa; o talento aborrece-me.»

Se Boal o conheceu e o amou, isso ajuda a pôr um pouco de ordem na existência dessa mulher que foi pouco mais do que uma sombra, mas uma sombra que se parece com uma pessoa conhecida e cujo nome nos escapa; o que nos força a pensar nela.

– Ela era alta ou baixa? – disse Rosamund, ao pousar o seu chapéu no tampo do piano, o velho piano da casa Cossart, que estava ali como uma criada grave, vestida de preto.

– A avaliar pelos retratos, era de meia estatura – respondeu o pai. E Margô, que passava com um enorme vaso de flores nos braços, parou um momento para deixar que apreciassem a sua figura grande e bem lançada.

– Meia estatura, puf! – disse Rosamund. – Como Alice, que vive à custa de ser tão capaz de ser miserável. A meia estatura não devia existir. É como se interrompesse alguma coisa que estamos a fazer.

João de Barros gostava dessa filha espirituosa e um pouco provocadora. Ela ia ficar sempre assim, ou ia mudar e fazer-se uma senhora «pesada», com soberanas ideias sobre o mundo e os seus enganos? Rosamund nunca seria assim; dava uma bela concubina, dessas que ensinam os homens a ser felizes pela recordação. «Não gosto de comer em casa» – dizia ela. «Os mendigos são pessoas como eu, que não gostam de comer em casa e, por isso, pedem pão pelas portas.» De resto, de toda a família, era a única que se achava bem na insularidade, a única que não se apressava a casar e a preparar-se para ocupar um posto na sociedade, repetindo o caso dum desses inúmeros enlacs com um estrangeiro, como sua irmã Norah, ou a outra, Arabella. Ambas, perdendo a nacionalidade portuguesa, não perderam, porém, a natureza insular, o seu humor local e as raízes tribais. Mantinham os costumes da ilha nas suas casas de Londres e de Waterloo. Abrigavam um sem número de hábitos que lhes lembravam o belo tempo da Quinta Cossart, os chás com biscoitos de mel e as partidas de ténis na «Magnólia» com algo de colonial e privado. Norah, alta e bela loira, que dava a impressão dum louva-a-deus de espécie gigante, pousado em

posição de ataque, levava com ela um pequeno «lovo», uma dessas crianças incorrigíveis e sinistras que ensinara a ser o seu pajem. Não o domesticou, mas algo dessa frieza indomável lhe era grata a ela, recordando-lhe a sua gente pelo fio proletário, que é o que melhor mantém a resistência da terra e a sua interior face vulcânica. Quanto a Arabella, pequena e sem figura, como o pai, tinha também o espírito dele, errante e imprevisível; pelo que se casou com um barão belga de nobreza pobre e que fazia serviço na corte. Ela levou-lhe em dote uma soma forte, que serviu para reformar a libré dos criados e remendar os telhados da formoso castelo onde iam caçar e que tinha algo de estepário e triste na planície nua. Havia ainda mais duas filhas, que se fizeram doutoras. Também essas deixaram a Madeira e ingressaram no ensino e na investigação, onde deram provas de disciplina, se não de talento. Eram as mais germânicas das irmãs e faziam o orgulho de Margô, pela segurança marcial do seu porte. A que menos amava era Rosamund, e esta não fazia nada a seu favor.

– Minha mãe tem uma tara. Todas as mulheres têm uma tara devido a serem um todo, elas e a sua infelicidade, de que são incapazes de separar-se.

João de Barros, rico como era, tinha o gosto da economia e da vida retirada. Não se sabe se alcançara a fortuna para dar largas ao seu vício da solidão que, por sua vez, resumia o labirinto onde outros vícios se perdiam. Não era fácil chegar até ele, mas isso porque ele criara todo um sistema de antecâmaras que o defendiam de ser tentado e de se deixar interessar pelas pessoas. Havia possivelmente no seu íntimo um forte desejo de privar com os homens, o que lhe causava terror e fascinação, ao mesmo tempo. Então construiu um pequeno império financeiro, para assim criar distâncias cada vez mais intransponíveis; e, com elas, aumentava a sua segurança e o prestígio que ela implica. Amava Rosamund com a facilidade e gratidão que um pai sente por uma filha, muito menos um pólo de fixação do que um rapaz, que podia desequilibrar todo o seu campo narcísico. O dinheiro era para ele uma

segunda identidade; por ele, corria todos os riscos, recebia todas as ofertas, ousava todo o despudor. O dinheiro era o sexo sem ilusão e com muito menos perigo; a linguagem de que o investia, a ter tradução exacta, deixaria siderados os seus respeitosos secretários e os seus sócios. Porque era macabra e era indecente. Por isso não gostava de o misturar com o amor, e era um marido avaro, como fora mesquinho com Leopoldina. A avareza punha-o ao abrigo de más surpresas em coisas de sentimento. Norah, por exemplo, sabia isso tão bem que se acostumara a roubá-lo; tirava-lhe dinheiro da carteira porque, dizia, ele era incapaz de lhe dar um tostão; isso contrariava a sua virilidade, ou então desorganizava as «eclusas do poder». Era um termo de Rosamund. Ela amava o pai, porque ele lhe dava ocasião a uma variedade de sentimentos que lhe permitiam uma economia de prazeres, impossível nas emoções radicais como o grande amor filial, ou a grande revolta filial. As pessoas que têm conflitos com os pais são, em geral, pessoas pobres de imaginação erótica e, em poucos anos, apagam-se na sociedade em que vivem e são as mais conformadas de todas.

Rosamund tinha pela casa Cossart uma completa veneração. Todo aquele espaço de paredes em gomos, como se a forma dum pudim fosse virada no meio do jardim, diante do terreno do *cricket* onde nasciam morangos silvestres, deixava-a encantada em todos os dias da vida. Ainda havia a ponte de observação, com o óculo de manobras, do tempo das armadas de navegação terrestre; e um pequeno canhão enferrujado lembrava o fogo aberto das batalhas que se tinham travado entre companhias inimigas, quando o objectivo era uma adega no Machico e a sua garrafeira de *vintages*. O génio da ilha era essa imaginação dum quotidiano que não se compadecia com a dispersão normal em que a sociedade se acha, culta, sensata, adequada. Rosamund jurava que nunca mais ia deixar a Madeira, que tudo fora dela era invenção banal, era descuido da vontade, era inútil padecimento da razão. Rosalina, sua trisavó, era parte do génio da ilha, impossível de seguir, demarcar e compreender; lírico sem ênfase e livre sem obrigação.

Seria que ela existia, ou algo dela, como, por exemplo, uma casca da caneleira que ela usava no bolso para a perfumar? Houve quem dissesse que um pouco dessa casca aparecera à tona da água, assinalando o lugar onde Boal caíra. Mas era outra prova incerta, porque Boal, a ter-se precipitado das rochas, ia vestida à marinheira, com uma blusa ampla onde não podia guardar nenhum objecto; nem um lenço, nem as luvas, nem mesmo a sua medalha de cobre da Senhora de Monserrate, que ela trazia como amuleto e prendia com um alfinete na camisa. Nesse dia a medalha ficou em cima da sua cómoda, enfiada numa fita preta. Rosamund conhecia-a; mas verificou que não se tratava da Senhora de Monserrate, mas de Guadalupe.

Um dos seus objectivos foi reformar a casa do Pico, na Corte do Norte. Embora João de Barros lhe dissesse que toda a reforma é um mau parto para o estilo e não produz senão confusão e barbaírie. Ele preferia o antiquado e até a ruína, como se via pela casa Cossart, a que não dera nenhum apoio senão para evitar que caísse. Margô sentia-se mal nos salões nobres mas prontos a despenharem-se desde os tectos dourados e com enormes acantos verdes.

– Um dia acontece alguma coisa – dizia, com a sua voz bem colocada, com o apurmo de recitante, como se tivesse um limão entre as nádegas. Mas justamente o que João de Barros queria era que acontecesse alguma coisa; ele e milhões de pessoas no mundo, tão activas nos caminhos da catástrofe, jogando com ela às escondidas, evitando a todo o custo a pequena história sedentária. A sociedade ganhava uma velocidade rolante e fácil; tudo corria mais depressa, os motores trepidavam, os ares enchiam-se de *rails* invisíveis, as estradas cobriam-se de toda a espécie de rodas. Para quê? Grande parte do sentido da viagem se perdia em desordenadas formas de contacto, logo alterado e esquecido. As pessoas tinham cada vez mais medo de morrerem sós, nalgum canto, em lençóis suados e com o acostumado dó familiar à cabeceira. Talvez o acidente fosse algo melhor do que aquele programa de morte com testemunhas, na humilhação dum fim que servia de ignóbil exem-

plo. João de Barros não podia entrar na sala leste da casa Cossart sem cair de surpresa na morte do Habsburgo, que aí dera o último suspiro. A câmara de morte improvisada no grande salão onde se penduraram quadros sacros, velando-se o decote da Virgem para ficar decente aos olhos dum moribundo, tinha ainda o filme dessa ocasião; um filme a cores, com a preta bênção da magnólia no exterior, que parecia querer entrar. A magnólia, com as estrelas de flores no seu firmamento negro e que podiam servir de viático ao doente, homem frágil e cansado a quem a mulher apresentava os filhos para a última despedida. E a sala, com os potes chineses nas consolas, e o grande leito todo armado de almofadões com monograma e coroa imperial, era como um templo onde se realizasse o sacrifício duma dinastia. Uns levados pelo vento da demência; outros atingidos por um tiro ou um estilete de aço; e ainda os febris de culpas austeras, os sóbrios, a quem a tuberculose vinha buscar pela mão, como uma irmã mais velha, para que atravessassem uma levada borbulhante e escura. A levada que vinha do monte e se ouvia, noite e dia, entre os loureiros e as acácias, arrastando folhas vermelhas e parecendo assim que arrastava uma golfada de sangue.

Às vezes João pensava que a casa Cossart mantinha o bacilo nas suas paredes, intacto e eficiente, pronto a atacar as almas irresolutas. Quando Norah se casou, num dia de chuva, em que o bosque se embebeu de água e parecia naufragado no monte, João achou que o bacilo ia tornar-se activo, ia abrir as portas para comunicar a doença a alguns desses convidados estrangeiros, que nada sabiam da ilha e dos seus preceitos. Porque uma ilha é como uma missa; tem intróito e credo, confissão e bênção. Sabem-no os seus indígenas, os seus cantores, os seus moradores de longa data. Quem a abandona tem a noção de que não espera pela celebração e parte, com um breve e ateu desejo de deixar para trás o altar, a ilha, as grandes mágoas da serra que a terra supura e destila.

– O álcool é com que se pára a doença – disse Rosamund, que, no dia do casamento de Norah, estava a ensinar o seu cão *Michelin* ou *Micha* a saber estar fora de casa, embora o meio portãozi-

nho de ferro de acesso à sala não estivesse fechado. Ele chamava-se *Michelin* porque era de feitiço pneumático; além de que tinha grandes olhos carinhosos como os do anúncio Michelin. Com o vestido cor-de-rosa já manchado de lama, porque *Micha* lhe devolvia em cumprimentos o que ela lhe oferecia em lição, Rosamund falava para as irmãs, deitadas ou sepultadas nos cadeirões de vime forrados de cretone. Era um grupo delicioso, de quatro jovens, uma ou outra com dentes ainda mal formados, mas que tinham a beleza azeda da idade ingrata. Só Norah era já mulher feita. Viram-na no parque, vestida só com uma bata de fustão e levando comida às galinhas-da-índia. Era tão firme nos seus hábitos, que nem nesse dia solene esquecia as pequenas obrigações, como escovar o seu pónei e cortar as flores velhas do seu jardim privado. Era uma rapariga terrivelmente prática, que causava um pouco de embaraço aos homens, porque deles parecia aproveitar só as partes úteis ao seu programa de «rodas de moinho». Para Rosamund, a irmã funcionava como as rodas dum moinho, produzindo energia que de facto não sabia a aplicação que tinha.

Porém, quando desceu a escada bifurcada que caía sobre a capela como duas golfadas de pedra (e fora uma discussão acesa decidir qual lado ela tomava, acabando por descer pela direita e as irmãs pela esquerda, como uma vaga de pano rosa e transparente), as pessoas suspiraram de pura admiração. Norah estava esplêndida, na sua magreza que às mulheres dá uma espécie de vantagem esterilizante, como se cheiros, e corrimentos, e transpirações não existissem. O véu embaraçou-se nas grades do corrimão, e o efeito da sua descida ficou um pouco estragado. Mas os belos olhos verdes, debruados de negro, não sofreram qualquer prejuízo.

– O álcool é com que se trava a doença. Toda a gente sabe – disse Rosamund. Ela achava que o bacilo ia sair da parede e escolher a sua vítima, a não ser que o hálito estivesse carregado de vinho, como uma espingarda carregada de pólvora. Ela bebeu um pouco, deitou algumas gotas no lenço e tocou com ele o decote. João sorriu, ao passar por ela.

– Que fazes, minha galinhola?

– Bruxarias... bruxarias.

Ambos se entendiam naquela linguagem que lhes submetia os sentimentos densos e sumidos na escuridão da alma.

Depois de Norah foi a vez de Arabella. Foi a vez de ela se vestir de branco e descer aquelas escadas quase a pique que dantes serviam ao pórtico de entrada. Mas quando morrera Carlos de Habsburgo, a viúva pedira que se armasse uma capela na casa Cossart, contribuindo com aquelas enormes talhas de ouro que ficaram sempre com um ar mal arrumado, como armários de sacristia. Eram demasiado grandes para espaço tão exíguo e lançavam uma luz como um sol que estivesse no ocaso num dia de Verão.

– Nunca me hei-de casar aqui – disse Rosamund, que dessa vez se vestira de pastora, à moda de Fragonard, o que as mulheres da casa Cossart lhe levaram muito a mal. Sobretudo porque ela parecia pobre e sem importância, com o seu vestido de algodão e um colar de camélias de organdi. Mas nesse mesmo dia recebeu três propostas de casamento, de tal modo ela estava conforme um padrão de simplicidade elementar que os homens apreciam como sendo uma promessa de virtude e a falta de estorvo que isso implica.

À medida que as mulheres se tornavam conversadoras, sem por isso conduzirem o espírito da conversação, como era uso nos salões frequentados pelos homens de ideias, elas deixaram de interessar e de comover. O silêncio emociona, a fala desconcerta; isto numa época em que a palavra se tornava vazia e inoperante; o que foi demonstrado pelo discurso, que é o corte narcísico, onde se opera a divisão da unidade narcísica. É preciso que a palavra crie o vazio musical, para que se produza o fio de ouro da articulação da palavra, a ligação entre o retiro e os ciclos magníficos do diálogo, cavados na plenitude da palavra, distribuídos em advertências, movimentos, lugares átonos e distantes, recursos da ruína do possível e do impossível em que a conversação se desenha.

A comunicação não é de facto o trabalho em cadeia da conversação. Mas algo (como pensava João, olhando a cotovelo de Rosa-

mund tocando o braço da cadeira de vime e recebendo os estigmas dessa pressão) como uma cicatriz do narcisismo que se fechou e dela resta a dolorosa impressão de que se entregou um pouco de nós mesmos e com isso se produziu a angústia. O amor é a quebra narcísica e consequente abertura do selo da angústia.

Cada vez mais João de Barros personificava um pólo de sedução incontrollável. Entre ele e Rosamund, o desejo rondava no mais profundo da sua alma, que é a iminência do desejo. Nunca seria uma vontade expressa e concluída; e por isso a sedução era tão presente, tão infinita. Não se amavam, mas existiam em partilha desse desejo experiente em que as suas vidas iam acabando; sendo ele o que dava à vida esperança, e à esperança motivo, e ao motivo liberdade.

Quanto ao caso de Rosalina, João de Barros mantinha-se em aberto com o axioma do seu ofício de matemático: «O enigma não existe.» Sendo que uma operação matemática é proposta e calculada, pode ser resolvida. Isto, que era mais uma deliberação sensual do que um traço lógico da sua pessoa, servia para que Rosamund pensasse na possibilidade «douta linguagem» para encontrar Boal. Uma linguagem balbuciada, cheia de pontos fracos na sua construção, mas que podia deixar entrever a verdade.

Começou por ir para a Corte do Norte, lugar agora em decadência se o compararmos com a antiga região de morgados, com os seus engenhos de açúcar e a animação que daí resultava. A casa do Pico, com os tectos reparados ainda no estilo de alfarge, mas pobres, de madeiras de forro e traves delgadas, não lhe fez qualquer impressão. A caseira, uma mulher doente e rodeada de gatos lazentos, só tinha como sopro de vida uma espécie de amor fino pelas plantas. Tinha-as em profusão pela casa e na entrada, eram como uma perversão com a rigidez duma montagem de cuidados e atenções que excluía toda a interferência humana. As orquídeas eram a sua paixão e cresciam em grandes cachos como se houvesse entre a mulher e elas um acordo preciso, uma forma de entendimento amoroso. Não só as orquídeas, mas também os amores-

-perfeitos, grandes como medalhas, e os lírios-rosa e toda a espécie de plantas de cheiro, desde o manjericão à verbena e ao alecrim, passando pelo buxo aromático. Quando Rosamund abria a janela, recebia no rosto esse beijo das plantas já regadas, escorrendo água, que desenhava no pátio um mapa de afluentes de doce caudal. Ela via do quarto as falésias negras donde Rosalina se precipitara. Era fácil supor que ela caíra, porque bastava uma vertigem, um momento semelhante a uma súbita carga de ódio no coração, para fazer actuar a morte. Rosamund decidiu ela própria escalar esse lugar, onde nunca tinha ido. Era preciso deixar que as situações se convertessem em palavras e seguir o seu rasto.

Numa manhã de Verão, levando com ela um dos filhos dos caseiros, moço algo excêntrico que parecia ter uma insónia permanente, pois ela o ouvia andar à noite a trabalhar como se fosse hora de maior labuta, Rosamund foi para as falésias. Era ainda no princípio do dia, e o mar parecia sonolento e cansado. A bruma encobria a terra rasa de Porto Santo, mas ela transmitia a sua presença como uma imagem transferida directamente à mente, sem que o olhar a receba.

Se não havia enigma, então ao homem faltava, não os meios de o provar, mas essa atenção que era um trabalho da mente angélica, da mente em que tudo se cria e se confia à realidade. Rosamund pensava, na casa desmantelada e onde pouca coisa subsistia da época de Boal, que era preciso um estado fora dos cativeiros todos, dos sentidos e dos seus sintomas, para abater o enigma e entrar na sua morada. Por exemplo, o estado de virgindade: sem ânsia, sem apetite, iminente praxe do coito, cumplicidade de prazer, entrega da pessoal inteligência do ser, a mente seria uma terra a dar guarida ao enigma e a torná-lo claro e transigente com a razão. As deusas e os deuses, na sua intocada autoridade carnal, encontravam-se com o poder que dá essa forma, e tinham acesso à vontade em que o mundo se alimenta. Consequência depois de consequência, o espírito era a caligrafia de cada estrutura modelada e cingida pela consequência. Rosamund escreveu ao pai e disse-lhe, simplesmente:

«Acho que não há enigma nenhum. Boal tem qualquer espécie de vida; resta encontrar a sua força de expansão, a sua lógica.»

A primeira vez que ela subiu à falésia, no seguimento do seu jovem guia, sentiu medo. Isto colocava-a numa situação de inferioridade, porque o medo é mau condutor do verosímil. Estando no alto, o vento bateu-lhe como um açoite, e pensou que ia desequilibrar-se, como possivelmente sucedera a Rosalina. Mas logo percebeu que se tratava dum vento cálido, controlável e não muito forte, desde que se apoiasse com firmeza contra as paredes da falésia, nesse ponto lisas e dum vermelho brilhante. Lembrou-se de que algumas mulheres da sua família, quando estavam grávidas, sentiam náuseas ao ver a cor vermelha. Teria Boal sucumbido a umaoura e caído desamparada, quando em condições normais aquela situação não a embaraçava? Estaria portanto grávida, o que, com a crise matrimonial que atravessava, punha em causa a criança ser legítima ou não. Gaspar de Barros, encontrando o corpo, teria procedido ao seu enterramento rápido e em segredo, para evitar a autópsia ou qualquer espécie de indiscrição médica. Os doutores eram terrivelmente eficientes, como se provara com o diagnóstico da rainha Estefânia. Com o pretexto de dar um parecer exaustivo sobre as causas da sua morte, que fora a difteria, chegaram à informação escandalosa de que ela estava virgem. «Meu Deus – disse Rosamund, nessa noite, enquanto dava um golpe de pente nos cabelos crespos do ar salino –, e se ela fosse virgem, apesar de ter tido dois filhos?» Estava muito pálida, e teve a impressão de que as paredes do quarto se moviam ligeiramente. Rosamund sentou-se diante do espelho, e quem viu lá reflectido não parecia ser ela. Era uma mulher duma brancura de loiça, com uma boca miúda e um dente saliente a brilhar sobre o lábio inferior. Deitou-se muito nervosa, mas adormeceu sem dificuldade. Entre ela e Rosalina tinha-se estabelecido uma ponte, como a do caminho dos mortos, oscilando sobre um imenso espaço vazio.

A partir daí nunca mais deixou de subir à falésia. Conhecia todos os nichos, todos os ângulos; sabia qual o efeito da luz da

manhã sobre as águas e como a sombra cobria a enseada, fazendo parecer que o fundo crescia, trazendo à superfície corais e detritos. A casca da caneleira aparecera ali. Agora andava sozinha e levava com ela uma refeição leve, para o caso de não voltar a horas de comer. Entretinha-se a atirar do alto laranjas e outra fruta, e a medir o tempo que elas levavam a atingir a água. No Cabo Girão atiravam-se pedras, e o seu som, ao abrir o mar, dava tempo a rezar uma Ave-Maria. Isso dizia-se, não era certo que fosse autêntico.

Uma tarde, cobriu-se o horizonte dum repentino negrume e não tardou a chover. Rosamund, com o seu vestido de Verão, tremia; embora o frio fosse suportável, ela sentiu um súbito desânimo e uma estranha obediência. Teve o desejo de morrer. Era um sentimento de extrema depressão e abandono, em que influía o mover constante da água e aquela espécie de despedida que há quando se contempla uma paisagem desde uma grande altura. «Se eu morrer agora, não é nada» – pensou. Toda a falta de resistência actuava como a consumação da morte. Pôs-se a imaginar a sua entrada no cemitério de São Vicente, que tinha um ar britânico, decerto porque se incluía no terreno dos vivos, encostado a uma alta muralha que suportava um caminho. Era uma entrada amável e sem afronta de qualquer cerimonial, tão gasto pelo uso que dele fazem as películas de cinema. Era um enterro ao mesmo tempo gracioso e digno, sem qualquer amigo a chegar atrasado por neura ou a ficar presente por decência. O pequeno degrau da falésia onde estava parecia inclinar-se e fazer perigar a sua segurança. Sentiu que era puxada para trás, e um arrepio, à raiz dos cabelos, chamou-a à realidade. Uma mulher estava ao pé dela; e, sem a olhar, porque tinha os olhos presos noutro lugar, para além de Rosamund, ou através dela, parecia feita duma substância, duma liga que se fundia com ela. A primeira coisa que lembrou a Rosamund foi que se tratava de Boal. Mas não se parecia com os retratos dela, nem se parecia com ninguém, de tal modo era simplificada e sem expressão humana. Era a emanção duma inteligência, ou então algo como uma força criadora autónoma, e portanto infrequentá-

vel por qualquer ideia e qualquer forma do possível. Rosamund não estava impressionada; era como se há muito esperasse essa revelação que, no entanto, não acrescentava nada ao seu conhecimento profundo. Um bando de pombos rasou a face da falésia, e o pensamento dela seguiu-os por um momento. Foi o bastante para se desligar dessa poderosa aliança com a sua visão, e esta desapareceu.

«Tudo é questão de atenção» – pensava Rosamund já de volta a casa. A chuva caía em cordas, e ela estava como se saísse directamente do mar; mas não sentia nenhuma impressão e necessidade de se proteger. Os caseiros vieram abrigá-la a meio do caminho, e Rosamund não lhes falou. Constou que ficara assombrada, como quando um raio cai a pouca distância, mas era sobretudo uma noção de que a razão a oprimia o que prevalecia nela. Tentava mostrar-se normal e integrada naquele meio da Corte do Norte que, subitamente, abriu um parêntesis maligno e a expulsava. Alguma coisa nela indignava os habitantes e os fazia reagir contra ela. Como os jovens e as crianças não se aliavam a esse sentimento despuadorado de segregação, começaram a dizer que Rosamund os seduzia e que constituía um perigo para a comunidade. Espiavam-na e convidavam os caseiros a fazer o mesmo, para denunciarem todos os movimentos da sua vida. O que comia, se rezava, se recebia gente estranha, se tinha manias e gostos raros. A casa do Pico ficou sob vigilância, ninguém lhe dirigia a palavra senão para dizer o indispensável. Rosamund pensou que algo de semelhante podia ter acontecido com Boal. Ela tinha-se tornado uma via de conhecimento, desse «nascimento com» que liga o amor ao ponto em que esse laço é já aspiração a uma outra ordem de vida. O amor que, na sua violência, se furta a toda a relação com as suas próprias causas.

A gente da Corte do Norte, como possivelmente acontecera com Rosalina, tivera esse choque sedutor que a deixou como que mutilada e de algum modo deficiente. Era caso para pensar se não fora a partir da época de Boal que começaram os casos de certos aleijões, como os pés botos e a malformação dos ossos, que se

repetiam nas gerações como uma espécie de enfermidade de casta. Há qualquer coisa de inumano no amor, e as pessoas comuns têm medo da sua incarnação na forma humana. Rosamund começou a admitir que não a poupariam; que tinha de sair da Corte do Norte o mais depressa possível, senão seria maltratada e punida.

O que acontecera com Boal iluminava-se com uma nova luz. A sua sedução fixara-se, ela não: pudera partir a tempo. A maneira como fora aniquilada não era muito fácil de saber; mas se a sua destruição se dera em circunstâncias tais, que não só a terra e a natureza ficaram impregnadas desse acontecimento, como o sangue das pessoas e a memória que nele há, então as coisas podiam ser descobertas até à última particularidade.

Rosamund convenceu-se de que Rosalina tinha sido surpreendida no seu desajuste ao nível do humano; e que isto tinha inspirado tal horror, horror suspenso da sedução complementar, que a tinham simplesmente destruído. Mas como? Notou que havia nas mulheres um tom de virilidade, e nos homens uma expressão geralmente feminina e delicada. Isto acontece quando o amor produz nas pessoas esse descarnamento do humano que as transporta para além da sua diferença. A propósito, Emília de Sousa possuía na voz de cena alguma coisa de viril. Gaspar de Barros, que a viu na *Maria Stuart*, disse que ela entrava no palco ligeira mas não apressada, e fazia arredar as pessoas com o seu dito «deixem passar a rainha». Nesse momento era mesmo Maria, rainha da Escócia, livre e desafiadora, procurando o emissário de Isabel para lhe dar ouvidos, sem de todo lhe dar atenção. Gaspar ficara doente. Teria ele reconhecido a mulher naquela matrona, formosa ainda, que João Sanha ia recolher de carruagem, levando-lhe sempre um ramo de flores de cera? Ele saía da sala de jogo, interrompendo uma partida, para a ir buscar. Ambos trocavam um desses olhares tão fiéis que parecem destituídos de qualquer linguagem. A ser Rosalina, ela era feliz. Mas porquê tão avara, a ponto de o público do Porto a ter vaiado com uma chuva de patacos? «Se é para os pobres, atirem mais» – disse Emília. E os aplausos romperam como uma

vaga estrondosa. Ela gostava da «sua guerra»; o teatro conferia-lhe a patente, o risco e a glória, como se fosse um Napoleão do tablado. Gaspar morreu de vergonha porque a reconheceu e não a quis amar? A honra dos medíocres tem os seus direitos.

Era chegada a romaria do ano, as vinhas cobriam-se duma cor sangrenta e vinham pelos caminhos as reses destinadas ao abate. Era o grande holocausto, não se sabe que tradição prosperava ainda naquele acto de imolação. Durante dois dias ia ser morto o gado, e os regueiros de sangue fumegavam empoçando na terra, porque o matadouro não chegava para a matança. Os olhos vidrados das vitelas lançavam um clamor, para além da sua carcaça esfolada e ainda quente. Rosamund, com um sopro de terror no coração, pensou em Boal, abatida na componente mortífera e fetichista dessa época de festa grande. Quem sabe se tinham percebido que era preciso parar um jogo que tomara já todo o espaço convivente, um jogo de sedução feito para produzir o seu próprio desregramento na fricção de todas as regras? Subitamente, Rosamund juntou as suas coisas e, sem dar explicações, deixando a gente da Corte do Norte entregue à incubação do contágio que há muitos anos sofrera, contágio duma transferência, duma paixão irremovível e convertida num fantasma parado no tempo, ela partiu. Deixou uma espécie de informação dela própria que era o bastante para a não esquecerem completamente.

CAPÍTULO VIII

A casa Cossart tinha sofrido com a doença de João de Barros, que se tornara um depressivo crónico. Ela, sem reparações de monta, ia-se desfolhando, como diria Norah, quando a visitou em 1946. Todos os cuidados de João se voltavam para o jardim, que ele organizava como uma biblioteca, acumulando espécies raras e deixando grassar os maciços silvestres de artemísias e de margaridas bravas. Ao envelhecer, ele ganhara um encanto recatado, de antiquário que lida com belas peças e lhes dedica pensamentos idílicos. A mulher quase se afastara da sua vida e passava muito tempo fora da ilha, ou no continente, ou junto das filhas que tinham casado longe. Essa espécie de celibato, a que os homens dão um apreço singular, ou porque se inclinam ao vício ou à virtude, descobria nele as antigas propensões didáticas. Voltou a interessar-se pelo trabalho de recolha de dados para a realização da história da Madeira, mas acabou por escrever *O Livro do Jardim*, inspirado decerto pela obra de Stefan George, que punha em relevo a ordem social manifesta no jardim tranquilo e a entrada nele da paixão amorosa que, ao satisfazer-se, desintegra a natureza floral. Esta linguagem tinha muito a ver com o declínio da sua própria personalidade, com ardentes passos interiores que nunca se puderam completar. No ocaso da vida, *O Livro do Jardim* exprimia uma sequência de pequenos poemas sinfónicos designando experiências transitórias e fugazes; experiências a que ele preferira os espaços desertos e absolutamente conforme a uma desintegração interior. Gradualmente, João de Barros ia compreendendo a sua fascinação pela ilha, misto de rendição à sua glória panorâmica, celebrada

no jardim que se acumulara e valorizara durante um século de visitas de personagens afectados de ambiguidade e de delírio. Toda essa gente, coroada, rica e vulgar, apesar dos seus fenómenos de afectação, que desembarcara no cais da Pontinha, que se distribuía pelas quintas com os seus secretários, os seus cães e uma indefinível melancolia, era obra duma luxúria vencida pelo espaço cultural do jardim. Como Elisabeth, fogosa e neutra na sua veleidade espiritual, de facto habitada por uma cobardia que não era senão a falta do espaço paterno, expresso nas negações sucessivas ao amor e ao prazer. Ela desposara-se, não com o imperador, mas com a possibilidade de se conservar para sempre criança, maliciosa, inesperada, a criança a quem tudo se permite e se desculpa. O jardim, que já nesse tempo a Madeira representava, com os seus bosquetes de canavieira, com as magnólias gigantes, com as estufas de begónias e de avencas, com as matas de cedros e de louros, parecia-lhe mais do que um ceptro: era a mistura ideal duma cultura fria e da aptidão violenta para os rigores maiores da sensualidade. Pois esta pode ser mais exigente de submissão, do que as leis do decoro, do que as regras severas que espartilhavam a corte vienense.

Os jardins da Madeira (disso João de Barros tinha a certeza) exerciam um efeito terapêutico sobre as melancolias da memória, sobre as histerias inadvertidas e que despontam apenas na sombra do pulmão e na anemia que a íris denuncia. Aos poucos, João de Barros foi articulando *O Livro do Jardim*, que se tornou numa obra monumental, cheia de reflexões sobre a sociedade e os termos da sua decadência, as suas chamadas repetidas à infância. Nenhuma revolução, nenhuma alteração de estatutos sociais podia remediar o ódio que atravessava o espaço convivente, como um punhal. Embora a violência se abrisse como uma flor do ódio, a verdade é que este não tem parentesco de sangue com a destruição e com o impulso de morte. O ódio é sucesso, estado de triunfo e de paz restrita ao acto de vencer. João de Barros via a grande era do ódio aparecer com o despregar da realização feminina; com a sua segurança, o seu ministério amazónico, a entrada no campo adversá-

rio da outra mulher, com a qual se alia, não por simpatia, mas por tenacidade face a um objectivo. Perante esse alastramento duma vontade, que era o ódio, não havia suporte social nem engrenagem cívica que durasse. O regime pedagógico e fixo da ditadura era a manutenção dum jardim que seria obra duma espécie de renúncia viril e tomado pela precisão dum ódio que é parte fundamental da natureza feminina. Não um ódio adquirido e temporário, não uma agressividade desencadeada pelas condições tácticas dum benefício. O ódio como civilização, como efeito da civilização; como realidade do jardim ordenado e distribuído e até idealizado pelo que há na mulher de rivalidade insuperável, de ódio insuperável à criação de que ela quer a soberania.

Quando João de Barros ia à Quinta de Palheiro-Ferreiro, a mesma que a imperatriz Leopoldina passeou pelo braço do conde de Carvalhal, detinha-se no chamado «jardim da senhora». Era um lugar especialmente concebido por uma mulher, com um pequeno labirinto de buxo que se recortava em volta dum olho de água, uma taça escura onde borbulhava uma água mole e silenciosa. Um banco permitia a contemplação do labirinto, e em volta a chuva derrubava as sécias e as artemísias. A calada área, sem no entanto cobrir qualquer intuito de meditação, era protegida pelas gigantescas árvores que a rodeavam. O «jardim da senhora» tinha dentro um estranho sabor de templo, algo de mistério vestal, de protecção ao culto uterino donde mana a vida e que, no entanto, se glorifica no seu segredo e na exclusão da linguagem que lhe dá acesso. A maternidade não é o estado perfeito da mulher, é o seu estado nutritivo, em que o mundo se combina para produzir a procura e a matéria que ele tem que devorar. Por isso o Estado, como a mulher, centraliza todas as necessidades e todas as crises. Ele explora, inventa, produz a petição; como a mulher o faz, com o útero onde se molda a humanidade e os seus serviços, cada vez mais submetidos à lógica, cada vez mais arrastados pela voragem da lógica.

Mas o «jardim da senhora» desperta um belo dia, a cascata silenciosa da água pode borbulhar infinitamente, que a mulher não se

sacrificará ao pedido do seu ventre que não será mais fecundo. A fecundidade estará nalgum lugar exterior ao jardim, exterior à sua virtude integral, à sua ascese interrompida pela vontade de Deus, que achou que o homem estava só. Donde trouxe a mulher, não se sabe. Naturalmente a apartou do «jardim da senhora» onde tão pausadamente sonhava, olhando o labirinto de verdes contornos. E ela quer voltar, não ao Paraíso, não ao Éden frutal e luminoso, cheio de aves e felinos dourados. Ela quer voltar simplesmente ao seu jardim, e não outro; ao seu lugar, e não outro. João de Barros, quando viu Rosamund entrar em casa, sem avisar, disse bruscamente que não a queria lá.

– Mas porquê? – Achou o pai velho e desconfiado. A riqueza consumia-o como uma lepra e apareciam-lhe na cara dedadas que lhe marcavam a carne de maneira repelente. «Os ricos são diferentes de tudo» – pensou Rosamund. Um copo de água é diferente bebido por um rico. Será que um rico tem a mesma sede que um pobre? A sede de água fresca, de bebida animal na flor dos tanques onde se sorve um rio de água, lento, penetrando a pele, gozando o prazer da saciedade. Será que um pobre tem a mesma sede? O mesmo sentimento da sede, e não só a sede mesmo, a secura, a procição da sede com os seus acólitos de imploração, de esmola, de brutalidade, de submissão?

«Os ricos são diferentes de tudo» – pensou ela. Nunca olhava para o pai como para um rico; mas agora olhava. Via-lhe nos olhos uma sisudez, um alerta, um medo quase. Porquê? Não ia pedir-lhe nada. Ou será que um rico sente, adivinha, percebe que ninguém é capaz de se aproximar dele sem que o coração se anime de desejos, de curiosidade pela ocasião do proveito, pelo mimo da sorte que trouxe o rico da sua mastaba até à área da grande circulação, até aos pontos vivos da multidão, a sua oficina, o seu bar, a sua casa? Nunca pensara no pai como um homem rico, nem no guarda do portão, que vivia numa casinha proporcionada e cor-de-rosa, como um pobre. Todos lhe chamavam Charro, se bem que o nome dele fosse Olívio; e a filha era Charrete, o que lhe

dava um encanto de pequena personagem de Perrault. Viviam rodeados de cães malhados e horríveis, «magros como cadelas», dizia Rosamund. As relações dela com o guarda da Quinta Cossart não eram propriamente as de Lady Chatterley com o guarda Mellors. Não se encaravam senão com indignação mal sofrida. A herança dela agia em Charro como um sinapismo. Quando se deu o 25 de Abril e João de Barros já tinha morrido, Charro deixou de se considerar guarda, mas não abandonou o lugar. Tinha-se por ocupante da casa e redobrou a sua matilha, sempre vigilante diante do portão como a loba de Roma à entrada do Capitólio.

Um rico é um rico, um pobre é um pobre. Não havia, não há, outra definição. Pelos interstícios da pobreza, como da riqueza, espreitava a boa-vontade, um pecúlio de boa-vontade tocado pelo medo, fustigado pela melindrosa noção da desafinidade. «O que faz o pobre?» – perguntava Rosamund, olhando para a sua figura inteira no espelho; um espelho como um rio em pé, com margens de nogueira cujo brilho a embaraçava, como outro espelho onde tremia a imagem polida e distante. Em primeiro lugar, era esse cardo da sorte que caía por milénios na casa do pobre; e o reduzia, o caluniava, o amancebava com o infortúnio, tirando dele efeitos negociais e até prazeres. O cardo que desde nascença o pobre tinha na cabeça, e que impedia que se pudesse acariciá-lo com a mão nua, era o causador dum espantoso desastre; porque, não tendo a natural carícia em que o desejo projecta esperanças, graças, síndromas dum futuro brilhante, o pobre fica irremediavelmente pobre. Terá saudades das batatas assadas na cinza, saudades dos pés que pisam a lama aveludada; dirá sempre, no fundo do coração, que nada vale a sua inércia e o seu gozo vulgar, a sua independência de opinião ligada a um luto do respeito e a uma disciplina quase da sua diferença. Em vão lhe dareis o céu e a música reparadora que o enche; ele continua pobre, ou seja, ligado a um jogo alusivo dalgum pecado que come-teu, do qual ele é o suporte nunca completamente desmentido.

Quanto a João de Barros, esse situava-se no território do rico; tudo era para ele motivo de se achar contrafeito, toda a diferença

o incomodava, não havia praticamente ninguém no mundo que não lhe merecesse esse sentimento, de desconforto, de fuga, que ele aprazava com toda a espécie de hipocrisias, como, por exemplo, a da fraternidade. Na realidade, vivia voltado para o paraíso da desarmonia, para os acordes brutais da desarmonia final com toda a amplidão das suas próprias repressões que estalavam numa impaciência carniceira. Se admitia a formação do bando, a concentração dos seus idênticos, era para generalizar de maneira abusiva e infatigável o que lhe prometia uma luta de morte com o que o contradiz, com o que o acanha e faz inventar o pudor das palavras e dos actos. Rosamund sabia que o pai não suportava a inteligência dela. Acima de tudo, ele não suportava a inteligência, porque ela comandava a diferença. Ele aceitaria melhor a simpatia pelo escravo, a quem oferecesse ocasiões de prazer e fortuitas alianças (como acontecera com Leopoldina, que ele nunca admitia no seu leito, para não ter que dever-lhe o inferno do desejo, e assim diminuir-se perante ela), do que o olhar de Rosamund. E, no entanto, não havia nesse olhar nada de crítico. A crítica é uma exibição do moralismo, em nome de valores de colonização mental. Mas por isso mesmo, porque não havia crítica no olhar e nas palavras de Rosamund, o pai detestava-a mais. Havia uma distância flagrante entre ela e esse homem rico que fazia barreira à erótica com a sua própria realização mítica. João de Barros tornara-se tão importante na ilha, que era caso de corar perante tal evidência. A mãe dele, Alice, que estava no fim dos seus dias e cuja memória dos factos antigos se apurava, dizia às vezes coisas pitorescas que se prendiam com a família de Gaspar de Barros e com Rosalina. Dizia, por exemplo, no seu mamar de palavras na boca sem dentes, que havia sangue de escravos nas veias de João de Barros, o que se notava pelas orelhas arredondadas e coladas ao crânio; e, à parte isso, até 1760, negociara-se com negros, mouros e indianos, e que Leopoldina descendia desta raça escura e delgada, tendo os seus antepassados nascido na propriedade dos Esmeraldos, o que lhe conferia uma espécie de nobreza. Por isso, conti-

nuava Alice, e não por outra coisa, João de Barros recusara sempre coabitar com ela; porque nos negros achava uma sexual disposição que os fazia dominadores legítimos. Olímpia morreu a ouvir estas histórias, e João mandou-a enterrar dignamente, porque condescendera com aquela grosseria simples e sem malícia que ela tivera e que tanto mal causara em Francisco. Estando ela morta, no leito, vestida ricamente de seda e vidrilhos pretos, João entrou para a ver. Comoveu-se, o que era estranho nele. E foi porque, de repente, para lá duma beleza usada e com qualquer coisa de legível ainda, ele percebeu os traços negros que eram afinal o segredo da sua indesmentida fama sexual. A boca grossa e tímida, a moleza da carne duma brancura opaca, a pequenez dos pés que tinha calçados de camurça com fivelas de *strass*, como ela gostava. E desejou-lhe bem, ainda que carcaça dum bem ausente já na história dos amores humanos. Só havia, portanto, um traço plural e definitivo que simboliza o desejo humano e que separa ou aparenta as pessoas. Tudo se prendia a esse instante lúcido e sem palavra que o registre; esse momento de aceitação ou repulsa, vivido muito antes da idade da razão, quando a criança é a estação do amor e dele espera tudo, menos a resignação. Depois tudo convida à resignação; depois, são anos e anos que vão repetindo o primeiro gesto, o primeiro encontro com o que nos aceita ou o que nos repele. E assim se faz o carácter denso e numinoso, ou a investidura do mal, se é mal despertar o reflexo lógico antes de simular as boas razões. A linguagem é um corpo que se confessa ou que inverte a confissão; que se apropria da dificuldade para com ela criar um elo com os outros. O que não se pode dizer, diz-se em cifra, em surdina, em horrível mentira; mas diz-se sempre. Rosamund percebeu que o destino de Boal era uma linguagem, que o mistério dela era uma forma de fornecer às pessoas um fio condutor que as levasse até ela. De vez em quando, depois do esquecimento duma geração, vinha alguém à flor dessa longínqua história, e apiedava-se, e amava o indecifrável gesto que a escondia. Era preciso amar muito para vencer a terrível negativa dos outros em serem entendidos.

Porque entender é tocar paragem que só talvez à morte aproveite. A vida não é para os que a compreendem, é para os que a praticam.

João de Barros deu em escrever um livro a que chamou *Variante à Estrada Nacional n.º 1* e era uma espécie de testamento das suas ideias, postas duma maneira completamente selvagem. Não se reconhecia ali o talento matemático nem o homem de poder financeiro. Parecia um louco cicerone que tomasse a sério o seu próprio papel e que decidisse fazer a grande invenção do mundo para visitantes extraterrestres. Descrevia as coisas, não através duma informação recebida, mas como mistérios insondáveis cuja análise o enchia de surpresas. «Filho», por exemplo, era, na sua tradução livre, uma tese da mulher de que ele próprio era a antítese.

A sua vida não oferecia mais nenhum programa, e ele sabia que em breve seria assaltado por uma doença qualquer, que invadia inexoravelmente as suas faculdades excepcionais e o tornaria, como todos os outros, um pedinte face ao tempo. Uma coisa Rosamund recebera dele, e por isso sentia ciúme: a total desaprovação da medida do tempo. Cem anos, para ela, não era muito nem pouco; era o suficiente ou o insuficiente. Este era o conceito do jogador, para quem cada parada tem o valor e a duração duma vida.

João de Barros, tendo as outras filhas casadas, irritava-se com o estado celibatário de Rosamund. Nunca se escreveu um livro sobre o celibato, ainda que se escrevessem muitos sobre estados de concubinato incestuoso, fixações típicas, paixões servis e demasiado locais, complexos de Electra mais explicitamente. Mas Electra era possivelmente uma celibatária mal compreendida. Há nela uma piedade natural que a faz vaguear em torno de falsos objectos. A piedade do celibatário, mais abundante entre os anglo-saxões do que entre os latinos, é um sentimento narcísico sem remédio, que em vão busca definição em batalhas irreais. O amor dos animais, o desejo de repor as coisas na ordem que o colectivo imagina (aqui a actuação narcísica de Joana d'Arc, a celibatária modelo), são outras tantas expressões denunciadoras do «*single*», exactamente o «singular». É um estado mais natural e perfeito do que o

casal. O celibatário é um factor de que a civilização não prescindir; o casal é uma figura imposta pela natureza. Possivelmente, o celibatário vai aperfeiçoar-se, e a sociedade vai recebê-lo no seu seio como o protótipo do homem justo, em detrimento do bom pagão.

A *Variante à Estrada Nacional n.º 1* nunca foi completada, assim como o *Ficheiro Desaprovado* ficou a menos de meio. João de Barros, nos últimos cinco anos da sua vida, entregou-se nas mãos dos médicos e tornou-se seu amigo e até seu discípulo. Sofria duma cirrose, ou de qualquer alteração das funções biliares e, na verdade, isso interessava-o profundamente. «A nossa doença é a nossa confidente; quando não a podemos dispensar é porque estamos livres de qualquer compromisso com os outros.» Como Margô o perseguia com a sua hipócrita ternura de enfermeira, João entendeu livrar-se dela, e mais uma vez se isolou na Corte do Norte. E aí, seguido por dois criados que se revezavam à porta do seu quarto como dois esbirros, mais do que vigilantes e servos, começou a descrever Boal, tal como ela habitava ainda a casa do Pico. Havia um sem-número de vestígios dela, a principiar pelos livros de orações; alguns guardavam lembranças dentro perfeitamente profanas, como flores secas, violetas na maioria. Outros estavam por usar, e as folhas douradas mantinham o brilho litúrgico e despegavam-se custosamente. E, de súbito, fez uma descoberta: dentro dum eucológico romano encontrou um bilhete azul que dizia: «A visibilidade é uma forma de gratidão; a reverência torna-nos invisíveis.» Isto fez-lhe pensar que Rosalina (a ser dela a letra e o pensamento) não tinha nada que ver com a sua lenda. Passou a perscrutar todos os vestígios e todos os sons que o conduzissem à presença de Boal, e foi entendendo algumas articulações duma linguagem até aí desconhecida. Encontrava, por exemplo, a dobra do lençol molhada, como se alguém tivesse entornado um copo de água, e, de noite, tinha o cuidado em não deixar o braço descair fora da cama porque então era puxado por uma força aterradora, se bem que não maliciosa. Começou a pensar se todos

aqueles ingredientes abusivos da lógica mais comum não resultariam do seu isolamento na ilha. A insularidade (e tinham-se feito experiências nas penitenciárias mais famosas) é causadora de fenómenos estranhos de ouvido e de visão. Nesse momento, a guerra mundial estava no seu auge, e desenrolava-se uma espécie de frustração no português, poupado tanto à culpa como à intervenção – situação difícil de liquidar na consciência colectiva. Sobretudo quando se divulgaram os relatórios sobre os campos de concentração, houve um arrepio que produziu mais tarde uma conformidade com a revolução, como se esta fosse a punição esperada por aqueles anos de diplomacia que, não sendo servil, era de certo modo limitada a um ponto de equilíbrio, e mais nada. A universalidade dos acontecimentos não correspondia à soberania provinciana de que o país era investido. A Madeira, mais do que o continente ainda, ficou isolada do risco, assim como da memória que ele acarreta. O pensamento e a capacidade de inovação, que em geral, em Portugal, são formas de inspiração e não contribuições duma sociedade organizada, imobilizaram-se. João de Barros tinha a noção de que estava prestes a ceder à extravagância, pela irritação duma cultura que, ou não lhe pertencia, ou era um simples meio de intriga de campanário. Os grandes rios da cultura passavam algures, levando nas suas águas o orgulho da experiência e a motivação do escândalo. Portugal estava retirado nas formas menores da comunicação, que são o negócio e o turismo. Todo o plano de criação ficou, durante muitos anos, restrito ao projecto didáctico e às obsessões políticas. Estabeleceu uma promiscuidade de ambições apostrofantes que, sendo dum lado liquidatárias duma era de afirmação ruralista, doutro lado eram místicas mal resolvidas numa opinião em que se desenvolvia o racismo urbano.

Na realidade, o racismo não fora consumido e cremado nos fornos de Auschwitz e Dachau, ou na imaginação de milhares de medíocres tiranos de fim de estação. A Primavera fascista, com a sua sedução de linguagem e a sua promessa de activismo místico, tinha passado. Havia agora um tempo que se arrastava indefini-

damente e de que ninguém, ou quase ninguém, se desprendia de boa vontade. Denunciar tornou-se uma forma de perseguição disfardada, uma forma de racismo sublimado. O fascista foi o tema fácil para o desemprego do racismo. Era acautelado na sua existência, porque era necessário como condutor da agressão a reinventar.

No entanto, a Madeira, ilha *a latere* doutra ilha, o continente, não esteve plenamente no uso dessa combinação de factos que produziram o 25 de Abril. Porque a revolução de Abril partiu (não no seu planeamento e na sua estratégia política, mas na sua autorização popular, que nunca é política num sentido durável) dum certo amadorismo civilizante, a par duma instrumentalização popular que lhe retiraria toda a dimensão cosmopolita. João de Barros sabia bem que se educara na última franja do liberalismo que ia dar lugar à democracia neoconservadora, pronta a desencadear nas massas uma qualquer fé de substituição a que não seriam estranhos os paroxismos psicológicos a tempo e horas. A revolução conservadora apareceria em Portugal com cinquenta anos de atraso, em atraso mesmo à actividade do Estado Novo, cujo nacionalismo face à política estrangeira seguira de perto a modernidade decadente da Europa spengleriana. O burguês pessimista de Spengler não deixou de ter raízes na sociedade portuguesa, pelo traço de carácter que predomina em todos os estratos sociais e em que prevalece a sonolência paciente face ao destino inelutável. Traço de carácter fatal, por sua vez, que favorece a inflação sem chegar à crise aguda e sem, portanto, abrir as portas ao caos de que se poderia tirar proveito pela inovação. O espírito de convivência ultrapassa mesmo os acordos do poder. A ideologia das classes médias, assentes num pessimismo cultural que favorece a estetização da política como refúgio da renúncia, iria dar às tendências dos «Novos Conservadores», de facto uma via de sentido único a que João de Barros reconhecia perigos e, sobretudo, um potencial agressivo em suspenso. Em vão a técnica da ascese fazia recuar esse capital humano da agressividade; ela não era mais do

que um radicalismo da autoridade. A neutralidade parecia-lhe que era uma consumação do não-imaginário.

De qualquer modo, ele seria das poucas pessoas em Portugal a sentir a chamada «angústia do engenheiro», ou seja, o cientista que, partindo da máquina funcionando ao zero absoluto, se encontra na iminência de obter composições químicas nunca conseguidas. Isto, ao mesmo tempo que o alegra e excita, causa-lhe a angústia da sua própria paternidade. Foi por isso que João de Barros interrompeu a sua *Variante à Estrada Nacional n.º 1*, e nem mesmo falou disso a ninguém.

Não deixava de pensar no famoso desaparecimento de Boal e de tomar notas a respeito disso. Também lia infatigavelmente obras que, no seu entender, lhe podiam fornecer pistas, sobretudo obras de teologia política. Uma das que mais o impressionaram foi um livro de Walter Benjamin que passou a trazer com ele, ainda que o esquecesse em qualquer lugar muito frequentemente. Voltava para o recuperar, o que obrigava a esforços de memória e às vezes a desesperos pueris.

Era agora um homem velho e manhoso, como Rosamund dizia, porque a idade o fazia cauteloso com os talentos de que se não fiava mais. Já não viajava nem recebia correspondência, excepto alguns prospectos missionários que continuaram a chegar muitos anos depois de ele ter morrido. Esse lugar sagrado, que era a Corte do Norte, parecia-lhe indispensável na medida em que era um lugar perdido no oceano, muito mais do que o Funchal, aberto sobre o mundo físico e moral, com negócios e prazeres e a arqueologia conveniente da sua História. Mas a Corte do Norte, depois da partida dos morgados, da sua ruína, que decepcionou as suas hostes, os seus detractores e quem neles confiava pelos frutos da imaginação, ficou mais isolada e menos lírica. As vinhas foram devorando as lombadas, que eram como dentes verdes alcançando o sol. Só alguma gente das letras enobrecia o lugar, mas a parcimónia de temas não deixava florir o extraordinário. Os portugueses são mais cumpridores com a realidade (a herança e a prova da reali-

dade, e não a sua definição), do que lançados na via do romantismo. Quando se fazem românticos, estão a ser cépticos com alguma coisa.

João de Barros dava-se por feliz em não ter grandes amigos, porque a velhice não é tempo de pactos nem de sinuosas confissões que alimentam a amizade. Porém, não vivia só, e tinha até facilidade em relacionar-se, justamente porque não tinha intenção de se obrigar à fidelidade. Falando nisto, ele nunca traía Margô, o que às vezes a punha furiosa. Ela achava que um homem que as mulheres deixam em paz é um homem perfeitamente perdido para a família e para a sociedade. É capaz de tudo, menos de se interessar pelas coisas urbanas, como, por exemplo, o amor dos filhos, feito de muitas recuperações e arrependimentos que as pequenas traições proporcionam. Quanto mais genial é um homem, menos pede desculpa dos seus erros. Isto torna inevitável a sua má-fé com os sentimentos dos outros. João de Barros não amava Margô, porque o amor era um defeito de nascença – dizia ele. É uma forma de mendicidade e uma colagem de experiências estranhas à pessoa. O amor lírico dos quinze anos, que ia desaparecer com a feira franca da sexualidade, nunca o comoveu, ainda que tivesse algum conhecimento do seu processo. Gostara imensamente de sua tia Águeda, mas ela nunca tivera olhos para ele, ocupada como andava sempre com Tristão das Damas, o irmão querido. João achava que fora esse sucesso amoroso de Tristão que o tornara frio com as mulheres. O pai ocupara um excessivo espaço na erótica de família, e punha-se muito francamente o seu incesto com Águeda. Ela repelia tudo que não fosse Tristão, e podia dizer-se que o irmão apagava os vestígios de todas as coisas na sua vida. João sentiu na casa do Pico essa iluminada carência que há em amores proibidos. Mas nem eram proibidos, pois decorriam num campo de certo modo privilegiado para as paixões, que funcionavam como a roleta russa. Os amantes esperavam sempre o golpe fatal, através da sua própria exasperação face ao útil e ao comum. Era isto que dava sentido a esse laço, de certo modo austero e muito

menos leviano do que o amor do casal aprovado pela natureza e pela sociedade.

De qualquer modo, a casa do Pico guardava a opressiva dimensão da paixão de Águeda, e ela, aos cinco anos, com um vestido solto de organdi e os cabelos em rolos pelas costas, parecia já carregar um amor eterno, e os olhos dela tinham a crueldade das grandes opções. Nunca saíra da Corte do Norte, nunca fora ao continente nem conhecia quase o Funchal. Nada lhe interessara na vida, presa como estava à sombra do irmão, à sua bela estampa de morgado, como ela dizia. Se algo houvera de carnal entre eles, isso nada acrescentava ao delírio de tão arrojada afeição que os anos não diminuíram nem desviaram.

Mas João de Barros, esse sofreu muito. Além do mais, a mãe que Tristão escolheu para ele, uma serviçal, mentirosa e incapaz de se elevar até ele e, muito menos, de se achar digna de Águeda, sempre o encheu de desgosto e quase de espanto. Teria preferido ser filho de Águeda. Porque não se tinham atrevido eles a esse acto verdadeiramente altivo? Como faraós, por exemplo. Como Nefertiti e outras que tal. Um dia quase que fez essa pergunta a Tristão. Disse-lhe:

– Gostava de ser filho de Águeda e não sobrinho.

A maternidade em diagonal também existia, e foi isso que Tristão respondeu, a rir-se, bem disposto porque tinha sido feliz com as cartas. Usava um roupão de flanela cinzenta cujos cordões de seda estavam esfiados. E esse desgaste duma coisa de alto preço imprimia-lhe uma espécie de grandeza. João teve vergonha de atacar esse homem audacioso e elegante que o ignorava como a uma pulga que lhe saltasse ao lado. Porque lhe pedia amor? O amor não se pede nem se oferece. É um acontecimento e não uma disponibilidade, como a riqueza. Verificou que a vida doméstica é algo suja e desordeira. Não podia evitar de dar sentido a todos os gestos de Águeda, e ter ciúmes dela. Desejou-a muitas vezes só porque esteve perto da sua nudez e da sua cama desfeita. Estava certo de que, se fosse embora dali, nunca mais se lembrava dela. O discurso emocional perdia-se, aconteceriam outras coisas, e ele seria outra pessoa.

Tristão, que era avaro com a família, tanto como era pródigo com o jogo e tudo o que com ele tivesse relação, mostrara má vontade em deixá-lo partir.

– Tudo custa uma fortuna. Não tenho dinheiro para extravagâncias – disse. Mas algo nele impunha que servisse o filho, culpado como era de o ter em situação mesquinha. Nem poeta podia ser, porque não tinha munições para isso. Não tinha uma desgraça grande a vencer e a recordar; não tinha ambições formosas em competição com o passado. Era feio, e a mãe falava-lhe constantemente de gente vulgar, que ela invejava. Falava demasiado dos nomes influentes na ilha, dos Lomelino, dos Câmara Leme, dos Esmeraldos todos. Era como uma barreira essa gente famosa e bem sucedida, rica e destinada a lugares oficiais, a dirigir e a mandar. Desde criança, João de Barros teve que os enfrentar, que os suportar na servil fala da mãe. Alice venerava-os, sem deixar porém de descobrir-lhes os podres, de suspeitar-lhes aberrações; gabava-lhes as maneiras e a estirpe, mas mutilava-os friamente da honra menor que é o segredo de alcova e a sevícia esquecida e a anedota do criado de quarto.

João queria por uma vez despir-se desses mantos reais que a mãe lhe oferecia, como andrajos que ele tinha de usar até ao fim da vida. Alice nunca o autorizara a ser como eles, a ter um nome feito, a abrir a sua própria porta da fama e do êxito; Alice era o seu inimigo porque lhe negava respirar fora desse pequeno arco de adulação e de inveja que ela construía, que ela armara para os especiais, para os únicos. «Se não saio daqui, ela abafa-me com essa gente, dá-me a comer a eles como se eu fosse um pão de mel e uma perna de peru» – pensou. Tristão não era pessoa para compreender isso. Diria: «És doido, sempre achei que és doido.» E voltava-lhe as costas. Então Águeda, com um sorriso de inválida, havia de ouvir aquela discussão de trapos, em que cada um tinha os seus próprios pensamentos reservados a esgrimir, e a espirrar, e nada ficava resolvido. Mas foi Águeda quem lhe deu dinheiro e arranjou que ele saísse de casa. Se não tinha economias, roubou Tristão

ou pediu emprestado. No fundo, pagava o amor incoerente de João com esse gesto nobre. É para o que servem os gestos nobres – para saldar as contas com os nossos desprezos.

Dessa casa do Pico, João de Barros não levava nada; ficara-lhe um sentimento de horrível solidão e pobreza, porque tivera ali anos de vergonha e de má esperança. Vergonha porque a esperança lhe era negada; porque não podia aspirar a um posto que os Lomelinos e os Ornelas tinham obtido, que os donatários lhes tinham legado, que o próprio Gonçalves Vaz, com as suas quatro filhas, tinha ocupado e parecia ocupar até ao fim dos séculos. João de Barros, aos dezasseis anos, era um homem gasto para o amor, para a felicidade e para as ilusões que a representam. Foi para o Funchal, onde estudou com algum aproveitamento as disciplinas necessárias à carreira que se propusera e que era conquistar o mundo. Tal como o Raskolnikov de *Crime e Castigo*, operava-se nele um processo de indignação adequado a vencer as proporções gigantescas dos seus obstáculos. A velha usurária era a sociedade que lhe negava as condições de triunfo, já que não lhe negava o ar que respirava. Se sua própria mãe Alice se lhe apresentasse num nicho imundo, recebendo como penhor os pergaminhos dos Esmeraldos e dos Lomelinos, ele pensaria em matá-la, como um Orestes ferido na honra do homem, que era mais do que a honra de família. Ela não o deixava sequer sonhar com a glória, e esta consolação não faltara a Raskolnikov, tendo na parede o retrato de Napoleão esboçado por David, um magro rapaz ainda banhado da aurora da revolução, mas já inacessível na dureza do olhar cheio de guerra e ambição. Quanto a João de Barros, ele não tinha usurária ao dispor, ou, se a teve, foi noutra dissertação menos teatral. Esperou a ocasião que se adequasse ao seu estado de espírito e, quando ela surgiu, não teve um momento de razão, que é um eufemismo do temor. Já tinham passado vinte anos depois da sua saída da ilha; formara-se em Coimbra com nota medíocre, porque não aspirava a cargos respeitáveis nem a uma profissão brilhante. Eles são o que melhor liquida um homem, porque os ensinam a

ser gratos. Gratos aos protectores, às oportunidades, a tudo. João não queria ter esse destino corrompido à boa consciência. Queria tudo ou nada. Ser um celerado ou morrer no seu catre de contínuo de colégio de província. Tinha havido alguém que se parecera com ele: Francisco, irmão do seu avô Lopo. Francisco não esperara a fortuna, desprezara-a mesmo, pela inviabilidade de se sujeitar aos seus caprichos, a começar pelo trabalho. Morrera a bordo, e o camaroteiro roubara-lhe o relógio, um *Patek* de grande valor. Metido numa lona pouco limpa, fora atirado ao mar, e o capitão dissera algumas palavras sentenciosas que soaram no ar gelado como uma ironia que a sineta do cozinheiro logo cobriu. Que dissera ele? Talvez algo sobre o dia da ira, ou um salmo de pessimismo alucinante que João, de resto, apreciava. Gostava de afrontas, de grandes oposições; só não gostava que ignorassem o seu imenso orgulho e que o tratassem como uma cadeira, ainda que uma cadeira estimável que guarnece um canto e lá deve ficar.

Quando Sebastião, o Dr. Bas, apareceu, numa troca de olhares tudo ficou consumado; João deixou imediatamente para trás a pequena segurança que até aí lhe dera uma imagem na sociedade. Na vila marítima onde assentara arraiais, tinha amigos e até admiradores. O farmacêutico, homem de facécias e metáforas, apreciava-o; e na sua botica à antiga, com balcões de bela madeira brasileira e que tinham uma grade da mesma sicupira a permitir o acesso ao «altar-mor», como diziam, ele inventava tanto bálsamos e calicidas, como anedotas de toda a espécie. Também havia uma boémia em que a amizade era como um truque paciente do gosto dos homens em se verem e em se seduzirem com favores e até agressões. O Casino Chinês, que tinha uma decoração de dragões e beldades pequinesas em grandes folhas de papel como estandartes, reunia uma sociedade culta e algo sobranceira da monarquia, reduzida a um escol de professores quase pobres, com um rancho de filhos que era preciso preparar para a vida. João de Barros dava explicações por preço irrisório a essas crianças de beiços rebentados pela anemia e que tinham uma altivez de casta sob os seus

pensamentos famintos. «Um dia serão eles os gafanhotos do Erário Público» – dizia João, que se limitava a ensinar-lhes álgebra e que estava ligado a eles pelos mesmos estratagemas de vencer o frio e enganar o apetite. Forrava o calçado com jornal para manter um pouco de calor, quando dava aulas nas salas geladas e não menos geladas casas dos seus alunos; casas de azulejos, de fachada pequeno-monumental, com estátuas de loiça nas cornijas, um Mercúrio ou uma Terpsicore verdadeiramente espantados dessa consagração burguesa.

O Casino Chinês era o seu refúgio, e nele João costumava abrigar-se como se esperasse um barco nalgum lugar portuário de fumadores de ópio. Ele era muito respeitado como jogador e receavam-no ao *bridge*, como outros são temidos nos campos de duelo. Sebastião deu logo conta desse génio sem mística, porque João de Barros jogava sem paixão e não tinha vício, só faculdades para tal. Uma amizade nasceu entre os dois homens e, dum dia para o outro, tudo se modificou na vida do pequeno professor de álgebra. Passou a secretário do Dr. Sebastião, que era uma sumidade no foro; mas que só tinha um objectivo: jogar o dinheiro que tão habilmente ganhava com questões de difícil solução e sobretudo causas onerosas. Ele situava-se numa segunda geração de causídicos, vindo dum lar em que o jurídico se comia ao almoço e à ceia e era o conduto de todas as conversações. O Dr. Sebastião era uma sumidade nas leis e na maneira de lhes arrancar lucro. Mas só ganhava para jogar, o que o punha em constante instabilidade moral e financeira. João de Barros ajudou-o a escolher as causas e os clientes; e depois os amigos que disso resultavam. Fê-lo rico nos anos de depressão da pré-ditadura, e Sebastião, se era ingrato, como convinha à sua natureza fundamentalmente anti-virtuosa, não esqueceu os conselhos do seu secretário, verdadeiro conselheiro do príncipe. Quando estava tão desafogado que já não media os períodos de jogo pelos períodos de trabalho, foi para a Madeira como quem se reforma do absurdo e entra na experiência da sua autêntica curiosidade, a paixão que o afastara de

todas as outras. João de Barros seguiu-o e proporcionou-lhe um bom alojamento, com duas megeras domadas, que são o melhor que há para serviço de quartos e gestão da empresa doméstica. Alice e Olímpia entraram em cena e dedicaram-se ao Dr. Sebastião com um misto de piedade e de rancor, o que fazia com que o servissem optimamente. Tinham-no à mercê pela desordem da sua vida, e estavam cativas pelo triunfo que ele significava.

Aí houve um espaço idílico entre esses seres controversos, até que o Dr. Sebastião desapareceu, ficando em cena esse incompleto e insubornável João de Barros, evadido da chamada «liberdade académica», indiferente à demagogia dos projectos e dos desejos que ia impregnar toda a era do Estado ditador e o seu discurso de reitorado compreendido como uma metafísica. Incapaz de se descrever e de agir como um amador da civilização, João de Barros voltou aos seus ressentimentos infantis, para forjar com eles um destino. Das misérias moralizantes que actuaram nele com sevícias, desse culto dos donatários (que Deus os abençoe, mas que não nos estorvem tanto – dizia João) e da reverência timorata pelos tótemes dos antepassados, ele produziu uma espécie de *bricolage* solitária que foi a sua obra. Esta obra era em princípio uma atitude face à autoridade. O mundo bebia-lhe os miolos, a sociedade exigia-lhe o coração e os testículos; ele respondia com um rotundo não, completamente fora da crítica da consciência.

Daí surgiu o seu «método de ganhar qualquer jogo de vaza ou de azar» e que ele discretamente aplicou em vários casinos e também nas simples bancas de rua de Macau. Quando chegava ao ponto de ser notado e criar portanto o perigo de gerar seguidores, retirava-se prudentemente. Mas a sua fortuna, que foi reputada como fabulosa, não se deveu ao método que ele crismou de «aurático». A certa altura entabulou negociações com os banqueiros mais poderosos para não divulgar a sua *ciência do mal*; e passou a receber um por cento dos lucros de todo o mundo do jogo. Deauville e Monte Carlo, e depois toda uma série de salas privadas de frequência milionária, concederam-lhe essa paga. João de Barros

ficou tão rico que esteve em riscos de perder a faculdade de aspiração. Para evitar esse desastre da personalidade, inaugurou uma ascese que compreendia o estudo da destruição das coisas que no mundo merecem ser destruídas. Era um projecto de apocalipse. A simplificação da sociedade era a simplificação do próprio homem e a desmitificação do carácter.

Já quase no fim da vida, João de Barros teve conhecimento de certos artigos morais que lhe abriram os olhos para o enigma de Rosalina. Ou então esse atravessar duma porta a que sempre tivera acesso, tanto mais livre quanto ele próprio se defendia de a franquear, determinou a data da sua morte. Como Mónica, a mãe do bispo de Hipona, pôs como termo da vida a missão de converter o filho, as pessoas em geral têm uma meta a atingir, por precárias que sejam as suas forças, ou então porque elas estão sempre em equilíbrio com os planos da sua estratégia particular.

De João de Barros, da figura contrafeita que sempre tivera, o que fazia com que a multidão o tragasse, como a baleia ao profeta Jonas (e a baleia era o símbolo da sociedade pagã que o teve preso nas suas entranhas antes que ele se fez vomitar por ela, rumo à sua singularidade e ao seu tema), não restava nada. Ao envelhecer, modificara-se tanto que Margô às vezes se perguntava se seria capaz de o reconhecer noutro lugar do mundo onde o não pudesse identificar como objecto habitual. Os cabelos cinzentos tornaram-se leves e cacheados como um gorro de pele de caraculo. Todo ele adquirira a possibilidade de travar um diálogo com a força da gravidade; e quem o via andar pelos caminhos da Quinta Cossart, ao entardecer ou quase na beira da noite, assustava-se. Os inúmeros cães do guarda-portão encolhiam-se como pedindo desculpa de não arremeterem nem ladrarem.

João de Barros disse que, enquanto o conteúdo mítico de Rosalina não fosse liquidado, não se criavam condições para que a pessoa tivesse expressão própria. Todas as gerações precedentes, e ainda a sua, representavam imagens votivas a esse passado cultivado na história de Boal. Sobre ela incidia o poder mimético de épocas suces-

sivas, o que levava as pessoas a comportarem-se conforme o princípio do aparentamento. Com Rosalina e a sua própria acumulação de fantasmas em que prevalecia Elisabeth e a sua corte de joviais damas, e o encantador Hunyády, e o hospitaleiro conde de Carvalhal, a história primitiva da ilha e dos seus habitantes estava fechada numa espécie de prisão da linguagem. Ainda que Sissi tivesse com ela, para furor da Viena e da sua barroca cultura, uma aura messiânica para que os artistas do seu tempo contribuíssem, o certo é que ela própria serviu como rosto da história até na sua mobilidade relâmpago, de cavaleira, de viajante imparável, de imagem dialéctica que explica o distanciamento do passado. O seu carácter destrutivo não deixara de ter efeitos, e de certo modo forçou a crise do seu tempo.

Os morgados e as casas deles nas lombadas férteis, a horda de homens opulentos, gravaram na ilha uma consciência de classe que se teria de desenvolver um dia numa espécie de avançada. João de Barros previa que, movida pelo conceito enfático de crise que a insularidade cultivava em si mesma, a via de sentido único seria a solução preferida, ainda que efectuada do interior do pensamento conservador. Aquele acumular colectivo de restos e de ruínas era iluminado por uma luz brilhante e fugaz em que se percebe a perfuração da íris cega que dá lugar ao derramamento da ideia ou das promessas da ideia. João de Barros não viveu o bastante para assistir à revolução de 1974, mas pôde concluí-la no seu pensamento, adaptando o princípio da insularidade e do fim da história mimética ao povo português em geral. Segundo ele, um país constituído por fragmentos históricos, condenado à imitação do passado, só tinha uma saída: uma forma mineira de romper a parede de mercadorias empilhadas como um bloco férreo e, aproveitando as incompletas soldaduras do tempo, passar além.

Com estes pensamentos, João de Barros vivia, no entanto, no melhor acordo com os seus vizinhos. Não há como ter ideias destruidoras para se respeitar a paz da convivência e tolerar o anacronismo diário. Parecia a pessoa mais maleável do mundo, não levantava objecções a que o contradissem e até o ofendessem

um pouco. A injúria satisfaz os medíocres e permite atacá-los por surpresa, quando se julgam impunes pelo que se atreveram. João de Barros chegava a fazer esquecer que era rico e que toda a sua actuação como cidadão era uma pura propaganda dele próprio e para com ele. Precisava de se manter em forma «quanto aos detalhes», como ele dizia, e que eram ler em todos os sentidos os traços do destino que o arrastavam.

Praticamente deixou de viajar, de ir tomar o seu café ao Carlton Palace da Avenida dos Ingleses, agora passeada por uma fauna de mendigos solares que pareciam afectados duma qualquer embriaguez inca, pelo que se sacrificavam ao sol. A Riviera estava juncada de corpos, como depois duma batalha naval, e uma rede de utopias reaccionárias, como a da droga e a da prostituição, impediam qualquer metafísica estética de se desenvolver. Os rendimentos de João de Barros decresceram, uma vez que os velhos padrões do jogo desapareceram. Eles tinham ainda a moral do segredo, coisa que estava em vias de findar. Tudo era praticável, a discussão não tinha meios para sobreviver e dava lugar ao solilóquio a muitas vozes; uma generalização negativa apoderava-se do edifício das tradições. O mito transformava-se em razão, não pelas vias legais da filosofia, mas pela sensualidade estrutural dos mestres.

A casa Cossart, entretanto, estava condenada à ruína. Cada vez mais parecia uma flor desfolhada que se ia descolorindo. Margô continuava a passar com os braços carregados de magnólias e de novelos azuis que esquecia na banca da cozinha, porque o telefone a chamava e ela tinha que subir à pressa a escada, tropeçando nos cães e chegando sufocada ao andar de cima. A casa não era mais para a sua idade, não havia a mesma agitação festiva e postulante do grande manifesto doméstico. As crianças tinham crescido, morreram os cães, a mata entrou em decomposição. A ausência de João de Barros na Corte do Norte marcou uma decadência que indubitavelmente é inerente ao triunfo de todas as causas, inclusive a genética. Continuava a ser rico, mas tropeçava com toda a espécie de impedimentos para o ser. Acima de tudo, a riqueza já

não o interessava e era substituída por certos sintomas de avareza, que é uma arqueologia do instinto sexual. Comia quase miseravelmente e não acendia o lume a todas as refeições, contentando-se com um pouco de queijo e pão de semilha. Se lhe perguntavam porque andava tão mal vestido (ainda que usasse os casacos de caxemira já no fio, ninguém os reconhecia como um luxo), ele respondia como o inglês: «Aqui todos me conhecem.» E à mesma pergunta, feita em Londres ou em Nova Iorque, diria «Aqui ninguém me conhece», com o que as contas ficavam feitas com a sociedade.

A verdade é que a mundo caminhava para um sistema corrupto (um sistema aberto, diziam) e não havia já maneira de assustar o vício e viver a expensas dele usando de chantagem que inibisse o instinto. Desse modo, os patrões do jogo, novos aristocratas, olhavam para João de Barros com uma surpresa divertida quando ele lhes pedia que acertassem contas com ele. Não quebraram o contrato, mas foram atrasando os pagamentos até que a dívida fabulosa se tornou irreel. A perda de aspiração à totalidade dum lucro é já o declínio da formulação de quem o reivindica. João de Barros percebeu que não tinha mais a esperar dessa fonte de rendimento; e, coisa curiosa, sentiu-se aliviado por isso. À medida que ele afinara o controlo das operações sobre a natureza exterior dos factos, perdia o controlo sobre a sua natureza interior. Todo o domínio é a máscara duma decadência da personalidade: João de Barros, na Corte do Norte, pôde reflectir sobre a sua liberdade e viver em paz e em sossego.

Chegavam esmorecidas as queixas de Margô, que não tinha a mesma inteligência para fazer racional o irracional, e que acabara por desenvolver uma indústria de bordados no estilo de Miss Phelps, usando como ela os desenhos de alegre-campos em profusão. Mudou-se para a cidade, retomando os hábitos das morgadas, recatadas até à reclusão e que saíam de casa três vezes na vida: para se baptizarem, para casar e para serem enterradas. Contudo, Rosamund ficou na casa Cossart, embora ela fosse posta à venda. O seu alto preço impedia que houvesse compradores precipita-

dos, e, no fim de contas, não se animavam os pretendentes, como na história da princesa que não queria casar. Uns pareciam grosseiros, outros pobretanas, e os seguintes não mereciam confiança. Rosamund tinha um aliado no guarda-portão, que não se dispunha a mostrar a casa e despedia toda a gente com um modo ameaçador; além de que a matilha dos seus podengos não era mais afetuosa.

A Cossart caía nobremente, mas de forma inexorável. Tinha sido demolido o palácio da Quinta Vigia, e nada restava da memória local da Imperatriz que ali se iniciara no seu papel de vedet dum niilismo nascido do absolutismo formal da corte de Viena. A nova realidade ética, que ela tentou esboçar através dum evangelho estético, teria de resultar numa igualdade de elites e no apuramento controlado duma classe dirigente incapaz de resistir ao militarismo arrogante. Pobre Sissi, coroada com o seu casco de cabelos que a senhora Fanny, sua cabeleireira, levava duas horas a pôr em ordem! A revolução estética que ela pensou provar com essa elegância monomaníaca que caracteriza os apetites que observam um discurso distante, não chegou a ser mais do que um caso de pessimismo cultural. Não tinha alma, tinha somente meios para imitar. O conde de Carvalhal, que lhe oferecia o braço para passearem no jardim das Angústias, achava-a monótona e tristonha, como uma adolescente que cresceu muito depressa, sem ter tempo para considerar uma subjectividade autónoma e livre. Não lhe parecia bela, nem graciosa, nem humana. No entanto, por efeito desse clima insular, em contínuo risco de irracionalismo, ela tornou-se ali uma mulher fascinante. Quando os marinheiros russos dançaram com ela, apaixonaram-se, e Elisabeth percebeu que um procedimento que está na ordem do dia é um procedimento histórico. Tornou-se irresistível, e por conseguinte significou a situação tradicional do seu tempo.

Rosamund muito raramente via o pai, e este não mostrava qualquer interesse na sua visita. Ou havia uma auto-disciplina do incesto nessa cortina de desentendimento, ou então, de facto, as

suas relações estavam despojadas de toda a mitologia. Como no quadro de Kokoschka e Alma Mahler, um fundo de tempestade suportava o divórcio dos corpos como se os transportasse num barco para o esquecimento; e, no entanto, a paixão era a própria medida da sua afasia, não podiam comunicar senão através da propositada indiferença. Quando Rosamund foi à Corte do Norte, por ocasião das festas do Bom Jesus, e porque tinha alguns amigos do continente com ela, João de Barros não se mostrou. Mas conseguiu ser recebida por ele na própria tarde da partida. Achou-o cadavérico e, como ela disse, «com um olhar vermelho». O quarto do pai era o único confortável da casa, o único que mantinha um certo fausto, com uma cama enorme de baldaquino e cadeirões D. José, de pau-santo. João deu-lhe a mão a beijar, o que a espantou. Estaria louco? Ele sorriu, como se lhe captasse o pensamento.

– É um gesto, a máscara duma agressão... – ela percebeu que, um segundo antes ou um segundo depois, ele podia esbofeteá-la.

– Abri a casa aos turistas. Pagam para entrar, mas não lhes deixo trazer comida. Há muitos visitantes... – disse, precipitadamente, para minorar o efeito desse cromatismo novo das relações humanas. Os tons e os semitons da gama dos sentimentos eram apagados por uma espécie de uivo que abatia todas as barreiras sociais e sexuais. Não era para ver a sala onde expirara o último imperador dos Habsburgos, que a multidão entrava na casa Cossart. Era para capitanear uma pequena subversão, era para devassar com pés de feltro a ordem estabelecida e que durava dentro dessas paredes mortuárias, com os retratos de Zita e Karl nas consolas, e a mesa de chá pronta a servir os biscoitos húngaros pintados de geleia vermelha.

João de Barros disse:

– Receio muito que tudo isso seja ainda uma superstição.

– O quê? Arranjar dinheiro para pôr vidros novos e compor o telhado? Chove em casa como na rua.

Para surpresa de Rosamund, o pai passou-lhe um cheque duma enorme quantia; e não quis ouvir mais explicações. «Esta mulher é estúpida» – pensou ele. «A solidão leva-nos a inventar uma nova

ideia de convivência. A dela é a dos visitantes e a dos turistas. Receio que seja a ideia do tempo que está para vir. Felizmente não será o meu.»

A saúde dele agravou-se e não teve ocasião de voltar a ver Rosamund. Nela só gostava do nome. Às vezes pronunciava-o como se repetisse um tema musical ou um verso bem sucedido. Congratulava-se de o ter escolhido, ou antes, de ele lhe ter ocorrido quando parecia estar acordado que ela se chamaria Rosalina, como a baronesa de Madalena do Mar. Morreu numa terça-feira, em Novembro; as vinhas estavam ainda com a folha vermelha, que brilhava debaixo da chuva copiosa. «Parece um lago de sangue, e é bonito» – disse. Chegara a uma conclusão a respeito da vida e enigma de Rosalina. Ela sofrera uma destruição tão absoluta como indivíduo, que isso resultara como um desaparecimento histórico. Era um átomo da massa na qual se transformara depois dum total esvaziamento da personalidade. Quando Rosamund a vira na gruta da falésia sobre o mar, o que existia ainda era uma projecção da sua imagem, que pairava como um mito na consciência da sua longínqua neta. Chegou a criar-se a lenda da aparição duma Senhora do Mar, mas de facto era mais forte o processo de atomização que a massa requeria, e tal movimento supersticioso e decerto poético não foi por diante.

Rosamund não assistiu aos últimos momentos do pai. Embora isso lhe devesse doer para o resto da vida, a verdade é que sentiu alívio em ser poupada dessa maneira. Ele morreu muito só. Estava a tomar banho de chuveiro, antes de se deitar, e teve o primeiro sintoma do ataque cardíaco. A dor era horrível, e deixou-se ficar no fundo da banheira, enrolado como um verme, nu e desprotegido como um verme. Vieram-lhe à ideia as aranhas que procuravam água e escorregavam na superfície de loiça, até que um jacto as lançava no ralo. Se ele atingisse a sua exiguidade, rolando sobre as magras pernas, talvez pudesse caber nesse abismo onde se acumulavam cabelos e fios de trapo. Ele não tinha mais corpulência e mais importância do que uma aranha dos jardins. A dor fê-lo

gritar; depois perdeu os sentidos ou então entrou em agonia. Leopoldina foi vesti-lo, arranjando-se para não dar na vista e a pretexto da chegada da ambulância e de fechar a casa até ao último dos armários.

– Só eu sei onde ele guardava tudo – disse, presumida. O marido, bêbado e carinhoso, não se opôs a nada. «Manda a tua mulher ter com os mortos e goza a fama de homem honrado.» Ele tinha às vezes a veia satírica dum Juvenal.

Rosamund sabia que aquilo que o pai desejara era ser enterrado debaixo dos loureiros da Quinta Cossart. Dispôs as coisas de maneira a cumprir a sua vontade. Obteve autorização para sepultar João de Barros no cemitério paroquial do Monte, em capela própria, tal como Carlos de Habsburgo; mas disseram que só pedras levava o caixão, e que o corpo foi inumado num dos muitos caminhos onde corria a levada, num salto de água que já não enchia mais o lago dos Cossart. Um lago com embarcadouro e barcos em forma de esquife, que dantes serviam aos passeios lentos dos namorados, como serviu a Mary Cossart quando ela estava quase noiva e os tufos de cardeais escondiam os beijos que trocava com M. Hector, o seu professor de francês.

Margô fez um luto teatral, como Brunilde por Siegfried. Não deixou de lamentar a pobreza em que ficava, mas a verdade é que herdava a Quinta Cossart e uma série de casas bem situadas, entre as quais uma no Largo da Conceição, que tinha boa vista sobre uma queda de água e o vale dos Romeiros. A topografia era, na Madeira, uma obsessão de eterno retorno, posto que uma ilha é o seu melhor quadro. Margô disse:

– Quando era novo, o meu marido não era nada de especial, mas agora estava muito acabado. – Queria dizer que se consolava de estar viúva. E Rosamund disse:

– Os velhos parecem todos iguais. – E Margô não soube se a filha estava a troçar dela.

CAPÍTULO IX

Não sei porque falei de Juvenal. Mas, agora que falei dele, reparo como é próprio dar-lhe lugar e que suba à tribuna: «As nossas fantasias ofuscam-nos» – diz ele. «Com a nossa ênfase tudo acreditamos: as grandes mentiras que a Grécia nos contou; que o Monte Athos foi sulcado por navios e que o mar chegou a estar, em certa ocasião, tão coberto de trirremes, que por ele podiam rodar os carros de combate.»

Quando as mentiras se fazem populares, é porque o povo não está conformado com a verdade. A lenda encobre a frustração, e por isso os homens são mais tristes.

Não vamos qualificar Rosamund na lista dos sonâmbulos de Broch, que os colheu noutra dimensão social. Ela não se situava entre dois mundos, curiosa e enfática quanto aos tempos modernos, mas ainda revestida dos antigos valores agora investidos numa táctica histórica que favorecia os regimes totalitários. Exemplo de sonambulismo foi Pessoa, comprimido entre esses dois campos, em busca duma unidade cultural com uma veemência que pressagia o sentimento de culpa. A solidão e o desejo de romper e ao mesmo tempo de perseverar no apogeu histórico já dividido, conduzem à explosão do irracional, ao desfecho apocalíptico que Pessoa inventa na fragmentação dos heterónimos. De qualquer forma, o totalitarismo em Portugal foi produzido por um critério pessoal puramente educativo e sem necessidade de compensação face à grande metrópole que desencadeia a neurose da ordem e da *expição*.

Rosamund estava absolutamente só numa espécie de paraíso que a culpa não contaminava. Não rejeitava nem negava o passado,

cumpria mesmo com o ofício espiritual da Igreja, não de forma imitativa, mas porque entendia que no ritual há uma tentativa de aliviar as pressões do inconsciente e na ascese há a reflexão do corpo, necessária ao controlo de si mesmo. Não se sentia deslocada em nenhuma relação com os outros, mas não lhes dava oportunidade de se vangloriarem disso, porque nunca chegava à intimidade com ninguém. Não subestimava o adversário que há em toda a criatura humana. Isto, ainda que pareça estranho, proporcionava-lhe uma espécie de reconhecimento muito parecido ao amor.

Algo impedia que pudesse pensar em casamento, a menos que usasse de hipocrisia. Desde criança que possuía a íntima convicção da sua qualidade que repelia qualquer protecção. Com o andar dos tempos, chegou mesmo a criar situações de perigo e de enfrentamento, para vencer a sua susceptibilidade quanto à solidão que tinha como um direito muito particular. Margô, como ela tinha vinte e oito anos e não se lhe conheciam pretendentes, carregava-a de censuras, qual delas a mais mesquinha. Sobretudo tentava quebrar a sua soberba, convencendo-a dos seus fracos encantos. As irmãs estavam casadas há muito e tinham numerosa família. Ela vivia por tolerância na casa Cossart, eternamente à venda e visitada, não só por pretensos compradores, como por súbditos ainda do Império Austro-Húngaro, esses, sim, exemplo do sonambulismo entre duas épocas. Rosamund servia-lhes de cicerone e, como falava admiravelmente inglês, fazia-se compreender nas narrativas dramáticas que inventava a respeito dos Habsburgos. Falava de «Karl», como se fosse íntima da família, e dizia que a sua tísica se via já no dia do casamento, nas orelhas a que a objectiva do fotógrafo dera um relevo inesperado, transparentes e abertas como duas pequenas asas.

– Eu não me casava com um homem naquelas condições – dizia, em português. Dava meia volta e ausentava-se, deixando os romeiros entregues à protecção da grande magnólia negra e às solicitações da paisagem. A baía do Funchal parecia dali um troço de céu abatido.

Nas grandes fortunas há, de repente, um período de estremecimento mental em que se declaram extravagâncias e desequilíbrios que lhes dão um toque de moral própria. «São doidos» – dizia-se, quando se referiam ao regime da casa Cossart, de facto completamente irrealista. Não se vendia, não se recuperava, servia apenas para manter um guarda em estado de pobreza e de reclamação. E aquela Rosamund, bela mulher sem dúvida, mas arrumada numa excentricidade quase indigna, injustificada por qualquer vício ou qualquer arte. Aos rogos de Margô para que saísse dali e ao menos habitasse a casa de Curral dos Romeiros, que era mais pequena e em condições menos tenebrosas, ela respondeu que «a Cossart» tinha mais vida.

– Não imagina a gente que lá há, tão divertida e que não me aborrece com apertos de mão.

– Devias tratar-te – disse Margô, ofendida. O seu negócio de bordados estava a andar bem, mas, como aqueles que gozaram duma fortuna sólida e que nunca fizeram contas senão de grande capitão, julgava-se ameaçada de miséria. Um dia propuseram a compra da Quinta Cossart em condições tão vantajosas que seria quase uma desonra recusar. Mas era preciso obter o acordo das filhas e dos genros, além da especial disposição de Rosamund, que se queria incluir no contrato da venda.

– Cedo a minha parte e não saio – disse, muito a sério. Depois de negociações intermináveis, de idas e vindas de procuradores, sem nunca o legítimo comprador ser visto, nem no Monte, nem no Funchal, nem em parte alguma, o negócio foi fechado. Rosamund ficou propriedade dum desconhecido, que lhe mandou um recado: «Não permito que se vista de violeta. Em tudo o mais, esteja à sua vontade.»

Margô e as irmãs de Rosamund começaram a pensar que as coisas excediam os limites. A loucura dela era manifesta e não sabiam se deviam interditá-la. Mas, para quê? Tinham que recorrer ao tribunal e meter-se com advogados. O melhor era deixá-la e ver em que as coisas paravam.

– Se a conheço bem, a primeira ideia que lhe ocorre é vestir-se de violeta – disse Margô.

Mas não. Rosamund respeitou o contrato, e o seu desconhecido proprietário não teve razão de queixa. Durante mais de dois anos não apareceu nem deu ordens para nada. Rosamund estava em condições de grande penúria e vivia dificilmente do granjeio da vinha e do pomar, como o mais pobre dos colonos. Se um dia tivesse de prestar contas, via-se em grande embaraço. Mas como o sentimento de casta a protegia, como tinha por cima os telhados da famosa casa Cossart, e não um tecto de colmo, tudo parecia um simples e delirante compromisso sem consequências perigosas. Algo em que intervinha um forte dialecto sexual e uma embriaguez de pura exibição. Entre pobres e ricos tradicionais, isso não seria possível. Mais tarde ou mais cedo a profecia introduzia-se na paisagem, e diversos graus de resistência se desenvolviam.

Quem podia prever que, numa sociedade percorrida por um arrepio premonitório mas ainda pactuando com o mito do herói, com as descobertas e com a literatura épica, o único apoio fosse incarnado pelo uniforme militar? A revolução em uniforme, sinal exterior da formalidade, trincheira de combate à ondulação moral e psicológica, e social também, era a maneira portuguesa de mascarar a pusilanimidade. O uniforme protege a campanha em volta da casa de família, como a casa Cossart, onde, no entanto, elementos obscuros sempre estiveram presentes e romanticamente previstos. Foi sem surpresa que, um dia, num *Mercedes* preto, Rosamund viu chegar o general Kuefstein em pessoa, que lhe pediu cerimoniosamente para ver a casa.

– Espero não a incomodar – disse. Rosamund ficou impressionada pelas luvas brancas e um sentido de humor completamente desprovido de espírito dramático. O humor tem que contemplar o absurdo como quimera, sem nada de ficção.

O general era um homem conforme o padrão de toda uma estirpe ornamental cujo material de base era o folhetim de guerra. Pessoas assim sempre acabam por arrastar com elas o imaginário colectivo.

Rapidamente ele percebeu que Rosamund o esperava. Tinha um lenço violeta apertado no pescoço e desatou-o lentamente, para provar que removia um obstáculo. Era uma submissão, um sinal de amor cortês que tão bem combina com a guerra. Por causa disso, o general Kuefstein nunca mais foi capaz de levantar a voz para a censurar fosse pelo que fosse. Conservou-a na Quinta Cossart, e achava decerto que todo o homem tem direito a algo de bizarro para se recompor das suas falsas esperanças.

Como exilado político veio para a Madeira um poeta de fraco renome, mas que se tornou popular mercê das suas «assimetrias» com o Estado. Era um rapaz que diziam bastardo dum grande funcionário, por sua vez caído na obscuridade com a mudança de regime. Fazia amigos com facilidade, e Cabral Neto, que era arquivista e poeta também, costumava bater-lhe no ombro com afectuosa graça e dizer-lhe: «Os pides aborrecem-te? Então esses pides andam a aborrecer-te...» António José Lago não encontrava maneira de se desembaraçar dessa protecção aberrante porque, dizia, os sentimentos cristãos tornaram-se citações, e ele detestava as citações. Sabia muitas coisas e preparou-se para aprender mais ainda. Fez uma reforma da lenda do Machim, que, no seu entender, era um cavaleiro francês, e por isso a viagem com Ana d'Arfet em demanda da pátria. António José Lago casou com Rosamund. Era o homem mais adequado para marido, porque era conversador sem precisar de ter uma plateia à disposição. As mulheres gostam de quem lhes conte histórias, e Shéhérazade era decerto um derviche que substituíra a favorita no leito do sultão, porque sabia fazer de tudo uma boa história.

António José Lago foi na Madeira alcunhado de *Lambertino*, não por razões desonestas, mas porque escreveu uma história do conde Lambert, ajudante-de-campo da imperatriz da Rússia e personagem de grande proporção romanesca. O general foi proprietário da Quinta Vigia; quando se tratou de arranjar instalação para Elisabeth de Áustria, ele ainda não adquirira a propriedade, facto que se deu em 1863, pouco depois da partida de Sissi.

O conde Lambert, como António Lago, sofria de tuberculose e morreu em pouco tempo. A doença estava directamente ligada com um acontecimento dramático na sua vida. Constava que, travando-se de razões com um oficial da comitiva da administração civil da casa do marquês Aleksander Wielspolsky, quando do levantamento da Polónia em 1863, o matara. Ou então que tinham resolvido a questão comendo do mesmo prato uma série de pastéis, um dos quais estava envenenado. O conde Lambert teve melhor sorte do que o seu inimigo, que pereceu com horríveis sofrimentos. Este escândalo afastou-o da corte, onde servia como ajudante-de-campo da imperatriz, mulher de Alexandre II. Ou fosse porque a sua saúde já estava molestada e dava origem mesmo a verdadeiras convulsões histéricas; ou fosse porque aquele caso lhe trouxe problemas de consciência, o facto é que o conde Lambert se retirou para a Madeira e morreu em 1866. A sua passagem pela ilha ficou assinalada pelo nome com que se conheceu a Quinta Vigia, depois de ser chamada Vila Davies, contígua à propriedade das Angústias que pertencia ao conde de Carvalhal. O conde de Carvalhal, que conhecia o general Lambert das suas proezas mundanas em Paris, dizia, em privado, que ele era um exilado político em colchão de penas e que o seu lugar teria sido a Sibéria, em companhia de Dostoievsky e outros intelectuais, como punição bem merecida. A imperatriz, Maria Alessandrovna, intercedera por ele, e a sentença que lhe foi pronunciada limitava-se ao banimento da terra russa, o que equivalia a uma sentença de morte. O conde Lambert era um bom patriota e um mau conspirador, como membro da elite eslava a que pertencia.

António José Lago serviu-se dalgumas cartas particulares do conde de Carvalhal, que ainda circulavam em arquivos de família, para construir a figura do conde Lambert, espécie de herói da *Guerra e Paz*. Mais tarde, a Quinta Lambert serviu de parador a alguns russos brancos em diáspora e que, no entanto, não ficaram muito tempo, acossados por uma estranha melancolia das neves e por aquele sentimento limite de isolamento inerente à própria

identidade. Os seus servos, libertos, e que gozavam da total confiança dos amos, sentiam exactamente essa opressão irrepresentável do lugar, que lhes impedia o trato com estranhos. Eram, por exemplo, extremamente ciosos da «diferença» que significavam ali naquela ilha quase tropical e povoada por um *desconhecido* que não se desejava sequer aproximar e interrogar. O príncipe Nicolau Augusto de Oldenburgo, tenente-general do exército russo, com a sua guarda de cossacos, habitou a Quinta Lambert de 1884 a 1885.

António José Lago, por um conjunto de factos infelizes, entre os quais a morte súbita do pai, que o sustentava em relativa abundância, viu-se obrigado a trabalhar e a descolar-se do seu parasitismo intelectual, o que, de certo modo, o afectou mais do que a perseguição política que sofrera. Era um homem duma brancura irreal, com olhos pretos deformados pelas grossas lentes dos óculos. Em todo o caso, que a descrição não aflija, porque era rapaz agradável, duma maldade estóica num mundo em que os bons sentimentos condicionam a explosão dos contrários. Se não houvesse tão grande composição da máscara, o compromisso com o inconsciente não seria tão fatal.

De todos os modos, António Lago (detestava excluir o José, por semelhanças com José Cupertino, palavra-imagem que lhe era indispensável) era um partido deplorável. Quando Margô o viu instalado na casa Cossart, mesmo no centro da sala que fora «câmara de dor» do imperador Karl, servindo-se de chá jasmim como quem prepara poções mágicas, ficou siderada; quer dizer que não o repeliu verdadeiramente.

– Mas ele parece saído dum filme do Fritz Lang – disse, acobardada. Como não tinha mais argumentos para desautorizar aquele casamento, as coisas ficaram concertadas. António José Lago mostrou-se sempre um genro conciliador, se não apático. «Quando se fere alguém tão completamente, o resto é uma paz do desespero, mas uma paz, apesar de tudo» – disse António José. Fora uma criança estranha, débil, protegida em excesso por uma mãe que se abolia para melhor triunfar e que nunca teve a certeza de o ter

conseguido. Ao contrário de Agripina, que obteve de Nero a última das alianças, que é a aliança pelo jogo aberto do assassinio (problemático, como tudo o que a História nos conta), António José Lago, poeta-engenheiro, não deixou à mãe nenhuma certeza de ter sido amada. Ele interessava-se mais pelos fenómenos de levitação de São José Cupertino do que pela minuciosa participação da mãe em toda a sua vida clínica, sentimental e literária. Aos dez anos, António José tinha acessos de levitação e pairava três palmos acima do leito com o maior dos à-vontade. Sofria de asma e tivera preceptores, como os príncipes. Nunca frequentara a escola oficial e fizera exames superiores com o médico ao lado e uma enfermeira na corredor: além da mãe no *Buick* azul-escuro, abafada num velho casaco de alpaca e com sapatos de quarto, que não tirava nem para receber um ministro, ou melhor, a visita pascal na sua casa de Sobrado-de-Rei, um lugar meio inventado e que é inútil procurar no mapa. Os Lago eram engenheiros por atavismo; porque há profissões que se recebem na pia baptismal juntamente com o nome de família. Quanto a António José, ele não sabia o que fazer com um teodolito ou com uma régua de cálculo. Era a última centelha da cauda do cometa que se chamava a era dos engenheiros, que fecundara a imaginação na linhagem ainda da revolução industrial. Só que António José Lago, vidente da sua própria época, descobriu as propriedades insuspeitadas da boémia cósmica em que a sociedade moderna se ia tornar.

Quando começou a decifrar a casa Cossart, deparou com a importância do segundo andar, verdadeiro labirinto de pequenos quartos amansardados e que reflectiam um espírito não burguês, um espírito boémio. Até ali reservado às crianças e às suas *nurses*, esse espaço, a que se chegava por meio duma escada discreta, estava impregnado duma sensibilidade aos jogos e aos brinquedos, tendo ainda nos seus recantos como que um vulto que esperava o momento de ser descoberto e multado pela sua má noção do esconderijo. A mansarda, que foi reputada como a antecipação da casa de habitação de hoje em dia, em que se imita ou se reinventa a boémia,

pela sua trepidação e rusgas familiares por cantos, corredores, ângulos e, finalmente, a grande praça de convívio, era na casa Cossart uma ideia bem concluída pelo arquitecto. O pai de Mary Cossart, já no declinar da idade, escolhera como quarto de dormir uma dessas mansardas que munira dum fogão, como melhor recondução da boémia, com o seu clarão de lenha ardendo na obscuridade. O fogão de sala, aparentemente anacrónico e impróprio num apartamento de cidade, cobre ainda a ideia da boémia, do espírito nómada resistente à clausura e à esterilização do ambiente. António José, ao contrário dos outros moradores da Quinta Cossart, escolheu o segundo andar para se instalar, deixando a Rosamund as grandes salas rectangulares onde os espelhos manchados punham uma luz prateada.

Nasceram três filhas desse casamento, «parecidas a rãs», dizia o pai, que punha em dúvida elas serem simples mortais. Achava-as oriundas do lago que a levada alimentava e que tinha brechas onde a água se sumia, ficando reduzido a um charco lodoso. Pequenas rãs saltavam sobre as folhas dos nenúfares cor-de-rosa, e, ao cair da tarde, o seu coaxar era estridente e imprecatório. Rosamund perguntava-se se elas deveras tinham uma linguagem, ou se aquele ruído era a sua forma de mendicidade. Pediam chuva, voltando para o céu as cabecinhas húmidas.

As filhas de Rosamund cresciam numa espécie de caldo de cultura que as tornava objectos de selecção e mostuário. Um dia que António José visitou na Baía o museu das pedras preciosas, no convento franciscano, e viu também figuras sacras com o aspecto de amuletos, ocorreu-lhe que as suas três filhas podiam ter ali cabimento, como amazónicas formas da chuva, com o seu rosto índio e os cabelos lisos como arames. António José sofria duma anomalia estranha: tinha medo de se transformar num animal bravo, nalguma coisa como um pombo das falésias ou uma arara azul. Às filhas deu nomes trazidos do romanceiro, como Serena e Aldina, sendo a terceira Elvirinha. Pena teve em não ser viável chamar a qualquer delas Galanducha, condessa prenhe e maldita.

Ele era homem solitário e descontente, a excentricidade comovia-o como um sinal messiânico. Vivia por temporadas em Câmara de Lobos, partilhando com os *ilhéus* as suas misérias, sem chegar a ser bem recebido por eles. Porque não se fazem romances de homens maus, puros na sua reprovada casta luciferina? Às vezes alguém se lembra de dar a palavra a um Gilles de Rais, a um Sade. Eram de facto homens maus, ou só pessoas impelidas à livre acção pela disciplina da obsessão? António José Lago era um homem mau, o que é mais raro do que parece. Todos temos confusos palácios onde se arrastam desejos e informações catastróficas. Mas o mal é mais subtil, mais fundamental, mais técnico. Nunca dissimula, escolhe a verdade, usa da exactidão, profere sentenças e não ameaças. A fascinação que António José exercia nas pessoas (pessoas de algum modo especiais) era derivada dessa faculdade insubornável da inteligência. A inteligência é cruel. A inteligência rompe todos os véus, mata cortêsmente, destrói com brilhantismo. A maldade de António José a certa altura tornou-se inimiga do prazer, ele fez-se uma espécie de asceta. Comia caldo e pão, escrevia versos e dormia quatro horas. Rosamund não sabia como tratá-lo, como servi-lo. Amava-o perdidamente, e ele retribuía-lhe com sarcasmos. As filhas olhavam para ele como para um ogre simpático que esperasse que elas engordassem para as devorar; ele animava esses pensamentos e, em silêncio, tocava-lhes os bracinhos magros, com um ar compungido, pior do que todas as sevícias. Tudo nele era irreal, culto, inacabado. Isto despertava o terror e não a indignação.

António José era filho dum ministro de grande projecção no Estado Novo e que morrera num acidente. Tinha pelo filho uma predilecção que chegava às raias da mania; mas ele sabia como António José era capaz de introduzir no mundo uma alternativa à cultura humanista, que era a cultura da ruptura, da interrupção, numa série prevista de factos. A cultura da interrupção, que produziria o terrorismo urbano, apareceu, na sociedade computadorizada e sem falhas, como uma maneira de responder à ferocidade involuntária da civilização. Filho dum homem sagaz e bem

preparado para o sucesso, António José teve o mérito de saborear a *blague* da paternidade, fazendo exactamente aquilo que o pai não imaginava: uma viragem estalinista, para se munir da «impureza» necessária ao luto pelo pai. O luto é sempre aliado à sujidade, e a palavra «nojo» é mesmo sinónimo de luto. Porque no acto de exteriorizar a pena, há também algo de ruptura com essa sequência do afecto e das suas operações. O filho brinca esbofeteando o pai, mas há nisso um autêntico desejo que vai sofrendo reprovações até que o «nojo» aparece como acabamento e como desliz enfim aprovado pela morte. No dia em que António José soube que o pai tinha morrido «em combate», como ele disse, porque regressava da inauguração dum Palácio da Justiça, teve a tentação de se vestir de preto, como os ciganos, desde a camisa até ao lenço do bolso. Resistiu e não mudou em nada a sua apresentação. À medida que o desejo de destruir o pai se vai apagando, o luto vai perdendo significado. Não é o sentimento que se despede do coração, é a sua maré negra que se retira. «Afinal ele não era senão um senhor a citar» – disse, estendendo as pernas magras à frente da lareira e vendo fumegar as solas dos sapatos embebidas pela chuva.

Tinha ainda destes pensamentos, muitos anos depois, quando a tarde se punha escura e começava a chover. A magnólia Cossart, que tinha já direito de parentesco, parecia uma nuvem molhada a cair sobre o telhado. António José estava na sua mansarda, contente de ser tão acanhada a sua vida porque desprezava os grandes compromissos e as grandes *performances*. A pobreza desenganada, com alguns tostões e um tempo ilimitado de lazer, como os portugueses gostavam, dava-lhe uma sensação de bem-estar e de desfrute. Não era útil à sociedade, não dava o sangue das veias nem construía os palácios do proletariado, com fontes luminosas e centros comerciais. Mas havia nele uma paz que resultava dum interminável declínio e da passagem a outro estado de fina experiência absolutamente dispensável. Quando as filhas cresceram e começaram a falar em se realizarem, António José achou-as depri-

mentes como se quisessem pendurar uma argola do nariz. «Daqui a pouco estão velhas e ainda me chamam ‘papá’. Devíamos separar-nos mais cedo, no dia em que o serão junto nos enfada, e os anúncios dos pensos higiênicos caem como um sino de finados na nossa bela e amante serenidade.»

Às vezes ele fazia uma surtida pedagógica, tentando forçar o seu aprendizado paterno. Ia com as filhas para a Corte do Norte e vivia com elas «como num asilo de loucos».

– Será que o que nos agrada nas crianças é a sua debilidade mental? E por isso as mulheres se adaptam tão bem ao cargo de mãe e mestras menores – disse, um dia em que via brincar as três meninas, todas ocupadas numa barafunda de imitações. Não; não era pessoa para se agradar daquele rancho de pequenas doidas, entretidas a pisar as amoras vermelhas para lhes extrair a tinta e com ela pintarem o rosto e os beiços. Ficavam horríveis, e o esgar com que acompanhavam as pinturas de guerra e de iniciação causava uma impressão dolorosa. No entanto, todos se riam, e incitavam-nas com palavras manhosas, como se usa para com os loucos.

– Olhe a inocência delas – disse um vizinho, que tinha parentesco com Leopoldina e lhe perguntava incessantemente pela gente de Rosamund, de que ele, António José, não sabia nada.

– Não são inocentes, são só selvagens. A inocência conhece-se logo, porque os inocentes nunca choram, de tal modo esperam e estão suspensos duma fé deliciosa.

– Diz deliciosa como se fosse um *éclair* de chocolate.

– Sim, sim – disse António José. – Um *éclair* de chocolate ou de baunilha.

Estava farto da sua viagem à Corte do Norte e do enigma da Terceira Lombada, onde diziam que Boal se sumira, dando lugar a um loureiro, como se da ninfa Dafne se tratasse. Havia mesmo uma história burlesca sobre a Terceira Lombada, onde o conde de Carvalhal tinha terras e uma casa feita de madeira de cedro, como Salomão, ou pelo menos como os companheiros de Gonçalves Zarco. A Terceira Lombada, coberta de vinha como duma

penugem verde e crespa, era antigamente um território proibido, onde só entravam pessoas de bem. Duas pedras postas a par deixavam uma passagem estreita entre elas; quem não cabia nessa passagem era pessoa reprovada e pecadora. Assim, muitos se negavam a experimentar a entrada na Terceira Lombada, com medo de serem apontados pelos crimes que deles se ignoravam. António José quis passar e não o conseguiu. Porquê, se era tão delgado e ossudo? Riu-se do caso e pensou em Rosalina, pela primeira vez, com certo humor. Ela tinha morrido estrangulada na passagem da Terceira Lombada. Isso acontecia raramente; uma pessoa podia ficar presa e, com um movimento, provocar a ruptura do baço ou algo assim pelo estilo. As pedras da passagem da Terceira Lombada funcionavam como um aparelho executor de malfetores, e dizia-se que era infalível quanto à escolha das suas vítimas.

António José não se quis arriscar demasiado, e estava seguro de que só as crianças pequenas utilizavam a passagem com perfeito à-vontade e sem pensar nos seus perigos.

Rosamund compreendeu que viver com António José não lhe dava o direito de falar em casamento. Ele era completamente estranho a todas as obrigações conjugais, inclusive a de sustentar a família. Passavam fome de rato, e aquilo que ele suportava com uma certa dose de curiosidade (porque a maldade congénita nele o tornava curioso do sofrimento, tanto o próprio como o alheio), as filhas encaravam como uma verdadeira ofensa. Estavam tão anémicas e infelizes que se faziam subservientes com os pobres e só pensavam em tirar proveito da mais ínfima das criaturas. Às vezes, ao passar pela casa do guarda, vendo as crianças mais pequenas com um pão ou uma banana na mão, roubavam-lhos, deixando em troca uma série de afagos e sorrisos que retardavam o clamor do esbulho. Elas punham o grito no céu, mas Gramina e Elvirinha já iam longe e já tinham devorado a ração. Eram, assim, afinadas para a caça do seu bocado, e António José dizia que não lhes podia dar melhor educação para sobreviverem, visto serem feias e de pernas tortas. Rosamund assombrava-se de tanto desaforo, mas

achava-o, na sua estranheza, um homem interessante; e, se era indigno, amava-o talvez por isso.

Numa coisa António José era exemplar: no pudor e na discrição quanto às emoções e ao privado eixo dos seus sentimentos. Que os tinha, sempre truncados por horríveis artimanhas da inteligência. Rosamund sabia que ele nunca a enganaria, nem sequer pensava em dar romance à sua vida, que ele tinha por experiência de laboratório, uma experiência de Galvani. Algo o movia a ser, no entanto, lutador, pelo terrível flanco da malícia. Organizou um ficheiro de pessoas que eram vulneráveis, ou pelo lado político ou pelo temível calcanhar dos costumes, e tornou-se um predador sem escrúpulos. Escrevia cartas com denúncias, fazia intrigas abomináveis, e conseguiu, não só desfazer alguns lares, como causar a desesperação de funcionários que tinham cometido pequenas fraudes. Um empregado dos correios deu um tiro na cabeça pensando que ia ser descoberto porque violava a correspondência. Uma mulher pacata e sentimental tomou veneno porque o amante recebera um bilhete de António José Lago que lhe revelava que o pai dela falecera numa leprosaria. Ele nunca usava a mentira; limitava-se a descobrir segredos e a autenticar os factos. Não sentia prazer ao desgraçar as pessoas, como se derramasse um ácido sobre um verme; mas as suas contorções pareciam-lhe, ainda que molestas, uma forma de compensar a natureza pelos esforços que ela tivera para produzir um organismo perfeito. E que faziam dele? Emolduravam-no com algumas honras banais, e sujavam a obra excelente com miseráveis dejectos da alma. Que mal havia em precipitar as consequências? Aquele corpo recto e bem-nascido ia tornar-se numa carcaça imunda; o nariz tomava proporções bacorais, os olhos reflectiriam cupidez e desejo colérico. António José achava mais do que justo derrotar todo esse padrão de hipocrisia e de pequenos valores. E escrevia, escrevia, escrevia.

Chegou um tempo em que a própria Rosamund lhe pareceu insuportável. Tinha conseguido um emprego de guia turística, e andava pela cidade com uma disposição gloriosa, ensinando a his-

tória da Madeira a estrangeiros reformados. Porque ainda havia quase só um turismo de terceira idade, e os bancos do parque das Angústias estavam cheios de gente velha, mandada pela sua Segurança Social para tomar o sol em condições módicas. Os velhos tempos dos príncipes georgianos, dos Karl e das Leopoldinas fazendo piqueniques nas fabulosas quintas do Monte e da Machada, tinham passado. Os antigos hotéis caíam em ruínas, e o seu ventre, onde os *parquets* se descolavam, estavam vazios como mastabas assaltadas. Em vez deles, crescia outra hotelaria em moldes gigantescos, com piscinas e bares, e que funcionavam como palácios de renda baixa, dando a sensação de elevação social rápida, de igualação de classes, de bom repovoamento de privilégios. Rosamund trotava dez horas por dia pelas calçadas, acompanhava as mães de família aterrorizadas nas descidas nas corsas, que dantes eram meio de transporte habitual e agora atractivo local do folclore. Com os condutores vestidos de branco e os chapéus de fita vermelha, gondoleiros das pedras, manobrando o cesto de vime como um barco em porcelana, ferindo lume com a prancha derrapante, eles desciam vertiginosamente pela garganta do Monte. Rosamund chegava, ourada e exausta, à casa Cossart onde os cães do porteiro tinham melhor vida e a olhavam depreciativamente e voltando à sorna de Verão, sem mexer senão a orelha ao zumbido duma vespa extraviada. Ia encontrar António José fechado a sete chaves, porque ele tinha medo de estar só nesse recinto parado no tempo onde se ouviam ruídos, vozes, até o desafinado vibrar do piano, ou um corte de lenha com machadadas poderosas. Rosamund não se apercebia de nada, mas ele sim; ele que se tinha por médium, por gente doutra galáxia, incapaz de adaptação e de interesse por mundo tão atrasado e informe. «Feito de restos» – dizia, construindo a teoria de que a Terra era grudada como uma terrina partida e que, com a sopa quente, estalava de vez em quando, provocando catástrofes. A lava dos vulcões não passava de caldo de sémola, uma espécie de polenta que solidificava quando arrefecia e que alguém, lá do fundo do Universo, se limitava a soprar

nos dedos, e a dizer: «Outra vez este caco velho! Era melhor tirá-lo do uso.»

António José sentia-se desesperado no estreito lugar que lhe destinaram os grandes numes comedores de lava, e queria vingar-se desse exílio horrível em que tinha que desempenhar funções experimentais e humilhantes, como a função sexual, de todas a mais deprimente; além do trabalho, que lhe parecia coisa de formigas, nas abjectas sociedades dos seus formigueiros.

Tinha a ideia de que viera dum lugar famoso e imprescindível, com imensos terraços de mil metros de altura onde o vento leve fazia ondular os vestidos de prata. Aí, ele era bom e adequado. Aí não tinha crises de paixão contra o seu semelhante, empenhado em destruí-lo e a marcá-lo com a sua aversão, a sua diferença. Belas mulheres celestes, sem secreções gástricas e uterinas, vinham falar-lhe, como Diotima de olhos azulados. Às vezes tinha a impressão de que fora empurrado como Ulisses para esse rochedo, para conhecer um pouco duma compensação do exílio em que fora injustamente deixado. Via as flores em massa no vulcânico solo, e entendia que elas vinham doutros mundos e não eram espécies naturais da terra; mas alegrias que aos mortais se dispensam para que não passem na vida tão apagados de luzes celestiais.

Ah, tinha que ser mau, se era abandonado com tão ínfima raça! Tinha que desejar-lhe vergonhas e desastres, porque não possuía sequer a audácia de supor-se feita doutra matéria principesca. Só às vezes os olhos azuis, plenos dum esmalte azul, olhos de auriga, lhe faziam pensar que, humanos, tinham raça de deuses. Quando ouvia estalar a madeira de cedro dos soalhos, ou as tábuas dos louceiros enormes como se fossem caixas de múmias gigantes, ele sentia-se acompanhado. O horror desses mistérios consolava-o da sua solidão, do seu caso tão desastroso como inumano. «Onde estou? Que faço aqui?» – perguntava-se. Para se esquecer de tão perversa situação, era ele próprio perverso. Quando o sofrimento dele não era mais suportável, lançava-se no lago, que tinha pouca fundura de água e onde se atolava em lama podre. As rãs fugiam espavo-

ridas, e o alto céu parecia cobri-lo com o seu manto escuro onde poucas estrelas brilhavam. Rosamund via-o entrar na casa Cos-sart, sujo e tiritando, sem no entanto se mostrar desesperado. Tinha recobrado o espírito, e falava calmamente dos assuntos que era preciso resolver. Só que, de repente, parecia interromper-se, porque o ruído do corte de lenha, no recinto da lavandaria, o perturbava. Ouvia o estalar das achas quando eram abertas e esgaçadas. Aquilo tornava-se tão ampliado, enchia o espaço todo da casa e do parque, enchia mesmo as redondezas e crescia sobre a ilha como um trovão. Era como se uma multidão de carvoeiros derrubasse árvores e as cortasse nas clareiras.

Outras vezes tinha a impressão de que o incêndio lavrava nas lombadas, arruinando, devorando as espécies preciosas. Era um incêndio antiquíssimo, que começara com os primeiros povoadores, aceso pela horda do Zarco, homem pobre e predador, e que crescia de maneira a fazer fugir a população do Funchal para o mar. A baía enchia-se de barcos e de jangadas onde caía a cinza quente. Alguns ardiam, as velas chamuscadas, ficando só um remo ao sabor das ondas e nele preso um homem, silencioso e resignado, talvez morto.

António José, vidente e abatido de manso ódio, estava ali para expiar não sabia que erro, que ignomínia, que desordem. Já não lhe punham a mão no ombro para o confortar ironicamente: «A polícia anda a chatear-te...» Ele tinha um olhar em que não cabia gratidão, e a mão retirava-se como se ficasse queimada. Apetecia-lhe dizer: «Não há nada que me persiga, porque eu já era mais perseguido do que todos os corridos e danados. Eu já tinha mais reprovação do que todos os marcados e prisioneiros. Ou será que a culpa é feita de delitos que eu sei, e pratico e prometo? A culpa que eu ignoro e pela qual eu sou punido, essa é pior. Essa humilha, perde, mata muito mais.» Deitava-se a andar e ia para os abrigos da serra, com um pedaço de pão no bolso e uma navalha com que fazia iniciais no tronco das árvores. Desenhava siglas e o nome dele. Voltava a casa, e Rosamund chamava o médico para o tratar com

sedativos. Ele ficava prostrado, antes mesmo de as drogas fazerem efeito, e dormia durante três dias. Margô aconselhava Rosamund a deixá-lo.

– É um inútil e está doente. As tuas filhas têm medo dele – dizia.

Era verdade. Elvirinha, sobretudo, andava pé-ante-pé na rua. Equilibrava-se como uma bailarina, e parecia querer deslizar sem ruído no chão. O pânico de acordar o pai ou de atrair o seu olhar era cada vez mais acentuado. Quando ele aparecia na grande sala de jantar, sempre sombria porque a magnólia cobria as janelas, Elvirinha ficava com o pão entalado e não podia engolir bocado. Ele, às vezes, ria-se.

– Tens medo de mim? Diz lá: tens mesmo medo, a sério?

– Não... não. – Ela abanava a cabeça, apavorada. Os altos espelhos, cobertos de manchas pardas, reflectiam a sua pequena figura «desnaturada», como dizia António José, que não lhe prestava de facto atenção. Ele vivia ocupado com estranhos casos, inventados ou recolhidos numa lenda algo histriónica que a sua memória projectava. Andava munido duma cana de bambu, e com ela golpeava os ramos das árvores na Quinta Cossart; estava convencido, ou fingia estar, de que havia um ramo de ouro em qualquer lugar e que ele lhe cairia aos pés, não para o enriquecer, mas para o fazer feliz. Produção fálica do seu espírito, esse ramo de ouro estava algures, na floresta de tis e de carvalhos, e ele vagueava pelos caminhos Cossart, tentando descobri-lo.

Quanto ao enigma de Rosalina, ele achava que era completamente óbvio que se tratava duma proposta de linguagem. Atravessava as gerações em busca de condições favoráveis para se tornar significativo como uma forma de expressão. Se não era possível resolver o enigma, então a linguagem era impossível. Porque o enigma não existe, enquanto libertação da linguagem. Estes pensamentos estavam bem na linha dos de João de Barros, que António José Lago não chegara a conhecer, mas de cujo parentesco póstumo se orgulhava.

Com as más condições da vida que levava, Rosamund caiu doente e teve de recolher a casa da mãe, ela e as crianças. Aí conhe-

ceu um homem de negócios e de boa índole que a adoptou e lhe falou em casamento. Para isso era necessário o divórcio, e António José concedeu-o de bom grado. Não gostava da mulher nem das filhas, mas sentia um arrepio ao pensar em abandonar a casa Cossart. Toda a sua negociação andou em volta dessa cláusula, que Rosamund não estava em condições de obter. O general Kuefstein, depois do fim da guerra, deixara de dar notícias, e constava que se suicidara por razões que não eram as da derrota. A Quinta Cossart não tinha dono localizado e continuava recomendada a um procurador completamente cego no assunto dos herdeiros. De qualquer modo, Rosamund separou-se, com muito sofrimento, pois gostava de António José Lago, o seu carrasco oficial até aí. Ele disse-lhe que as coisas não podiam correr melhor para os dois.

– Já não posso magoar-te mais, e as Galanduchas não me interessam nada. Daqui para diante tudo ia ser duma monotonia de fazer chorar as pedras.

Rosamund ainda pediu demora para melhor ponderar, mas ele foi peremptório: «Não há separações mentais. Quando se começa, acaba-se. Vai-te embora e não leves o espanador de penas. É tudo o que encanta na crónica doméstica. Tem lógica.» Ela sentiu-se como que arrastada pelos cabelos e atirada para fora de casa. As filhas choravam.

– Caladinhas, Galanduchas! Vejam se crescem e se tomam vitaminas, com a minha bênção – disse-lhes António José. Não era frieza; era uma espécie de horror duma sensibilidade que nunca fora senão atormentada. Porquê? A família era um tratado de zoologia que não lhe interessava apurar, mesmo a fingir. Um homem não é um porco, não deve cair na promiscuidade com a mulher, filhos e mais gente de ao pé da porta, como o carteiro e a padeira, e o contador da luz. Era sempre preciso dizer galanteios a todos e achá-los aproveitáveis. «Santo Deus – disse ele –, nunca mais vou ficar na minha casca, na minha baba, honestamente?»

Um tal homem tem os dias contados. Tanto mais que não se satisfaz em ser um filósofo radical. Precisa de exercitar puas e espi-

nhos e mantê-los acerados e brilhantes, como os profissionais da guerra santa, ou outra menos santa mas libertadora do fel que se cria debaixo da pele, à custa de mil curvaturas da espinha e do resto. Ele não pertencia à ilha, era irrecuperável para o mundo inteiro, não amava as mulheres, não precisava de incenso nem de perdões. No tempo em que Rosamund se deitava com ele, vencendo com certo custo uma repugnância, um desgosto, uma pancada no coração, porque António José lhe parecia indecente e não apenas louco varrido, encontrou, porém, nele maior justiça do que a que havia nos outros homens.

– Eu sei – disse ele – que as mulheres são mais puras do que nós. Não se conformam à natureza, ainda que obedçam aos costumes. São mais puras do que nós queremos, e não é culpa delas se as queremos suspeitas de ter pacto com o diabo. Era bom que cada um fosse viver para seu lado, o amor de parceiros não existe. Quando começamos a simpatizar com a nossa mulher, e ela conosco, então estamos arrumados.

– A ternura é uma consolação.

– É – disse ele. E ficou calado. Rosamund olhou com náuseas os beijos vermelhos dele, que pareciam um pouco em sangue, como a carne do bife mal passado. António José puxou-lhe os cabelos, distraído, como fazia às suas amigas de infância. – Não serve de nada – continuou. – Só aviva as dores mal saradas. Já pensaste que o amor é uma promessa que para a maior parte da gente não se cumpre? Isso faz as mulheres tão agitadas e os homens tão furiosos. Sabes porque os heróis gregos andavam em tão turbulentos actos? Porque tinham inveja dos deuses que tinham criado para se fartarem de amor feito de estranhas tortuosidades que não se produzem, não se deliberam, não se recusam e não se querem. O amor é um caso à parte. Sabes o que diz o romance da Vila Baleira: «Donde vindes, cavaleiro? – Senhora, venho da guerra.» A dama não reconhece o marido, é uma Penélope a quem basta tecer e destecer para não aceitar amores; não conhece o marido e está perto de o matar, porque ele, em vez de terras e moinhos, a

quer a ela. «Se alguém perguntar por ele, jurarei que o não vi.» Prepara-se para o enterrar no canto do jardim e voltar ao seu bastidor, a bordar alegre-campos. É isso que se passa com vocês.

Rosamund sentia enorme surpresa quando ele falava assim. Era digno de admiração, viveria com ele toda a vida, trabalhando e envelhecendo sem se queixar. Queria honrá-lo como ele merecia, porque era tão inteligente e cheio de nobres ideias. Mas, amá-lo, não podia. Qualquer outro homem vivia com isso, ele não. A crueldade dele era o efeito nobre duma injúria da modernidade; ele estava no centro dum turbilhão que expulsara os mitos e a magia, e só lhe restava usar da política como duma categoria teológica. Rosamund percebia essa extrema situação de profanação de todas as coisas para chamar a fome messiânica da redenção política. Tudo o mais ele desprezava e calcava aos pés; e sabia também que ela não o acompanhava nesse inferno, que usava de todos os pretextos para ficar para trás, até o da morte, se fosse preciso, até o pretexto de Eurídice. António José Lago acautelava-se. «Senhora, venho da guerra.» Ele descia as escadas estreitas que conduziam às mansardas da casa Cossart, e parecia um miliciano, de farda rasgada e que perdera as armas, não em fuga, não em combate, mas por visitaçã do sagrado, do estar com o mundo de mistérios a prazo. Os mistérios que ele trazia na mão como um cálice e que ia repartir, dar a comer, dar a beber a todo o sedento e faminto, não da verdade, mas desses mistérios capturados.

Se não sáísse para fora desses portões, se não deixasse a ilha e os encantos dessa cintura de pedras, podia acabar mal. Como Rosalina, provavelmente. Um dia Rosamund e o guarda-portão chamavam-no ao canto do jardim e desferiam-lhe um golpe mortal. Bastava um pequeno golpe abaixo da falsa costela, que ele vira uma vez em radiografia e sabia que era atrofiada e desigual, e ele morria. Fora desse espaço, onde havia um gancho ossudo e quebradiço, que lhe fora extraída a mulher-sombra, a mulher-anjo, cativa do seu corpo de gnomo, o seu corpo tétrico e furtivo. Ele fizera esse corpo, assim pobre de meios para resistir, pobre de beleza

para ser desejado. Ele quisera ser amado pela repugnância; querido pelo horror, chamado pela ressurreição que ele trazia consigo.

Rosamund acabou por o deixar, e preparou tudo para casar de novo com aquele senhor de boa linhagem e que era, como dizia António José, um simples burguês converso. Com ele Rosamund sentia-se bem, como no tempo da antiga Roma era bom pertencer à família Júlia. Ele, esse marido providencial, pertencia às novas classes médias capazes de responder à chamada conjuntura histórica. Saído da era dos engenheiros, cheio de automática sinceridade, disposto a forçar a realidade à altura dos seus princípios em forma de arrebatamentos verbais, estava-lhe reservado um papel importante na procura da idade do ouro de novo iniciada, com os seus silogismos e os seus bandos de produção.

Quanto a António José Lago, saiu da ilha e, mais ainda, saiu para sempre, deixando para trás o grupo que se voltava a levantar nas pontas dos pés, pronto a declarar-se em minoria sentenciosa, pelo valor dos símbolos: pátria, família e cultura empresarial. A estratégia das classes médias seria um fracasso, mas o tempo ia passando com relativa doçura compreendida entre a banalidade e a retórica.

No dia em que António José saiu da ilha, por mar e levando um destino errante (pensando em chegar a Mindanao, onde talvez achasse uma pérola negra na frincha do soalho, ou então o arpão de Queequeg em New-Bedford, um arpão mágico capaz de deter nos mares o horrível Leviatã), olhou para a mancha verde da terra e viu, na estrada rasgada na rocha, uma fileira de homens e mulheres. Pareceu-lhe gente conhecida, petrificada nesse instante no coração da tarde, moldada pela marcha do tempo em que cada dia é um dia de juízo final. Gonçalo Trastâmara, filho da Beltraneja, com a mão no rosto que assim mascarava. Tristão das Damas, de hercúleo peito, brando no morrer e na vida bravo. O conde de Carvalhal, de testa suada pela angústia do jogo, pobre no leito adomado. Rosalina, a baronesa de Madalena do Mar, de muitas mortes padecida e de enigmas conservada. Os Cossart, hugueno-

tes de França, loiros como a nobreza de Pau. Miss Phelps, fabricando bordados com riscos de alegre-campos. João de Barros, passageiro clandestino numa história que não chegou ao fim. Rosamund, Margô, Elvirinha e outra gente coroada como Elisabeth da Áustria, escalando a serra num cavalo de empréstimo ou marchando durante dez horas pelos caminhos de hidranjas bravas. Leopoldina, no jardim de Palheiro-Ferreiro, com a sua tristeza de noiva em transe de exílio. Os *ghettos* de Câmara de Lobos, as esquadras de navegação terrestre vestidas de branco, como para naufragar com honra debaixo das bananeiras-anãs. António José Lago fez um gesto de adeus. Respondeu-lhe da falésia um suspiro como o dum vulcão submerso. Era o génio da ilha que lhe apresentava despedidas. Ele disse que ouvia um baque de machado no cerne do dragoeiro na ilha de Porto Santo.

CAPÍTULO X

«Não voltes atrás, cavaleiro, não faças tal tirania.» Rosamund sabia que António José não voltava mais. As estruturas mentais alteravam-se e as dimensões de partida eram principalmente a posição política, a atitude face à autoridade e a relação com o meio familiar. Na ilha o fortalecimento da autoridade era favorecido pelo desequilíbrio económico, que criava situações de submissão; e também as grandes cisões nos costumes, a contestação de todos os dogmas e de todas as praxes como um direito ao risco, fomentavam uma flexibilidade popular no tocante à família e aos seus recursos educativos. A ilha estava protegida pela cintura de pedra atrás da qual se percebiam os seus mitos e as suas figuras de resistência. Além de que funcionava do exterior a perseverança activa do emigrante e o conteúdo aristocrático relacionado com as humilhações duma autonomia articulando-se sobre o imperialismo desgastado. A ilha era como um barco a que os ventos da sua arqueologia podiam desatar as amarras, dando origem a um voluntarismo vivido como um jogo de azar. O momento voluntarista podia ser desencadeado com a chamada histórica às situações de incerteza. Isso aconteceu com a revolução do 25 de Abril. Já não se comparava o Terreiro do Paço à Bastilha, mas, com o pretexto duma negação sistemática do materialismo histórico, a utopia tirava proveito. A ética da liberdade ia influir afinal na racionalidade burguesa, que é essencialmente uma herança cultural. O indivíduo heróico, que toma uma solitária decisão para vencer um destino que tem o peso dum hábito, está a recusar a sua herança cultural e a praticar a revolução avulsa que preocupa os valores hierárquicos.

Rosamund não podia sofrer a falta de António José, embora a vida dela se tornasse menos pesada. As mulheres rejeitam a felicidade quando ela é demasiado exemplar. Tinha agora um lar farto e agradável, e, ainda em idade fecunda, gerou uma criança; o marido amava-a com singular correcção e não permitia que ela trabalhasse para concorrer para os gastos da casa. Era um homem deliciosamente nulo, o que restava dos antigos colégios fundados na praxe educativa: a mente humana, sendo em princípio passiva, está pronta a receber ideias determinantes e funciona como um grande armário de preceitos conservadores, a que não falta o debate activo, como mera libertação do egoísmo. Rosamund teve um marido como um professor e recebeu dele uma instrução que se assemelhava muito a um carregamento de feno para um estábulo vazio. Mas isso trouxe-lhe problemas porque, nesse armazém aparentemente varrido e disposto para um fardo de ideias bem embaladas, havia a sombra de António José, tão pesada como um curso de lógica. Ela não estava capaz de receber lições; António José deixara-lhe a alma cauterizada e seca. O filho que nasceu não lhe deu alegria, e agradava-lhe supor que era ainda fruto das relações com o primeiro marido. Escreveu-lhe e sugeriu que, sendo a criança adulterina, ele se podia considerar o pai. António José disse, mais uma vez, que essa *blague* não lhe dizia respeito. Mas, para manter Rosamund sob o seu poder, o que o distraía de ideias suicidas, prestou-se a essa intriga vulgar. «Porque o vulgar descaracteriza tudo por falta de excitante. E dá-nos tempo para ser normais.»

O que o segundo marido asseverava era que havia em António José uma tendência pecadora muito violenta; que, em suma, a sua homossexualidade inexprimível só tinha uma maneira de ser praticada – a ira, até na forma duma generosidade imposta. Desse modo, explicava o comportamento de António José, que se tornou mestre numa escola da província muita atrasada. Ao abandonar a Madeira, em vez de tomar a chefia dos seus bens, que eram avultados, foi ensinar crianças para a serra, e foi tão bem ou mal sucedido que os pais lhe ganharam repentino ódio.

Não se limitava a ser um professor competente; interessava os alunos em conhecimentos de física e de música e retinha-os na escola muito tempo depois das aulas; o que punha a família absurdamente ferida e capaz de perseguições criminosas. Gerava-se um clima em que a palavra «capricho», de Goya, adquiria uma expressão literal, e saíam das trevas formas variadas de loucura e de opressão. Em primeiro lugar, António José não estava inocente. Os seus métodos de ensino eram insidiosos e resultavam em ameaças para a maneira de viver do povo. Não se tratava do método de ensino nem das novidades que ele trazia à mente das crianças, depressa habituadas a uma linguagem científica e elevada. Era que elas eram afastadas da família pelo que a ciência tem de deserotizante da uniformidade parental. A família é uma consequência da falta de genialidade que há na experiência sexual mesmo como frustração.

Tudo isto pertencia ao imaginário social de que não participava a dor humana em todo o seu mistério da apresentação. Quando o recém-nascido era apresentado no Templo, a sua dor era questão que escapava à tradição. Era simultânea com a vida, aquela vida e não outra. No meio dos seus sofrimentos de desejo descontrolado, de solidão moral e da própria solidão cada vez mais exigente, das filhas crescidas no desajuste do amor e da sua gramática, Rosamund achou um dia que era tempo de compor a sua própria ética. Ela tinha que proceder à sua própria «apresentação». Não como quando se vestiam de branco as quinze-aneiras meninas, com cabelos floridos duma orquídea rosa, e eram convidadas para a primeira valsa no Clube Funchalense; ou quando, na missa da Sé, mostravam o pé com sapato decotado, de salto alto, ou punham o primeiro colar de pérolas, um pouco curto no colo delgado. A apresentação era o seu tema social, fora da submissão ao amante, a soberania da mãe, o temor das profundezas freudianas. Rosamund disse: «A cor violeta é possível.» Nem luto, nem alegria; apenas um tom potencialmente conservador, mas em que predomina a vontade de liberdade para um azul definitivo.

Isto eram pensamentos que o segundo marido não atingiria, se os soubesse. Ocorreu-lhe que se separara demasiado cedo de

António José, ou ele não quisera esperar pela sua «apresentação». Tivera medo de ter que ver como uma realidade um mundo de coisas mecanicamente relacionadas, como amor com cama e homem com mulher. E se ela não tivesse relação com nada e fosse, apesar disso, uma realidade? Rosalina, Boal, da Corte do Norte, sempre fora relacionada com coisas e objectos, como a pintura de Judite e Holofernes, no preciso momento de saciedade e de vingança. Seria que a saciedade é a latitude da vingança? Rosamund atingia esse conhecimento quando se apercebeu do absoluto esquecimento da vida que fizera com António José. Gradualmente perdeu todo o contacto com ele, e isso produziu o desequilíbrio do mal em que ele tinha tanto poder. O mal precisa da sua própria ética, que é a espécie de reverência de que se nutre; sem isso torna-se inócuo e só importuno. António José Lago, com as suas experiências na poesia e as suas manobras exasperadas para ser um acontecimento desgostante, perdeu a linha, e em breve todos os seus actos se tornaram incoerentes e fatais. Além de perder a linha, perdeu a vida. Nunca se soube como foi agredido e em que circunstâncias; apareceu moribundo num lugar que nem era muito isolado e a poucos metros de casa. Elvirinha, uma das Galanduchas, teve uma comoção tão grande que ficou de cama. Mas nunca mais sonhou com aquele riso canibal do pai, nem que ele lhe oferecia a mão para que tentasse a passagem da Terceira Lombada, fazendo com que ela ficasse presa para sempre entre as duas pedras mágicas. Casou nesse mesmo ano com um doutor de leis, belo moço que parecia retirado das páginas de Júlio Dinis e que a tratava, ao modo madeirense de salão e assembleia, por «minha senhora».

– A minha senhora ama-me? – perguntava-lhe, conspicuamente. Nem uma prega da camisa perdia a compostura, e nos brancos punhos brilhava um botão de ouro. Algo prometia nele a mistificação que conduz à revolução conservadora, um anticapitalismo dinâmico e o elogio da técnica. A crise tinha nele efeitos românticos e despertava-lhe um desejo de influir junto dos homens políticos. O modelo estético de Novalis incluía-o num papel histórico e dava-lhe argumentos gradualmente para se caracterizar

dentro duma elite aberta à agressividade. Era, ao mesmo tempo, um crisólogo do tipo 1930 que se pronunciava contra o capitalismo e contra o marxismo, fortemente sugestionado para um novo radicalismo para além da política de partidos. Pessoas assim tiveram grande chance depois do 25 de Abril, pela sua aderência negativa aos tempos modernos, tirando das situações caóticas uma espécie de pressão activista, baseada num optimismo capaz, em dado momento, de ombrear com a esquerda e a sua congénita força de ânimo.

Mas isto faz-nos derivar da história de Rosamund, que entretanto perdera muito da sua encantadora direcção para a irre realidade, e que deixara de acompanhar os bandos *charters* de turistas empunhando ramos de orquídeas e tirando retratos diante da flor do ligustro. Ela estava tão burguesa com o colar de pérolas de fecho de esmeralda, que ninguém reconheceria a «grande caseira», como lhe chamava o guarda-portão, e que era vista nos carreiros da Quinta Cossart, como uma musa da ilha, tendo nos cabelos a flor do pessegueiro inglês. As três filhas que tinha, de beleza duvidosa, tiraram cursos que serviram de credenciais ao nome de família que todos recordavam como barões de Madalena do Mar. Mas Serena, a mais nova, deu que falar na ilha, pelas suas rebeldias estranhíssimas. Escrevia versos desde criança, e o pai nunca os quis ler porque, dizia ele, as mulheres são multicores e por isso mais simples do que é próprio para se ter verdadeiro talento. Quanto a Serena, achava António José Lago um super-exacto, o que o punha na extremidade de ser um tolo. Ambos se detestavam, e Serena com mais persistência do que as irmãs.

Serena teve um objectivo na vida: escrever poesia, o que fazia até nas costas da mão e com os dentes dum garfo na toalha de mesa, enquanto a família trocava as banais palavras de convívio, em gravação em torno dos casos mais correntes, se António José não se mostrava, descido da sua mansarda. Serena amava de tal modo a casa Cossart que organizou todos os passos da vida para poder ficar nela para sempre. Teve períodos de ausência, quando foram morar para o Funchal, e depois ela esteve com as irmãs em

Lisboa, como estudante. Durante esse tempo não se podia dizer que estivesse integrada no meio escolar ou até na sua proposta intelectual. Era pequenina e magra, dava a impressão de poder ser arrastada por um vento mais forte que soprasse. Sofria de asma e passava dias sem comer, bebendo apenas chá. Tinha cabelos pretos apartados ao meio, e o rosto era um pouco mongólico, com uma expressão às vezes maliciosa, mas duma malícia sempre rematada pela doçura que há na inteligência que se reconhece; pela gratidão da própria inteligência. Seria a única das irmãs a poder amar o pai, se ele permitisse essa «intimidade anatômica» que é amar alguém mesmo no sentido mais platónico.

Quando António José Lago morreu, ou foi assassinado, coisa que, moribundo, ele não explicou, deixou a Serena uma parte da fortuna, que se revelou ser considerável. Os bens do antigo ministro do regime estavam bem realizados em imóveis e uma conta na Suíça que ficou à disposição de Serena como quota disponível. Rosamund ficou surpreendida, porque nunca supusera o primeiro marido assim rico. A miséria que a fazia passar com as crianças parecia-lhe um ultraje maior. Chorou muito, mas uma parte do seu sentimento era de frustração pelo que não podia reaver.

Mas Serena, deixando o curso mal parado e a sua pensão na Lapa, onde se juntava numa *coterie* de antigos «familiares do santo ofício de mandar», como dizia António José, e que era uma casa de informadores políticos no meio duma untuosidade clerical, Serena voltou ao Funchal. Efectuou diligências para saber em que mãos estava a Quinta Cossart e chegou a desesperar de a poder comprar. Agora os proprietários viviam na África do Sul e não se davam por achados quanto à venda da Cossart. Serena mandou-lhes um advogado com uma proposta elevada, e eles disseram:

– Antes que mal pergunte, quem é Serena Barros? – Parecia-lhes inquietante tanto empenho e convite. Lembravam que António José Lago *azoigara* de madrugada no continente, vindo de tresnoitar e sem um vintém no bolso. *Azoigar* era a maneira de mostrar desprezo, porque era o termo que designa a morte dos animais. Os donos da Cossart eram ricos emigrantes que se gabavam

de ascendência fidalga em Porto Santo. Ainda diziam «fatalzinha» por «boa saúde» e não ia muitos anos que se aqueciam com bosta seca. Lembravam-se de que havia ainda um parentesco remoto com Rosalina, a baronesa de Madalena do Mar. Eram eles que achavam que a morte de Boal se dera com «os foliões do vento». Era o vento que bate nos recifes e, ao recuar, arrasta e faz pressão a ponto de levar com ele grandes árvores. No entender dos porto-santenses, Rosalina fora aspirada pelos foliões do vento e levada para o largo, onde desapareceu.

Depois de muitas demoras, movidos mais pela respeito ao sangue do que pela cobiça, entregaram a Quinta Cossart, com todos os trastes, quadros e loiças, entre as quais uma colecção de garrafas bojudas para vinhos. Serena, no dia em que tomou posse, mandou fechar os portões e durante muitos dias não recebeu ninguém. Escrevia versos sem parar e não tinha cozinheira nem mulher de fora. Servia-a uma criadinha pachola, que viera da serra, onde os levadeiros ou gente das regas eram ainda chamados ao som do búzio. O búzio deixava pelas lombadas o seu gemido rouco, punha nas almas o seu velho apelo de rebate, de quando era maneira de reunir o povo dos motins.

Vestida sempre de branco, em geral com um xaile de malha onde se prendiam folhas e raminhos, Serena encontrou a sua substância que era o Monte como mata do tamanho do Rossio e onde a casa do guarda com o cerrado e os quintais não parecia mais do que um chalé de caça. Tão pequenina e miúda de corpo, Serena era como uma borboleta no meio das árvores centenárias. Escrevia, escrevia. A poesia dela era tão original que nem em cinquenta anos teria apreciadores. Parecia trocar de tudo, pela forma de fazer trucagem com as palavras, e, sem dúvida, um espírito frio, inteligente e investigador alimentava poesia tão fecunda. Não era romântica, nem excêntrica; era uma poesia comovente pelo que tinha de indócil e profundamente feminino.

O pai acertara chamando-lhe um dia «mulher reportada mas de pestiença». Ironicamente, no dialecto da ilha, dizia que ela era pessoa de boa reputação mas de maus instintos.

Chegará um tempo em que as ilhas hão-de desviar o turismo da sua rota e transformar-se em centros de cultura, em grandes territórios científicos, como os antigos conventos. A Madeira será um desses. Pela lealdade do clima, coisa que o homem de pensamento regista como afecto à sua concentração e à liberdade dos seus passos, a Madeira pode tornar-se uma Atenas atlântica, com todas as condições para contribuir para a prosperidade dos povos. Hão-de afluir aí os sábios e os artistas, e a plenitude dum trajecto humano irá além dos objectivos lúdicos.

Assim seja. Que esta pequena oração tenha eco nos altos lugares que deixam cair com tal abundância a benignidade dos seus dons sobre o vulcão parado que o mar suporta.

Serena disse que a Atlântida estava em tempos na mesma latitude das Ilhas Desertas. A sua silhueta no horizonte brumoso aparece às vezes como uma miragem, e são visíveis as torres de vidro e as pontes sobre os canais de circulação. Uma enorme cidade, quase sem tráfego, extremamente bem conservada em condições climáticas ideais e administrada por uma energia platónica, de ardor concentrado que se distribui nos acontecimentos. Um pescador de Porto Santo contou o seu encontro com um rapazinho que se tinha queimado, enquanto nadava, numa colónia de pólipos a que se dá o nome de «caravela portuguesa» ou «suga-mar». Encontrou-o a debater-se num trecho de água dum azul brilhante e recolheu-o no seu barco. Era um menino ainda, e não se via donde podia ter saído. De terra era impossível, pela lonjura em que estava. Além disso, não falava. Parecia surdo-mudo. O pescador, que não era também de muitas falas, interrompia aqui a narrativa. Daí teve um quebranto causado por olhado-macho, e não se referiu mais ao encontro que teve nem ao destino do rapaz. Gramina acreditava em tudo o que essa gente de Porto Santo contava, não fosse ela do tronco de Rosalina, que se entendia com as fantasias e as lendas da ilha empenachada de brasões e prosápias. Onde chegava um porto-santense chegava um vice-rei de Arguim. Era Arguim outra história fantástica, doutra cidade onde morava D. Sebastião e se podia ver em dias luminosos, com as lavadeiras

a lavar e as torres altas onde drapejavam bandeiras. Rosalina tivera uma vez essa visão de Arguim e pôde ver o rei, de barba loira e um broche de pérolas no gorro preto. Ficou tão apaixonada como o capitão Aldana, e com ele iria a Alcácer-Quibir morrer em doce merecimento dos seus pecados secretos.

Gramina, ou Serena (Gramina era a corrupção de Guilhermina), tornou-se ela própria lendária e vivia só, com alguns cães e uma vaca chamada Estrela. Às vezes descia à cidade, pilotando um carrinho manhoso que não gostava de subir calçadas e que a meio do Monte costumava parar, como se lhe desse uma mania panorâmica e quisesse ver a baía do Funchal do melhor ponto de contemplação. Gramina conversava com ele como com uma pessoa. Também servia de cicerone, como Rosamund fazia, aos visitantes vienenses que vinham, em romagem sentida, ver o lugar da morte do imperador Karl. Como ela se aborrecia de contar sempre a mesma coisa, acrescentava detalhes e bordava pormenores que deixavam satisfeitos os romeiros. As salas tinham a mesma mobília wagneriana, pronta a servir numa ópera de grandes coros e amplas marcações. Quando se entrava, tinha-se a impressão de ir conhecer uma personalidade eclesiástica, porque na casa Cossart ficara aderido um estilo italiano trazido de Génova por um dos seus proprietários. As grandes cópias de florentinos e milaneses pareciam derramar a sombra dos papas nos soalhos de madeiras raras, riscadas com o saibro do jardim. Gramina abriu ali uma escola de artes e trouxe de fora professores de nome célebre. A Quinta Cossart encheu-se duma espirituosa sociedade que nos meses de Verão frequentava as aulas de pintura e de cerâmica, vivendo nas mansardas e cozinhando as próprias refeições. Durante esse tempo Gramina ia para a Corte do Norte e ficava na casa do Pico em completo estado de gestação poética. Escrevia versos tão absurdos que ninguém se atrevia a achá-los maus. Tinha um gosto frívolo e independente que parecia uma maneira de amar; uma maneira em que entrava a ácida provocação duma rapariguinha provinciana e sem quaisquer recomendações literárias. Gostava da obscuridade, mas prezava muito a sua grandeza de ideias. Era dessas raras pes-

soas cujo conhecimento profundo de si mesmas não destrói o amor. Ao passarem pelo fogo duma experiência que não dignifica o humano, elas ficam imunes ao rancor; toda a gente lhes parece inocente e perfeitamente justificada nos seus erros, porque eles são a prova de que sabem pouco a seu respeito. Errar é uma forma de cego apego à acção. O conhecimento é incompatível com o agir. Quando estas duas coisas se aliam é porque a vingança se desencadeia como um êxtase. Gramina emigrou e voltou à ilha para se certificar de que o mundo exterior não acrescentara nada à sua serenidade ou ao seu ricto nervoso. Perguntava a si própria porque escrevia, quando as pessoas caminhavam para um mundo onde só se liam telegramas e legendas de vídeo; ou então anúncios de bebidas e roupas feitas. Em poucos anos, a modificação na sociedade dera-se de maneira devastadora. A ilha estava ainda suspensa duma vida proverbial, com normas que ninguém pensava infringir, com seguidores e patronos, com criados e amos de encantadora e familiar estagnação. Ainda era vulgar a antiga criada de sala, de tiara de cambraia e rendas, que trazia numa bandeja os cartões de visita ou o jornal, ou o copo de água. As mulheres gozavam do nome social do marido e, quando ele morria, consideravam-se um pouco como defuntas numa corte de representação e títulos de que elas tinham deixado de fazer parte. Tinham sido amadas e traídas, e viviam no respeito da sociedade na sombra do homem que lhes dera o nome e o rótulo do sucesso mundano. Depois, não eram nada; gastavam as recordações como um pano de pó que se sacode à janela e que tem a distraída convulsão dum adeus. Não era raro que se fizessem sovinas, precavidas da fortuna herdada, competindo com os filhos nas partilhas, secas, desconfiadas, pondo no negócio um último esgar de ressentimento e na má-língua uma desilusão como uma parte do desprezo. Belas ainda, encharcadas da bênção nupcial, não sabiam mais nem viver sós nem esgotar os desejos em ternuras quotidianas, em gestos simples de confiança, em pequenas combinações de paz.

Elvirinha ficara assim; crispada, magoada, depois de dois divórcios e uma viuvez. Vivera no continente, voltara para se queixar

e amassar boroas de mel com uma tenacidade de quem pratica o adultério ou persegue o curso migratório das enguias. O cabelo caíra-lhe e estava pobre. Gramina deu-lhe uma pensão de alimentos e uma casa boa para morar; ela fez-se sua inimiga e dizia a toda a gente que António Lago a roubara. Em parte era verdade; mas ele era incorrigível, ela já o sabia. No entanto, Elvirinha tinha um curso e dava lições. Entre os alunos e ela desenhara-se uma relação iníqua: dum lado, a sevícia moral, doutro lado o medo e a resistência. Se ela desse aulas no continente, seria uma das vítimas desse bando desprovido de fanatismo mas abandonado à instabilidade, à margem da felicidade dos outros, que era o corpo estudantil. Dispostos a seguir o sulco do seu único sonho, a segurança e o prazer, eles tinham nas mãos, muito mais do que as classes reclamantes e solitárias na sua indignação, a chave do despotismo. Elvirinha servia-lhes de alvo para exercitarem a cobardia de grupo, semelhante a sofisma que liquida melhor do que a agressão sincera.

A revolução abriu todas as portas, cacifos, seteiras, da vingança. Não na ilha, que se isolava desse discurso paralelo com a política, ou que ficava incólume à estratégia suspeita e astuciosa dos patrões dos tempos. Os sentimentos vis eram chamados à sua infalibilidade; e uma espécie de trabalho surdo, parecido à energia, produzia os acontecimentos que, se não eram especialmente adequados, eram parte da efervescência triunfal duma tarefa de apostasia fascinante. A soberania do rancor produzia o bem e o mal. E a miséria, que o povo sabia ser tão real como os seus breves adiamentos, era já a guarda-avançada da utopia. Esta reduzia a sociedade a viver dum vício de espírito, em vez duma resposta directa aos seus sofrimentos. Nada melhor para iludir os homens a respeito dos poderes que os governam, do que expulsá-los do eterno momento presente. Refazer o paraíso com os meios da sua desgraça é ainda a maneira de os entreter por meio de um cinismo abstracto que há em todas as promessas.

A ilha estava fechada sobre uma desolação própria que incluía a ansiedade dum outro lugar; a sua utopia cifrava-se, desde tem-

pos muito antigos, em deixar a linha da falésia e atingir terra mais fértil. Por isso a revolução não podia ter ali efeitos profundos, porque a divagação dos seus habitantes a ultrapassava. E mesmo quando apareceram os políticos salvadores, eles estavam mais centrados na sedução do impossível, que modelara o corpo migratório ao longo dos séculos, do que interessados a viver as consequências desse roubo feito ao anonimato, que é a glória revolucionária. Mais ainda: o continente, com os seus novos postulados e júbilos de veracidade, com o aproveitamento de tudo o que se destruíra, com a fé na palavra e a integridade até da ruína, ia constituir-se no rival. Ia simplesmente criar um nível de desafios, uma espécie de espírito de missão por sua vez capaz de assumir o dever de derubar e de criar cisões. A revolução era como uma *gaffe* no sistema adoptado pela sociedade: produzia uma convulsão de escândalo em que cabiam todas as combinações da aliança ou da reprovação; e, em si mesma, não deixava de significar uma certa inteireza de alma. Todo o acto reconhecido como um triunfo produz a inveja; e esta desencadeia o abandono do anonimato e o consequente *record* de vencer os escrúpulos. Assim nasce o político para o que lhe era antes interdito. A volúpia de ser conhecido, se não a de ser amado, faz a maior parte dos líderes e multiplica as capacidades do verbo. A ilha estava pronta, na década de setenta, a produzir a sua própria história, partindo dos privilégios da desordem continental, para chegar à gestão do seu próprio espírito; o espírito da ilha, desprendido de toda a cumplicidade com o que quer que seja, embora obrigado a fazer jogo obscuro por uma questão de honra.

Gramina conheceu gente que até aí estava cativa na bondade das instituições e que, por isso mesmo, não se fizera boa. Gente que foi subitamente impregnada de vício conspirador, que projecta o homem nos seus desejos profundos e que o justifica no sofrimento e na felicidade.

Mais uma vez se efectuou uma devassa de família, e Rosalina foi exumada do túmulo, que nem sequer tinha inscrição nem lugar. Gramina disse: «Hei-de arrastá-la pelos cabelos para a luz do dia. Porque o enigma não existe.» Mas não tinha, como os soldados

de Napoleão que dançaram com o esqueleto de Inês de Castro, um suporte para a lenda. Nem nave, nem sarcófago, nem fios de loira trança ainda coloridos. Boal tinha simplesmente desaparecido no ar, nas falésias, ou no largo mar, por efeito dos foliões do vento. Dela, não havia propriamente uma história. Apenas, aqui e ali, um indício; uma carta, uma data, a memória vã das pessoas. João Sanha, que provavelmente a tinha amado, não deixara qualquer documento; os médicos, que lhe conheciam o corpo, se não os pensamentos e, pelo corpo, as destemidas alianças com a morte, também não contaram nada. Mas eis que, numa das suas peregrinações de Verão à Corte do Norte, Gramina fez uma descoberta. Coisa pouca, mas capaz de permitir que um elo forte se apertasse na cadeia dos factos que ligavam Boal à realidade.

Foi na casa do Sanha, ainda levantada nos alicerces, no Pico, e onde vivia uma família a quem chamavam ciganos. Não eram pobres, gozavam de crédito e não de boa fama. Descendentes de antigos bandos de sírios, que trouxeram com eles a indústria dos bordados, continuavam a negociar de feira em feira, como no tempo dos donatários em que iam esperar à Pontinha o navio do Trastâmara para comprar em segredo os seus brocados e queimadores de perfumes; e depois iam vendê-los às casas onde as mulheres dos capitães tinham sempre de lado um dobrão de ouro para pagar luxos e fantasias.

Gramina, D. Gramina de Barros, como era tratada na Corte do Norte, teve entrada na casa dos sírios, que eram gente estranha e comiam de chapéu na cabeça. Como ela não se parecia com os proprietários, nem se vestia como eles, e gostava de cães e gatos, andando às vezes seguida de longe por seis ou sete borralhentas com as crias que se roçavam nos muros com ar de prestimosa mas não subserviente oferta dos seus talentos de caça e guarda, os sírios não lhe impediam a entrada. Gramina assombrou-se de ver tão belas salas, carregadas de riquezas, pratas da mais fina lavra e infinitos objectos de valor. Eram possivelmente receptadores. Havia um leite de alabastro, e as escadas eram substituídas por rampas onde as pessoas se podiam deslocar a cavalo. Era tão extraor-

dinário que, ou se era presa de admiração e não mais se parava de descobrir maravilhas que caíam como uma ordem no entendimento, impedindo-o de reagir; ou então se aceitavam as coisas na melhor das condições que era fazer com que a obsessão se servisse a ela própria. Gramina não fez perguntas e acabou por encontrar nessa gente uma certa indiferença que era o princípio da curiosidade.

Teve uma recompensa quando um dos sírios, homem de grande palidez e barba escura, lhe mostrou um contador indiano e lhe assegurou que ele era de Rosalina. «Ele, e tudo o que tem dentro.» Parecia que falava da Sulamite; algo na linguagem dele era trazido duma colagem a tempos de que ele não tinha memória. Gramina, a quem ele chamava Guilhermina, para marcar bem a separação do fantasma dialectal da ilha, abriu todas as gavetas. Todas, menos uma, era de tom novelesco dizer neste momento. Mas abriu de facto todas e, à parte algumas contas dum rosário partido, não achou nada de especial. O sírio, como todos os vendedores de velharias, fazia notar com grandes exclamações e surdos suspiros a tentacular esperança do tesouro em perspectiva. O seu rosto branco, inexpressivo e casto, merecia o nome de tentador. Entre um cisco de fitas e de botões velhos, Gramina viu um bilhete de teatro. Era de 1 de Dezembro de 1860.

Uma coisa o avô de Gramina Serena tinha apurado nas veredas do seu ficheiro: que Emília de Sousa se casara com um dos mais distintos homens da Madeira, descendente em linha recta dum dos quatro fidalgos mandados por D. Afonso V para casar com as filhas do capitão Zarco. Fidalgo em tronco de Câmara Leme e Correia Pinto, João Sanha era em 1861 deputado às Cortes, e Gaspar de Barros contava-o entre os seus parentes mais chegados pelo sangue e pela fortuna. Ao casar com a famosa actriz, teve um pouco a previsão do mecenato que no princípio do século os potentados da Morávia iam iniciar com todo um desatavio de preconceitos, como o banqueiro Otto Primavesi, deputado no Parlamento de Viena e que se ligaria pelo matrimónio com a Mãda, actriz e protectora dos pintores da Secessão. O conde de Carvalhal, repu-

tado como rei da Madeira, recebia com todo o esplendor em Palheiro-Ferreiro e no palácio de São Pedro esse casal magnífico, João Sanha e Emília, a intérprete ideal da Dama das Camélias e de Joana a Louca. Até muito tarde, Emília continuou a fazer nas plateias efeitos aquáticos surpreendentes; não se sabia se suavam com o calor, se choravam com o drama, como num folhetim um crítico célebre do tempo escreveu. Ela era rica, graças à ferocidade agiota que punha nos contratos, e os dândis arruinados achavam-na bom partido. No Baquet, no Porto, foi pateada quando da sua *Joana a Doida*, por ordem não se sabe de que agravado de amor ou de dinheiro. Dizia-se que a Judite, tão admirada por Rosalina, no quadro da casa Cossart, se parecia com Emília de Sousa quando representou Giacometti, em tradução um pouco frouxa e às vezes caricata: «Desço ao ermo, e retomo, descendo, solitária, o meu lúgubre véu.» Rosalina já a vira ali quando era muito nova ainda; o que não é impossível é ser o retrato de Adelaide Ristori, de quem tem o gesto, o tipo e, quase diremos, a voz de contralto.

Uma carta de Rosalina fazia menção do rei D. Pedro V, com os infantes, «com cara de mortos», na estreia da *Judith*, de Giacometti, no Teatro de D. Maria II, no dia 1 de Dezembro de 1860. Boal não estava, portanto, na Madeira, e só voltou pouco antes da partida da Imperatriz, sendo vista com regularidade na cidade, sem crinolina e com xaile amarelo, de caxemira. Boal era uma mulher que se cultivara razoavelmente, mas sem grandes aptidões no domínio da arte. O teatro era o seu vício, como hoje são os bandos musicais e os ídolos da guitarra eléctrica e da bateria. O irmão da Imperatriz casara com a comediante Henriette Mendel; o próprio marido havia de ter uma ligação, aprovada por Elisabeth, com uma actriz. O teatro fazia parte da mitologia duma época e ia servir o desafio da modernidade. Então pôs-se na mente de Gramina este problema: não seria Boal, ela própria, uma actriz, e passava períodos muito longos fora da ilha, por razão dos seus contratos? O teatro podia ser uma fé de substituição, servindo de defesa aos temas conservadores. Por isso, Rosalina não era proibida de fazer teatro; era uma maneira de viver a crise, uma maneira

de materializar o romantismo. Mas, em dado momento, Rosalina podia ter sido envolvida pela atmosfera *kitsch* da memória infantil, e caído numa repetição de actos puramente obsessivos, como desempenhar papéis de boémia ou de rainha. Testemunhas suas contemporâneas diziam que ela usava um véu no rosto, e pensava-se que a epidemia da varíola a tinha marcado e que ficara muito desfigurada. Outros diziam que o rosto dela era muito belo e sem defeito algum. João Sanha falava da sua «beleza tímida», como a duma actriz que não se familiarizou com a tragédia. Emília de Sousa era assim no primeiro acto, e depois ganhava uma força viril esmagadora. Garrett, adamado como era, via nela uma musa apropriada ao seu génio. Consta que reuniu apontamentos para a biografia de Emília e que ela o tratou com secura e não lhe consentiu essa homenagem. Mas porque havia Almeida Garrett de inclinar-se tão publicamente a historiar uma vida de modesta origem, quando ele era vaidoso até à última vara do seu colete? Ele sabia que Emília não nascera em Benfica, nem era filha de Manuel de Sousa e Benta de Sousa, alfacinha de pequeno estofo, mas que usava duma presunção de ambições, como todos os que integram o povo da capital? De resto, o apelido Sousa estava no registo de Rosalina, ligada como era aos Sousa Andrade, de Paúl do Mar. Admitido o facto de que o enigma de Rosalina se resolvia com duas personalidades, uma das quais a da graciosa baronesa com brincos de pérolas em lágrima e a correntinha de ouro na cintura, as provas começaram a aparecer. Foi ainda na casa dos sírios que se acharam os baús de jornais, cheios de recortes, de sonetos, de cartas, propriedade da actriz Emília. «Subiste ao proscénio, foste sempre coroada, aos céus exaltada em sublime canção.» Era um nunca acabar de panegíricos, de declarações de amor, de grinaldas poéticas, de confissões, saudades; e essa partilha de glória em que os povos se esquecem das suas humilhações porque o génio os interpreta e, por um momento, lhes dá a ideia da sua realidade colectiva. Os retratos de Emília mostravam a diva duma beleza nobre, cabelos quase louros e os chamados ombros de alabastro que se usavam nos recitais de orfeão. Embora Rosalina fosse muito nova quando foi

retratada pelo fotógrafo Vicente, a mão pousada na cabeceira dum sofá de riço, a parecnça era flagrante. Isto fez com que Gramina ficasse tão exaltada que dificilmente disfarçava a sua emoção. Então o que sucedera fora uma cisão na personalidade da baronesa, que se retirou para a Corte do Norte a fim de fazer crer numa vida isolada e até excêntrica. Os filhos raramente a viam, e quando a sua morte foi anunciada fizeram um esforço para se lembrar dela quando tinha vinte anos. Lopo, sobretudo, aliava a figura da mãe a uma criada de quarto, de olhos em que fulgurava uma espécie de torpe sagacidade. Entre a data de 1 de Dezembro de 1860, em que a *Judith* fora estreada em festa de benefício de Emília de Sousa e em que Rosalina se encontrava em Lisboa, e 6 de Dezembro de 1862, em que a actriz retoma a sua actuação no Porto por efeito de novo contrato, há todo um espaço obscuro e indecifrável. De facto, Elisabeth só chega a ver a baronesa de Madalena do Mar pouco tempo antes da sua saída do Funchal. Ao saber que ela andava em viagem, teria dito a Lily Hunyády: «Somos assim tão iguais nos gostos como na figura?»

Mas em Dezembro de 1862 Rosalina era considerada morta no acidente da Corte do Norte. Numa coisa a cronologia pareceu duvidosa: Rosalina era mais nova do que a actriz Emília, e aí estabelece-se uma tal confusão, a menos que Dozy dissesse a verdade quando afirmava que a baronesa «esmaltava» a cara e tinha uma idade canónica. «Esmaltar», era o tipo de tratamento que a princesa Alexandra, nora da rainha Vitória, fazia, como extrema novidade, no seu tempo; processo que Elisabeth possivelmente também usou. Mas em 1860 era pouco provável tal meio de rejuvenescimento.

Foi já no esplendor da carreira teatral que João Sanha se ligou a ela. Seria um casamento de longa duração. Emília tinha sido discípula do bacharel Luís da Costa Pereira, que foi comissário régio no Teatro de D. Maria II. Ele sabia se se tratava de Rosalina de Sousa, porque nascera no Funchal em 1819 e aí foi professor do liceu em 1851; estava sem dúvida ao par da dupla personalidade da baronesa, e Garrett pensou nele para apurar os dados biográ-

ficos da actriz, por quem, evidentemente, se apaixonara. Homem de escândalos, não era, porém, pessoa de intrigas. Quando Emília de Sousa lhe recusou a honra de ser biografada por ele, não se mostrou ressentido, e quando morreu tinha esquecido esse desaire. De resto, ele sabia que desaires com mulheres são louvores; elas só desatendem para melhor serem lembradas. Castilho e Rebelo da Silva não foram melhor sucedidos. Júlio César Machado, que lhe fez o mesmo pedido, encontrou uma recusa que tinha algo de capricho e de intolerância do coração: «As almas que maior ambição tiveram de prestígio são as que pedem depois a obscuridade, mais sombra e mais esquecimento.» Era ainda a Judite no palco, com uma raiva contida de não se sabe que privadas desilusões. Não é heróico aproveitar dos favores duma heroicidade que foi sair do escuro passo da vida de mulher de sua casa, onde o que é sagrado se opõe ao génio. Tendo as provas dessa história extraordinária, Gramina pensou em publicar os dados que obtivera na casa dos sírios. Mas não tinha talento, e tudo o que podia acontecer era chamarem-lhe má novelista, tocada de histerias letradas. Quando se referiu ao caso, não encontrou boa recepção para ele. Ninguém tinha ideia já de Rosalina de Sousa, nem de Emília, a actriz. Esta representara 217 peças, num total de 851 actos. Era um monstro do palco; tanto lhe fazia actuar no Príncipe Real como no circo, com o pó ainda revolto pelo trotar dos pôneis e pelos saltos dos palhaços. Ganhava, aferrolhava, fazia crescer o seu pecúlio com uma avidez de mulher só, para quem os amores podiam ter sido uma carreira, se o palco não lhe desse mais proveito e menos desilusão. Era rica. Um conde estrangeiro pretendeu-a em casamento, a diplomacia pôs-se em campo para a convencer a aceitar. E ela disse: «Que me dá ele que eu não saiba desprezar?» O seu orgulho era tão grande como o seu talento. Pode inferir-se, pelas cartas trocadas entre a irmã Rolland do hospício dos órfãos do Funchal com Rosalina de Sousa, que ela tivesse um filho, se não adúlterino, então duma união já em rompimento. Luís da Costa dizia que Emília lhe dera um filho, mas que ele morrera. Seria essa a criança recebida por Madame Rolland? Sobreviveu e

foi chamado a desempenhar o seu papel nalgum posto ignorado no continente? Houve quem aventurasse a hipótese de Luís da Costa, o bacharel matemático, professor do liceu e comissário régio no Teatro D. Maria, ter tido com Emília um entremez amoroso. O autor da *Religião Democrática* era homem para causar impressão na actriz, para quem o talento dos outros confirmava a sua própria excepção.

Não seria de facto a baronesa de Madalena do Mar a actriz famosíssima? Não vamos fazer aqui uma consideração que ficaria bem em *Inocência e Calúnia*, do reportório de Emília. Mas com esta hipótese o estranho caso da Corte do Norte fica muitíssimo aplanado. Rosalina vivia lá em efígie e pisava entretanto os palcos da continente com a maior das glórias. Que mulher não desejaria uma vida assim, como a de Psique e Eros ao mesmo tempo? Servindo os deuses lares e interpretando todas as paixões do mundo. Aqui Manon, ali a Dama das Camélias; depois Lady Hamilton e Maria Stuart. Sem esquecer Medeia e Judite, a sua coroa mais brilhante. E que assunto melhor para uma tragicomédia do que a pretensa morte de Rosalina, arrastada pelos foliões do vento, enquanto colhia ovos de pombos bravos nas falésias de Ponta Delgada; e depois o seu casamento com João Sanha, já na pele da actriz célebre e muito rica? Os poucos que conheciam a estranha história, e entre eles estavam decerto Lopo e Francisco, que estudaram em Coimbra, mantiveram um silêncio quase religioso. É assim que os portugueses resistem aos grandes enigmas; não os estropiam com a curiosidade, e sabem dar-lhes um tratamento de profunda humanidade – o da misericórdia que há no conhecimento daquilo que fere. Há uma carta de 2 de Agosto de 1863, transcrita no *Viriato*, jornal de Lamego, em que Emília se refere a «alguns estudantes da Universidade de Coimbra que tanto se esmeraram em me obsequiar». Nessa data Gaspar de Barros esteve em Coimbra e teve notícias da actriz por um desses estudantes, que lhe disse: «Cada vez que ela representa vão felicitá-la ao camarim como se fosse uma parturiente.» O *Diário Popular* de 25 de Março de 1873 falava de «mais de trinta anos de ovações e glórias», referindo-se

a Emília. Quer dizer que por volta de 1840 começara a carreira da actriz, exactamente quando na propriedade de João Sanha, na Corte do Norte, foi construída a «casa de prazer», uma espécie de caramanchão fechado e que, com o traçado duma estrada nova, foi demolida. Dizia-se que ela estava durante semanas na «casa de prazer» e que não era vista por ninguém. Tinha lá vestidos de cena de grande riqueza, que não apareceram quando Boal foi dada por morta. Mas João Sanha guardou uma cabeleira ruiva que dizia ter pertencido a Maria Stuart, a mesma que o carrasco teve na mão quando se desprendeu da cabeça decapitada. Isto referia-se à peça de teatro, e não ao facto histórico. Rosalina gostava da rainha da Escócia «porque pagava bem». Quando fez o papel pela primeira vez, usou sapatos de solas muito altas porque Maria era de estatura muito elevada. Nesse tempo, para fazer papéis nobres era preciso ter uma altura conveniente.

A partir de 1860 é que Rosalina tomou definitivamente a carreira e a personalidade de Emília. Garrett contribuiu para que a pequena estreante de 1838, que se revelara no *Auto de Gil Vicente*, deixasse os palcos portugueses seguindo o seu conselho, e fosse para França, onde morreu muito nova? Quando Garrett conheceu Rosalina de Sousa em 1844, pediu-lhe que incarnasse a Emília que ele ajudara a revelar e perdera. Rosalina andava pelos dezasseis anos e era uma beleza um pouco sombria que se adaptava aos papéis históricos. Garrett disse-lhe:

– Vê-se que ama a infelicidade. Que grande actriz se pode fazer duma pessoa assim!

Propôs-lhe casamento, mas, como ele disse, Rosalina só lhe concedia a mão para subir para a carruagem.

Então começaram os desaparecimentos de Rosalina e as suas demoras, cada vez mais longas, na Corte do Norte. Embarcava incógnita, levando só com ela uma caixa de chapéus e um estojo de *toilette* de marroquim azul. Este estojo ainda estava na casa do Pico quando Rosamund fez lá buscas; tinha um defeito, uma das faces esfolada, como se tivesse sido atirado com força. Mas os frascos guardavam ainda um perfume seco e persistente.

Existiu, portanto, uma Emília, filha de Manuel e Benta de Sousa, nascida e criada em Benfca, e que Garrett protegeu, mandando-a para França estudar arte dramática? E existiu Rosalina de Sousa, a famosa actriz que, sob a influência do escritor, tomou o lugar de Emília? Sanha amou-a e fez para ela uma «casa de prazer» na sua propriedade na Corte do Norte. Tinha araras brancas e uma enorme quantidade de corrilas verdes a cobri-la, assim como camélias de cera em profusão. Quando Garrett morreu em 1854, Rosalina estava sob a protecção de Luís da Costa Pereira. Recebera de Garrett homenagens amorosas, incluindo um vago projecto de biografia que seria um romance bernardinesco com acentos pastoris. «Vê-se que ama a infelicidade» – disse-lhe ele. Rosalina ainda não se projectara das falésias da Corte do Norte para os teatros do continente. O conde de Carvalhal encontrava-a pelo braço de Gaspar de Barros, e pensava que era estranha ave em mão tão imprópria: «Um dia ainda ela lhe despedaça o braço e o casamento, e vou cumprimentá-la na Ópera de Paris em estado de glória. Não é raro as grandes carreiras começarem por grandes banalidades.»

Isso não se deu. Quem quiser rematar a verdadeira história de Emília de Sousa, tem que ir à Corte do Norte remexer as cinzas daquela lenda de «Boal marota», que desapareceu arrastada pelos foliões do vento. Quando se falou abertamente da cisão das duas personalidades Rosalina e Emília, as pessoas acharam interessante mas não provável. Mostravam-se cépticas mas não descontentes de que pudesse haver ainda alguém imaginoso e capaz de absurdas provocações à História. Então era que a sociedade de consumo permitia ainda movimentos de curiosidade e prazer sempre exploráveis. Em tudo estava um poder antecipador, uma credulidade acima do monumental racionalismo do seu tempo. E também uma inquietação metafísica, manifestada com o auxílio dum formalismo estético. A reflexão não se resumia a uma função pragmática; tinha os seus meios próprios de articulação e de criação, em suma.

Rosamund disse que era tempo de casar Gramina, como casara as duas outras filhas, e produzir uma nova geração, mais espirituosa,

e não simplesmente decadente. Viria alguém que, num relance magistral, resolvesse o enigma de Rosalina e lhe desse o desfecho conveniente. Alguém que tivesse poder sobre o tempo e o extraísse como um gomo de laranja do grande magma galáctico; e pudesse ver como as coisas se passaram em todo o pormenor, asseio e disponibilidade para a mente comum. Entretanto, ficava assente em família que Rosalina e Emília tinham sido a mesma pessoa. Garrett amara arrebatadamente a jovem Boal, cuja beleza surpreendente fora afinal o mais importante dos seus títulos cénicos. Um povo inteiro pode apaixonar-se por um arquétipo e dar-lhe a medida das suas experiências existenciais fundamentais, como a noção de angústia e de princípios evocadores. Foi o caso de Helena de Tróia, que me lembre.

Se Gramina e, antes dela, Rosamund, ou qualquer outro dos antigos buscadores de pistas que andaram na Corte da Norte no intuito de captar o segredo de Rosalina, pudessem ter chegado mais cedo; quando, por exemplo, a «casa de prazer» existia ainda, veriam lá os vestidos do *Auto de Gil Vicente*, que Garrett pagara, todos bordados de aljôfar e dignos duma princesa Beatriz capaz de fascinar o poeta Bernardim. E encontraria também as cartas de Garrett, ainda em primeira fase de sedução, e que lhe chamava «minha senhora». A uma filha dum Bento de Sousa, pescador de espada, ele só tratava com tais deferências para lhe encobrir a origem. A actriz Emília, que recusou sistematicamente todas as achegas para a sua biografia, tinha razões profundas para proceder assim. Ela teve sempre, durante a sua carreira teatral, um comportamento senhoril e que não correspondia ao seu verdadeiro conteúdo psicológico. «Mulher tão mártir do amor merece um templo» – dizia dela Garrett. Pelo que, se nos precavemos aqui contra histórias melífluas, enjeitamos infelizmente passagens fundamentais do coração de Rosalina.

Em 1872, Emília apareceu no Theatro do Gymnasio; usava um sumptuoso vestido de veludo azul claro e tinha os cabelos encanados cobertos de pó loiro. O ar era grave, a boca rasgada e sensual; mas, no todo, tinha a seriedade das paixões que, por serem

vividas socialmente, emancipam a mulher para uma nova finalidade. Pinheiro Chagas achava-a monótona. E era. Um potencial conservador actuava nela como um modelo crítico, e era isso afinal que seduzia os homens, porque eles não esperam muito dos iniciadores e dos promotores de coisas novas. Não há vida profunda senão no que está presente de maneira integral e usual. Havia quem se lembrasse de Rosalina, na sua casa do Pico, com o mesmo vestido de veludo azul, numa noite em que João Sanha lhe trouxe um cesto de camélias de cera, por ser a data dos seus anos. Mary Cossart copiou esse vestido, ainda que já não tivesse a mocidade que ele exigia, e fez-se retratar com ele no *atelier* do fotógrafo Vicente. Então Rosalina ainda estivera na Corte do Norte depois do sarau do Gymnasio em 1872, e recebera em casa a sociedade do Funchal, que passava o Verão em Ponta Delgada. A récita do Gymnasio dera-se em Julho, e a seguir Emília de Sousa partira para a Madeira, se bem que Rosalina estivesse já esquecida. Não era com esse nome que João Sanha lhe prestava homenagem, mas era de facto a Rosalina que ele amaria sempre, a musa que Bernardim teria amado também se a visse andar, célere e feliz, aos quinze anos, nas terras aprazíveis da Corte do Norte onde fumegava a azenha a vapor da cana-de-açúcar.

O epílogo desta história não se há-de escrever nunca. Falta desenfado no discurso, paixão na arte da barra que é defender e atacar uma pessoa, fictícia ou verdadeira, no tribunal da História. Tudo são hipocrisias, para não dizer abundância de preguiça no atear das brasas que é a competição humana. Por este andar tornamo-nos criados das nossas virtudes, depois de não sermos patrões dos nossos erros. É pena, porque muita coisa se podia descobrir ainda sobre Rosalina, baronesa de Madalena do Mar. Com alguma sorte, chegava-se à sua verdadeira origem, que foi o bordel da Antónia e onde Garrett a encontrou e lhe propôs fugir com ela para França, fugindo ao mesmo tempo aos credores e à fúria da sua amante, a Deville. Mas pequenas astilhas fazem a fogueira. Garrett teve pena de deixar a política, o seu palco; e um funcionário do Ministério que lhe fazia as casacas que ele dizia mandar vir de Londres.

O morgado Gaspar de Barros recebeu nos braços a bela Emília que se tornou na Rosalina da Corte do Norte e que, se ele não a enganasse com uma prima, seria até ao fim a mais deliciosa e casta das amantes. Os homens sempre desprezam o que não sabem admirar. Emília era um génio e era mulher; como Rosalina teria sido mulher somente.

Quando irrompeu pelo cais da Pontinha a comitiva de Elisabeth, com o seu conde húngaro e as jovens aristocratas de saias de balão, ela, Rosalina, percebeu que se abria o proscénio da sua vida que tivera um intervalo breve; que Gaspar de Barros aproveitara para fumar um charuto e mandar um bilhete de amor entre flores de cera à primeira mulher bonita da frisa em frente. Era Dozy, sua prima, e que não lhe perdoara o casamento com a bela Rosalina, ou a bela Emília, já nesse tempo famosa no Porto, que era o mesmo que dizer famosa no Teatro Baquet onde estava a galeria mais sisuda do mundo e que só aplaudia a partir do terceiro acto, se fosse caso para isso.

Assim ficariam resolvidas algumas lacunas deste encanastrado, no estilo dos vimes da Madeira. Emília de Sousa teria tido dois percursos no palco e na vida: primeiro como amante do visconde de Almeida Garrett, que lhe ensinou a ser rainha e lhe pagou os vestidos, e lhe deu lições de gramática; depois como mulher de Gaspar de Barros e de João Sanha, sucessivamente, acabando numa solidão relativa, porque a respeitabilidade é um jogo de espelhos onde às vezes passam as atrozes caricaturas do bordel da Antónia já citado. A educadora de Lopo e de Francisco foi a avó paterna, e ela fez tudo para apagar os traços da linda Rosalina, até ao ponto de lhes deixar intacta a fortuna que é o que melhor assegura a memória dos antepassados. Contudo, na data em que se assinava a morte de Boal de cheiro, ou Boal marota, lá nas falésias da Corte do Norte, D. Matilde mandava rezar uma missa. E João Sanha acendia luzes na capela sobre o mar, autoria dos seus avós, e fechava-se lá dentro num choro que era de cortar a alma. Podia ser apenas bronquite asmática, o que tem direito a igual dó.

Um dia que visitei Ponta Delgada, fizeram-me notar uma construção no ângulo da rua principal e disseram-me que ali estivera a «casa de prazer» dos senhores do Pico e de Madalena do Mar. Com efeito, notava-se um pórtico e umas bancadas que não pertenciam ao restante edifício. Parecia um arco de teatro onde fossem aparecer tristes pastores, consolando-se de sentimentos maivosos. O que me deu na veneta contemplar do alto da Corte do Norte, passando incólume as pedras cancelares da Terceira Lombada, o território paradisíaco tornado colheita de vinho estufado. E vi muitas gentes e muitas verdades; e, com estas, lendas e adinvinhações. De tudo fiz este livro.

Quanto às saudades, continua enigmático o seu sentido, com o que persiste o axioma de que o enigma existe. Se não fosse por isto, eu diria que tudo se descobre, que não há lenço que tape um rosto morto ou vivo, nem peneira que estorve o sol.

A quem me perguntar se de facto Emília de Sousa teve a vida dupla de Rosalina, baronesa de Madalena do Mar, eu vou responder à maneira de Garrett quando, depois da estreia do *Auto de Gil Vicente*, quiseram saber se Bernardim se atirara ao mar e realmente se afogara, ao ver desaparecer a nau que levava a princesa para sempre dos seus olhos:

– Isso não é comigo. Pergunte ali ao contra-regra, que ele é que está em condições de lhe responder.

A cena é a vida, se vivemos. E as saudades tudo informam e a arte remedeiam, quando ela é pouca. Correndo o perigo de desiludir, direi que este não é um livro de amor. Já Courteline dizia que os homens da sua geração tinham compreendido que era preciso ousar fazer teatro sem amor. «Que nos interessa que um senhor qualquer se deite com uma mulher?» – perguntava. Mas quando alguém se atira ao mar, isso levanta variadas hipóteses. Será isto ainda amor, ou só o gosto envergonhado do sublime?

Porto, 25 de Dezembro de 1986.

NOTA EDITORIAL

O romance *A Corte do Norte* foi concluído na cidade do Porto, no dia 25 de Dezembro de 1986, e publicado pela primeira vez em Maio / Junho de 1987, por Guimarães Editores. Para a fixação do texto da presente edição, *ne varietur*, e tendo-se verificado que a única reedição não apresenta quaisquer modificações, utilizámos como referência a 1.^a edição. Recorremos ao manuscrito autógrafo de Agustina Bessa-Luís, que se conserva nos seus arquivos, para o esclarecimento de dúvidas, confirmando ou rectificando leitura anterior. O manuscrito é constituído por 99 folhas de papel de diferentes fabricos, na sua maioria pautadas e de formato A4 ou aproximado; verificou-se a ausência da 1.^a página e que todas as outras se encontram numeradas (de 2 a 100); como é habitual nos manuscritos de Agustina Bessa-Luís, foram escritas de um só lado, ocupando a quase totalidade da superfície disponível (i.e., praticamente sem margens e com reduzido espaço entre as linhas); ocasionalmente, o verso é utilizado para registo de breves acrescentos e algumas substituições de parágrafos; a última página foi assinada e datada: Agustina Bessa-Luís / Porto, 25 de Dezembro de 1986.

Para além das duas edições em Língua Portuguesa (Lisboa, Guimarães Editores, 1987 e 1996), temos conhecimento de uma edição francesa (*La Cour du Nord*, trad. Françoise Debecker-Bardin, Paris, A.M. Métailié, 1991).

MVC / LAF



A CORTE DO NORTE

Edição © 2008, Guimarães Editores, SA
Texto © 2008, Agustina Bessa-Luís

Esta edição foi composta em
Adobe Garamond por Rita Lynce
e impressa em papel 80g *Munken Print*
por Tipografia Peres para Guimarães Editores
em Setembro de 2008

Impresso em Portugal

ISBN
978-972-665-529-9

DEPÓSITO LEGAL
281440/08

GUIMARÃES EDITORES, SA
Rua da Misericórdia, 68
1200-273 Lisboa

